

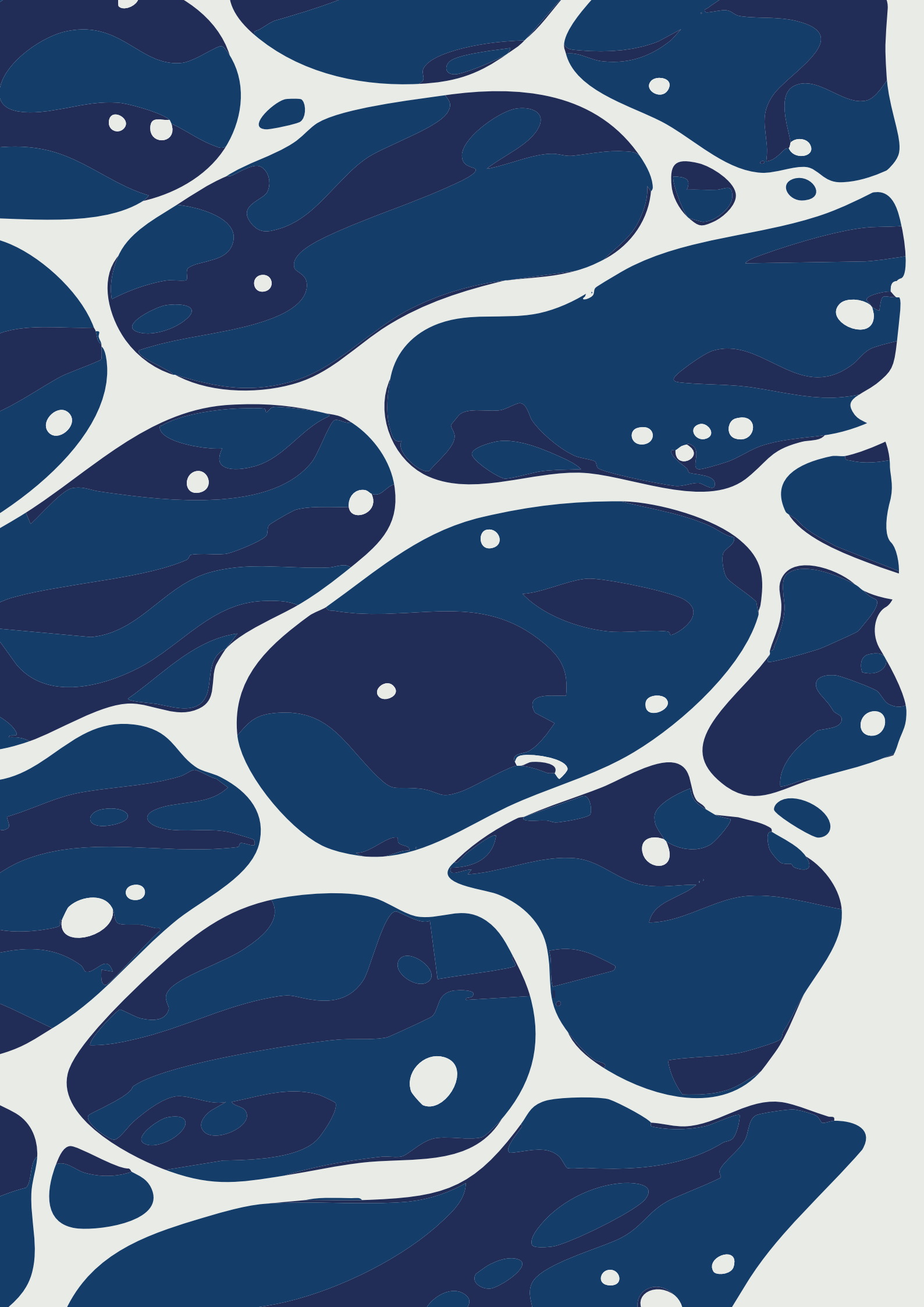
Boletim da

Reconstrução da Pesca Marinha

1950-2022

MINISTÉRIO DA
PESCA E
AQUICULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



BOLETIM DA RECONSTRUÇÃO DA PESCA MARINHA.

© 2026 Ministério da Pesca e Aquicultura. Todos os direitos reservados. Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é do autor.

2ª edição. Ano 2026

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Geraldo Alckmin

MINISTRO DA PESCA E AQUICULTURA

André de Paula

SECRETÁRIO EXECUTIVO (SE)

Rivetla Edipo Araujo Cruz

SECRETÁRIA NACIONAL DE REGISTRO, MONITORAMENTO E PESQUISA DA PESCA E AQUICULTURA

Carolina Rodrigues da Costa Doria

DIRETOR DO DEPARTAMENTO PESQUISA E ESTATÍSTICA

Alex Souza Lira

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE REGISTRO E MONITORAMENTO

Elielma Ribeiro Borcem

Distribuição e informações

Ministério da Pesca e Aquicultura. Departamento de Pesquisa e Estatística da Secretaria Nacional de Registro, Monitoramento e Pesquisa.

Endereço: SIG, quadra 02, lotes 530 a 560, 3º andar, Ed. Soheste - Bairro SIG - Brasília/DF - CEP: 70.610-420

Editores Técnicos

Carolina Rodrigues da Costa Doria

Alex Souza Lira

Catarina Cardoso de Melo

Lucas Souza Andrade

Luiz Gustavo Jordão Graciano

Getúlio Rincon Filho

Josafá José do Carmo Reis-Júnior

Júlia Papalardo Azevedo

Equipe Técnica da Reconstrução

Kátia de Meirelles Felizola Freire (Coordenadora)

Gastão Florêncio Miranda Júnior (Vice-coordenador)

Josafá José do Carmo Reis-Júnior

Luiz Henrique Gama Dore de Araújo

Cleber Martins Xavier

Kalil Araujo Bispo

Leonardo Nogueira Matos

Douglas Renan Ribeiro Santos

José Edivangel de Almeida Araújo

Jesy Karolayne Sales dos Santos

André Luis de Almeida Sousa

Idris da Silva Santos

Giovani Yuri Souza Santos

Priscila Mitico Nacamura

Análise de dados

Jonas Eloi de Vasconcelos Filho

Lucas Souza Andrade

Luiz Gustavo Jordão Graciano

Lucas Ramos de Oliveira

Vitor Luís Pontes Matos

Erick Augusto Policarpo Bastos

Josafá José do Carmo Reis-Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Assessoria Especial de Comunicação Social / MPA

Créditos autores das fotografias:

ASCOM (banco de imagem)

Alex Souza Lira

Catarina Cardoso de Melo

Enir Rodrigues

Getúlio Rincon Filho

Rafaela Passarone

Rayssa Siqueira Lima



É com grande satisfação que apresento o Boletim da Reconstrução da Pesca Marinha 1950–2022, publicação estratégica que consolida, de forma sistematizada e acessível, mais de sete décadas de desembarques pesqueiros marinhos no Brasil.

A reconstrução da estatística pesqueira marinha brasileira foi um compromisso assumido com os pescadores e pescadoras do país. Não poderíamos permitir que o setor permanecesse invisível pela ausência de dados consolidados. Hoje, superamos uma lacuna histórica de 15 anos sem série oficial de produção nos 17 estados costeiros, restabelecendo uma base confiável de informações para o planejamento e a gestão da atividade.

Os dados reunidos revelam a dimensão e a relevância da pesca marinha nacional: entre 1950 e 2022, o setor produziu mais de 31 milhões de toneladas de pescado. Desse total, 46% correspondem à pesca artesanal e 54% à pesca industrial, evidenciando a importância social, econômica e produtiva de ambos os segmentos. A série histórica também demonstra a dinâmica do setor ao longo do tempo, com variações na participação relativa dessas modalidades na produção nacional.

O boletim destaca ainda os principais recursos explorados em nossos mares, como a sardinha verdadeira, a corvina, a tainha, a sardinha bandeira e o camarão sete-barbas, refletindo a diversidade biológica que sustenta a pesca brasileira.

Mais do que um conjunto de números, este Boletim simboliza a reconstrução da memória produtiva da pesca marinha, o fortalecimento da transparência pública e a base técnica necessária para a formulação de políticas de gestão cada vez mais eficazes e sustentáveis.

Um país que não dispõe de dados confiáveis compromete sua capacidade de planejar e gerir atividades essenciais como a pesca — fundamental para a segurança alimentar, a geração de emprego e renda e o desenvolvimento das comunidades costeiras.

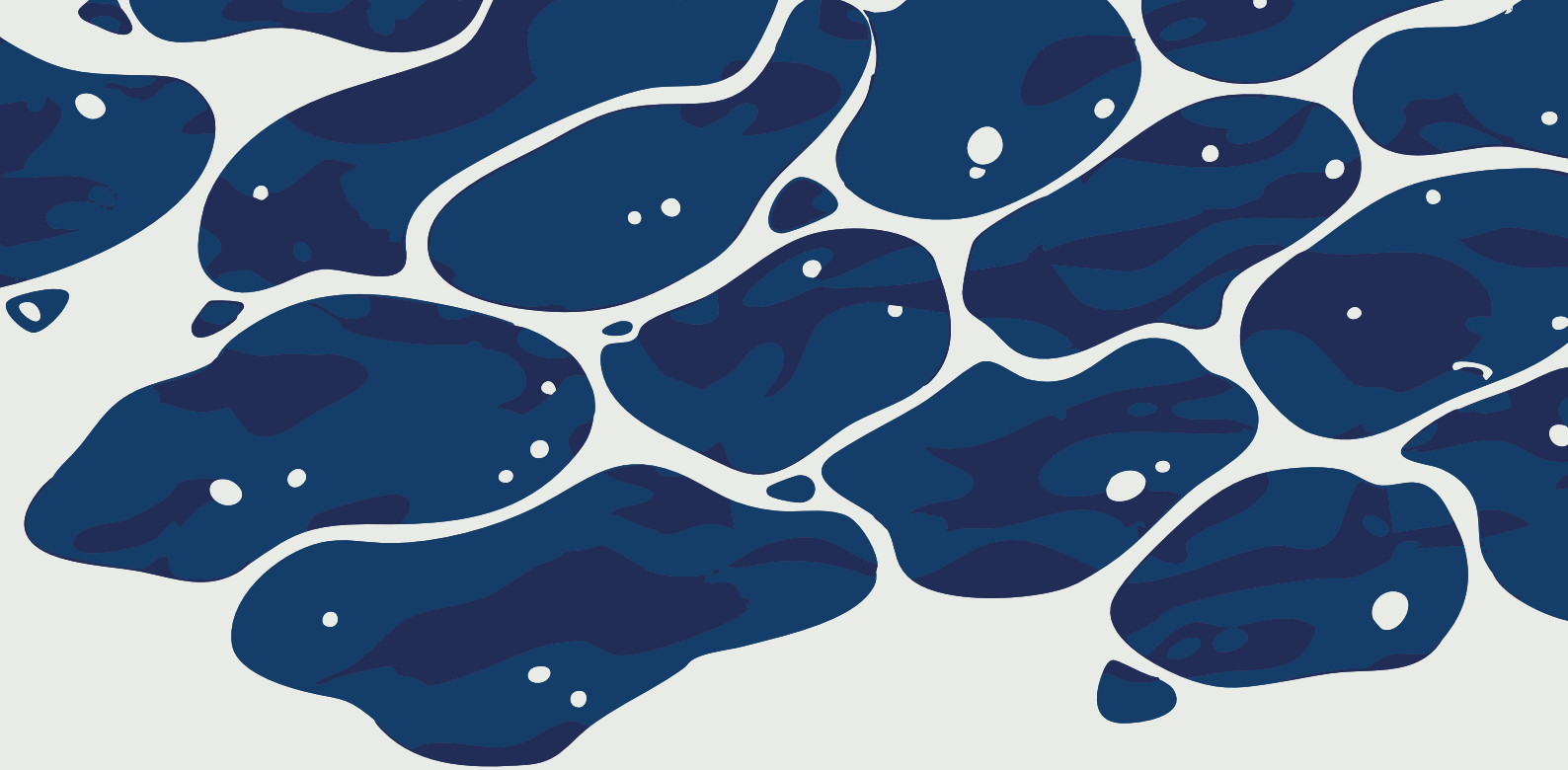
Com esta publicação, avançamos na consolidação de uma base sólida de informações que orientará decisões estratégicas e contribuirá para um setor pesqueiro mais justo, inclusivo e sustentável.

Seguimos firmes na reconstrução e no fortalecimento da pesca brasileira.

Boa leitura.

André de Paula,
Ministro da Pesca e Aquicultura

Brasília, maio de 2026



Lista de abreviaturas e siglas

MPA

Ministério da Pesca e Aquicultura

SNA

Secretaria Nacional de Aquicultura

SNPA

Secretaria Nacional de Pesca Artesanal

SNPI

Secretaria Nacional de Pesca Industrial, Amadora e Esportiva

SERMOP

Secretaria Nacional de Registro, Monitoramento e Pesquisa da Pesca e Aquicultura.

DRM

Departamento de Registro e Monitoramento da Pesca e Aquicultura.

DPEPA

Departamento de Pesquisa e Estatística da Pesca e Aquicultura.

SFPA

Superintendência Federal de Pesca e Aquicultura

RGP

Registro Geral da Atividade Pesqueira

SisRGP

Sistema do Registro Geral da Atividade Pesqueira

UF

Unidade da Federação

CONAPE

Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca

SUDEPE

Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

TED

Termo de Execução Descentralizada

UFS

Universidade Federal de Sergipe

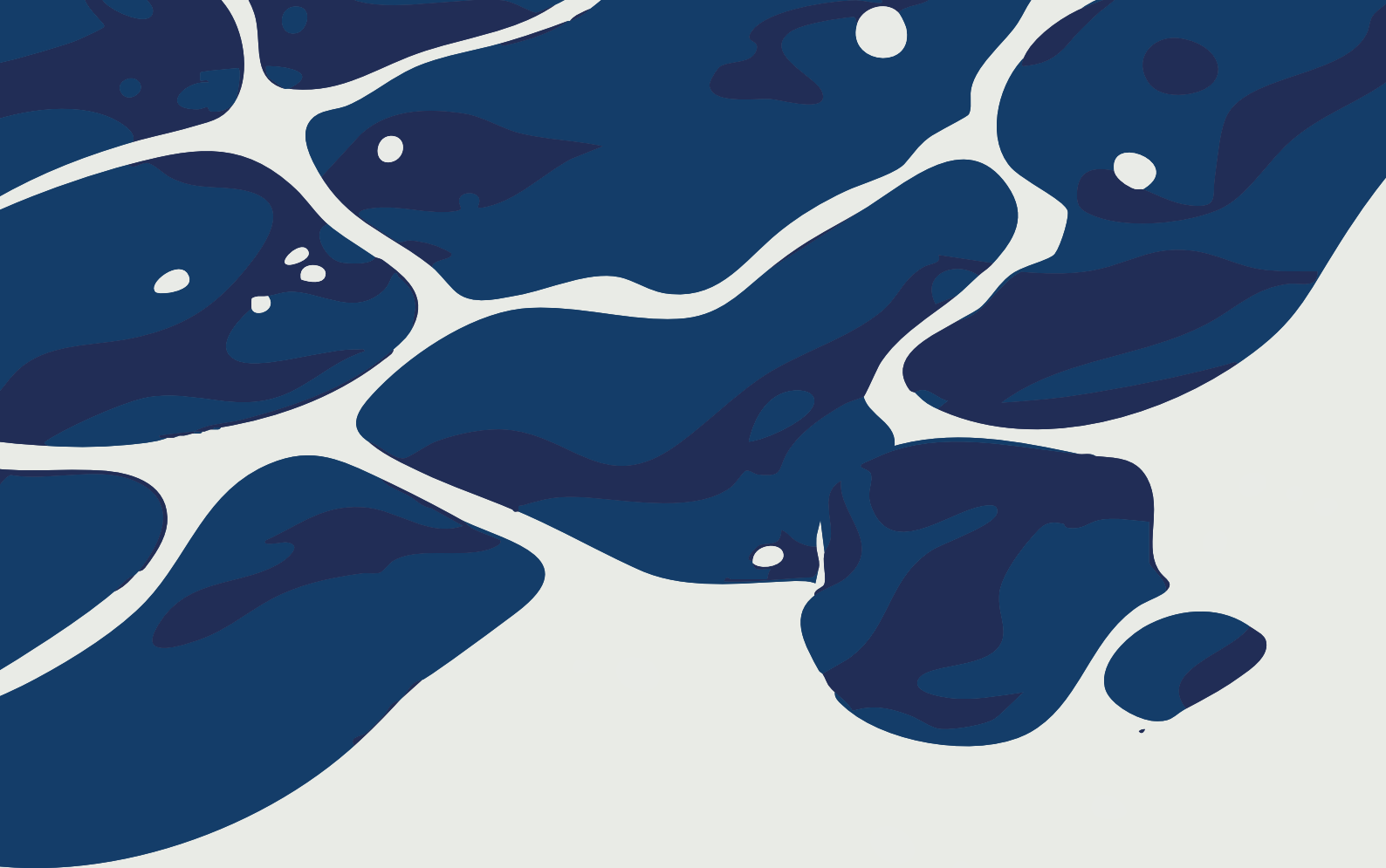
FAO

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura



Su má rio

6	CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO
6	Estrutura do Ministério da Pesca e Aquicultura
7	Estatística pesqueira marítima
7	Contextualização
8	Importância
9	CAPÍTULO 2: METODOLOGIA
9	Histórico do processo de reconstrução no Brasil
10	Fonte de dados
10	Metodologia aplicada
10	i. Organização dos dados
11	ii. Diagnóstico dos dados e pescarias
12	iii. Definição do problema
12	iv. Aplicação dos modelos de reconstrução
12	v. Consolidação do banco reconstruído
14	Estrutura do boletim



15 **CAPÍTULO 3: ANÁLISE –
RECURSOS MARINHOS
NACIONAIS**

15 Série Histórica

18 Principais Grupos
taxonômicos da pesca
marinha brasileira

21 Principais espécies/recursos
dos grupos taxonômicos da
pesca marinha brasileira

25 **CAPÍTULO 4: ANÁLISE –
RECURSOS MARINHOS
PROVENIENTES DA
PRODUÇÃO ARTESANAL**

25 Nacional

31 Regiões e Unidades da
Federação

31 Região Norte

38 Região Nordeste

59 Região Sudeste

67 Região Sul

75 **CAPÍTULO 5: ANÁLISE –
RECURSOS MARINHOS
PROVENIENTES DA
PRODUÇÃO INDUSTRIAL**

75 Nacional

81 Regiões e Unidades da
Federação

81 Região Norte

87 Região Nordeste

108 Região Sudeste

116 Região Sul

124 **ANEXOS**

164 **LISTA DE FIGURAS**

169 **LISTA DE TABELAS**

173 **REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

Capítulo 1: Introdução

Estrutura do Ministério da Pesca e Aquicultura

O Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) foi recriado em 2023 e tem sua estrutura regimental e atribuições definidas no Decreto nº 11.624, de 1º de agosto de 2023.

O MPA está estruturado (Figura 1) em órgãos de assessoramento direto ao Ministro; unidades descentralizadas: Superintendências Federais de Pesca e Aquicultura nos Estados (SFPA); órgão colegiado: Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca (CONA-

PE); e órgãos específicos singulares, formados por quatro secretarias finalísticas, que atuam de forma articulada, em ações organizadas entre si: Secretaria Nacional de Aquicultura (SNA), Secretaria Nacional de Pesca Artesanal (SNPA), Secretaria Nacional de Pesca Industrial, Amadora e Esportiva (SNPI), e Secretaria Nacional de Registro, Monitoramento e Pesquisa da Pesca e Aquicultura (SERMOP).

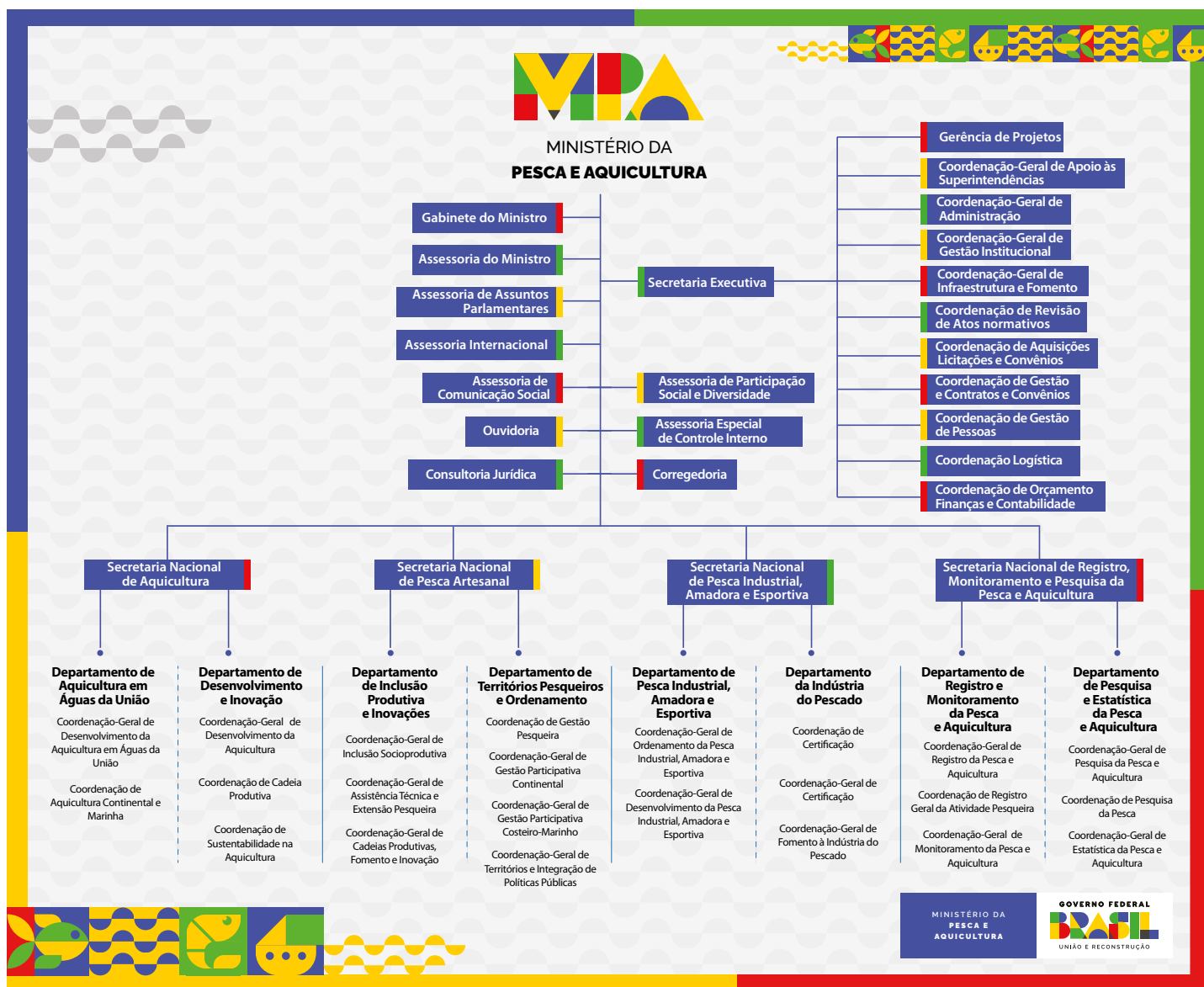


Figura 1 - Estrutura Organizacional do Ministério da Pesca e Aquicultura.

Dentre suas atribuições, conforme disposto no Capítulo I, artigo 1º, Inciso XI e XII, do Decreto nº 11.624, de 1º de agosto de 2023, o MPA possui:

(...)

XI - elaboração e execução, diretamente ou na forma de parceria, de planos, de programas e de projetos de pesquisa aquícola e pesqueira e monitoramento de estoques de pesca;

XII - realização da estatística pesqueira, diretamente ou por meio de parceria com instituições, com organizações ou com entidade;

(...)

A Secretaria Nacional de Registro, Monitoramento e Pesquisa da Pesca e Aquicultura (SERMOP) compete conforme o artigo 22º, Inciso VIII:

(...)

VIII - coordenar o sistema de coleta e sistematização de dados sobre a pesca e aquicultura, o consumo e o comércio de pescado, incluído o comércio exterior, com vistas a organizar e gerir o banco de dados relativo às estatísticas do pescado brasileiro;

(...)

A SERMOP é composta pelo Departamento de Registro e Monitoramento da Pesca e Aquicultura (DRM) e Departamento de Pesquisa e Estatística da Pesca e Aquicultura (DPEPA) que competem:

Art. 24. Ao Departamento de Pesquisa e Estatística da Pesca e Aquicultura

(...)

II - consolidar e analisar, de forma integrada, as informações da pesca marinha e continental obtidas pelas demais Secretarias e Departamentos deste Ministério, a fim de assessorar o uso sustentável dos recursos pesqueiros;

IV - coletar, agrupar e sistematizar em banco de dados, informações da produção pesqueira dos recursos marinhos e de águas continentais, considerados o auto-monitoramento e a gestão comunitária da pesca;

V - coletar, agrupar e sistematizar em banco de dados, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, informações da produção aquícola brasileira;

VI - coletar, agrupar e sistematizar, em banco de dados, informações sobre o consumo e o comércio de pescado, incluído o comércio exterior; e

(...)

Portanto, cabe ao DPEPA, o processo de compilação, análise e publicidade integrada dos dados de esforço e produção provenientes da pesca, aquíicultura e comércio das diferentes fontes de dados.

Estatística pesqueira marítima

Contextualização

Alguns dos questionamentos mais comuns dos seres humanos quando diante da produção de alimentos, seja está para subsistência, pequena ou grande escala, está relacionado a ter conhecimento de "O que produzimos?", "Quanto produzimos?", "Como produzimos?" e "Onde produzimos?". As respostas para essas questões só podem ser alcançadas através de "dados", que se refletem em "Estatísticas", que por sua vez, tornam-se subsídios para a gestão das diferentes cadeias produtivas.

O uso dos recursos pesqueiros, por meio da pesca, é uma das atividades mais antigas da humanidade. A pesca apresenta diferentes conceitos e conotações dependendo do enfoque pesqueiro quanto ao ambiente que ocorre (Marinho ou Continental), às espécies alvo, capacidade de captura, tempo efetivo de pesca, equipamento auxiliar na faina da pesca (guinchos, motores auxiliares, etc...), uso ou não de embarcações, tamanho da embarcação, métodos de preservação do pescado (in natura, sal ou gelo), nível de aproveitamento das espécies, número de pescadores envolvidos, principais beneficiários da atividade pesqueira (os próprios pescadores e familiares, donos de embarcação, armadores, etc...), local de desembarque e rede de escoamento, assim como grau de processamento do pescado. Esta variabilidade é determinante para definir, por exemplo, de que forma um recurso pesqueiro se manterá economicamente viável ao longo do tempo?

Para começar a responder estas diferentes perguntas é fundamental que haja coleta de dados de informações básicas, por exemplo, de produção: quantos quilos de pescados são desembarcados por espécie, por embarcação, por tipo de apetrecho de pesca, e assim por diante. Da mesma forma, o esforço de pesca também precisa ser dimensionado através de programas de cadastramento contínuo e de monitoramento que identifique a melhor forma de quantificar esse esforço por arte de pesca e frota. Nesse processo, o tempo é fundamental, e molda a compreensão do padrão produtivo da pesca, e quanto mais longo e contínuo for o período de coleta de dados, melhor.

Existe uma relação direta na capacidade e robustez do ordenamento pesqueiro com os sistemas de coleta de dados. Países com sistemas institucionalizados e contínuos, frequentemente possuem bases sólidas para o processo de gestão dos recursos pesqueiros.

No Brasil, o monitoramento e a estatística da pesca foi e continua sendo um grande desafio, dada a longa e complexa extensão da costa, da vastidão de suas



bacias hidrográficas, bem como a riqueza de espécies capturadas e comercializadas, alvo de diferentes pescarias com desembarques em portos industriais e artesanais, ou em praias e feiras regionais onde o pescado é comercializado. Soma-se a isso, uma predominância de desembarques artesanais pulverizados em todo o litoral e que ocorrem ao longo do dia ou madrugada, o que dificulta sobremaneira a presença do monitoramento. Desta forma, a estatística pesqueira em um país com dimensões continentais como o Brasil, necessariamente requer o uso de abordagens múltiplas e com a otimização de recursos e dados para a estimativa de produção pesqueira por espécie, estado e frota ao longo do tempo.

Importância

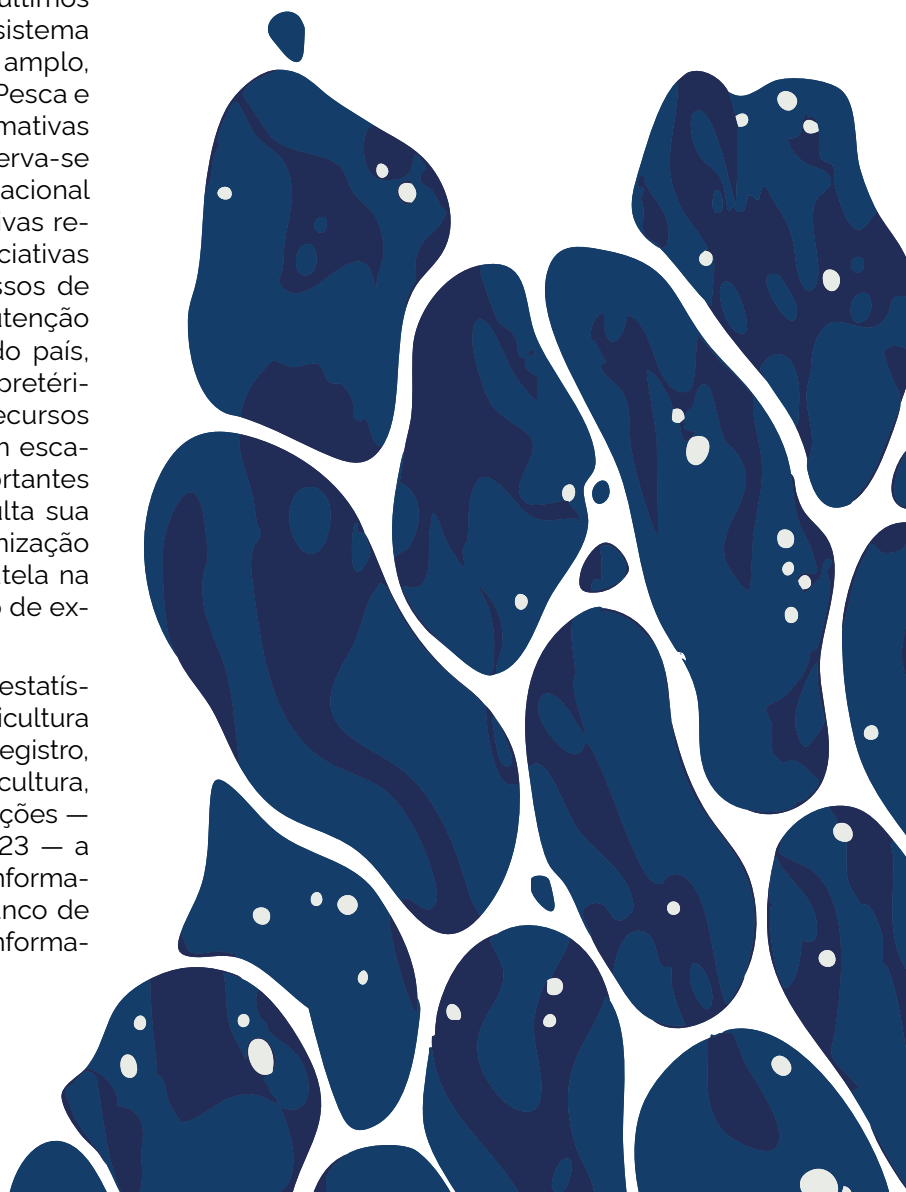
A limitada institucionalização de programas e iniciativas contínuas de coleta de dados pesqueiros tem representado um desafio para a consolidação de séries históricas regulares da pesca no Brasil. Esse contexto é agravado pela ausência, até recentemente, da construção de um Plano Nacional estruturado que estabeleça diretrizes, procedimentos e previsões orçamentárias específicas para esse fim.

Esse contexto resultou em uma descontinuidade da estatística pesqueira nacional ao longo dos últimos 15 anos. Desde 2007 o Brasil não possui um sistema de coleta de dados pesqueiros e aquícolas amplo, enquanto o último Boletim da Estatística da Pesca e Aquicultura do Brasil oficial baseado em estimativas foi publicado em 2011 e, desde então, observa-se a ausência de uma estatística pesqueira nacional consolidada, apesar da existência de iniciativas regionais de monitoramento. Ainda assim, iniciativas pontuais, muitas delas vinculadas a processos de licenciamento ambiental, permitiram a manutenção da coleta de dados em algumas regiões do país, possibilitando hoje o uso de informações pretéritas para o ordenamento de determinados recursos pesqueiros. Contudo, quando analisados em escala nacional, esses dados apresentam importantes lacunas espaciais e temporais, o que dificulta sua compilação, exige maior esforço de padronização e tratamento das informações e impõe cautela na interpretação dos resultados sobre o estado de exploração dos estoques.

Diante de um longo período sem um sistema estatístico estruturado, o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), por meio da Secretaria Nacional de Registro, Monitoramento e Pesquisa da Pesca e Aquicultura, assumiu como uma de suas principais atribuições — conforme previsto no Decreto nº 11.624/2023 — a coleta, organização e sistematização das informações sobre a atividade pesqueira em um banco de dados unificado. Para sanar esse déficit de informa-

ções, o Termo de Execução Descentralizada (TED) N° 13/2023 firmado entre o MPA e a Universidade Federal de Sergipe (UFS), teve por objetivo reconstruir matematicamente a estatística pesqueira marinha do Brasil entre 1950 e 2022, baseado nas múltiplas fontes de dados ao longo da costa brasileira. Estas informações reconstruídas além de fundamentais para a gestão pesqueira nacional, serão fundamentais para atualização dos dados reportados a organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), reforçando assim o compromisso internacional do Brasil com a transparência.

O presente documento representa o empenho de inúmeros pesquisadores, programas de monitoramento da atividade pesqueira, instituições, pescadores e pescadoras que foram cruciais para permitir que as análises e resultados do presente boletim, fossem possíveis. Portanto, considerando os fatores apontados acima, o presente boletim expressa o melhor esforço na compilação dos dados da pesca marinha disponíveis, sua interpretação e tratamento, bem como nas conclusões apresentadas a seguir.



Capítulo 2: Metodologia

Histórico do processo de reconstrução no Brasil

A presente reconstrução dos desembarques marinho da pesca brasileira é uma atualização de um processo que vem sendo desenvolvido por diferentes pesquisadores com diferentes metodologias ao longo das últimas décadas, cuja trajetória é brevemente apresentada a seguir:

Reconstrução 1950–2004 – Iniciativa liderada pela Dra. Kátia de Meirelles Felizola Freire, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Inicialmente, o esforço concentrou-se na compilação de dados de captura comercial para subsidiar a modelagem dos impactos da pesca no Grande Ecossistema Marinho do Leste do Brasil, abrangendo o período de 1980 a 2000. Posteriormente, a reconstrução foi ampliada para cobrir o intervalo de 1950 a 2004. Essa etapa resultou em duas publicações de referência: (1) a elaboração de uma base de dados de desembarques da pesca marinha brasileira no período de 1980 a 2000 (A database of landing data on Brazilian marine fisheries from 1980 to 2000; Freire, 2003); e (2) a reconstrução das capturas da pesca comercial marinha no Brasil (Reconstructing catches of marine commercial fisheries for Brazil; Freire & Oliveira, 2007).

Reconstrução 1950–2015 – ocorreu por um convite do Dr. Daniel Pauly, coordenador da iniciativa global *Sea Around Us*, a Dra. Kátia Freire para atualizar a base de dados da pesca marinha do Brasil para compreender o período de 1950–2015. Esse processo, contemplou a participação de pesquisadores de cada um dos 17 estados costeiros brasileiros interessados em contribuir com o processo de reconstrução da estatística pesqueira marinha brasileira, inclusive fornecendo dados e resolvendo questões taxonômicas ainda pendentes. Entretanto, por esse processo ter sido realizado a várias mãos, já que cada colaborador recebeu o banco de dados reconstruído na “Reconstrução 1950–2004” para que fizesse a atualização, o trabalho sofreu de uma falta de padronização metodológica. Mesmo diante disto, a reconstrução foi atualizada até 2015 e o trabalho final foi publicado em 2021, com todos os coautores envolvidos no processo da reconstrução. O banco de dados original e o reconstruído foram disponibilizados no site do Instituto de Pesca. Esse processo de reconstrução resultou em três publicações: (1) Revisitando os dados de captura nas águas marinhas brasileiras (1950–2010) (Revisiting catch data

off Brazilian marine waters (1950–2010), Freire et al., 2014); (2) Reconstrução das estatísticas de captura para as águas marinhas brasileiras (1950–2010) (Reconstruction of catch statistics for Brazilian marine waters (1950–2010), Freire et al., 2015) e (3) Reconstrução dos desembarques comerciais marinhos para a pesca industrial e artesanal brasileira de 1950 a 2015 (Reconstruction of marine commercial landings for the Brazilian industrial and artisanal fisheries from 1950 to 2015, Freire et al., 2021).

Reconstrução 1950–2022 (Presente boletim) – Esta etapa, também liderada pela Dra. Kátia Freire, contou com a participação ativa do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), por meio do Termo de Execução Descentralizada (TED) nº 13/2023, firmado com a Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o objetivo de atualizar a reconstrução da estatística pesqueira marinha brasileira para o período de 1950–2022. Nesta nova iniciativa, o MPA participou desde o início do processo, articulando-se com pesquisadores e instituições detentoras dos dados de captura. A reconstrução foi conduzida por uma equipe multidisciplinar da UFS (Tabela 1), de forma integralmente padronizada para os 17 estados costeiros brasileiros, com base nos dados originais dos boletins nacionais oficiais, em informações do período de 2008–2015, informações disponíveis em artigos científicos e em novas séries referentes a 2016–2022, seguindo um novo protocolo metodológico descrito a seguir.

Para isto, um novo processo padronizado de reconstrução foi realizado desde o início, para todos os estados, com novas metodologias que serão brevemente descritas a seguir. Nota-se que, durante essa etapa, pesquisadores de outras instituições foram acionados pontualmente, principalmente para esclarecimentos de natureza taxonômica, confirmação de início e final de algumas pescarias artesanais ou industriais, bem como para sanar dúvidas específicas relacionadas ao estado que atuava. A versão da reconstrução chamada 3.0 foi disponibilizada para o MPA no final de agosto de 2025, a versão 3.2, com algumas pequenas correções, em outubro de 2025 e a versão 3.3 em dezembro de 2025. Por fim, a visualização da versão 3.2 da reconstrução de 1950–2022 foi disponibilizada pelo MPA em novembro de 2025, e a versão 3.3 está atualmente no [Painel Unificado da Estatística Pesqueira e Aquícola](#), e seus resultados principais são apresentados no presente documento.



Tabela 1. Equipe da UFS responsável pela reconstrução da estatística pesqueira marinha entre os anos de 1950 e 2022.

Pesquisador	Vínculo
Kátia de Meirelles Felizola Freire	Engenharia de Pesca e Aquicultura
Gastão Florêncio Miranda Júnior	Matemática
Josafá José do Carmo Reis Júnior	Engenharia de Pesca e Aquicultura
Luiz Henrique Gama Dore de Araújo	Estatística e Ciências Atuariais
Cleber Martins Xavier	Estatística e Ciências Atuariais
Kalil Araujo Bispo	Computação
Leonardo Nogueira Matos	Computação
Douglas Renan Ribeiro Santos	Pós-graduação em Computação
José Edivangel de Almeida Araújo	Pós-graduação em Matemática
Jesy Karolayne Sales dos Santos	Pós-graduação em Computação
André Luis de Almeida Sousa	Matemática
Idris da Silva Santos	Estatística e Ciências Atuariais
Gyovani Yuri Souza Santos	Computação
Priscila Mitico Nacamura	Engenharia de Pesca e Aquicultura

Fonte de dados

Os dados utilizados no presente boletim foram compilados a partir de fontes diversas e heterogêneas para todas as regiões do Brasil, com maior robustez para o Sudeste e Sul no recorte temporal recente, refletindo a fragmentação histórica das estatísticas pesqueiras no país. Foram considerados: (i) os boletins estatísticos nacionais publicados até 2007; (ii) bases de dados estaduais oriundas de projetos locais ou dos processos de licenciamento ambiental; e (iii) informações provenientes de artigos científicos e relatórios técnicos de produção. As fontes do tipo (iii) foram empregadas principalmente para períodos mais antigos, nos quais inexistiam dados nacionais ou estaduais sistematizados, sendo utilizadas de forma complementar às demais.

A lista completa das fontes de dados em detalhes pode ser observada nos anexos do presente boletim.

Metodologia aplicada

A reconstrução da estatística marinha contou com cinco (5) etapas, contemplando *i) Organização dos dados; ii) Diagnóstico dos dados e pescarias; iii) Definição do problema; iv) Aplicação dos modelos de reconstrução; v) Consolidação do banco reconstruído.*

i. Organização dos dados

Os dados dos desembarques marinhos utilizados na reconstrução foram divididos em grupos, conforme proximidade taxonômica das espécies/recursos pesqueiros capturados ou na captura conjunta. Como resultado, foram formados 29 grupos taxonômicos (Tabela 2), analisados individualmente para cada estado, com detalhamento apresentado nos Anexos.

Tabela 2. Grupos de recursos desembarcados analisados dentro de cada estado.

Nº	GRUPO FINAL
1	Moluscos
2	Crustáceos
3	Sciaenidae
4	Lutjanidae
5	Carangidae
6	Serranidae e Epinephelidae
7	Gerreidae
8	Haemulidae
9	Clupeiformes
10	Scombridae e Afins
11	Outros Scombriformes
12	Raias e Quimeras
13	Tubarões
14	Sparidae
15	Mugilidae
16	Pleuronectiformes
17	Tetraodontiformes
18	Siluriformes
19	Albuliformes e Elopiformes
20	Anguilliformes e Ophidiiformes
21	Eupercaria/misc
22	Beloniformes
23	Acanthuriformes
24	Gadiformes
25	Outros Perciformes
26	Outros Peixes
27	Mamíferos Aquáticos
28	Quelônios
29	Outros Invertebrados

ii. Diagnóstico dos dados e pescarias

Os dados foram verificados quanto à consistência dos valores reportados para cada recurso, por meio de conferência com boletins nacionais pretéritos, à atualização e correção taxonômica, à coerência de valores excepcionalmente altos ou baixos em relação às fontes originais, bem como à adequada classificação das capturas entre pesca industrial e artesanal, entre outros aspectos relevantes.

Um dos pilares da reconstrução é identificar quando efetivamente começou o desembarque daquele recurso específico. Além de saber o final de cada pescaria em cada setor, uma vez que determinadas pescarias podem ter se encerrado por diferentes

motivos, como proibição de pesca ou inviabilidade econômica. Essa etapa é fundamental, pois a lacuna ou presença ao longo da série histórica podem estar atrelados a dinâmica da pescaria, a um ato específico de ordenamento pesqueiro ou a outro motivo, que não a falta de dados. Esse procedimento foi realizado para cada um dos recursos, criando-se uma tabela de início e fim da pescaria para cada estado e cada espécie dentro de cada grupo taxonômico.

Especialistas locais também foram consultados para validar a taxonomia mais atualizada dos recursos pesqueiros, esclarecer o encerramento de determinadas pescarias e dirimir outras dúvidas específicas. A lista de especialistas consultados pode ser observada na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3. Especialistas locais consultados para reconstrução da estatística pesqueira marinha entre os anos de 1950 e 2022.

Especialista	Estado	Região	Expertise
Marcelo Vianna	Rio de Janeiro	Sudeste	Pesca do RJ em geral
Antônio Olinto Ávila da Silva	São Paulo	Sudeste	Pesca de SP em geral
Joelson Musiello Fernandes	Espírito Santo	Sudeste	Pesca do ES em geral
Otto Bismarck Fazzano Gadig	São Paulo	Sudeste	Elasmobrânquios
Rodrigo Sant'Ana	Santa Catarina	Sul	Pesca de SC em geral
Márcio de Araújo Freire	Rio Grande do Sul	Sul	Pesca do RS em geral
Luiz Felipe Cestari Dumont	Rio Grande do Sul	Sul	Crustáceos do RS
Érica Kitazono Antunes Jimenez	Amapá	Norte	Pesca do AP em geral
Luis Maurício Abdon da Silva	Amapá	Norte	Pesca do AP em geral
Bianca Bentes	Pará	Norte	Pesca do PA em geral
Jussara Moretto Martinelli-Lemos	Pará	Norte	Crustáceos do PA
Cezar Augusto Freire Fernandes	Piauí	Nordeste	Pesca do PI em geral
Caroline Vieira Feitosa	Ceará	Nordeste	Pesca do CE em geral
Guelson Batista da Silva	Rio Grande do Norte	Nordeste	Peixes do RN
Ellano José da Silva	Rio Grande do Norte	Nordeste	Moluscos do RN
Marcelo Francisco de Nóbrega	Rio Grande do Norte	Nordeste	Peixes do RN
Marcelo Francisco de Nóbrega	Pernambuco	Nordeste	Pesca de PE em geral
Humber Agrelli de Andrade	Pernambuco	Nordeste	Pesca de PE em geral
Igor da Mata Oliveira	Alagoas	Nordeste	Pesca de AL em geral
Kátia de Meirelles Felizola Freire	Sergipe	Nordeste	Pesca de SE em geral
Matheus Marcos Rotundo	-	-	Peixes do BRASIL

iii. Definição do problema

A definição do problema consiste em decidir se os dados necessitam ser desagregados (conjunto de dados que precisa ser dividido), interpolados (imputar um ou mais dados em um período que se encontra entre dois anos com informações disponíveis) ou extrapolados (imputar dados para o início ou final da série, preenchendo as lacunas sem informações de captura).

Essa etapa é crucial para o desenvolvimento do projeto, pois orienta a aplicação de cada um dos três modelos de reconstrução. Nessa fase, considerou-se o conhecimento sobre o início e o término de cada pescaria, por espécie e setor, conforme definido por especialistas locais de cada estado, permitindo estabelecer o que deveria ser reconstruído para cada recurso e setor dentro dos 29 grupos.

iv. Aplicação dos modelos de reconstrução

Foram aplicadas três metodologias para reconstruir os dados de desembarque marinhos de 1950-2022: (i) Redes Neurais, (ii) Regressão e (iii) Séries Temporais.

(i) Redes Neurais

Essa metodologia baseia-se na construção de uma função de regressão $f(x)$ utilizando uma rede neural. Redes neurais são modelos computacionais inspirados no funcionamento do cérebro humano, formados por camadas de neurônios artificiais, onde cada neurônio realiza uma operação matemática. Embora a abordagem de redes neurais venha sendo utilizada na estimativa de diferentes parâmetros (Chen et al., 2021; Froese et al., 2023), incluindo alguns pesqueiros, seu uso na reconstrução de captura ainda é uma novidade.

(ii) Regressão

Na abordagem de regressão, buscou-se utilizar a relação entre captura de uma espécie ao longo do

tempo, cujo valor desconhecido se deseja prever, e a captura de uma outra espécie, também ao longo do tempo (Draper & Smith, 1998). Uma série de combinações de variáveis preditoras e diferentes modelos foram avaliadas, buscando os estimadores de erros e correlação mais adequados para a reconstrução.

(iii) Séries Temporais

Consistem em conjuntos de observações (univariadas ou multivariadas) mensuradas de forma ordenada ao longo do tempo (Brockwell & Davis, 2002). A imputação dos dados faltantes foi realizada utilizando abordagens considerando a dependência temporal da série univariada.

Destaca-se, que o detalhamento metodológico e matemático da reconstrução da estatística marinha 1950-2022 será realizado através de publicações científicas em breve a serem realizadas pela equipe que desenvolveu o estudo, e, portanto, não é objeto do presente documento.

v. Consolidação do banco reconstruído

Por fim, após a aplicação das metodologias listadas acima, os dados foram imputados (reconstruídos). Uma tabela base com todas as variáveis foi construída para cada estado com o objetivo de relacionar o nome da variável com as demais informações importantes. Por exemplo, a variável *Corvina_art* no estado do Rio de Janeiro, representa Nome comum – Corvina, Táxon – *Micropogonias furnieri*, Setor – Artesanal, e outras informações importantes. Foram realizadas etapas posteriores de conferência do banco de dados para verificar inconsistências nos resultados da reconstrução, com a realização de uma ou mais correções no processo de estimação.

O mesmo procedimento foi aplicado as espécies/recursos pesqueiros dos 29 grupos taxonômicos, resultando em um banco final reconstruído contendo todas as informações utilizadas para construção do presente documento.

ETAPAS DO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DE DADOS DE DESEMBARQUE

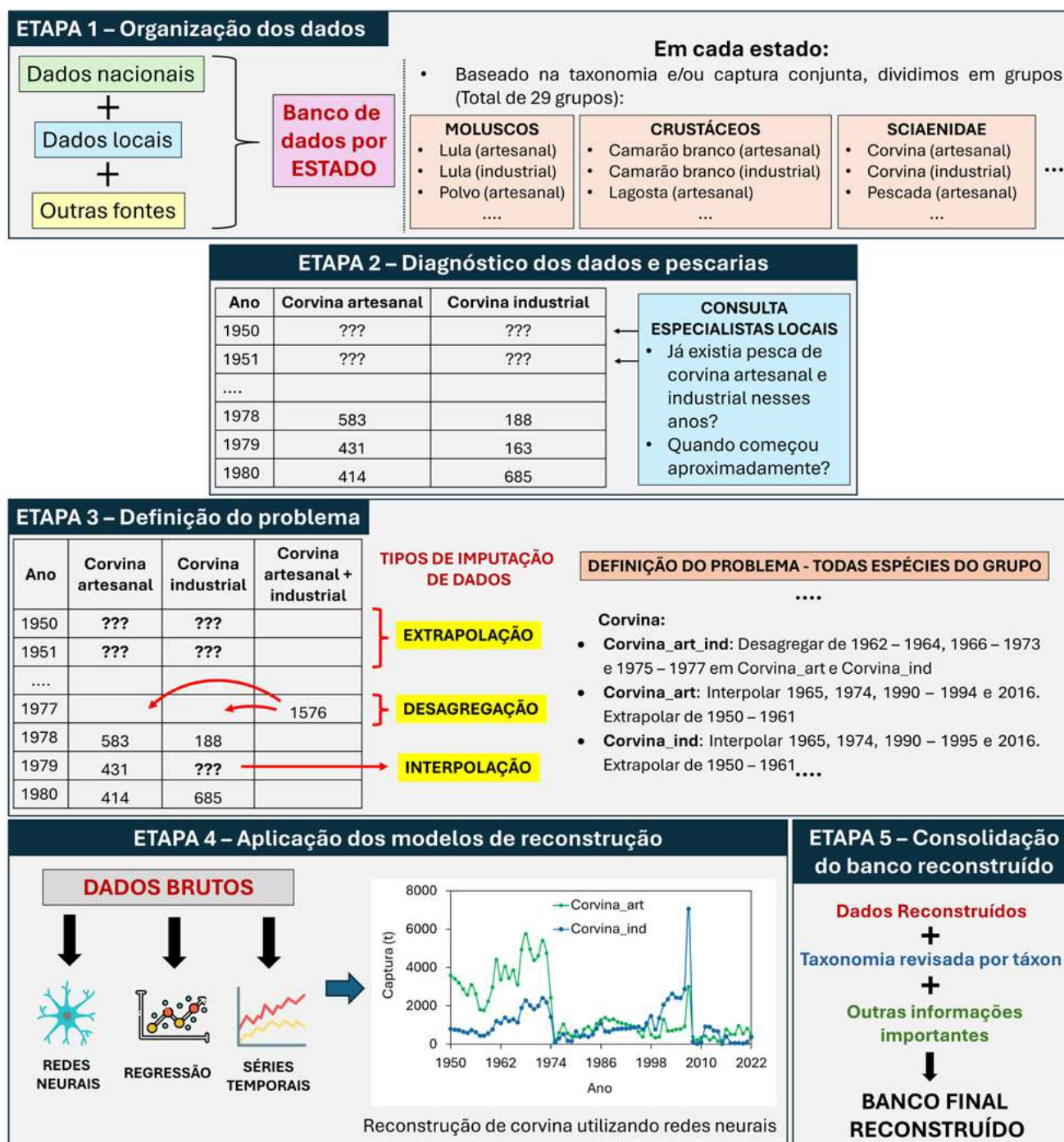


Figura 2. Resumo gráfico das etapas do processo de reconstrução.

Por fim, um processo de padronização dos nomes comuns associados aos recursos pesqueiros marinhos presentes na estatística pesqueira do Brasil foi realizado utilizando critérios estabelecidos pelo *Committee of Common Names of Fishes from North America* (Page et al., 2023) a partir da lista de nomes apresentados pelos diferentes estados durante o processo de reconstrução e fontes externas consultadas (publicações científicas, livros, boletins de

pesca e outros). Um total de 489 táxons foram registrados no banco reconstruído por estado. Esses táxons incluíam espécie, gênero, família, ordem ou táxons superiores. Caso não houvesse nenhum nome comum registrado no banco de dados compilado por Freire & Pauly (2005) para determinada espécie, nem na lista de nomes comuns de peixes recifais brasileiros (Freire & Carvalho Filho, 2009), então duas fontes foram utilizadas: a ASFIS List of Species

for Fishery Statistics 23 Purposes (FAO) e o FishBase (www.fishbase.org), embora na maioria das vezes os nomes eram iguais. Em conclusão, após aplicação dos critérios estabelecidos em Page et al. (2023) e adaptações quando foram necessárias, gerou-se uma lista de Nomes Nacionais Padronizados para cada táxon único.

Estrutura do boletim

O boletim da reconstrução da pesca marinha foi estruturado em três capítulos de análise, contemplando diferentes níveis de detalhamento e recortes analíticos:

1. **Série Histórica** – apresenta a reconstrução completa da produção pesqueira marinha do Brasil no período de 1950 a 2022, consolidando dados por ano, Unidade da Federação (UF) e grupo taxonômico. Este capítulo oferece uma visão panorâmica da evolução temporal da atividade pesqueira, permitindo identificar padrões, variações e marcos relevantes ao longo das décadas.
2. **Setor Artesanal** – dedica-se à análise específica da pesca artesanal, destacando a produção distribuída dos principais grupos e recursos pescados por UF. O foco é compreender a dinâmica regional, evidenciando as principais UF produtoras e recursos predominantes.
3. **Setor Industrial** – este capítulo explora os principais recursos capturados, as UF com maior

produção e as tendências observadas ao longo da série histórica, contribuindo para o entendimento da estrutura produtiva e da importância do segmento.

Para fins de organização e análise para algumas partes dentro do boletim, foram definidos agrupamento de táxons de acordo com a escala espacial abordada:

1. Escala nacional, regional e unidades da federação:
 - a. Definição de quatro grandes grupos taxonômicos, no território nacional, denominados de: Peixes, Crustáceos, Moluscos e “Outros Grupos”. Este último englobando mamíferos aquáticos, quelônios e outros invertebrados, que representam uma parcela percentual significativamente inferior em relação aos demais grupos.
2. Escala nacional e regional:
 - b. Foram definidos nomes comuns padronizados únicos baseados no menor táxon possível, contemplando diferentes nomes comuns de acordo com a nomenclatura local de cada unidade da federação associado ao mesmo táxon.
3. Escala de unidades da federação:
 - c. Foram utilizados os nomes comuns de acordo com a nomenclatura local, visando manter as peculiaridades de cada unidade da federação.

O detalhamento das nomenclaturas pode ser acessado nos Anexos do presente documento.



Capítulo 3: Análise – Recursos Marinhos Nacionais

Série Histórica

De uma forma geral para a série histórica de 1950 a 2022, a pesca artesanal, em termos de produção marinha, representou aproximadamente 46%, enquanto 54% corresponderiam a pesca industrial (Figura 3, Tabela 4). Entretanto, observou-se comportamentos distintos ao longo do tempo, iniciando na década de 1950 com uma predominância da produção provenientes da pesca artesanal, que respondia pela maior parte do desembarque nacional, enquanto o setor industrial encontrava-se em estágio inicial de desenvolvimento.

Esta tendência modificou-se entre as décadas de

1960 e 1980, em virtude da política de expansão da atividade pesqueira. A criação da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) e a promulgação do Decreto-Lei nº 221/1967 que estabeleceram uma política de incentivos fiscais voltada à modernização e ampliação da capacidade de captura. O aporte de investimentos resultou na rápida expansão da frota industrial, que progressivamente superou a produção artesanal em volume desembarcado. Este ciclo de fomento culminou no pico histórico de produção em 1985, registrando um total de 759 mil toneladas (Tabela 4).

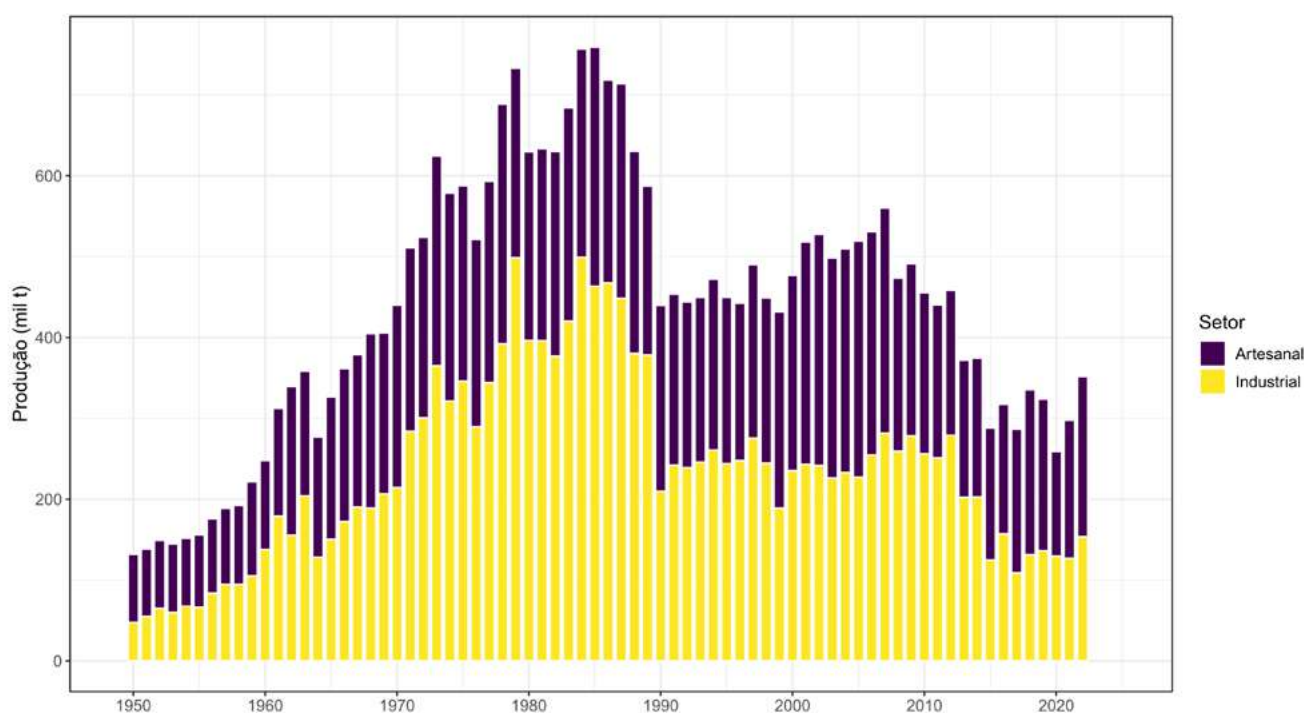


Figura 3. Histórico da produção da pesca marinha artesanal e industrial (mil t) do Brasil entre 1950 e 2022.

Em virtude do colapso de algumas pescarias entre o final dos anos 1980 e início de 1990, a exemplo da sardinha, houve uma queda subsequente ao pico de 1985, e a série histórica de produção da pesca marinha ficou estabilizada com valores inferiores. Entre 1990 até 2011 a produção pesqueira nacional

marinha variou entre 400 e 550 mil toneladas ao longo do período (Tabela 4).

Nos anos entre 2012 e 2022, a produção reconstruída ficou abaixo das 400 mil toneladas, período este, em que a estatística pesqueira foi descontinuada para grande parte do território nacional (Tabela 4).

Tabela 4. Histórico da produção pesqueira marinha setorial brasileira (mil t) entre os anos de 1950 e 2022.

Ano	Produção (mil t)		Total
	Setor		
	Artesanal	Industrial	
1950	84,45	47,39	131,84
1951	83,35	55,05	138,40
1952	84,12	64,89	149,01
1953	84,85	59,90	144,75
1954	84,36	67,57	151,93
1955	89,50	66,33	155,83
1956	92,35	83,66	176,00
1957	94,02	94,65	188,67
1958	97,63	94,70	192,33
1959	116,58	105,04	221,62
1960	110,43	137,58	248,01
1961	133,04	179,17	312,21
1962	183,65	155,62	339,27
1963	154,61	203,79	358,40
1964	148,64	128,27	276,92
1965	176,33	150,32	326,65
1966	189,13	172,34	361,47
1967	188,57	190,20	378,77
1968	216,15	188,80	404,95
1969	198,98	206,73	405,70
1970	225,73	214,34	440,07
1971	227,30	283,88	511,18
1972	223,51	300,33	523,84
1973	259,64	364,91	624,55
1974	257,04	321,43	578,47
1975	241,85	345,79	587,63
1976	231,93	289,44	521,37
1977	248,91	344,11	593,02
1978	296,64	392,08	688,72
1979	234,49	498,66	733,15
1980	233,32	396,34	629,66
1981	237,45	396,14	633,59
1982	253,31	376,82	630,13
1983	263,76	420,27	684,03

1984	257,56	499,24	756,80
1985	295,58	463,43	759,01
1986	251,23	467,37	718,60
1987	265,28	448,52	713,80
1988	250,04	380,33	630,37
1989	208,82	378,37	587,19
1990	229,78	209,89	439,67
1991	211,46	242,15	453,61
1992	205,20	239,01	444,20
1993	203,87	245,82	449,69
1994	211,31	260,74	472,04
1995	205,89	243,79	449,68
1996	194,46	247,91	442,37
1997	214,49	275,50	489,99
1998	204,50	244,53	449,03
1999	243,06	188,82	431,88
2000	241,78	235,22	477,00
2001	274,93	243,17	518,10
2002	285,94	241,68	527,61
2003	272,52	226,03	498,55
2004	276,58	233,09	509,67
2005	292,20	227,22	519,42
2006	276,26	254,68	530,94
2007	278,27	281,79	560,06
2008	214,27	259,29	473,56
2009	212,87	278,38	491,24
2010	199,32	256,04	455,36
2011	189,30	251,06	440,36
2012	179,41	279,02	458,43
2013	169,63	202,18	371,81
2014	172,05	202,65	374,69
2015	163,11	124,83	287,94
2016	160,40	157,13	317,52
2017	177,86	108,88	286,74
2018	204,18	131,46	335,64
2019	187,65	136,21	323,86
2020	129,49	129,49	258,98
2021	170,69	126,84	297,53
2022	198,02	153,49	351,51

Em razão de sua extensa linha de costa, a pesca marinha foi registrada em todos os estados costeiros do Brasil, do Oiapoque no Amapá ao Chuí no Rio Grande do Sul. Em termos gerais, ao longo da série histórica compreendida entre 1950 e 2022, seis es-

tados brasileiros corresponderam a mais de 80% da pesca marinha nacional (Figura 4), são eles: Santa Catarina (22,14%), Rio de Janeiro (18,67%), Rio Grande do Sul (13,68%), São Paulo (11,05%), Maranhão (8,32%) e Pará (8,01%).

Participação no desembarque marinho de 1950-2022

Por unidades da federação

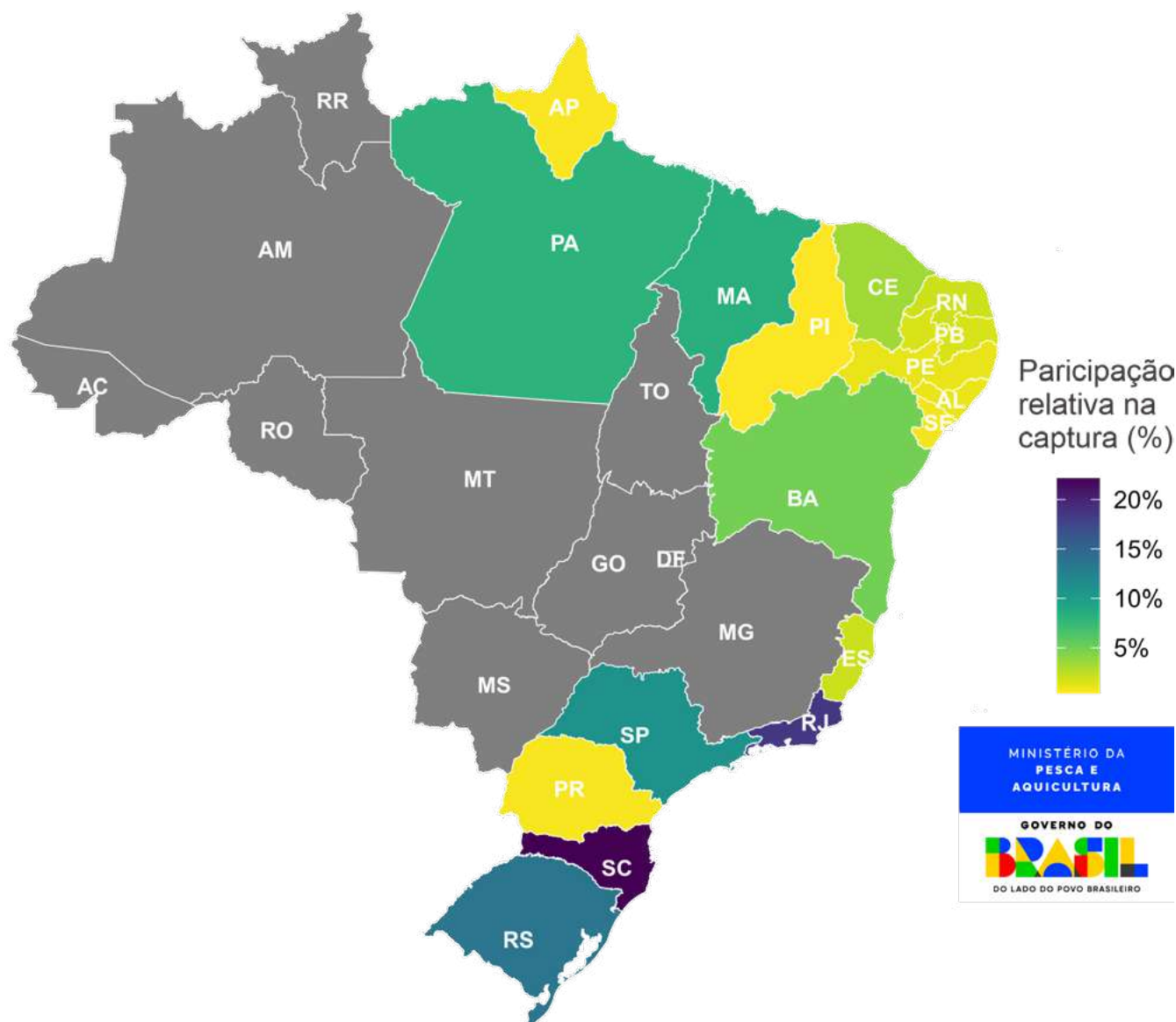


Figura 4. Participação relativa das unidades da federação no desembarque marinho entre os anos de 1950 e 2022.

Principais Grupos taxonômicos da pesca marinha brasileira

A categoria dos peixes foi predominante de 1950 a 2022 (Figura 5), respondendo por 85,3% do volume total desembarcado, com uma média anual de 371,46 mil toneladas (Figura 5, Figura 6, Tabela 5).



Figura 5. Resumo da produção da pesca marinha nacional (mil t) dos grandes grupos de pescado.

Em segundo lugar destacaram-se os crustáceos, que representam 12,5% do desembarque (média de 54,39 mil t/ano), seguido pelos moluscos, com participação de 1,4% (valor médio de 5,98 mil t/ano). Por fim, a categoria "outros grupos" contribuíram com 0,9%, alcançando uma média de 3,73 mil t/ano.

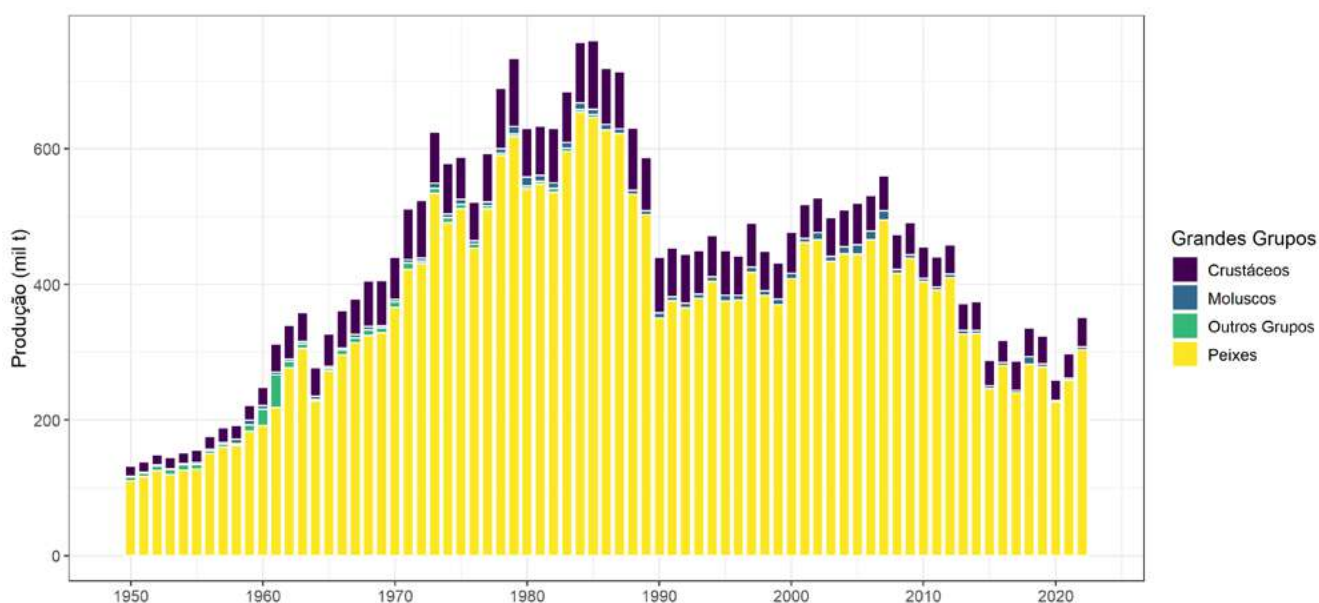


Figura 6. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) por grandes grupos de pescado, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 5. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) por grandes grupos de pescado, entre os anos de 1950 e 2022.
O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico

Ano	Produção (mil t)				
	Grande Grupos				Total
	Crustáceos	Moluscos	Outros Grupos	Peixes	
1950	14,90	1,09	5,62	110,22	131,83
1951	15,28	1,17	5,61	116,34	138,40
1952	15,43	1,48	7,16	124,94	149,01
1953	16,59	1,22	7,82	119,12	144,75
1954	16,42	1,45	8,19	125,86	151,92
1955	18,51	2,80	6,90	127,62	155,83
1956	18,84	2,47	4,35	150,35	176,01
1957	21,79	3,31	3,90	159,67	188,67
1958	20,86	6,26	2,74	162,48	192,34
1959	21,95	6,76	9,36	183,55	221,62
1960	26,78	5,15	24,46	191,62	248,01
1961	41,47	4,24	48,29	218,20	312,20
1962	49,31	3,93	8,75	277,28	339,27
1963	42,71	3,26	7,32	305,12	358,41
1964	41,97	4,62	2,28	228,04	276,91
1965	47,71	2,81	3,60	272,53	326,65
1966	55,60	2,99	6,84	296,04	361,47
1967	52,81	4,93	6,86	314,16	378,76
1968	67,09	4,83	8,48	324,55	404,95
1969	66,66	2,92	7,62	328,50	405,70
1970	62,45	3,57	8,10	365,95	440,07
1971	75,00	4,49	9,82	421,86	511,17
1972	85,19	4,64	3,11	430,90	523,84
1973	75,62	7,54	7,39	534,00	624,55
1974	75,14	5,43	7,00	490,90	578,47
1975	62,04	7,58	6,69	511,32	587,63
1976	57,21	4,86	5,87	453,42	521,36
1977	71,69	5,73	4,18	511,43	593,03
1978	89,17	5,89	3,78	589,88	688,72
1979	100,15	11,51	3,13	618,37	733,16
1980	71,46	13,28	3,81	541,11	629,66

Ano	Produção (mil t)				
	Grande Grupos				Total
	Crustáceos	Moluscos	Outros Grupos	Peixes	
1981	72,76	8,70	4,56	547,57	633,59
1982	80,67	7,74	6,01	535,71	630,13
1983	74,87	8,83	4,41	595,93	684,04
1984	89,44	9,72	4,23	653,41	756,80
1985	100,82	8,21	4,21	645,77	759,01
1986	82,89	7,91	0,02	627,78	718,60
1987	84,59	6,96	0,02	622,23	713,80
1988	91,51	6,19	0,01	532,65	630,36
1989	78,76	5,67	-	502,76	587,19
1990	81,69	7,81	-	350,17	439,67
1991	72,06	5,53	-	376,03	453,62
1992	71,65	7,43	-	365,12	444,20
1993	64,40	6,11	-	379,18	449,69
1994	61,26	6,71	-	404,08	472,05
1995	66,05	8,71	-	374,92	449,68
1996	58,44	6,80	-	377,14	442,38
1997	64,74	8,02	-	417,22	489,98
1998	59,02	6,06	-	383,94	449,02
1999	53,95	8,20	-	369,73	431,88
2000	60,89	7,81	-	408,30	477,00
2001	50,38	6,02	-	461,71	518,11
2002	51,29	10,25	-	466,08	527,62
2003	57,26	7,53	-	433,76	498,55
2004	54,35	10,12	-	445,20	509,67
2005	60,95	13,74	-	444,72	519,41
2006	52,25	13,05	-	465,64	530,94
2007	51,74	13,78	-	494,54	560,06
2008	51,68	5,55	0,04	416,29	473,56
2009	47,75	5,16	-	438,34	491,25
2010	46,48	4,55	-	404,33	455,36
2011	44,12	4,78	<0,01	391,46	440,36
2012	43,68	4,71	-	410,05	458,44
2013	40,03	5,07	-	326,71	371,81

Ano	Produção (mil t)				Total
	Grande Grupos				
	Crustáceos	Moluscos	Outros Grupos	Peixes	
2014	42,90	4,43	-	327,36	374,69
2015	37,40	3,91	-	246,64	287,95
2016	33,25	3,89	<0,01	280,38	317,52
2017	43,08	3,72	<0,01	239,94	286,74
2018	42,73	10,95	<0,01	281,96	335,64
2019	41,04	4,42	<0,01	278,40	323,86
2020	30,22	2,76	<0,01	225,99	258,97
2021	35,93	3,05	<0,01	258,55	297,53
2022	43,83	3,85	<0,01	303,82	351,50

Principais espécies/recursos dos grupos taxonômicos da pesca marinha brasileira

Peixes

O grupo dos peixes foi o principal componente da atividade marinha no Brasil, acumulando 27,10 milhões de toneladas entre 1950 e 2022. Essa produ-

ção refletiu a capacidade extrativa das frotas artesanal e industrial, que juntas mantiveram uma média anual de desembarque superior a 371 mil toneladas.

Ao longo do período analisado, dez recursos responderam por 54% de toda a produção de peixes, das quais cinco (5) somaram cerca de 41% da produção total, incluindo a sardinha verdadeira que liderou o ranking histórico (1950-2022) com 5,24 milhões de toneladas acumuladas para o período (Figura 7, Tabela 6), sendo a principal espécie de peixe desembarcada no Brasil (média de 71,82 mil t/ano).

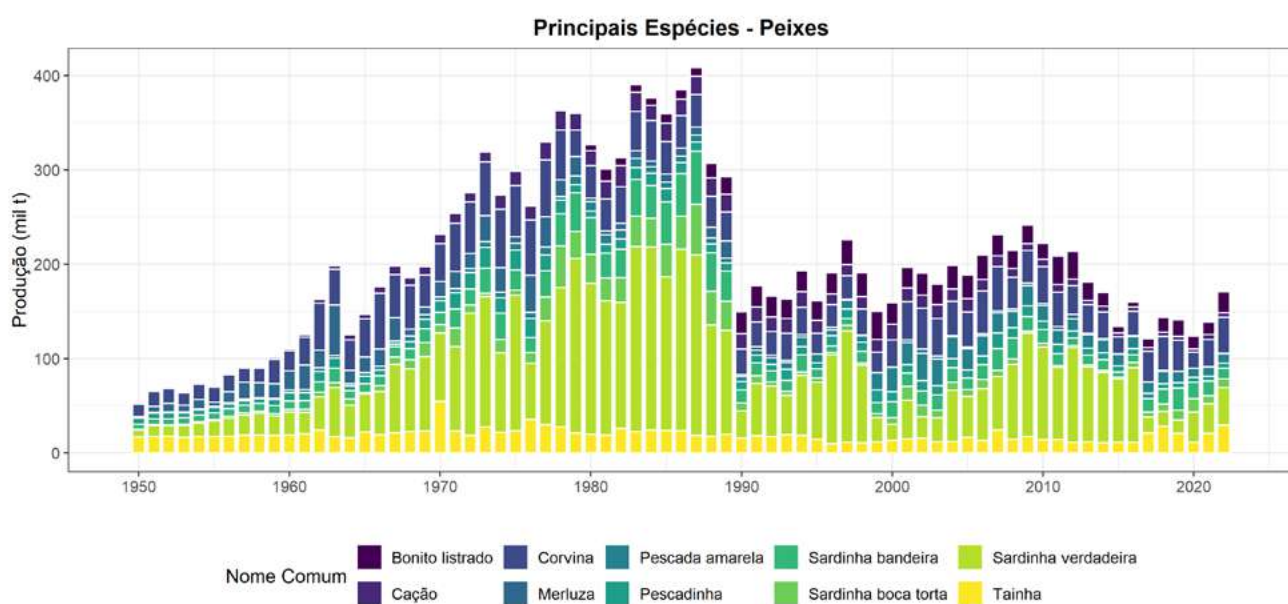


Figura 7. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022.

Em segundo lugar, a corvina apresentou um acumulado de 2,47 milhões de toneladas (9,13%) entre 1950 e 2022, com média de 33,89 mil t/ano. O ranking inclui ainda a tainha, com 1,39 milhão de toneladas (5,15%) e

média de 19,12 mil t/ano, seguida pela sardinha bandeira, com 1,26 milhão de toneladas (4,68%) e média de 17,37 mil t/ano. Por fim, o bonito listrado, com 795,14 mil toneladas (2,93%) e média de 13,94 mil t/ano.

Tabela 6. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Sardinha verdadeira	157,88	471,4	1.160,07	1.599,75	624,22	503,63	726,11
Corvina	164,76	396,98	518,82	358,19	255,31	385,48	394,41
Tainha	177,31	206,12	282,22	215,11	146,46	153,84	214,88
Sardinha bandeira	71,56	111,32	245,45	387,81	116,72	167,06	168,52
Bonito listrado	-	1,54	7,78	107,5	235,88	226,9	215,55
Sardinha boca torta	15,19	62,5	169,6	333,27	47,72	81,49	74,45
Cação	13,52	55,58	142,23	187,39	143,5	127,38	68,05
Pescadinha	56,79	77,37	164,97	106,15	95,89	106,04	86,15
Pescada amarela	10,61	37,07	61,39	79,83	83,84	234,39	164,73
Merluza	98,56	207,69	220,19	84,1	18,8	23,27	16,43

Crustáceos

Os crustáceos representaram o segundo maior grupo da pesca marinha brasileira, com uma produção acumulada de 3,97 milhões de toneladas no período analisado e uma média anual de desembarque de 54,39 mil toneladas.

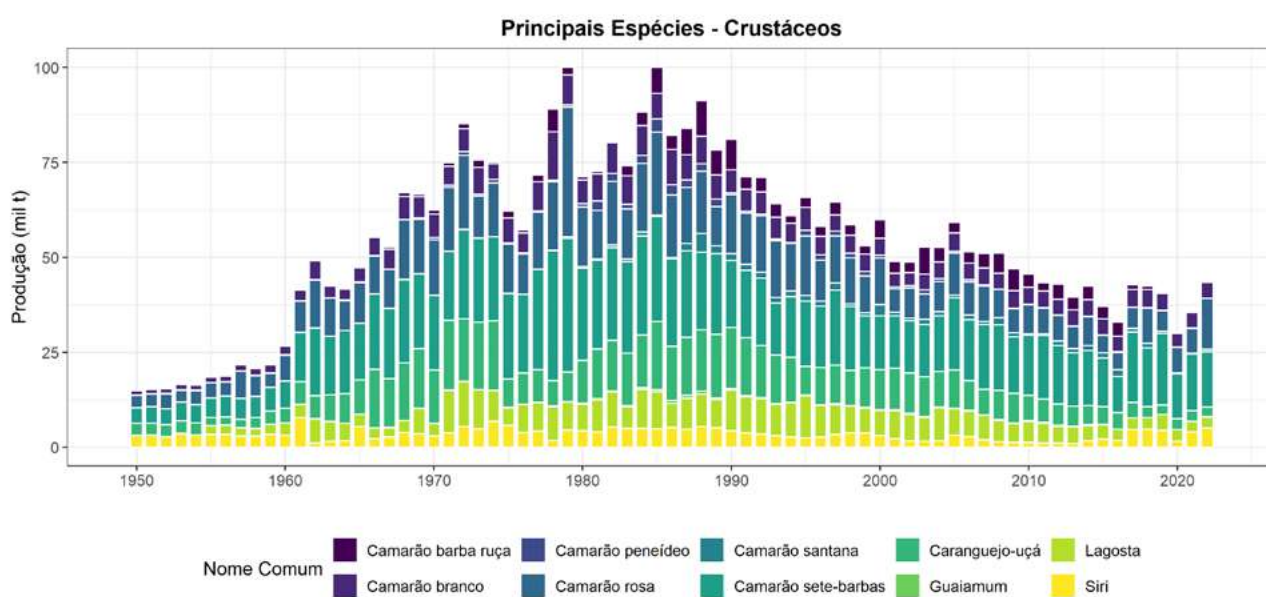


Figura 8. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022.

Camarão sete-barbas (Figura 8, Tabela 7) foi o principal recurso, com um total histórico de 1,21 milhão de toneladas. Esta espécie representou 30,49% do desembarque total de crustáceos, com uma média de 16,58 mil t/ano. Seguido do camarão rosa registrou 777,06

mil toneladas (19,57%) acumulados para o período. O ranking dos cinco principais recursos pesqueiros inclui ainda o caranguejo-uçá, com 660,96 mil toneladas (16,64%), a lagosta, com 417 mil toneladas (10,51%), e o camarão branco, com 348,17 mil toneladas (8,76%).

Tabela 7. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Camarão sete-barbas	50,37	164,61	244,62	237,54	166,42	154,32	192,85
Camarão rosa	41,1	106,36	166,89	156,27	131,89	83,69	90,86
Caranguejo-uçá	28,52	98,94	123,79	145,74	116,74	91,92	55,32
Lagosta	11,88	41,46	80,56	80,67	87,67	66,48	48,96
Camarão branco	14,4	41,01	68,77	73,17	52,87	42,34	55,62
Siri	31,73	32,98	43,88	49,12	33,26	20,77	34,65
Camarão barba ruça	1,11	4,35	17,82	41,57	34,55	42,6	26,37
Camarão santana	-	0,15	0,96	12,6	14,23	13,17	11,51
Camarão peneídeo	1,4	1,82	5,36	20,84	8,77	5,39	1,48
Guaiamum	0,05	0,23	0,7	4,96	2,31	2,22	1,61

Moluscos

O grupo dos moluscos registrou uma produção acumulada de 436,64 mil toneladas no intervalo de 1950 a 2022. Com uma média anual de 5,98 mil toneladas.

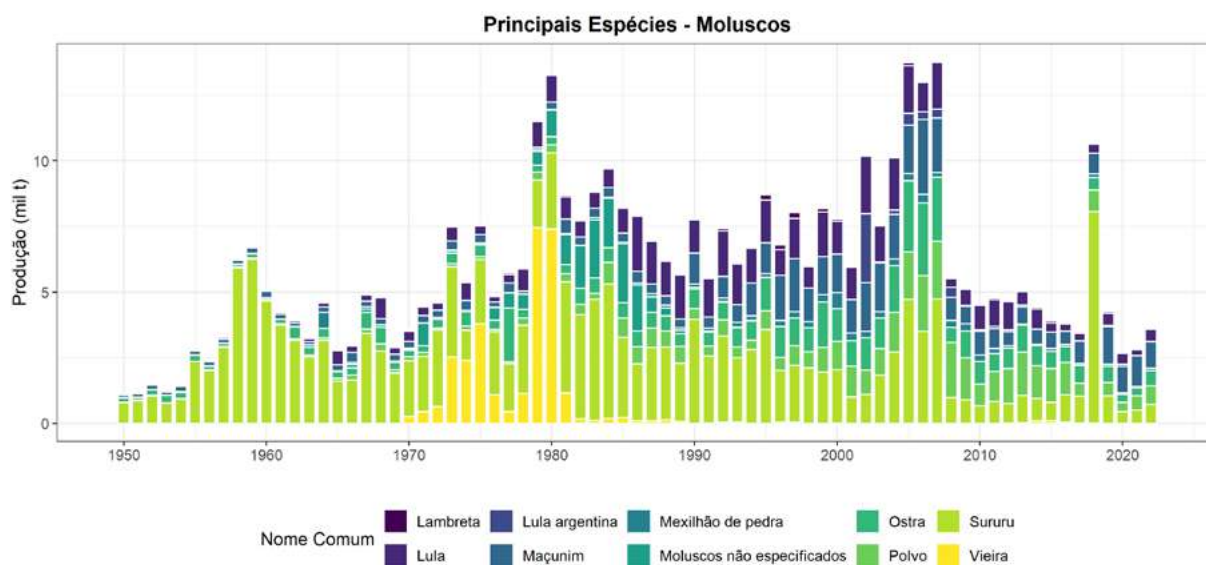


Figura 9. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022.

O sururu (Figura 9, Tabela 8) liderou o ranking do grupo com 177,18 mil toneladas, equivalendo a 40,57% do desembarque total de moluscos (média de 2,42 mil t/ano), seguido da lula, com um total de 53,81 mil toneladas (12,32%).

A lista dos cinco recursos principais inclui ainda a ostra, com 49,44 mil toneladas (11,32%), o maçonim, com 49,30 mil toneladas (11,29%), e o polvo, com 41,69 mil toneladas (9,55%).

Tabela 8. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinada espécie para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Sururu	23,82	28,64	22,84	33,84	26,84	23,52	17,69
Lula	0,22	2,5	4,87	11,44	13,99	13,67	7,12
Ostra	1,7	3,41	5,22	5,3	9,58	15,9	8,35
Maçonim	1,48	2,2	2,62	3,73	11,98	16,47	10,81
Polvo	0,27	1,13	1,49	5,44	5,69	15,54	12,15
Vieira	-	-	20,19	9,64	0,17	0,02	0,29
Moluscos não especificados	-	0,27	3,22	12,88	0,18	-	-
Mexilhão de pedra	0,2	1,1	0,31	0,63	1,85	2,97	1,28
Lula argentina	-	-	-	-	-	4,33	0,47
Lambreta	0,1	0,26	0,39	0,3	1	0,4	0,65



Capítulo 4: Análise – Recursos Marinhos provenientes da Produção Artesanal

Nacional

A pesca artesanal marinha acumulou uma produção total de 14,62 milhões de toneladas entre os anos de 1950 e 2022 (Figura 10, Tabela 9), com média anual de desembarque de 200,34 mil toneladas, demonstrando o papel fundamental do setor e sua capilaridade ao longo de toda a costa brasileira.

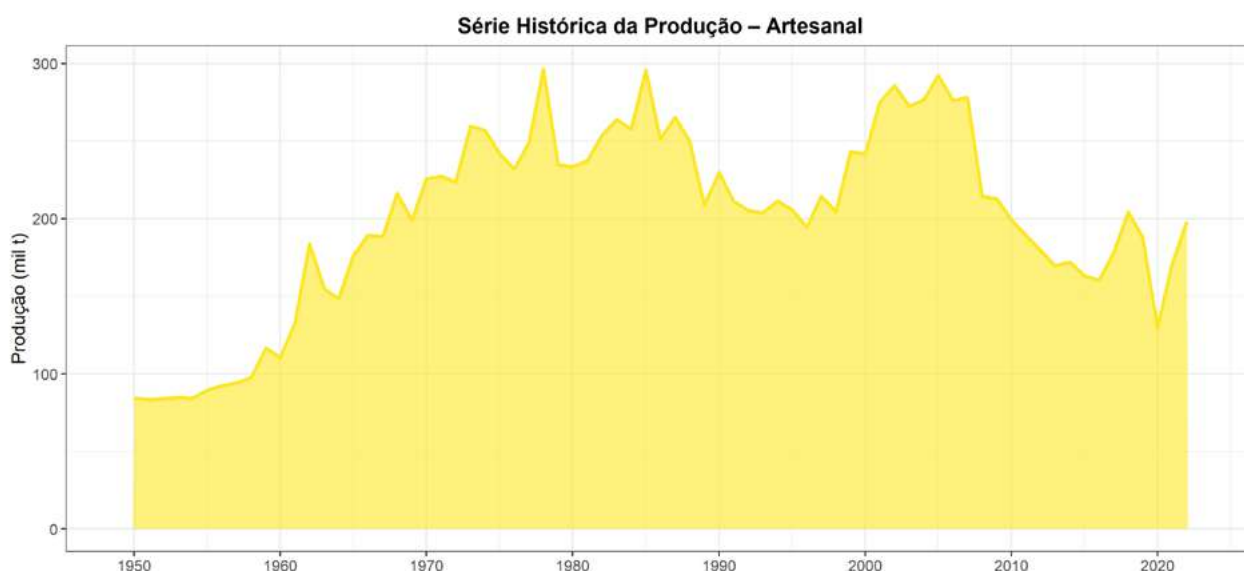


Figura 10. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) entre os anos de 1950 e 2022.



Tabela 9. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) entre os anos de 1950 e 2022.

Ano	Produção (mil t)
1950	84,45
1951	83,35
1952	84,12
1953	84,85
1954	84,36
1955	89,50
1956	92,35
1957	94,02
1958	97,63
1959	116,58
1960	110,43
1961	133,04
1962	183,65
1963	154,61
1964	148,64
1965	176,33
1966	189,13
1967	188,57
1968	216,15
1969	198,98
1970	225,73
1971	227,30
1972	223,51
1973	259,64
1974	257,04
1975	241,85
1976	231,93
1977	248,91
1978	296,64
1979	234,49
1980	233,32
1981	237,45
1982	253,31
1983	263,76
1984	257,56

1985	295,58
1986	251,23
1987	265,28
1988	250,04
1989	208,82
1990	229,78
1991	211,46
1992	205,20
1993	203,87
1994	211,31
1995	205,89
1996	194,46
1997	214,49
1998	204,50
1999	243,06
2000	241,78
2001	274,93
2002	285,94
2003	272,52
2004	276,58
2005	292,20
2006	276,26
2007	278,27
2008	214,27
2009	212,87
2010	199,32
2011	189,30
2012	179,41
2013	169,63
2014	172,05
2015	163,11
2016	160,40
2017	177,86
2018	204,18
2019	187,65
2020	129,49
2021	170,69
2022	198,02

Participação artesanal no desembarque marinho de 1950-2022

Por unidades da federação

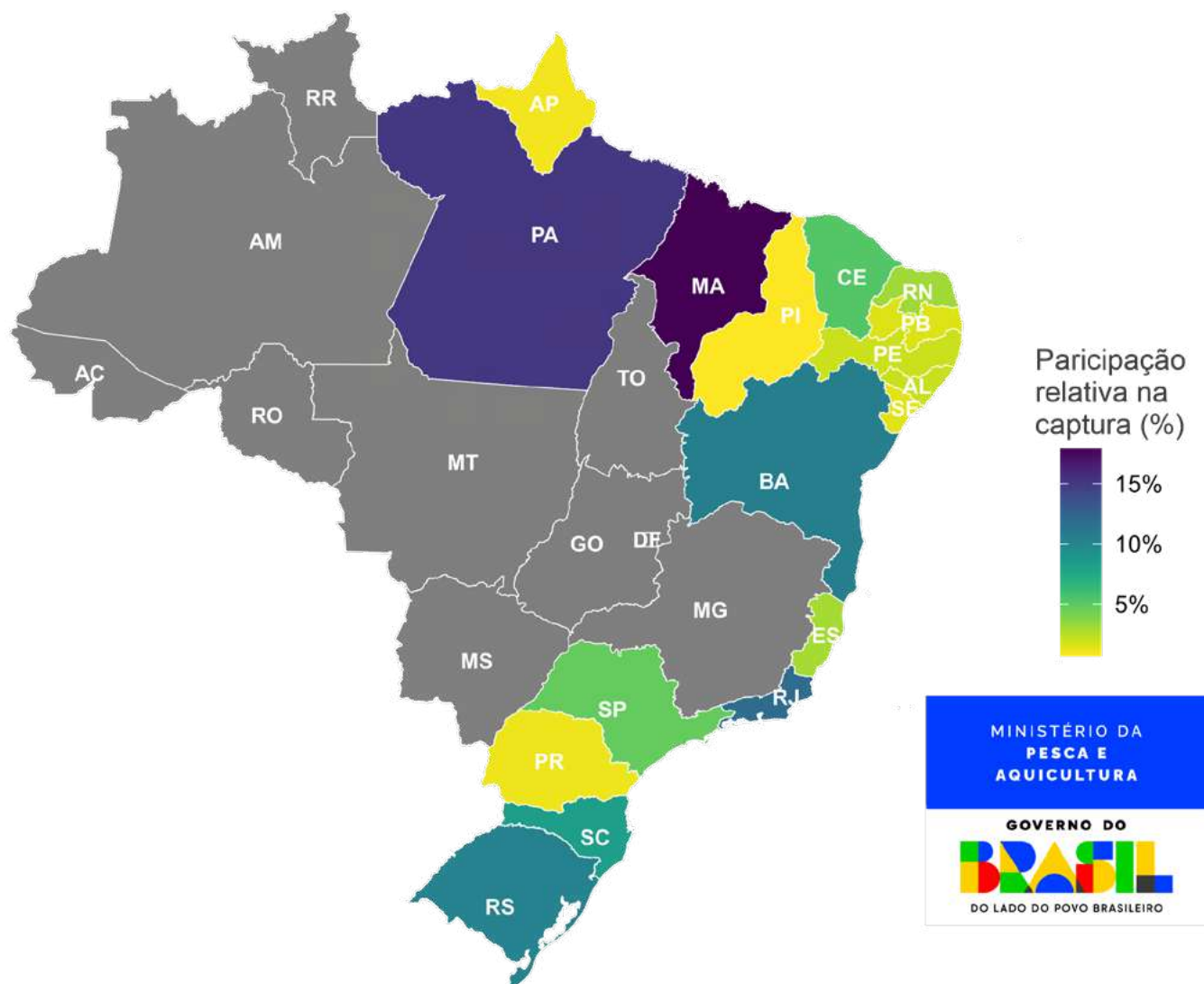


Figura 11. Participação da produção pesqueira marinha artesanal por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

Do ponto de vista geográfico (Figura 11), observou-se maior concentração da produção artesanal nos estados das regiões Norte e Nordeste, correspondendo a 44,56% do desembarque total. O Maranhão liderou a participação nacional com 17,9% do volume total, seguido pelo Pará, com 15,13%. O Rio de Janeiro destacou-se com 11,88%, a Bahia (10,53%) e o Rio Grande do Sul (10,32%) completaram a lista dos cinco estados com maior representatividade na produção artesanal histórica.

Peixes

O segmento artesanal registrou um desembarque acumulado de 11,52 milhões de toneladas de peixes no período de 1950 a 2022, com média anual de 157,9 mil toneladas. As dez principais espécies deste setor concentram cerca de 45,91% de toda a produção de peixes na pesca artesanal (Figura 12, Tabela 10).

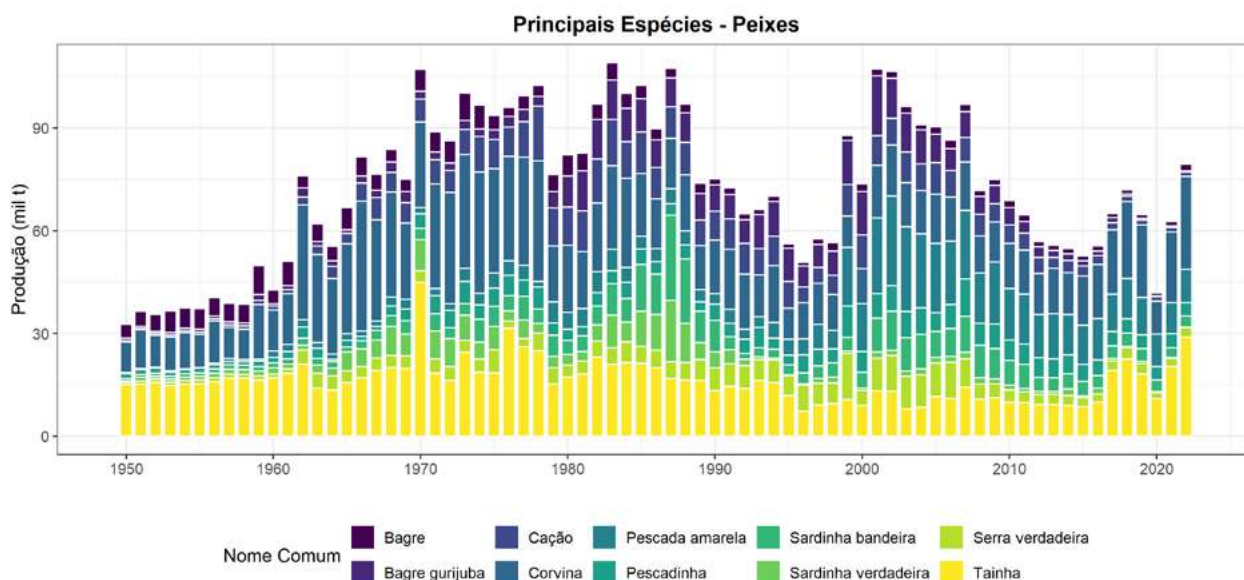


Figura 12. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de peixes, entre os anos de 1950-2022.

A corvina liderou o ranking do setor com um total de 1,31 milhão de toneladas acumuladas para o período, o que representou 11,43% da produção de peixes e média de 18,05 mil t/ano, seguido da tainha 1,18 milhão de toneladas acumuladas (correspondendo a 10,26% do desembarque) e média de 16,20 mil t/ano (Figura 12, Tabela 10).

O ranking seguiu com a pescada amarela, que registrou o acumulado de 513,79 mil toneladas (4,46%) e média de 7,04 mil t/ano, seguida por cação, com 433,17 mil toneladas (3,75%) e com média de 5,93 mil t/ano. A sardinha bandeira fechou a lista dos cinco principais recursos com um volume total de 373,53 mil toneladas (3,24%) e média de 5,11 mil t/ano.

Tabela 10. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Corvina	105,98	254,74	300,76	183,35	129,59	129,86	213,28
Tainha	157,57	175,73	239,17	191,61	122,25	110,45	186,2
Pescada amarela	4,18	19,77	33,79	46,59	56,62	200,03	152,82
Cação	6,74	37,21	92,4	107,37	74,19	78,79	36,48
Sardinha bandeira	10,23	22,53	49	108,51	37,75	90	55,53
Bagre gurijuba	8,42	18,81	28,4	96,22	84,04	96,01	22,11
Serra verdadeira	10,01	32,52	40,09	48,92	71,92	80,83	36,26
Pescadinha	12,9	21,21	51,31	37	48,3	73,29	62,31
Bagre	56,67	48,36	53,14	40,96	16,77	20,01	19
Sardinha verdadeira	11,04	39,95	58,93	80,91	16,33	15,75	10,57

Crustáceos

Os crustáceos somaram uma produção total de 2,76 milhões de toneladas com origem artesanal entre 1950 e 2022, correspondendo a média anual de

37,76 mil toneladas. As cinco espécies principais responderam por mais de 88% do desembarque total de crustáceos provenientes da pesca artesanal (Figura 13, Tabela 11).

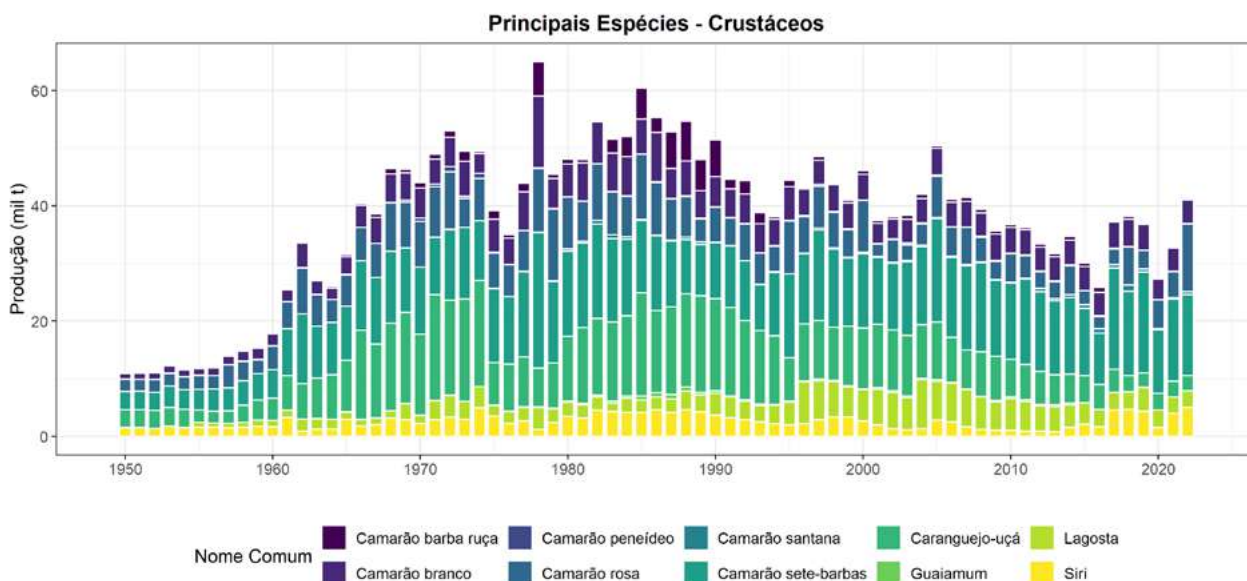


Figura 13. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950-2022.

O camarão sete-barbas foi a espécie mais desembarcada, com um acumulado de 831,61 mil toneladas para o período, representando 30,17% do grupo no setor (média de 11,39 mil t/ano) (Figura 13, Tabela 11). O caranguejo-uçá ocupou a segunda posição com 656,96 mil toneladas, detendo 23,97% da produção de crustáceos e média anual de 9,05 mil toneladas.

Além destes, completaram a lista o camarão rosa, que registrou 411,16 mil toneladas (14,91%) e média de 5,63 mil t/ano, seguido pelo camarão branco, com 314,84 mil toneladas (11,42%) e média de 4,31 mil t/ano, e por fim, a lagosta, com produção acumulada de 228,39 mil toneladas (8,28%) e média anual de 3,12 mil toneladas.

Tabela 11. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Camarão sete-barbas	36,89	99,98	133,58	128,69	117,59	137,3	177,58
Caranguejo-uçá	28,52	98,94	123,79	145,74	116,74	91,92	55,32
Camarão rosa	25,13	59,59	81,4	78,95	60,6	47,54	57,94
Camarão branco	12,92	33,68	58,83	63,71	48,72	41,87	55,12
Lagosta	4,47	15,39	27,55	23,64	46,05	62,33	48,95
Siri	15,52	21,23	28,4	41,53	28,24	17,8	33,1
Camarão barba ruça	1,11	3,94	15,1	34,13	15,4	5,71	4,88
Camarão santana	-	0,05	0,35	3,67	1,15	1,96	6,23
Guaiamum	0,05	0,23	0,7	4,96	2,31	2,22	1,61
Camarão peneídeo	0,6	0,92	3,59	0,71	1,6	1,33	1,48

Moluscos

O grupo dos moluscos apresentou produção histórica acumulada de 339,67 mil toneladas, com média anual de 4,65 mil toneladas. Dez principais espécies

representaram 99,73% do total desembarcado, sendo que as seis primeiras, responderam a 94,61% de toda a produção nacional de moluscos (Figura 14, Tabela 12).

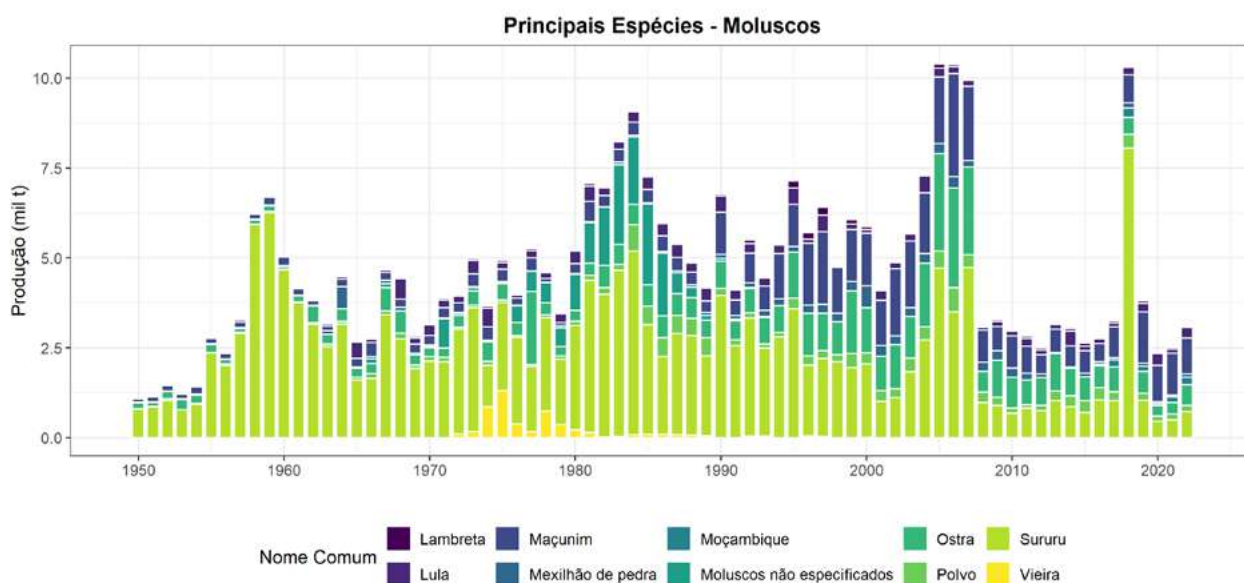


Figura 14. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950-2022.

O sururu liderou o ranking, acumulando 177,18 mil toneladas (Figura 14, Tabela 12), correspondendo a mais da metade da produção de moluscos do setor (52,16%), com média anual de 2,42 mil toneladas. Em segundo lugar, a ostra apresentou uma produção total de 49,42 mil toneladas (14,55%), com média de 677 toneladas/ano.

Ainda dentro das seis principais espécies de mo-

luscas desembarcadas pela pesca artesanal (Figura 14, Tabela 12), o maçunim, com 49,30 mil toneladas (14,51%), seguido por moluscos não especificados, com 16,42 mil toneladas (4,83%) e média anual de 224 toneladas. Por fim, a lula com produção acumulada de com 14,71 mil toneladas (4,33%) e o polvo fecharam a lista, com produção acumulada de 14,31 mil toneladas (4,21%) e média anual de 196 toneladas.



Tabela 12. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Sururu	23,82	28,64	22,84	33,84	26,84	23,52	17,69
Ostra	1,7	3,41	5,22	5,27	9,58	15,9	8,35
Maçunim	1,48	2,2	2,62	3,73	11,98	16,47	10,81
Moluscos não especificados	-	0,26	3,14	12,84	0,18	-	-
Lula	0,19	1,58	2,47	3,15	2,71	2,05	2,57
Polvo	0,26	0,76	0,82	3,85	2,1	3,61	2,93
Mexilhão de pedra	0,2	1,1	0,31	0,44	1,85	2,96	1,28
Vieira	-	-	4,08	0,88	0,15	0,01	-
Lambreta	0,1	0,26	0,39	0,3	1	0,4	0,65
Moçambique	-	-	-	-	-	-	1,04

Regiões e Unidades da Federação

Região Norte

A região Norte (Figura 15) apresentou produção marinha acumulada da pesca artesanal de 2,36 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, e média anual de desembarque de 32,26 mil toneladas.

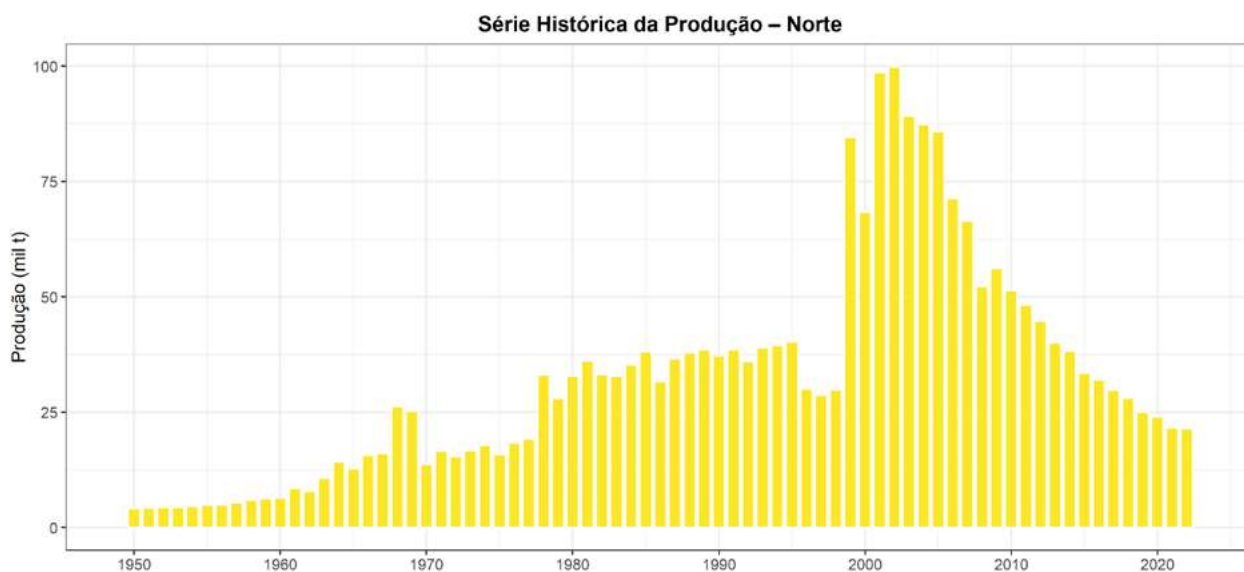


Figura 15. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Norte do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha.

Na região Norte (Figura 16), o Pará foi responsável por 93,97% da produção acumulada entre 1950-2022 (2,21 milhões de t; média de 30,31 mil t/ano), enquanto o Estado do Amapá contribuiu historicamente com 6,03% (142,02 mil t; média de 1,94 mil t/ano).

Participação artesanal no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Norte por unidades da federação

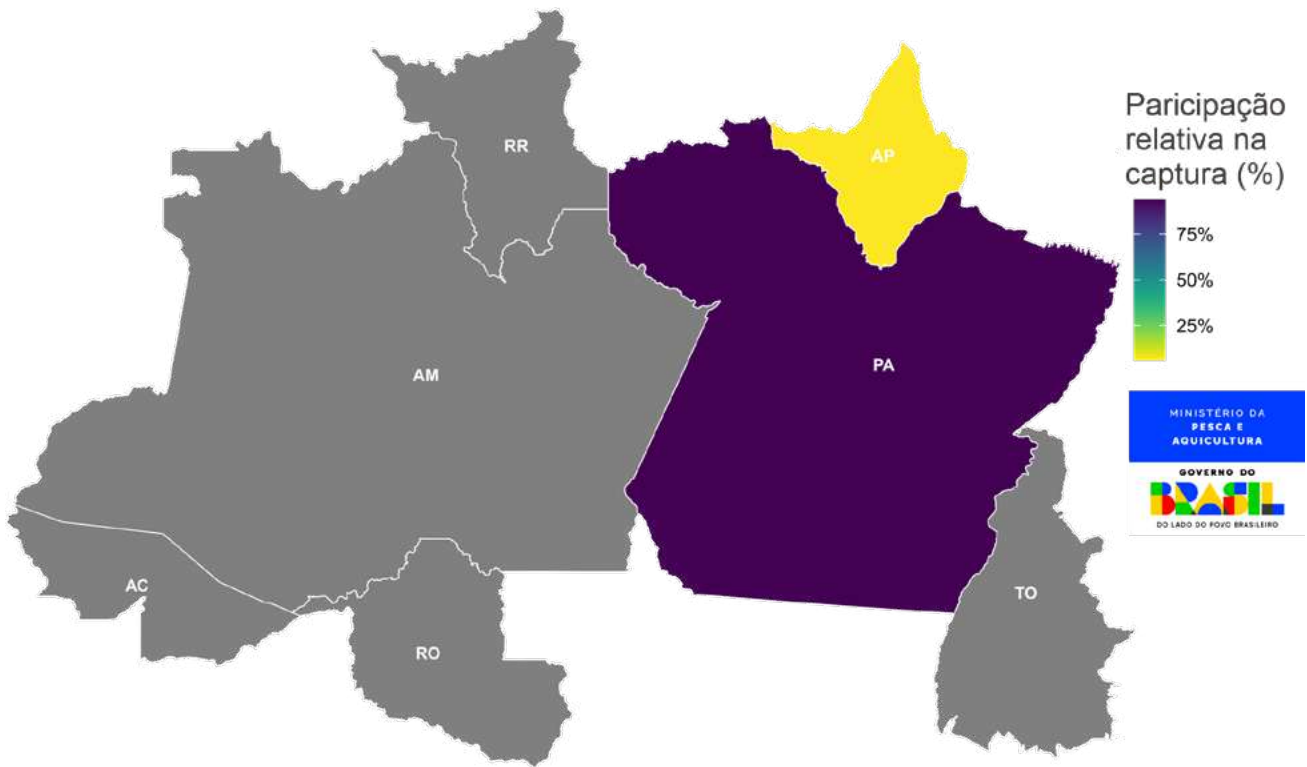


Figura 16. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Norte por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas (Figura 17), o grupo dos peixes foram o principal componente da pesca artesanal na região norte, correspondendo a 84,13% do volume total médio. Os crustáceos ocuparam a segunda posição e

representaram 13,84% dos desembarques regionais. Já os moluscos registraram uma participação de 2,01%, enquanto outros grupos menores somaram cerca de 0,02% da produção acumulada.



Foto: www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/noticias/inscricoes-abertas-para-a-plenaria-norte-2-do-plano-nacional-da-pesca-artesanal

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal na região Norte

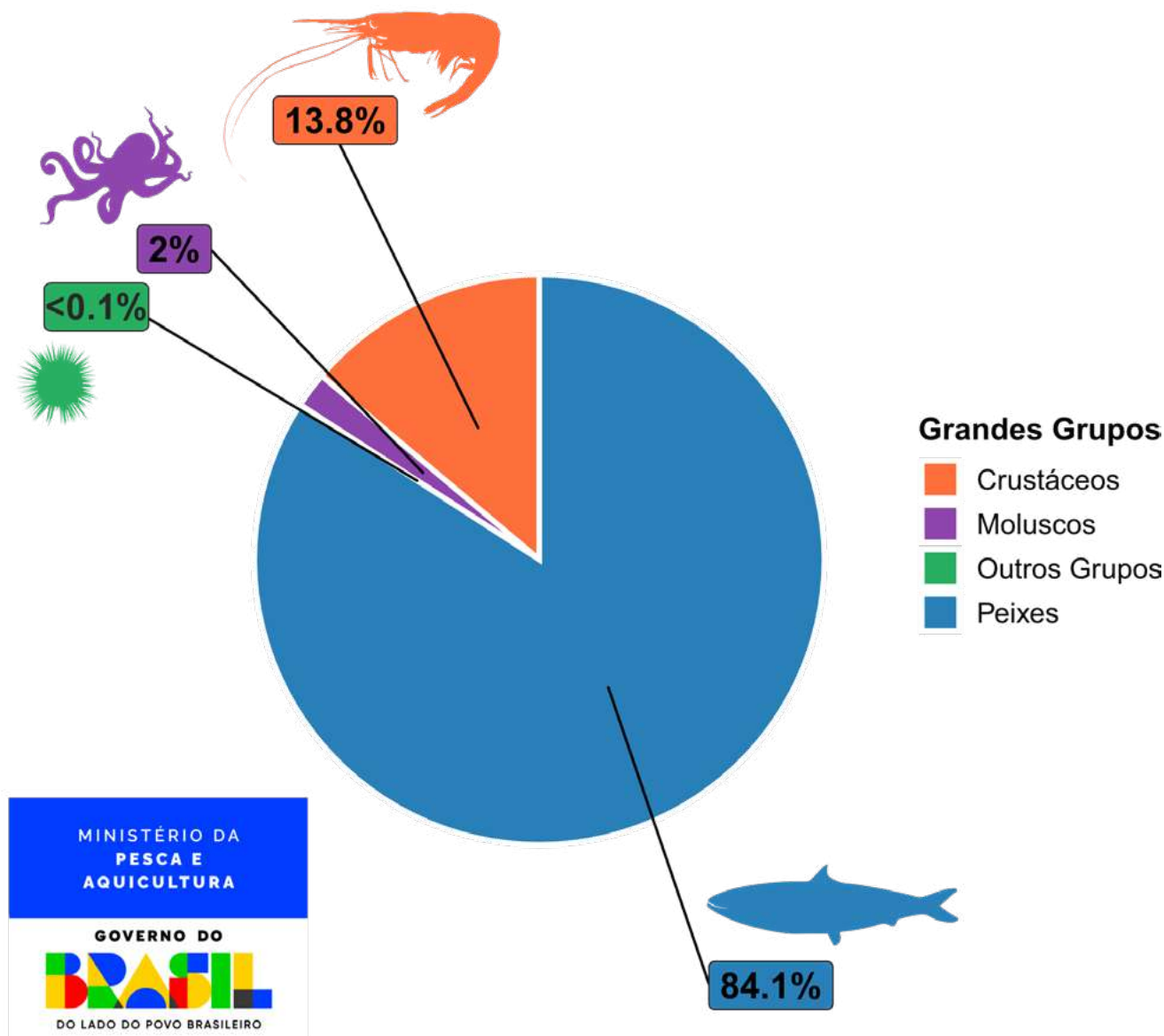


Figura 17. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

A composição dos desembarques na região (Figura 18) foi liderada pela pescada amarela com uma produção acumulada de 317,63 mil toneladas, representando 13,49% do volume total da região e média anual de 4,35 mil toneladas entre 1950-2022. Na segunda posição, o bagre gurijuba registrou 271,16 mil toneladas (11,51% de participação), com produção média de 3,71 mil t/ano.

O caranguejo-uçá ocupou o terceiro lugar no ranking

regional (Figura 18) com 264,91 mil toneladas (11,24%) e média de desembarque de 3,62 mil t/ano, seguido da tainha, que somou 175,28 mil toneladas (7,44%) e média anual de 2,40 mil toneladas.

Por fim, o cação fechou o grupo dos cinco principais recursos desembarcados pela pesca artesanal na região Norte, com produção total de 127,87 mil toneladas (5,42%) e média de 2,16 mil t/ano.

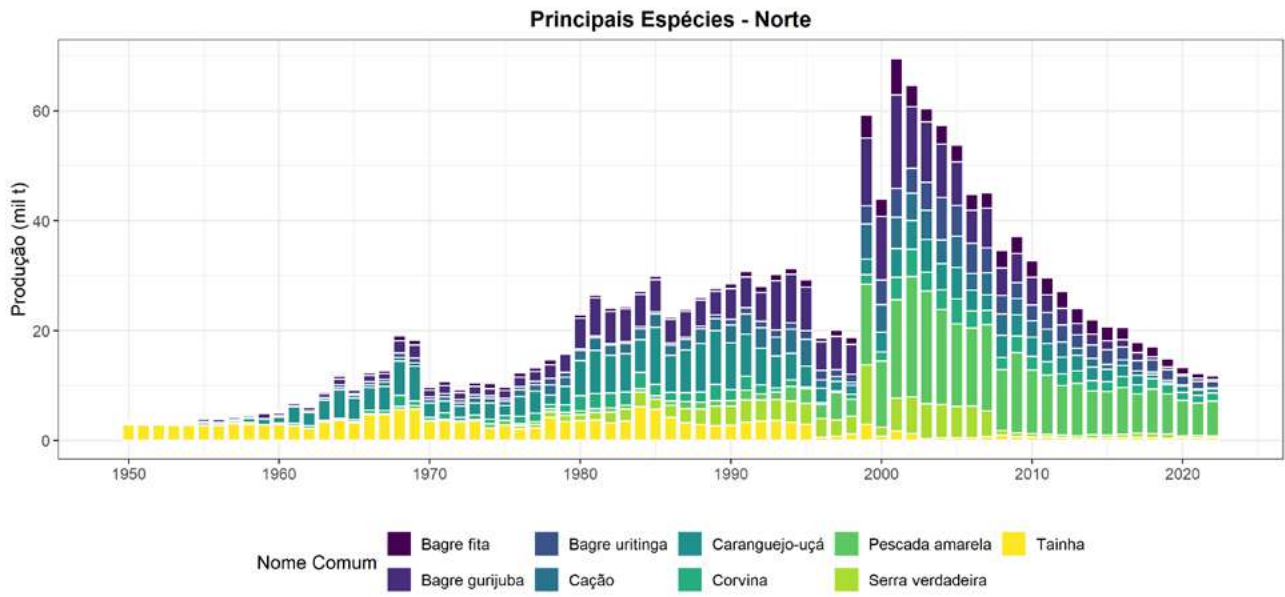


Figura 18. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.



 **Amapá**

A produção da pesca artesanal entre 1950-2022, no estado do Amapá, foi composta majoritariamente por peixes (93,7%) e crustáceos (6,3%) (Figura 19).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Amapá

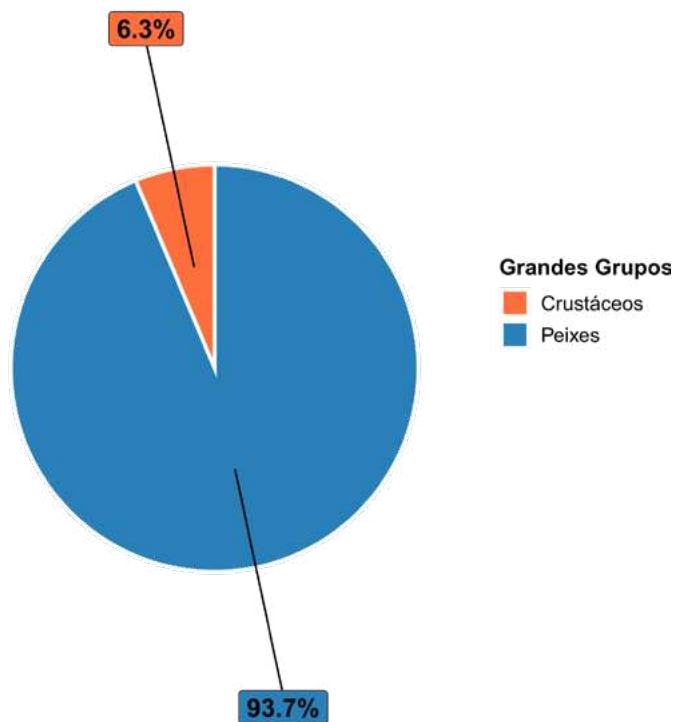


Figura 19. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados, destacaram-se a gurijuba (0,65 mil t/ano), a pescada amarela (0,33 mil t/ano) e a pescada cambuçu (0,20 mil t/ano). Além destes, observou-se também o camarão rosa e o caranguejo (Figura 20, Tabela 13).

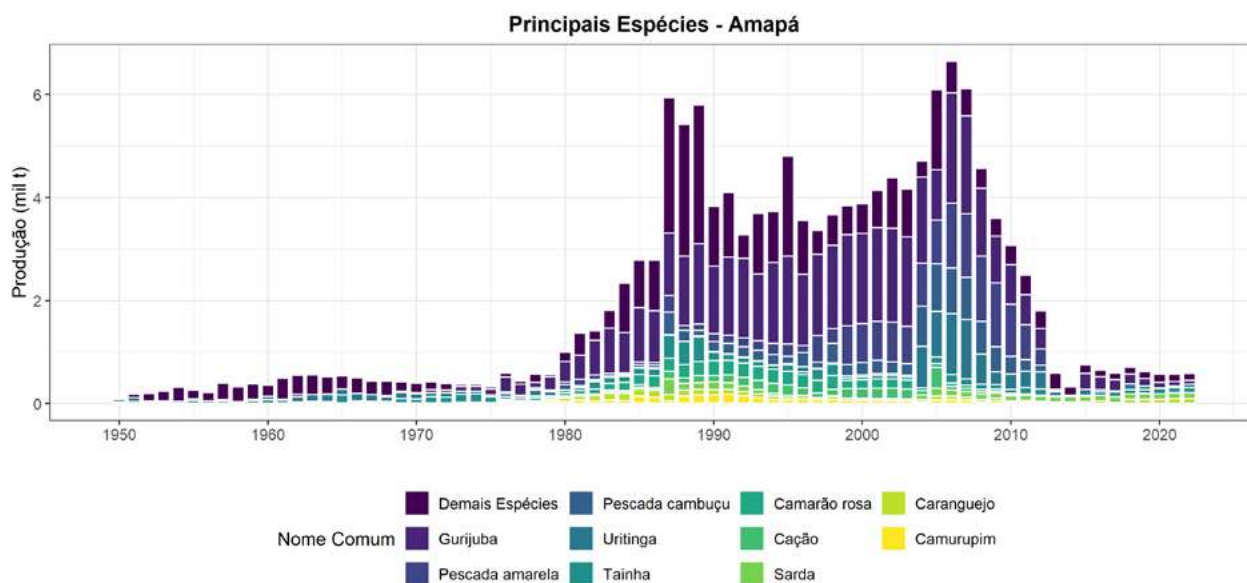


Figura 20. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 13. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Gurijuba	<0,01	0,11	1,3	9,38	15,28	16,05	3,13
Demais Espécies	1,96	3,01	0,93	11,87	9,65	6,95	2,73
Pescada amarela	-	-	0,05	0,98	2,81	9,7	2,03
Pescada cambuçu	-	-	0,07	1,04	2,14	5,47	0,72
Uritinga	0,3	1,03	0,72	0,16	0,28	4,99	1,53
Tainha	0,35	0,53	0,9	2,12	1,21	0,91	0,95
Camarão rosa	0,02	0,08	0,18	1,7	2,6	1	0,07
Cação	-	-	0,06	0,59	1,56	1,5	0,04
Sarda	-	-	0,02	0,75	0,59	0,71	1,38
Caranguejo	0,01	0,05	0,11	1,12	0,64	0,46	0,69
Camurupim	-	-	0,1	0,93	1,09	0,55	0,07



 **Pará**

A produção desembarcada pela pesca artesanal entre 1950-2022, no Pará, foi composta majoritariamente por peixes (83,5%), crustáceos (14,3%) e moluscos (2,1%) (Figura 21).

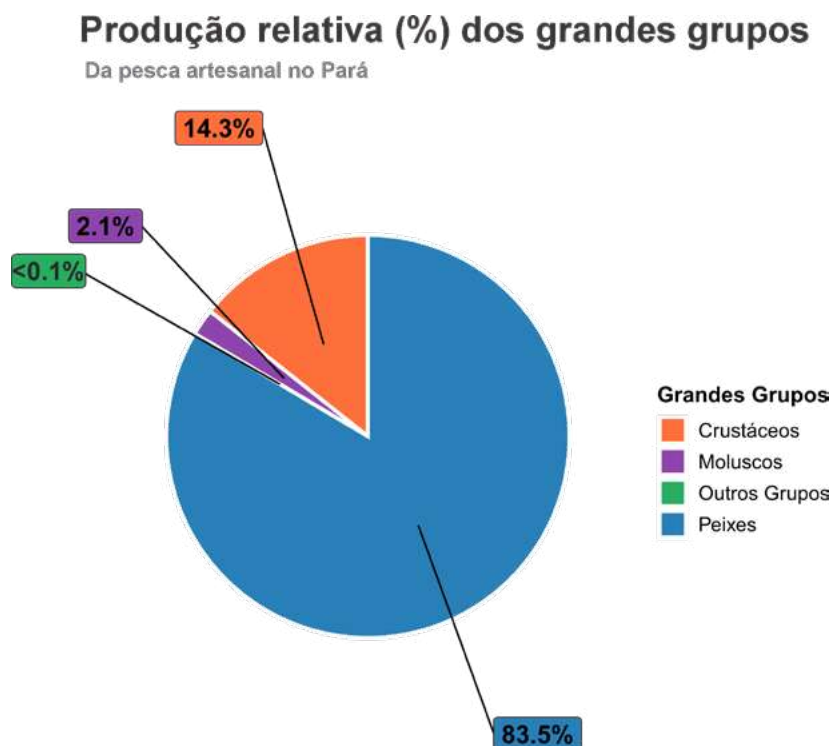


Figura 21. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Pará, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados de 1950-2022, destacaram-se a pescada amarela (4,14 mil t/ano), o caranguejo-uçá (3,59 mil t/ano) e a gurijuba (3,09 mil t/ano) (Figura 22, Tabela 14). Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022.

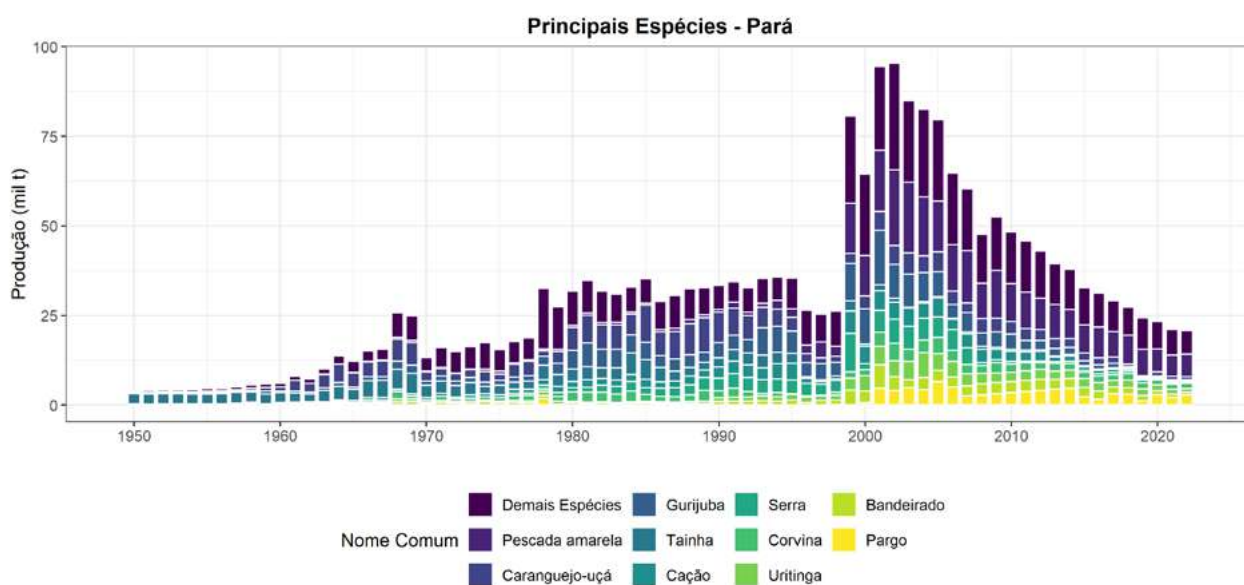


Figura 22. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 14. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	6,56	29,85	75,86	82,06	92,89	211,82	131,15
Pescada amarela	0,25	1,78	4,28	7,44	32,95	150,54	104,82
Caranguejo-uçá	3,89	40,51	26,38	76,51	45,48	44,52	24,55
Gurijuba	3,67	10,52	16,29	44,90	55,74	75,96	18,83
Tainha	27,85	38,21	29,92	36,40	23,54	6,64	5,23
Cação	-	3,42	9,74	20,28	31,08	43,49	15,38
Serra	-	-	3,41	22,36	43,40	44,63	7,01
Corvina	0,67	6,07	10,11	23,39	11,33	32,63	23,04
Uritinga	1,77	3,76	5,62	3,96	15,03	44,00	27,55
Bandeirado	1,57	4,36	6,41	4,66	13,68	33,92	27,34
Pargo	-	-	1,88	0,05	0,28	38,63	39,39



Região Nordeste

A região Nordeste (Figura 23) registrou produção acumulada de 6,52 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, resultando na média de desembarque de 89,28 mil toneladas por ano.

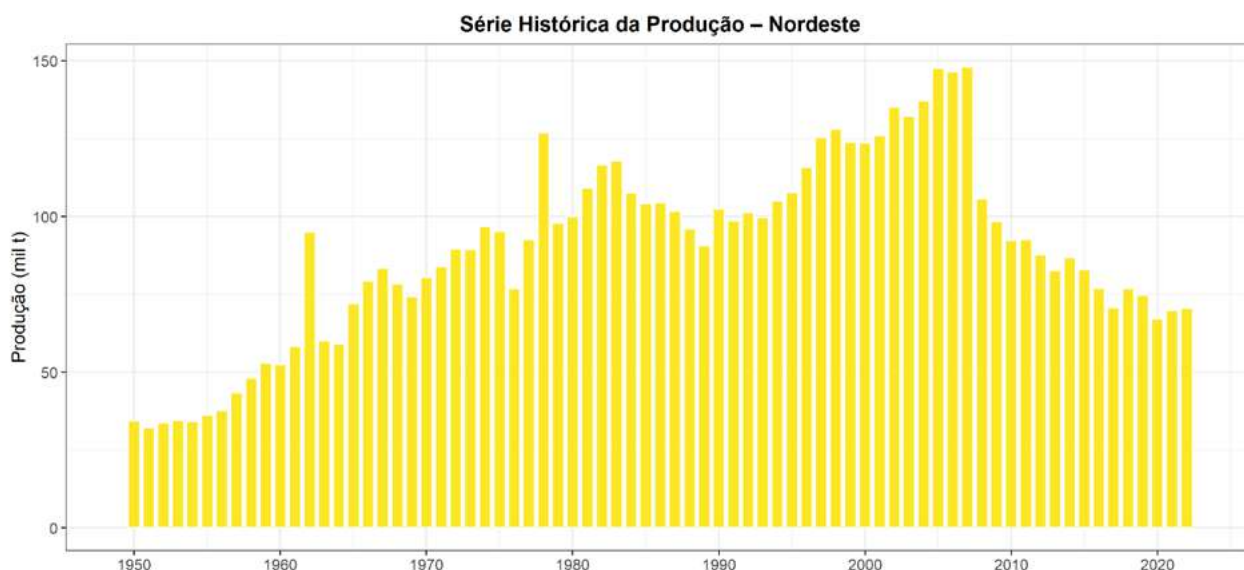


Figura 23. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Nordeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha.

O Maranhão destacou-se como principal produtor da região Nordeste, respondendo por 40,16% da produção total (2,61 milhões de t), seguido da Bahia, com uma participação de 23,63% (1,54 milhão de t), e o Ceará, contribuindo com 11,77% (767,39 mil t) (Figura 24). Os demais Estados da região (PI, RN, PB, PE, AL e SE) somaram, juntos, os 24,44% restantes do pescado desembarcado pela pesca artesanal para o período.

Participação artesanal no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Nordeste por unidades da federação

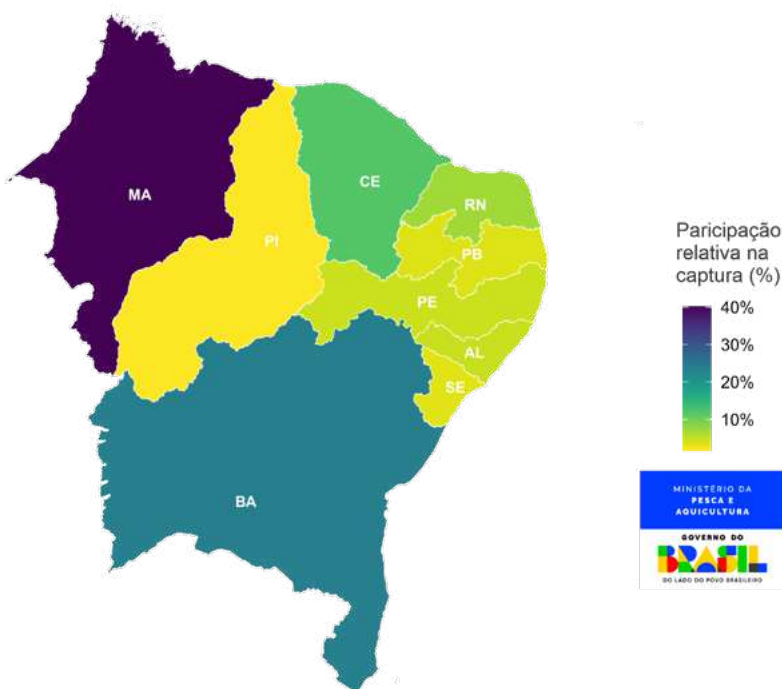


Figura 24. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas (Figura 25, Figura 24), o grupo dos peixes foi o principal componente da pesca nordestina, representando 74,02% do volume total da produção. Os crustáceos ocuparam a segunda posição e representaram 22,59% dos desembarques regionais, o grupo dos moluscos registraram uma participação de 3,38%, enquanto outros grupos menores somaram cerca de 0,01% da produção acumulada.

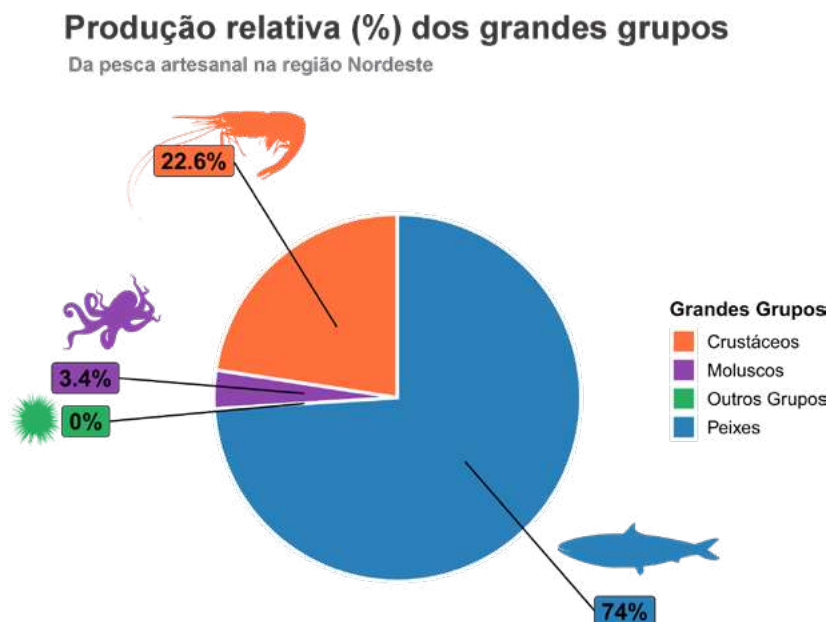


Figura 25. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

A tainha liderou a produção histórica no período de 1950-2022 (Figura 26) com 534 mil toneladas, representando 8,19% do total produzido na região e média anual de 7,31 mil toneladas. A corvina contribuiu com um total acumulado de 251 mil toneladas (3,86%) e média anual de 3,45 mil t/ano.

Entretanto, foi observada contribuições relevantes de alguns crustáceos, tais como o camarão sete-barbas que registou 415,36 mil toneladas (6,37% de participação), com média de 5,69 mil t/ano, o caranguejo-uçá, que somou 375,97 mil toneladas (5,77%) e média anual de 5,15 mil toneladas, e finalmente o camarão branco, que apresentou produção acumulada de 232,07 mil toneladas (3,56%) e média anual de 3,18 mil toneladas (Figura 26).

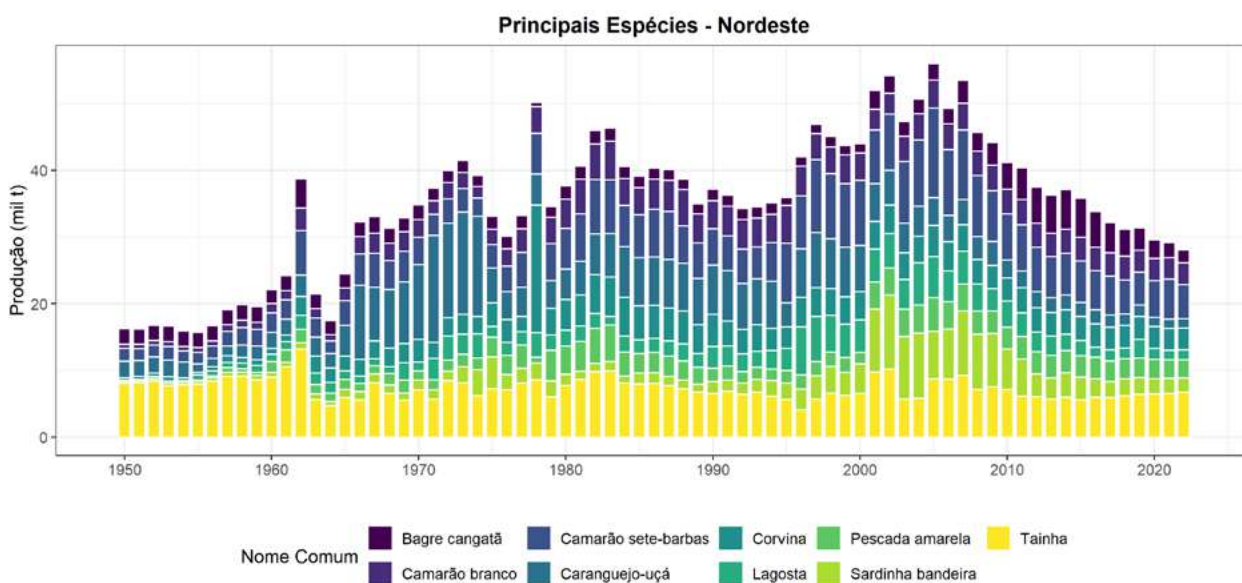


Figura 26. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

 **Alagoas**

A composição de produção da pesca artesanal em Alagoas foi constituída majoritariamente por peixes (59,7%), crustáceos (20,2%) e moluscos (20,0%) (Figura 27).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal em Alagoas

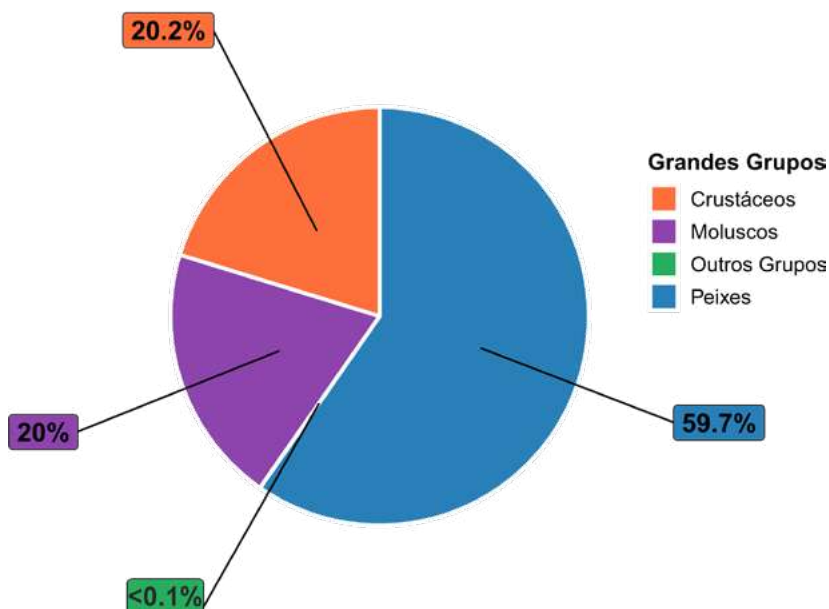


Figura 27. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022.

A tainha foi o principal recurso pesqueiro do Estado entre 1950-2022 (0,73 mil t/ano), seguida pelo sururu (0,72 mil t/ano) e camarão sete-barbas (0,44 mil t/ano) (Figura 28, Tabela 15)

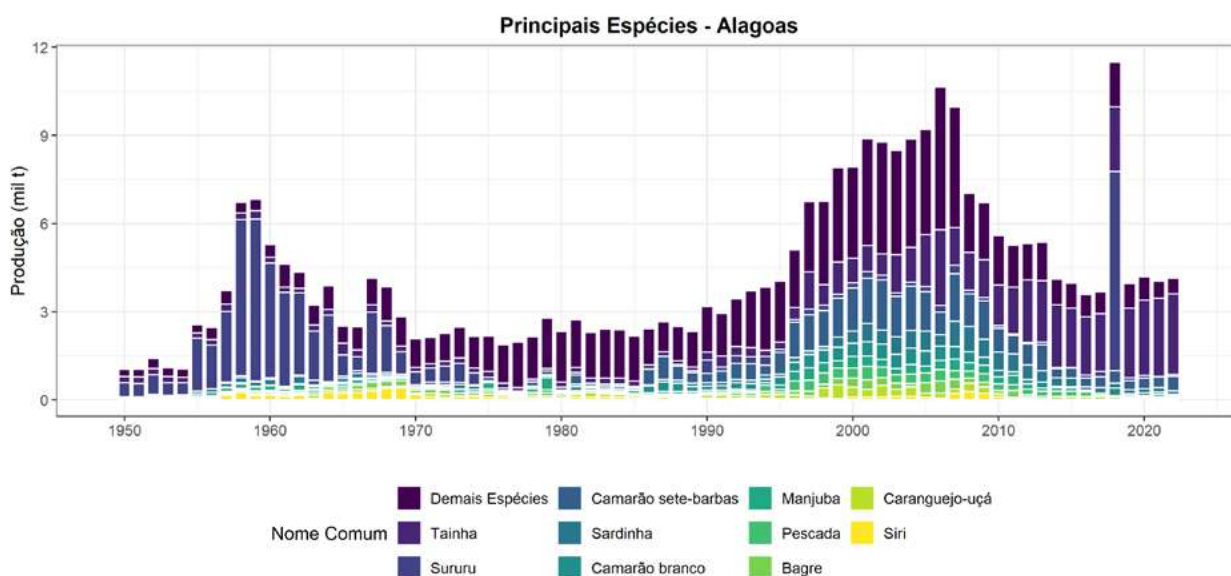


Figura 28. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 15. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	3,36	7,68	12,17	14,37	21,23	34,33	13,18
Tainha	2,14	2,14	1,48	1,68	5,18	13,12	27,83
Sururu	18,99	19,49	2,72	0,38	2,10	1,72	7,66
Camarão sete-barbas	0,16	0,66	0,75	2,74	7,88	13,77	6,33
Sardinha	0,85	1,07	0,50	0,69	1,46	6,08	3,71
Camarão branco	0,10	0,37	0,37	1,30	2,75	4,60	1,41
Manjuba	0,73	0,88	1,02	0,66	1,83	3,06	1,26
Pescada	0,38	0,62	0,46	0,37	1,94	3,32	1,49
Bagre	0,36	1,22	0,90	0,53	1,13	2,66	0,71
Caranguejo-uçá	0,19	0,68	0,69	0,73	1,76	2,52	0,79
Siri	0,66	2,32	0,93	0,74	0,42	1,35	0,33



 Bahia

A produção da pesca artesanal na Bahia foi composta por 74,0% de peixes, 23,4% de crustáceos e 2,5% de moluscos (Figura 29).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal na Bahia

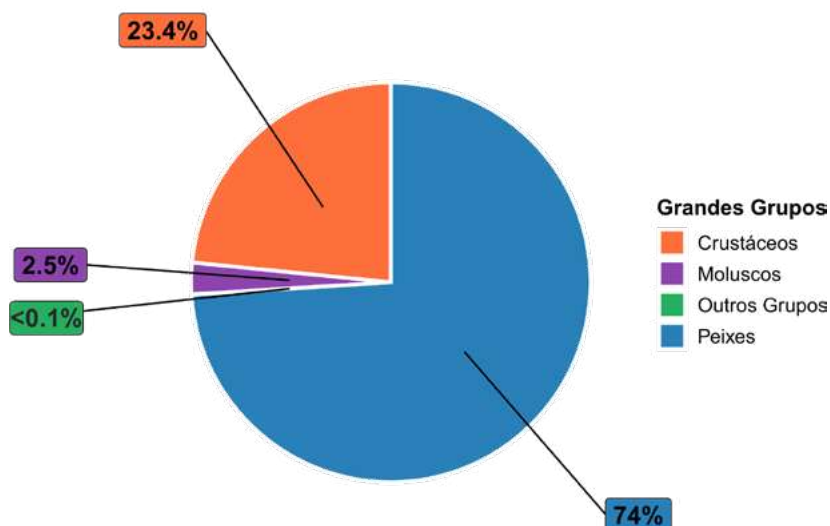


Figura 29. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados pela pesca artesanal na Bahia para o período de 1950-2022, destacaram-se o camarão sete-barbas (1,77 mil t/ano), tainha (1,42 mil t/ano) e a sardinha laje (1,20 mil t/ano) (Figura 30, Tabela 16).

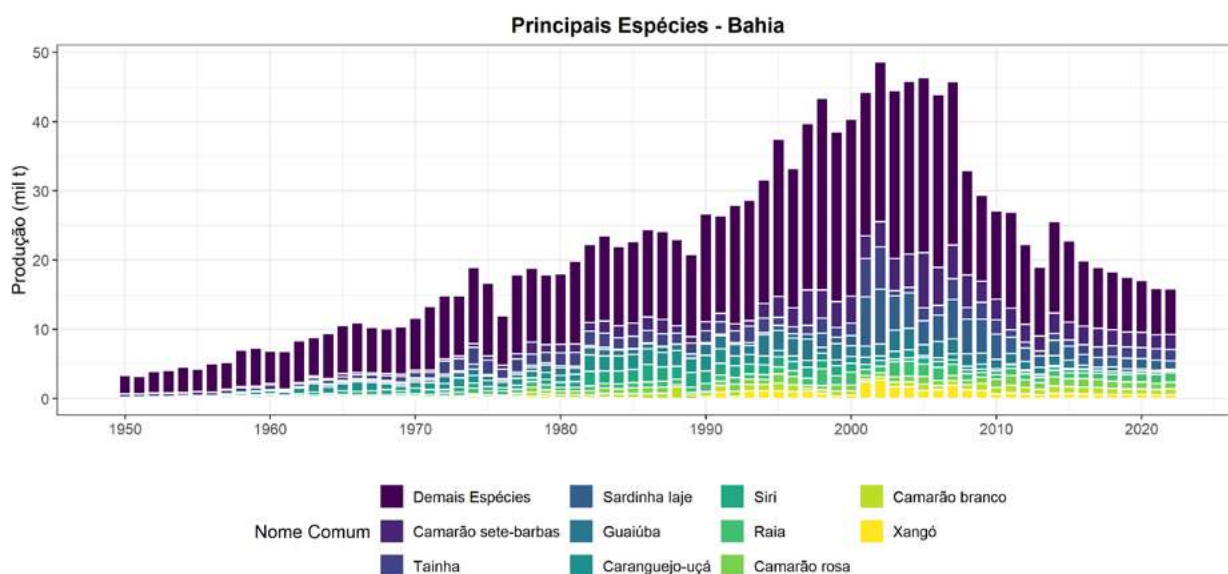


Figura 30. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 16. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	3,36	7,68	12,17	14,37	21,23	34,33	13,18
Tainha	2,14	2,14	1,48	1,68	5,18	13,12	27,83
Sururu	18,99	19,49	2,72	0,38	2,10	1,72	7,66
Camarão sete-barbas	0,16	0,66	0,75	2,74	7,88	13,77	6,33
Sardinha	0,85	1,07	0,50	0,69	1,46	6,08	3,71
Camarão branco	0,10	0,37	0,37	1,30	2,75	4,60	1,41
Manjuba	0,73	0,88	1,02	0,66	1,83	3,06	1,26
Pescada	0,38	0,62	0,46	0,37	1,94	3,32	1,49
Bagre	0,36	1,22	0,90	0,53	1,13	2,66	0,71
Caranguejo-uçá	0,19	0,68	0,69	0,73	1,76	2,52	0,79
Siri	0,66	2,32	0,93	0,74	0,42	1,35	0,33



 Ceará

Os peixes representaram 85,8% da produção da pesca artesanal registrada no Ceará, seguido por crustáceos (13,8%) e moluscos (0,4%) (Figura 31).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Ceará

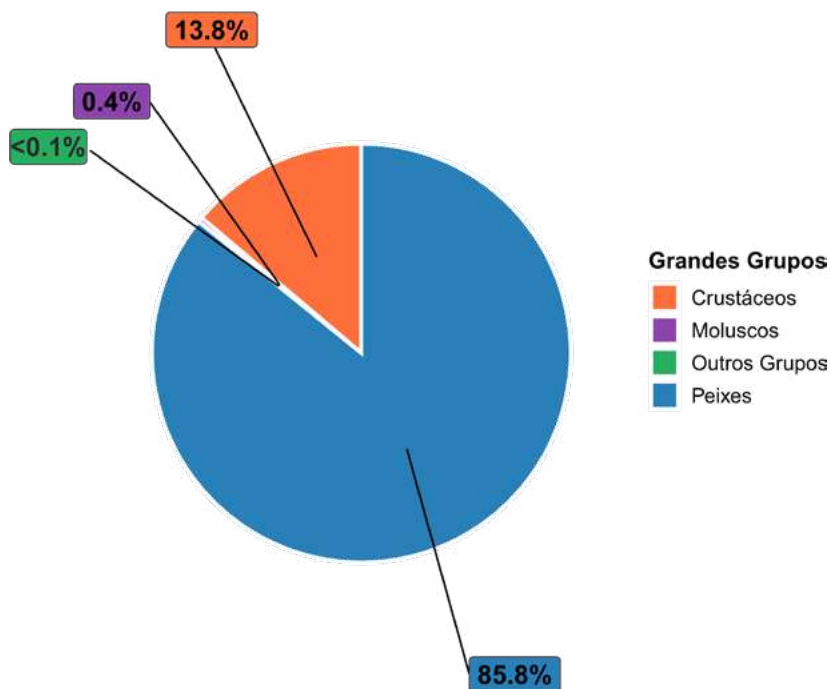


Figura 31. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022.

A lagosta vermelha foi um dos recursos pesqueiros de maior importância para a pesca artesanal do Ceará, em termos de desembarques entre 1950-2022 com produção de 0,86 mil t/ano. Em complemento, a cavala (0,75 mil t/ano) e o serra (0,72 mil t/ano) (Figura 32, Tabela 17) foram historicamente outras duas espécies de importância para o estado.

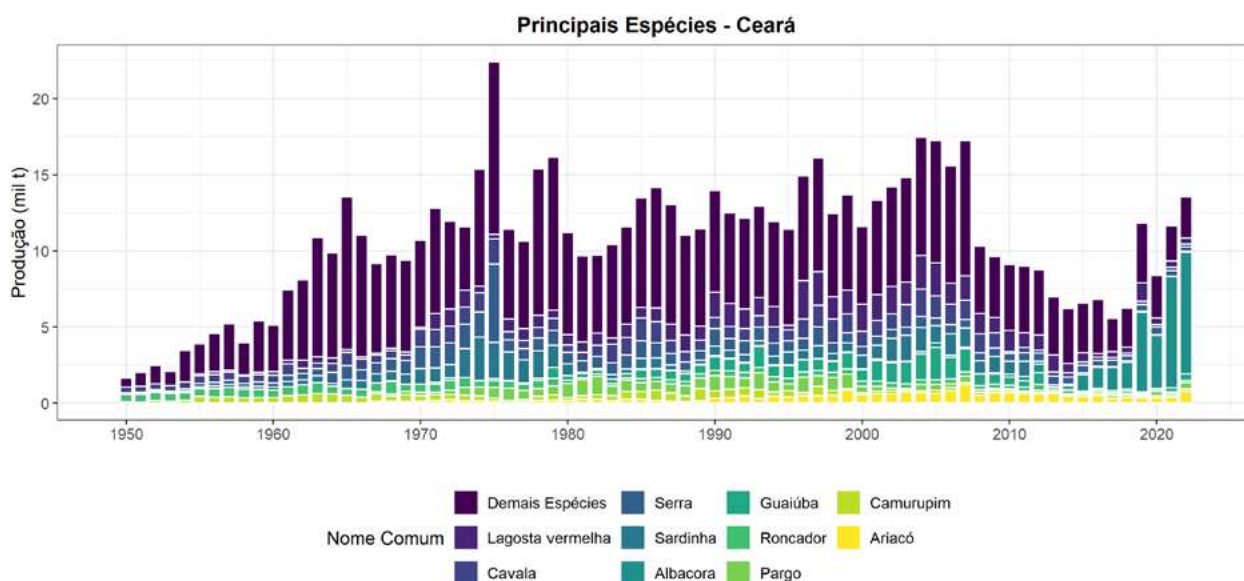


Figura 32. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022.

Cabe destacar, que a albacora (incluem mais de uma espécie) apresentou expressivo aumento nos desembarques da pesca artesanal do Estado, principalmente na última década (2010-2022) (Figura 32, Tabela 17).

Tabela 17. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950-1959	1960-1969	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	2010-2022
Demais Espécies	18,74	63,80	72,87	65,97	62,59	65,53	43,71
Lagosta vermelha	0,69	2,57	7,09	8,10	15,06	16,50	9,10
Cavala	4,51	5,53	10,00	9,21	10,33	12,65	2,86
Serra	1,74	6,39	16,02	8,08	8,66	5,74	5,80
Sardinha	1,13	4,59	16,58	3,68	6,00	12,32	2,80
Albacora	-	-	0,02	0,33	0,41	1,10	31,18
Guaiúba	-	0,06	1,47	4,15	8,55	13,03	3,13
Roncador	5,37	5,67	5,09	2,16	3,51	3,12	2,10
Pargo	-	0,46	4,95	7,65	8,23	2,74	1,85
Camurupim	2,61	4,90	2,85	4,48	4,10	1,63	1,71
Ariacó	-	0,34	1,47	1,93	4,63	7,09	6,39



 Maranhão

A produção artesanal do estado foi composta por 76,3% de peixes, 21,3% de crustáceos e 2,4% de moluscos (Figura 33).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Maranhão

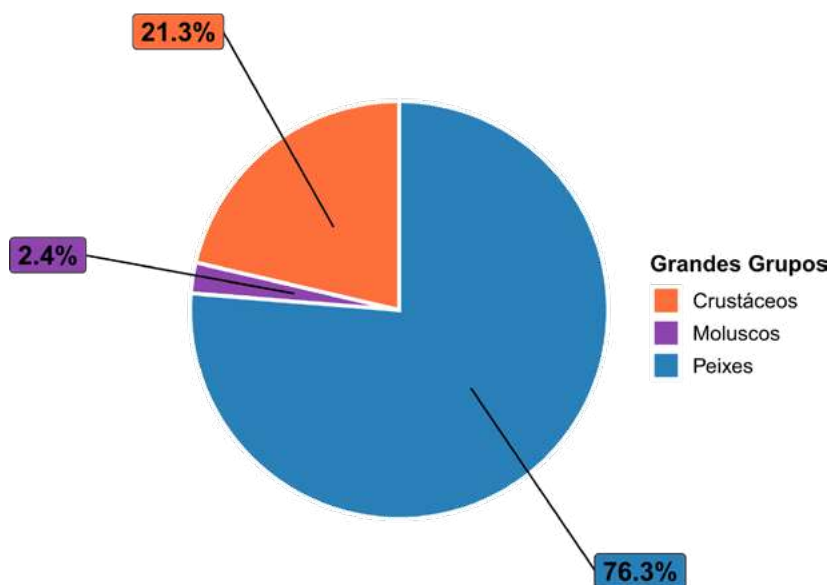


Figura 33. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022.

Dentre os principais recursos desembarcados pelas pescarias artesanais no Maranhão, foram registradas a corvina (2,87 mil t/ano), seguida da tainha (2,84 mil t/ano) e o camarão sete-barbas (2,58 mil t/ano) (Figura 34, Tabela 18). Em complemento, o cangatã (2,46 mil t/ano), o camarão branco (2,35 mil t/ano) e a pescada amarela (2,15 mil t/ano). Esses seis recursos pesqueiros, corresponderam a aproximadamente 42,55% da produção pesqueira artesanal do estado (Figura 34, Tabela 18).

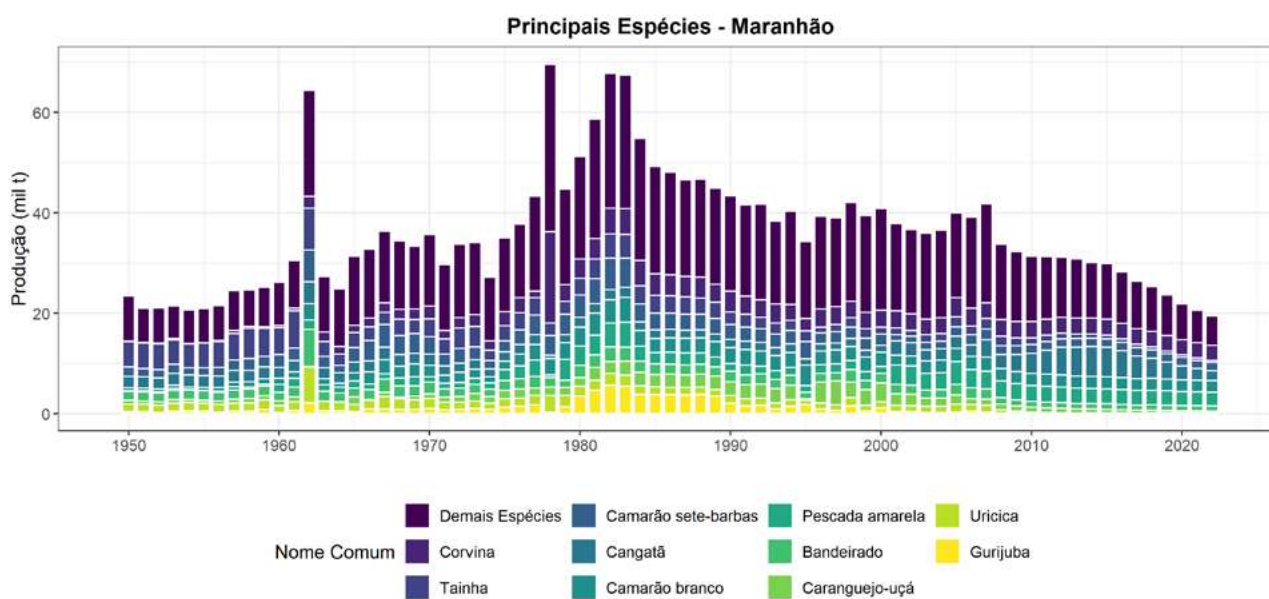


Figura 34. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 18. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	72,97	129,66	169,76	221,64	181,93	172,69	127,68
Corvina	2,44	15,92	39,06	43,71	34,47	33,44	40,54
Tainha	51,64	40,53	31,62	37,40	19,94	16,17	10,10
Camarão sete-barbas	18,25	34,24	30,02	40,84	26,33	17,27	21,72
Cangatã	23,05	24,34	17,53	17,70	15,34	25,69	56,25
Camarão branco	7,37	19,47	22,58	35,42	30,55	24,76	31,17
Pescada amarela	2,77	14,77	18,47	31,79	16,70	34,00	38,22
Bandeirado	18,41	25,38	18,40	22,82	18,75	17,71	13,94
Caranguejo-uçá	7,24	5,73	14,19	25,00	29,42	17,85	8,49
Uricica	15,71	23,41	18,50	17,32	13,21	11,32	2,01
Gurijuba	4,75	8,18	10,73	41,88	13,02	4,01	0,15



Paraíba

Os crustáceos (59,4%) constituíram o principal grupo desembarcado pela pesca artesanal na Paraíba, seguido dos peixes (36,6%) e moluscos (4,0%) (Figura 35).

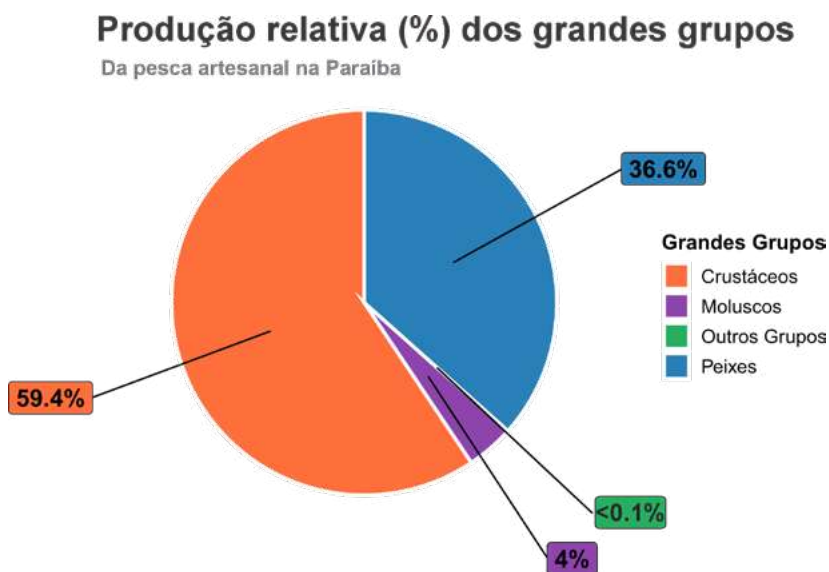


Figura 35. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados no estado pela frota artesanal, destacaram-se o caranguejo-uçá (1,35 mil t/ano), a lagosta vermelha (0,16 mil t/ano) e o camarão (0,14 mil t/ano) (Figura 36, Tabela 19).

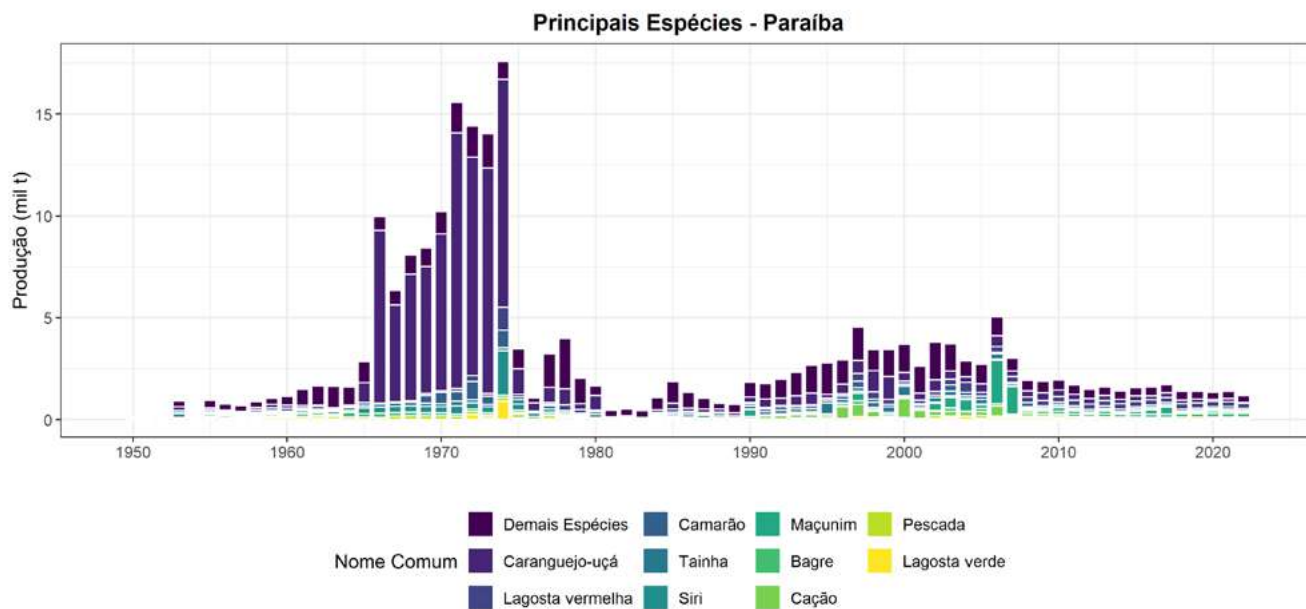
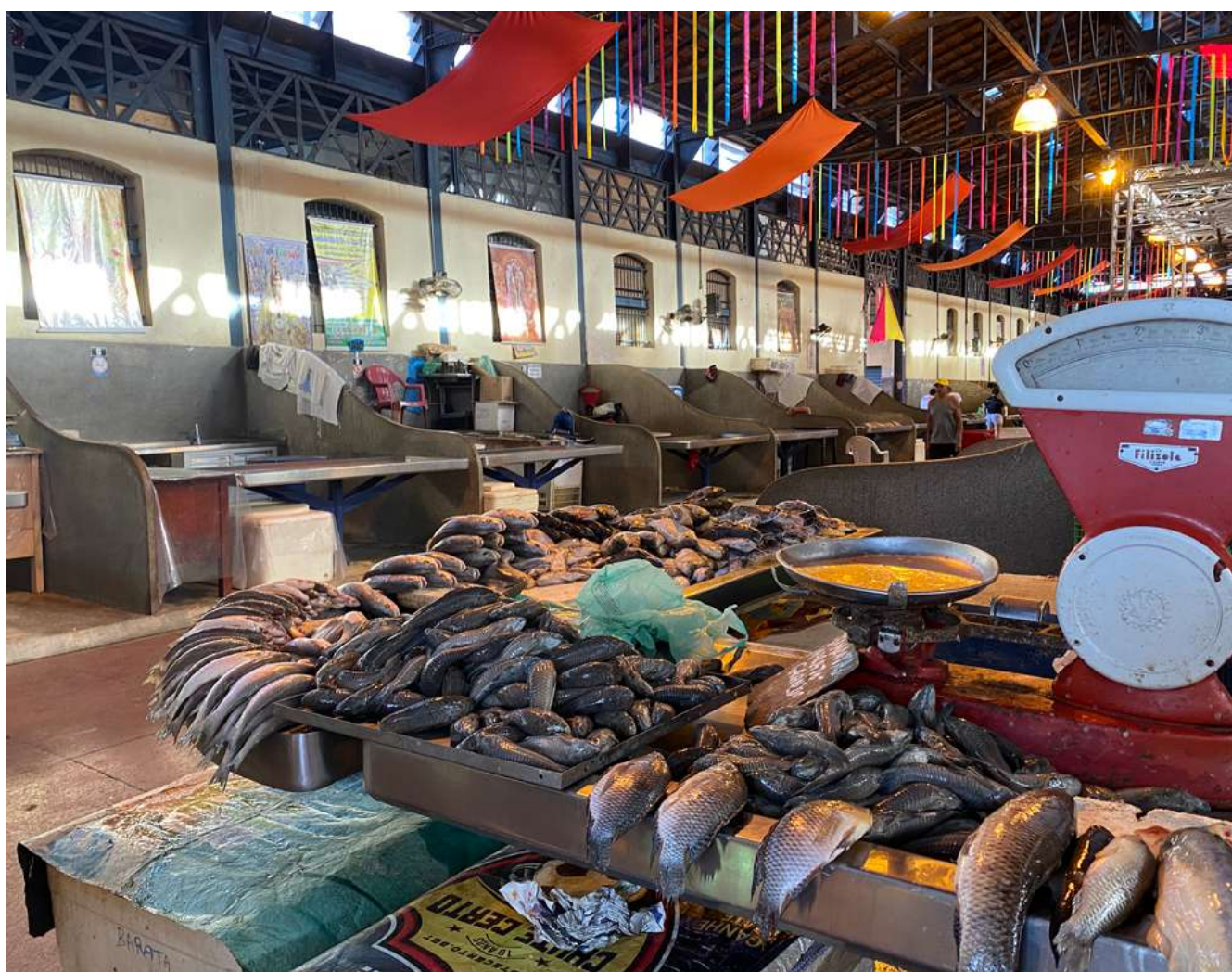


Figura 36. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 19. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	1,91	8,46	13,26	5,11	11,68	10,30	5,36
Caranguejo-uçá	0,77	27,14	56,73	1,80	5,54	3,86	2,66
Lagosta vermelha	0,43	0,51	2,46	0,55	1,46	2,64	3,42
Camarão	0,60	0,92	3,59	0,71	1,60	1,33	1,48
Tainha	0,32	1,29	1,32	0,87	2,22	1,91	1,03
Siri	0,61	1,85	4,20	0,16	0,50	0,49	0,51
Maçunim	-	-	-	0,03	1,16	5,33	1,41
Bagre	0,58	1,43	0,97	0,10	0,45	0,93	2,13
Cação	-	-	0,28	0,33	2,29	2,94	0,25
Pescada	0,27	1,30	1,20	0,16	0,37	0,73	1,09
Lagosta verde	0,35	0,34	1,61	0,16	0,48	0,88	0,43



 Pernambuco

Para Pernambuco a produção da pesca artesanal foi composta majoritariamente por peixes (75,5%), seguida de crustáceos (15,9%) e moluscos (8,6%) (Figura 37).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal em Pernambuco

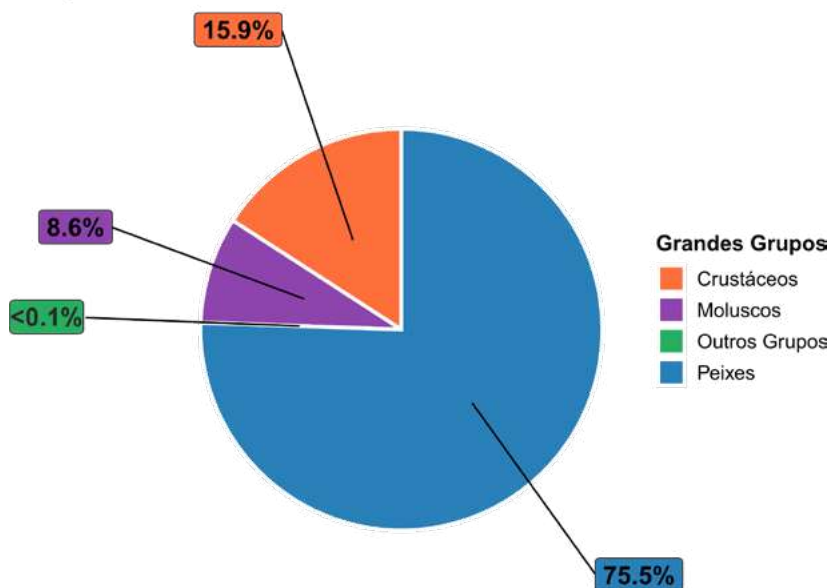


Figura 37. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022.

A manjuba (0,47 mil t/ano) foi a espécie mais importante para a pesca artesanal no Estado de Pernambuco entre 1950 e 2022. Em seguida, observa-se a lagosta vermelha (0,23 mil t/ano) e o saramonete (0,18 mil t/ano) (Figura 38, Tabela 20). Adicionalmente, no período mais recente (2000–2022), alguns recursos apresentaram destaque nos desembarques, entre eles a tainha (0,17 mil t/ano), curimã (0,15 mil t/ano) e o camarão sete-barbas (0,14 mil t/ano). Em contrapartida, embora com um aumento entre 2000 e 2009, observou-se uma queda significativa da produção de sururu (0,17 mil t/ano) e ostras (0,17 mil t/ano) para o período de 2010–2022 (Figura 38, Tabela 20).

Principais Espécies - Pernambuco

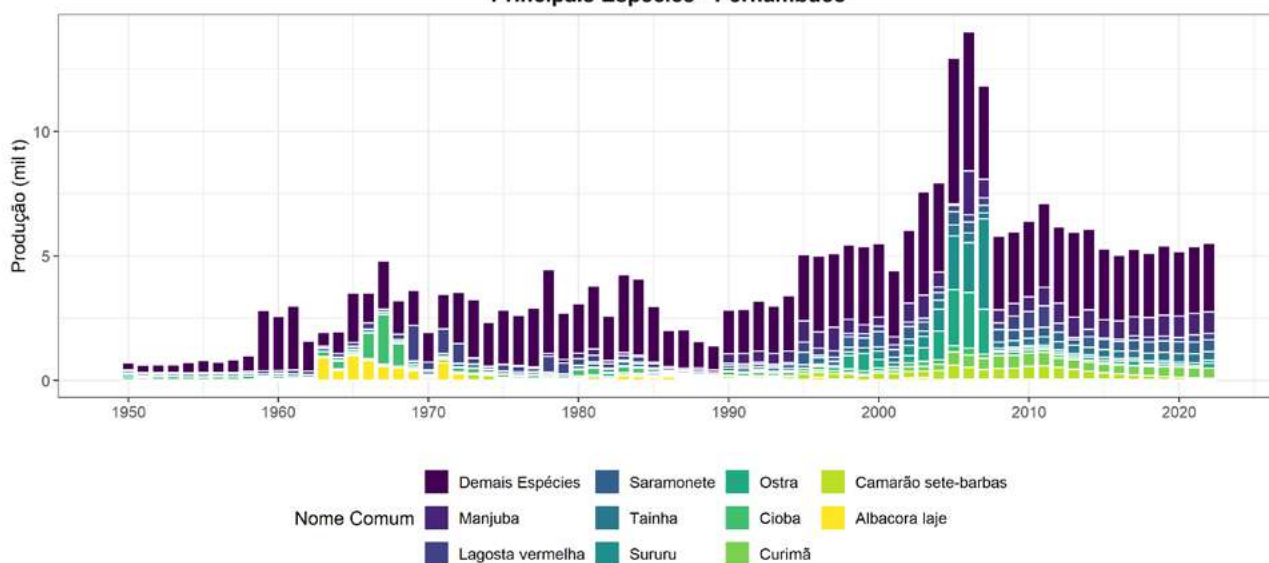


Figura 38. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 20. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	6,17	15,31	20,56	19,79	24,50	37,32	37,69
Manjuba	-	-	0,43	1,20	5,51	6,54	10,20
Lagosta vermelha	0,46	2,77	4,05	1,51	1,64	2,66	3,74
Saramonete	0,14	0,22	0,33	0,41	2,16	4,27	5,33
Tainha	0,88	1,04	1,03	1,07	1,53	2,83	4,22
Sururu	0,16	0,05	0,11	0,23	0,37	10,20	1,32
Ostra	0,27	0,03	0,12	0,30	1,53	8,75	1,42
Cioba	0,99	4,92	1,01	1,34	1,31	1,77	0,72
Curimã	0,28	0,45	0,39	0,61	0,72	3,38	5,25
Camarão sete-barbas	0,11	0,35	0,81	0,47	1,34	3,68	3,36
Albacora laje	-	4,54	1,16	0,83	0,60	0,56	0,55




Piauí

Os peixes (55,3%) foram responsáveis pela maior parte do volume desembarcado pela pesca artesanal no Piauí, seguidos dos crustáceos (42,5%) e moluscos (2,1%) (Figura 39).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Piauí

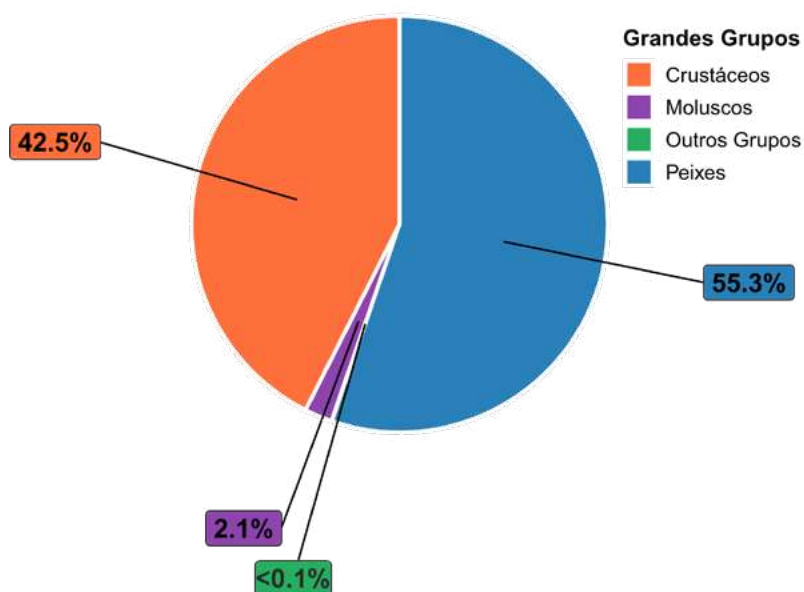


Figura 39. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022.

O caranguejo-uçá foi a espécie mais desembarcada pela pesca artesanal do Piauí (0,47 mil t/ano) entre 1950-2022, sobretudo depois da década de 1990 (Figura 40, Tabela 21). Destacaram-se também, a serra (0,10 mil t/ano) e a pescada (0,08 mil t/ano), além de outros recursos pesqueiros.

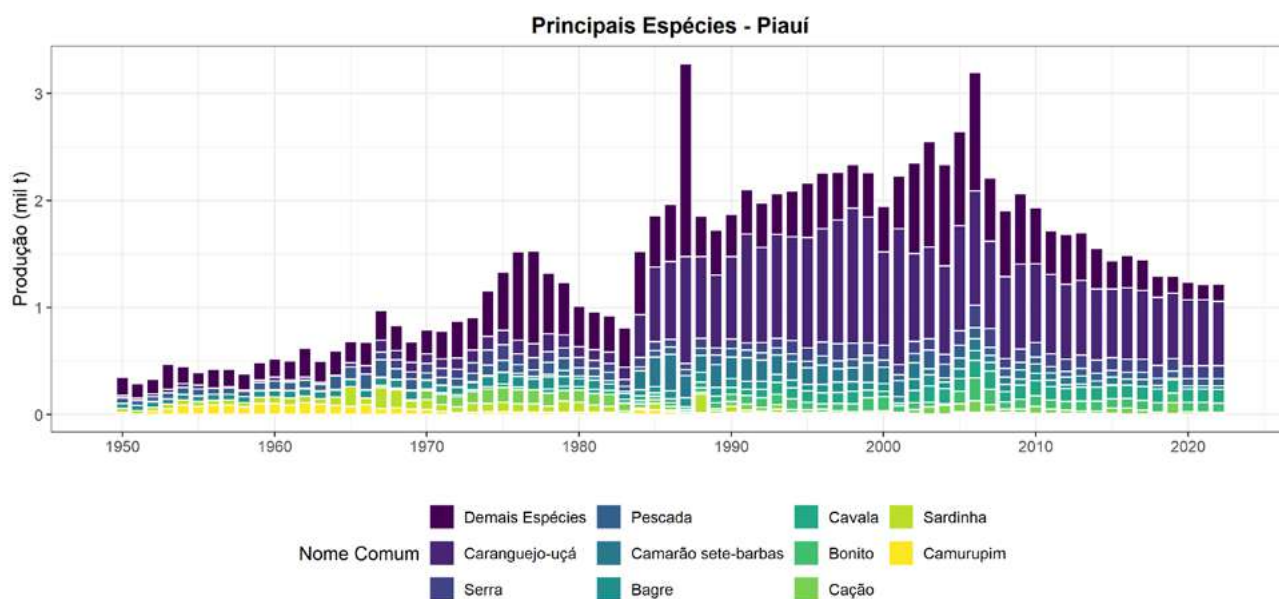


Figura 40. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 21. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	1,62	2,18	4,87	5,66	4,33	7,57	3,92
Caranguejo-uçá	0,21	0,51	1,21	4,69	10,31	9,05	8,57
Serra	-	0,22	1,05	0,77	1,14	1,28	1,58
Pescada	0,58	1,05	0,86	0,66	0,72	0,96	0,85
Camarão sete-barbas	0,01	0,05	0,17	1,49	1,77	0,98	0,69
Bagre	0,53	0,70	0,89	0,72	0,77	0,79	0,21
Cavala	-	0,05	0,22	0,39	0,91	1,16	1,65
Bonito	-	-	-	0,23	0,82	0,95	1,17
Cação	-	-	1,14	0,56	0,33	0,54	0,49
Sardinha	0,42	1,00	0,78	0,53	0,15	0,04	0,05
Camurupim	0,63	0,83	0,26	0,22	0,14	0,11	0,05



Rio Grande do Norte

A produção da pesca artesanal no Rio Grande do Norte foi composta principalmente por peixes (80,9%), seguida por crustáceos (16,8%) e moluscos (2,3%) (Figura 41).

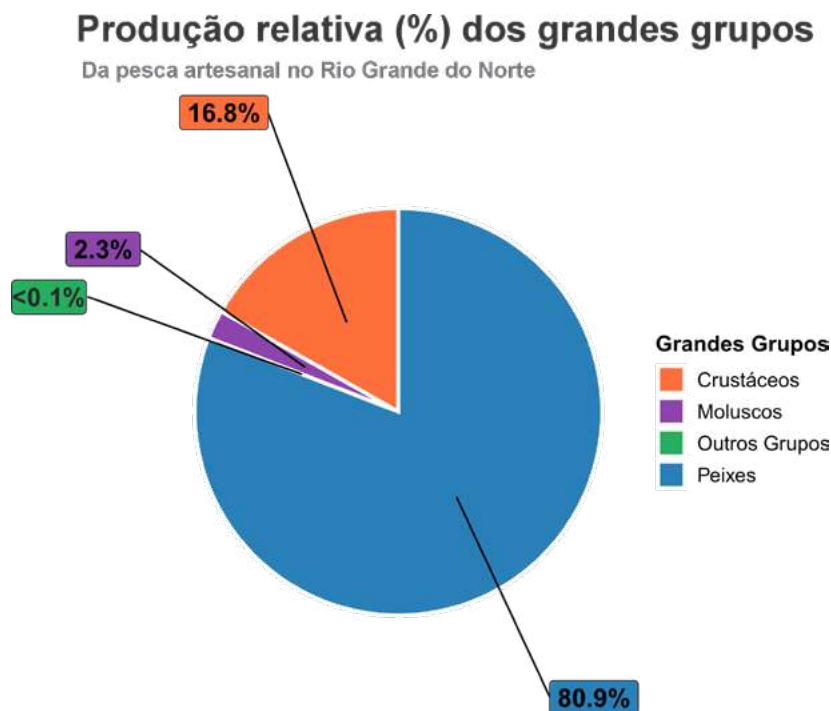


Figura 41. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022.

Para o período compreendido entre 1950 e 2022, destacaram-se entre os principais recursos desembarcados pela frota artesanal do Rio Grande do Norte, o peixe voador (0,67 mil t/ano), a tainha (0,47 mil t/ano) e a lagosta vermelha (0,40 mil t/ano) (Figura 42, Tabela 22). Além destes, os desembarques de albacora laje e cação tiveram aumentos na última década 2010-2022, enquanto recursos pesqueiros como sardinha, serra e guaiúba tiveram sua produção reduzida (Figura 42, Tabela 22).

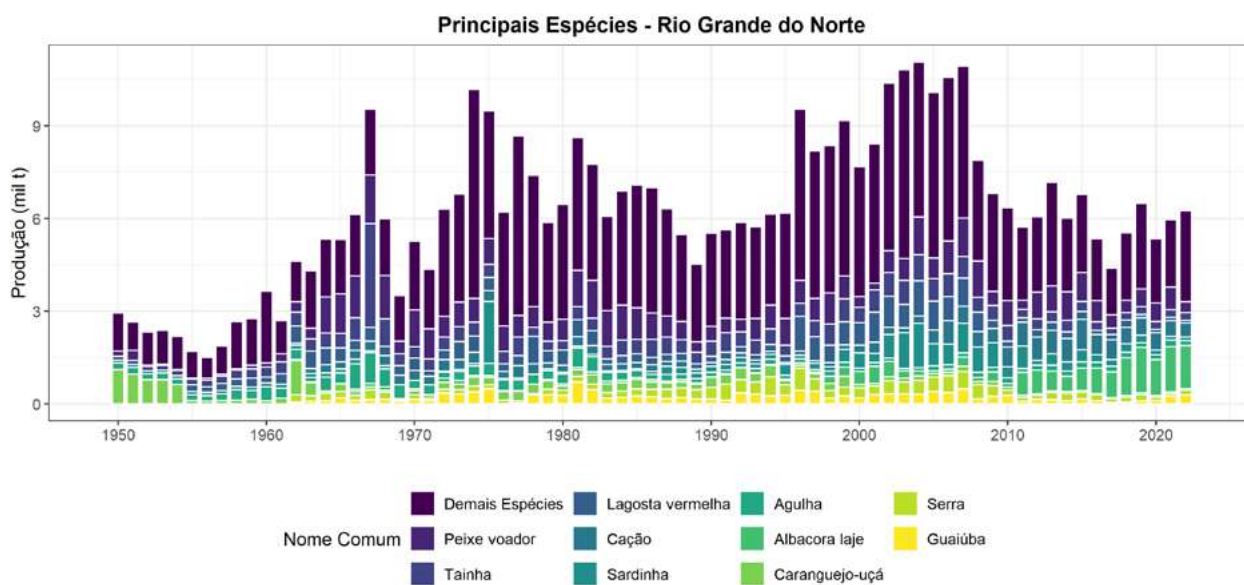


Figura 42. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 22. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	10,91	17,65	38,97	35,35	38,50	47,30	31,76
Peixe voador	0,90	8,24	8,05	8,86	6,89	7,80	8,43
Tainha	1,95	7,88	4,13	4,45	5,30	6,72	3,87
Lagosta vermelha	1,15	4,03	4,28	3,18	4,47	8,14	2,26
Cação	-	1,95	3,14	2,12	1,20	3,93	8,60
Sardinha	1,04	1,07	2,37	1,12	2,09	8,16	3,66
Agulha	2,20	4,89	3,06	2,91	1,37	1,26	2,25
Albacora laje	-	0,43	0,56	0,68	0,81	2,78	11,86
Caranguejo-uçá	4,86	2,41	2,32	2,36	2,64	1,20	0,71
Serra	-	1,59	1,17	2,30	4,32	4,26	2,13
Guaiúba	-	0,95	2,45	2,86	2,79	3,11	1,89



 **Sergipe**

Os peixes representaram 55,8% da produção da pesca artesanal em Sergipe entre 1950 e 2022, seguido dos crustáceos (40,6%) e os moluscos (3,6%) (Figura 43).

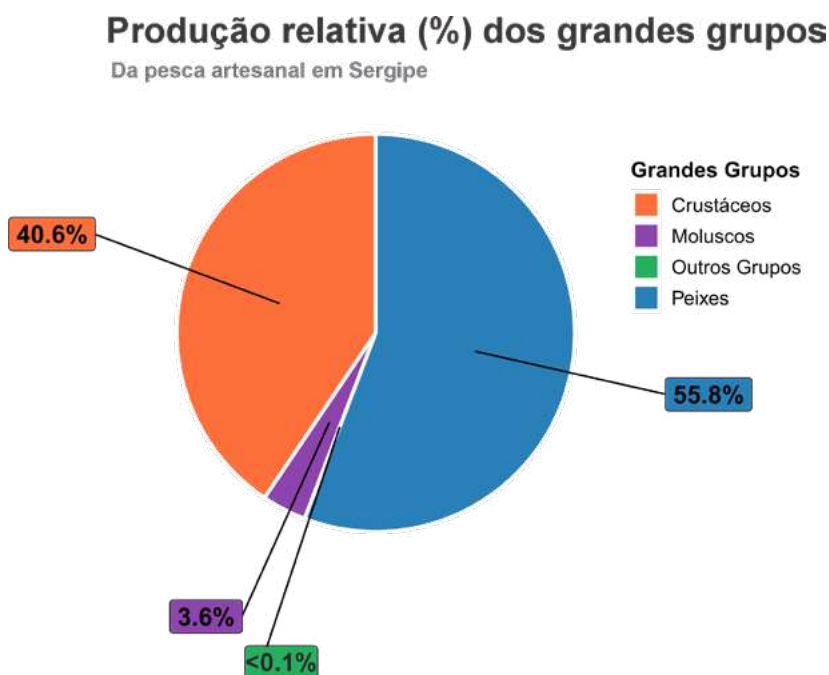


Figura 43. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022.

O camarão sete-barbas (0,49 mil t/ano) foi o principal recurso pesqueiro desembarcado pela pesca artesanal em Sergipe para o período analisado (1950-2022), principalmente a partir de 1990 (Figura 44, Tabela 23). O caranguejo-uçá (0,43 mil t/ano) foi a segunda espécie mais importante em termos de produção, embora tenha apresentado reduções nas últimas duas décadas 2000-2022. Os bagres (0,14 mil t/ano), tainhas (0,13 mil t/ano) e o camarão rosa (0,12 mil t/ano) também compõem os recursos pesqueiros mais desembarcados pelo estado.

Por fim, as albacoras apresentam aumento na última década 2010-2022, semelhante a outros Estados do Nordeste, evidenciando o aumento da exploração desse recurso pela pesca artesanal (Figura 44, Tabela 23).

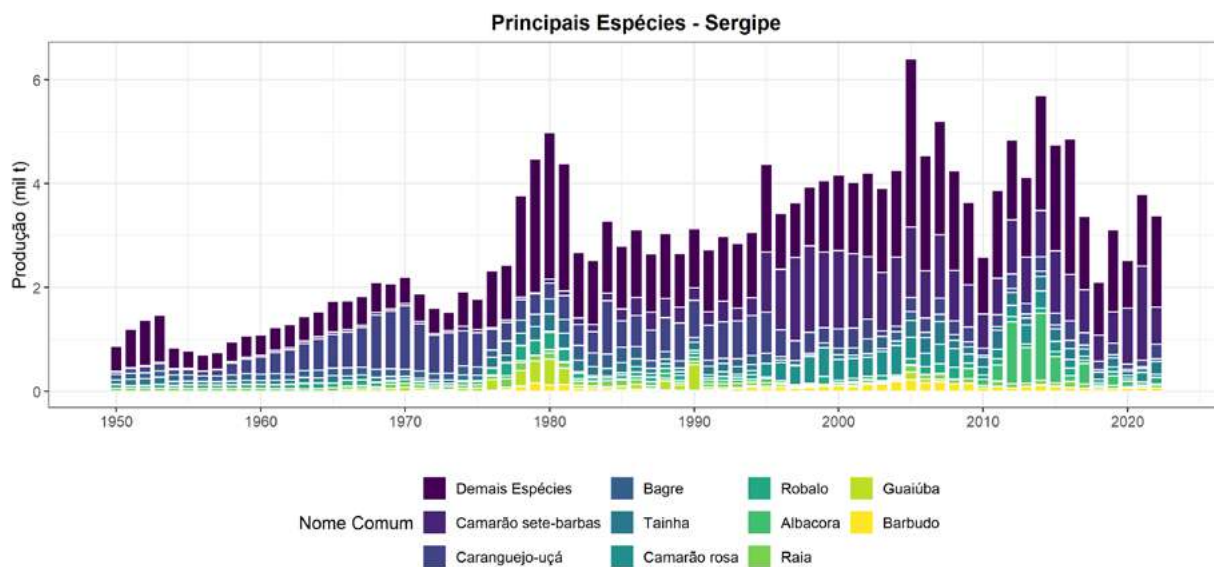


Figura 44. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 23. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	5,19	5,01	9,81	15,10	12,40	18,91	20,81
Camarão sete-barbas	0,18	0,45	0,45	2,19	8,55	11,85	11,83
Caranguejo-uçá	1,32	6,58	6,53	5,66	5,97	2,76	2,85
Bagre	1,16	1,40	1,77	2,36	1,09	1,58	0,91
Tainha	0,91	0,90	1,28	1,76	0,85	1,72	2,51
Camarão rosa	0,04	0,10	0,10	0,52	2,37	3,76	2,15
Robalo	0,62	0,87	1,30	1,24	0,60	1,08	1,14
Albacora	-	-	0,12	0,43	0,45	0,36	4,98
Raia	0,51	0,55	0,90	0,90	0,52	0,65	0,84
Guaiúba	-	0,16	1,27	1,41	0,79	0,38	0,04
Barbudo	0,05	0,04	0,34	0,54	0,56	1,53	0,94



Foto: Fernando Sinimbu/Embrapa

Região Sudeste

A Região Sudeste (Figura 45) registrou produção acumulada de 2,87 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, o que resultou em média de desembarque de 39,26 mil toneladas por ano.

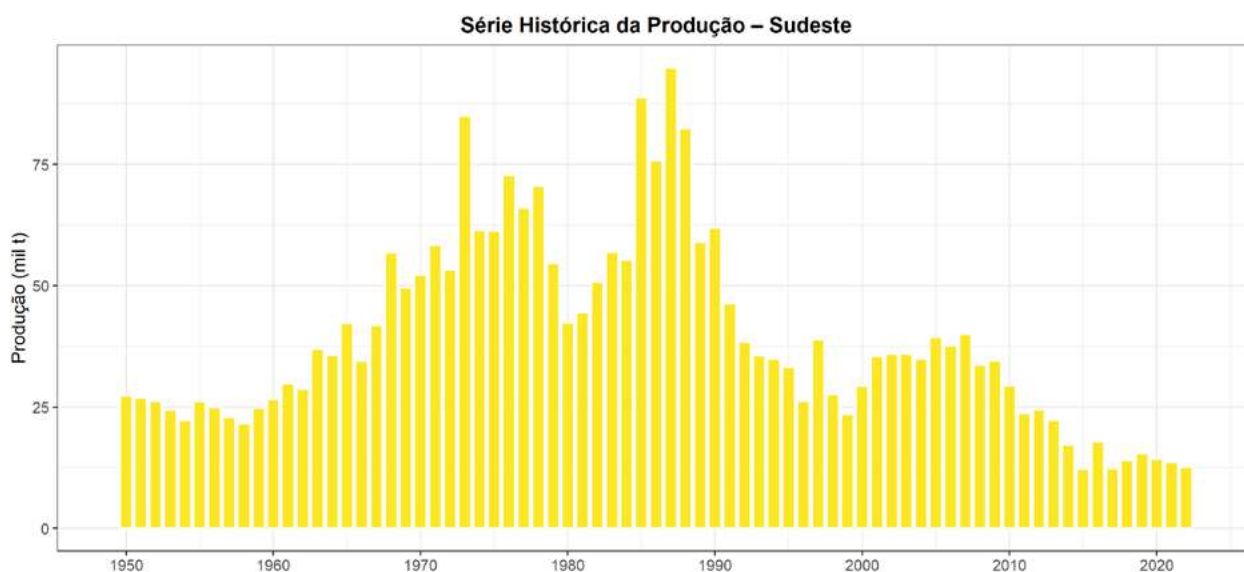


Figura 45. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Sudeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha

O Rio de Janeiro foi responsável pela maior parte da produção artesanal da região Sudeste, com 60,64% (1,74 milhão de t) do volume total acumulado entre 1950-2022 (Figura 46). Enquanto São Paulo e o Espírito Santo representaram 24,18% (693,15 mil t) e 15,18% (434,99 mil t), respectivamente.

Participação artesanal no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Sudeste por unidades da federação

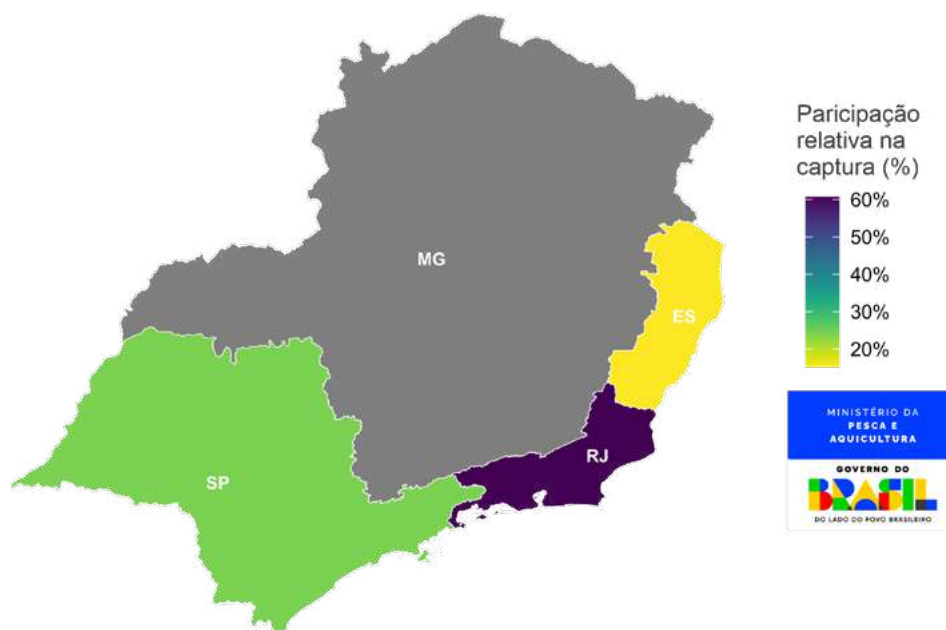


Figura 46. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Sudeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas para o período analisado (Figura 47), o grupo dos peixes foi o principal componente da pesca artesanal da região Sudeste, com uma participação de 86,59% do volume total médio. Os crustáceos ocuparam a segunda posição e representaram 12,12% dos desembarques regionais. Já o grupo dos moluscos registraram participação de 1,28%, enquanto os demais grupos somaram cerca de 0,01% da produção acumulada.

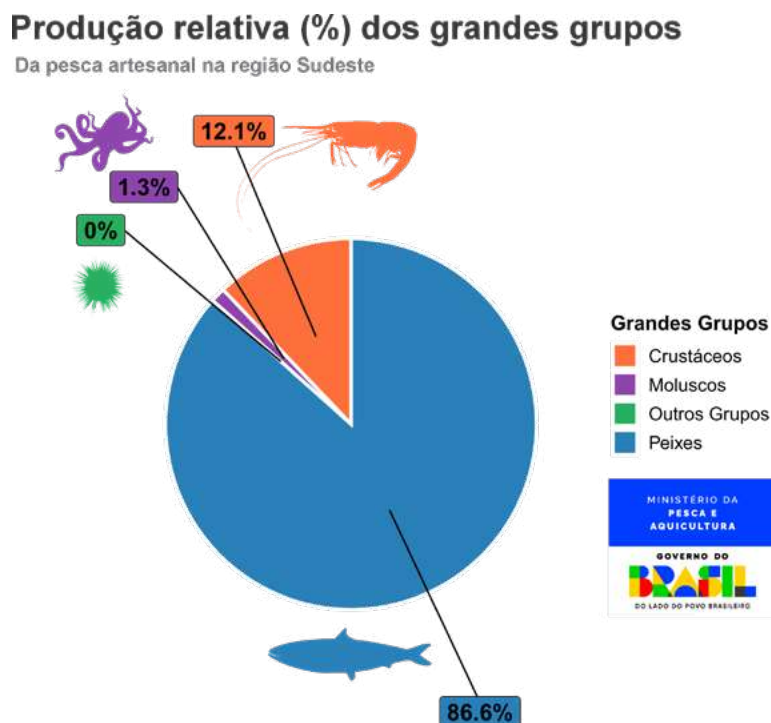


Figura 47. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

A sardinha-verdadeira foi a principal espécie desembarcada pela pesca artesanal do Sudeste do Brasil para o período de 1950 a 2022, com uma produção regional acumulada de 210,39 mil toneladas, o que representa 7,35% do volume total da região e uma média anual de 2,88 mil toneladas (Figura 48). Na segunda posição, a corvina registrou 172,89 mil toneladas (6,04%) acumulada para o período, com produção média de 2,37 mil t/ano.

A lista das principais espécies foi completada pelo camarão sete-barbas (171,82 mil t), pela pilombeta de iguape (165,39 mil t) e pelo cangulo (153 mil t) (Figura 48). Esses cinco recursos pesqueiros representaram 30,53% dos desembarques acumulados da pesca artesanal na região para o período analisado.

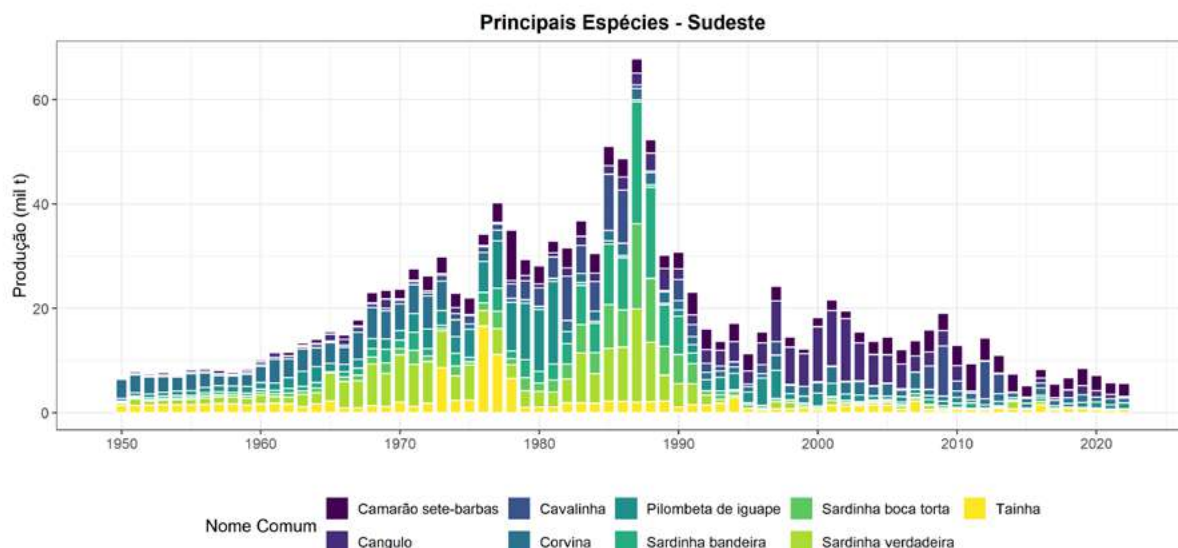


Figura 48. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.


Espírito Santo

A produção total da pesca artesanal no Espírito Santo foi formada principalmente por peixes (88,8%), seguido dos crustáceos (10,8%) e moluscos (0,4%) (Figura 49).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Espírito Santo

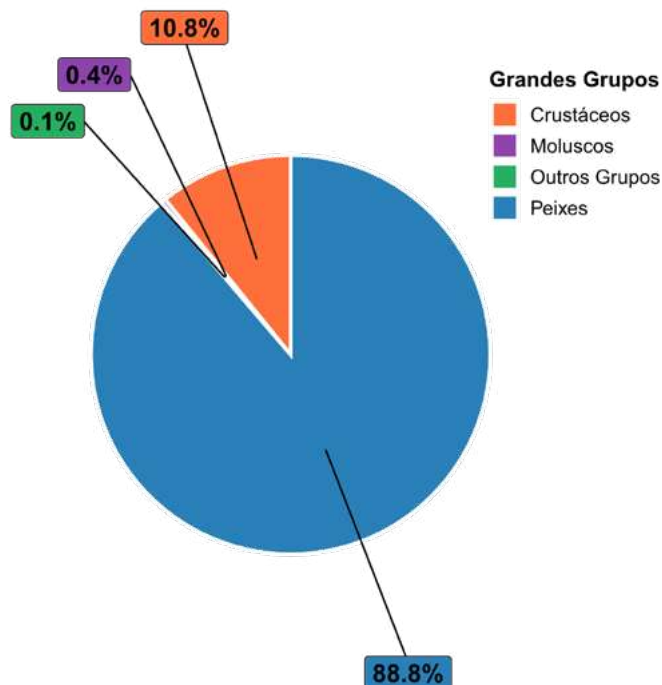


Figura 49. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022.

Espécies de peixes figuraram dentre os principais recursos desembarcados pela frota artesanal do estado Espírito Santo para o período de 1950-2022, como o peroá branca (0,97 mil t/ano), dourado (0,76 mil t/ano), pargo rosa (0,30 mil t/ano) e cioba (0,33 mil t/ano). Entretanto, observou-se uma redução para todos esses recursos pesqueiros na última década (2010-2022). A exceção, foi o camarão sete-barbas (0,42 mil t/ano) que se destacou historicamente e apresentou um aumento na última década (Figura 50, Tabela 24).

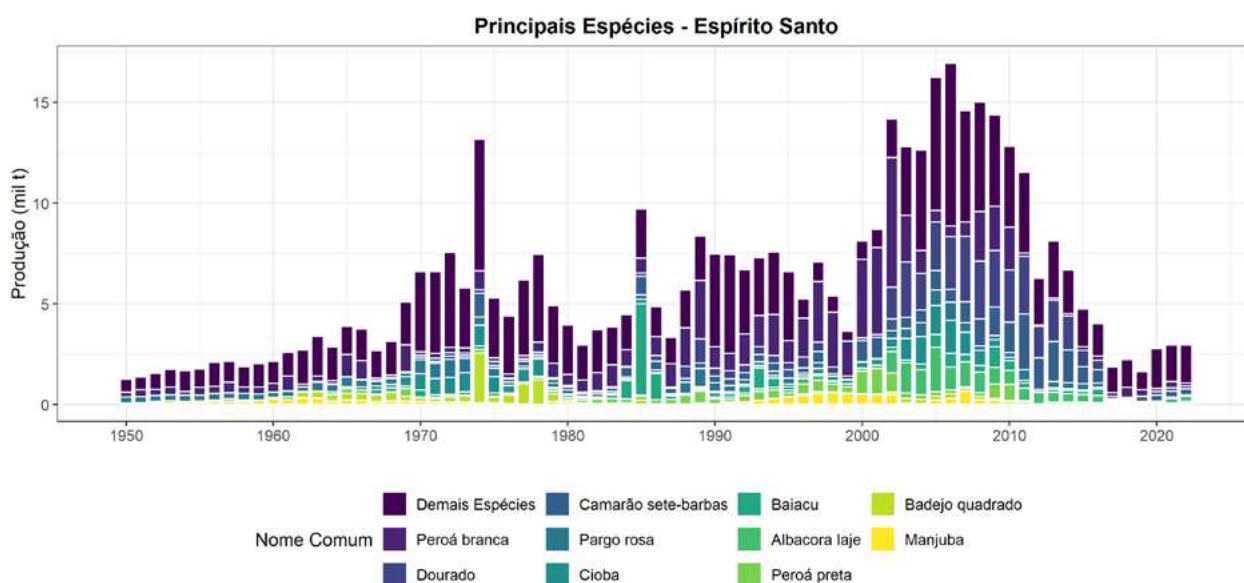


Figura 50. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 24. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	9,35	15,79	39,15	19,31	25,38	42,32	28,11
Peroá branca	3,36	5,28	3,62	11,58	17,50	24,60	4,57
Dourado	-	-	1,27	2,61	3,80	20,37	12,70
Camarão sete-barbas	0,03	0,28	2,53	3,13	3,15	9,27	12,21
Pargo rosa	3,02	3,17	4,49	2,50	2,13	4,21	2,18
Cioba	-	1,15	7,19	0,65	1,42	8,71	0,92
Baiacu	-	0,54	1,31	7,48	2,46	3,67	1,62
Albacora laje	-	-	0,06	0,21	1,56	10,55	4,11
Peroá preta	0,64	1,18	0,76	2,54	3,50	5,18	1,22
Badejo quadrado	-	2,61	6,65	0,57	0,27	1,47	0,61
Manjuba	1,15	2,26	0,95	0,33	3,28	3,26	0,37



Foto: www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/noticias/mpa-cria-grupo-de-trabalho-para-monitorar-a-corvina

Rio de Janeiro

Os peixes representaram 87,6%, os crustáceos 11,3% e os moluscos 1,1% da produção da pesca artesanal no estado do Rio de Janeiro (Figura 51).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Rio de Janeiro

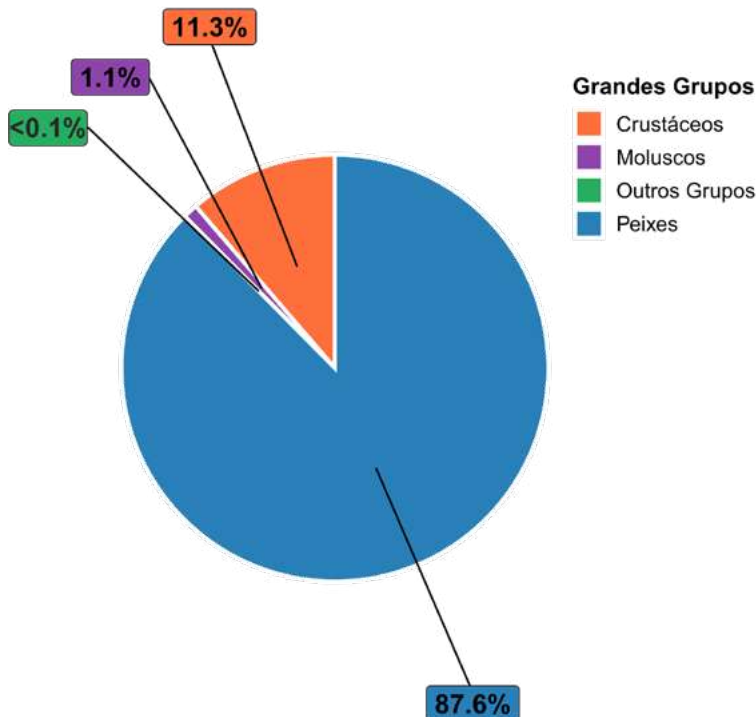


Figura 51. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022.

Três espécies de sardinhas foram destaque dentro dos principais recursos desembarcados pela frota artesanal do Rio de Janeiro. Foram elas, sardinha laje (1,98 mil t/ano), sardinha boca-torta (1,54 mil t/ano) e a sardinha verdadeira (1,36 mil t/ano) (Figura 52, Tabela 25). Além destas, a corvina (1,73 mil t/ano) e a cavalinha (1,52 mil t/ano) formam o top 5 e são responsáveis por 34,08% da produção total no estado.

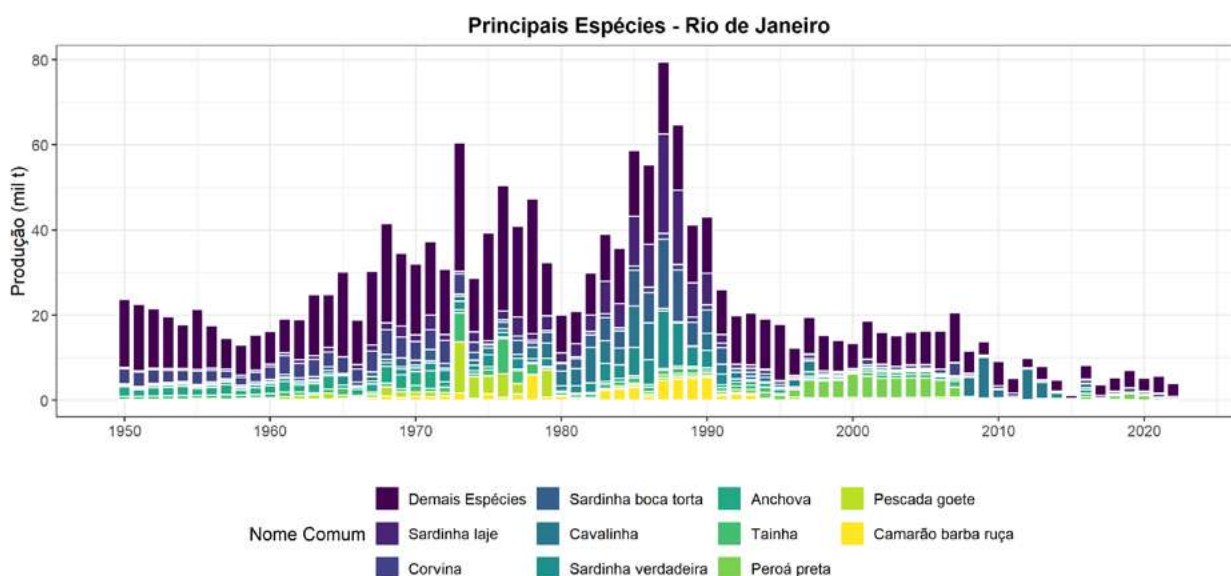


Figura 52. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 25. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	114,96	140,10	212,43	130,37	103,32	74,34	41,37
Sardinha laje	4,32	10,71	21,63	93,03	10,97	1,58	2,32
Corvina	27,30	40,94	24,51	9,51	8,16	9,23	6,39
Sardinha boca torta	3,46	8,83	16,44	65,79	14,54	3,15	0,44
Cavalinha	2,79	5,29	13,61	44,60	14,70	14,60	13,98
Sardinha verdadeira	4,53	8,56	17,84	53,53	9,70	3,09	2,31
Anchova	18,46	22,42	12,37	4,84	7,11	5,00	1,65
Tainha	8,32	8,35	26,49	10,03	5,91	6,11	2,66
Peroá preta	-	-	0,13	4,12	19,93	35,16	4,90
Pescada goete	1,85	10,09	38,98	3,79	3,13	3,16	0,86
Camarão barba ruça	1,11	3,94	15,10	25,17	10,08	2,39	0,19




São Paulo

Em São Paulo, a produção total da pesca artesanal foi majoritariamente de peixes (82,7%), seguido dos crustáceos (15%) e moluscos (2,3%) (Figura 53).

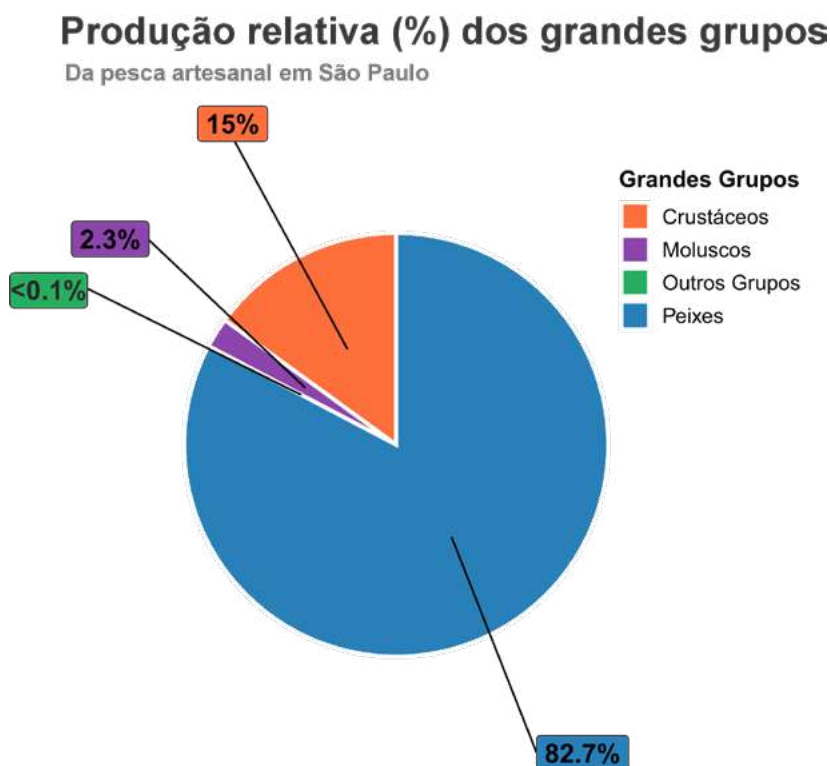


Figura 53. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022.

Embora com reduções significativas ao longo das últimas décadas, a manjuba iguape (2,26 mil t/ano) e a sardinha verdadeira (1,51 mil t/ano) foram alguns dos principais recursos desembarcados historicamente para o período analisado (Figura 54, Tabela 26). Inversamente, outro destaque da pesca artesanal no estado, o camarão-sete-barbas (1,19 mil t/ano) dobrou sua produção na última década, passando de 12,6 mil t entre 2000-2009 para 26,9 mil t em 2010-2022.

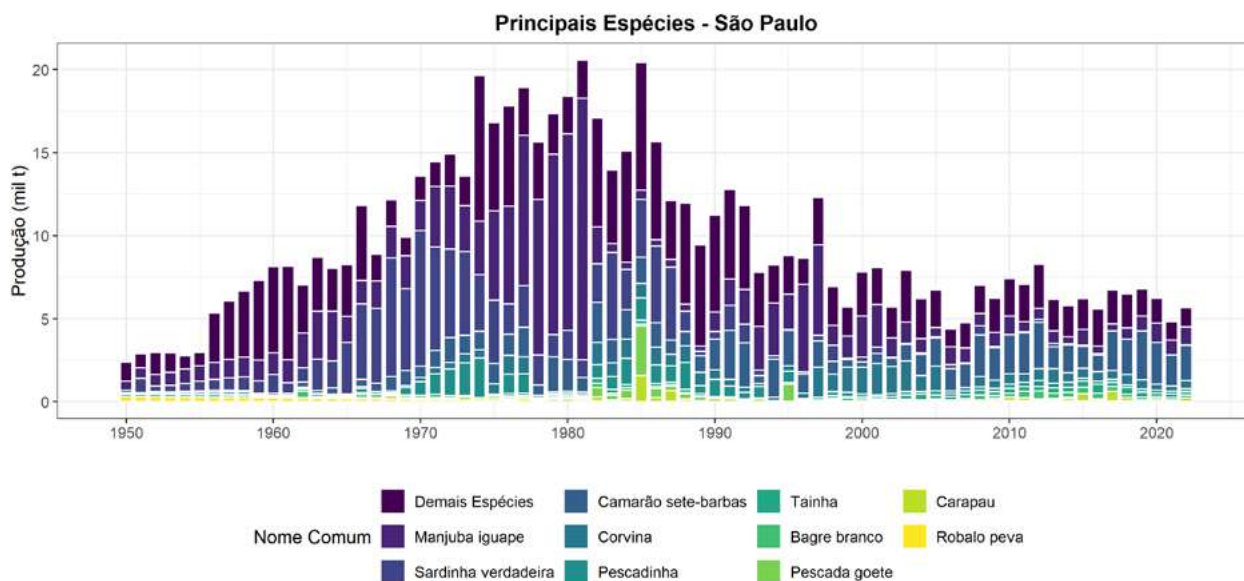


Figura 54. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 26. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	21,40	31,51	35,64	51,53	32,74	20,90	24,48
Manjuba iguape	9,00	19,17	55,72	32,97	26,00	12,42	10,13
Sardinha verdadeira	5,78	30,30	39,48	26,80	5,16	1,87	0,69
Camarão sete-barbas	0,57	3,90	12,43	14,05	16,33	12,62	26,94
Corvina	0,98	0,88	5,07	8,06	6,72	10,92	7,31
Pescadinha	<0,01	0,86	10,61	8,95	3,96	1,88	2,78
Tainha	0,27	0,51	0,55	1,83	0,67	2,25	3,98
Bagre branco	1,43	1,32	0,76	1,07	0,47	1,18	3,53
Pescada goete	0,15	0,28	0,73	5,75	1,38	0,38	0,22
Carapau	-	0,40	0,67	3,46	0,78	0,25	2,44
Robalo peva	2,74	1,95	1,09	0,23	0,06	0,17	0,72



Região Sul

A Região Sul (Figura 55) registrou produção acumulada de 2,89 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, e média de desembarque de 39,54 mil toneladas por ano.

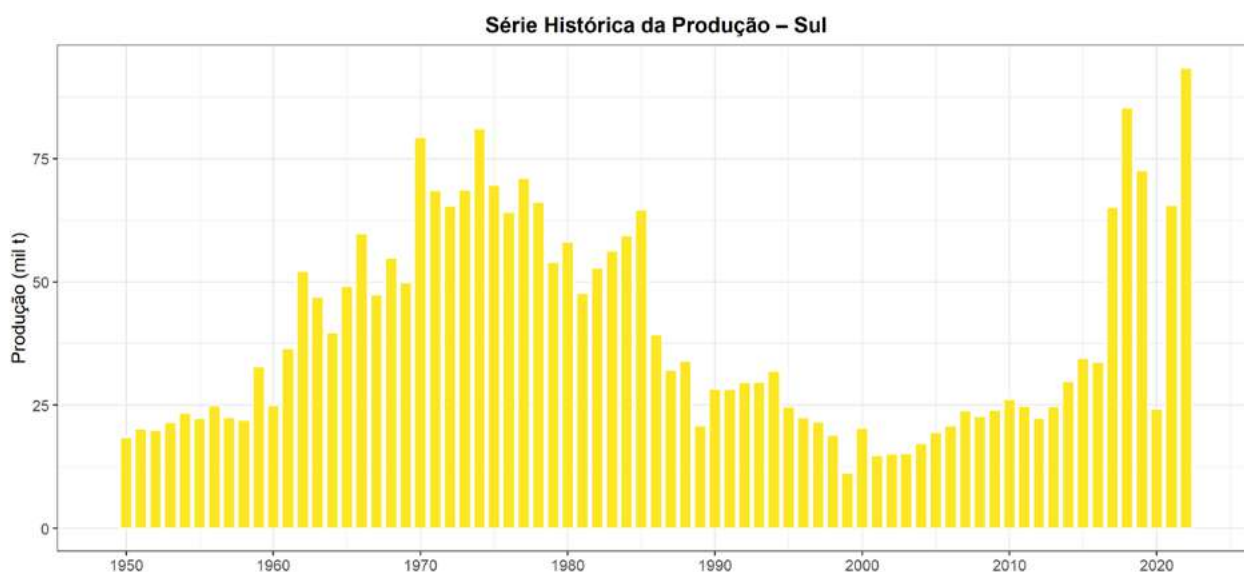


Figura 55. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Sul do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha

Na região Sul (Figura 56), o Rio Grande do Sul correspondeu a 52,28% da produção acumulada da pesca artesanal na região (1,51 milhão de t), seguido de Santa Catarina, com uma participação de 42,07% (1,21 milhão de t), e o Paraná, contribuindo com 5,65% (163,13 mil t).

Participação artesanal no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Sul por unidades da federação

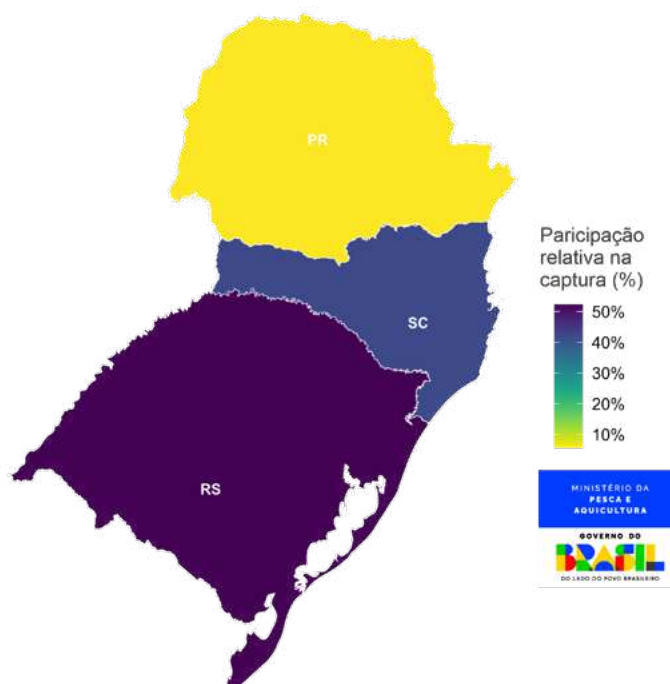


Figura 56. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Sudeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas (Figura 57), o grupo dos peixes foi o principal componente da pesca artesanal do Sul, com uma participação de 77,59% do total acumulado. Os crustáceos ocuparam a segunda posição representando 21,18% dos desembarques regionais. Já o grupo dos moluscos registrou uma participação de 1,22%, enquanto outros grupos menores somaram menos de 0,02% da produção acumulada.

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal na região Sul

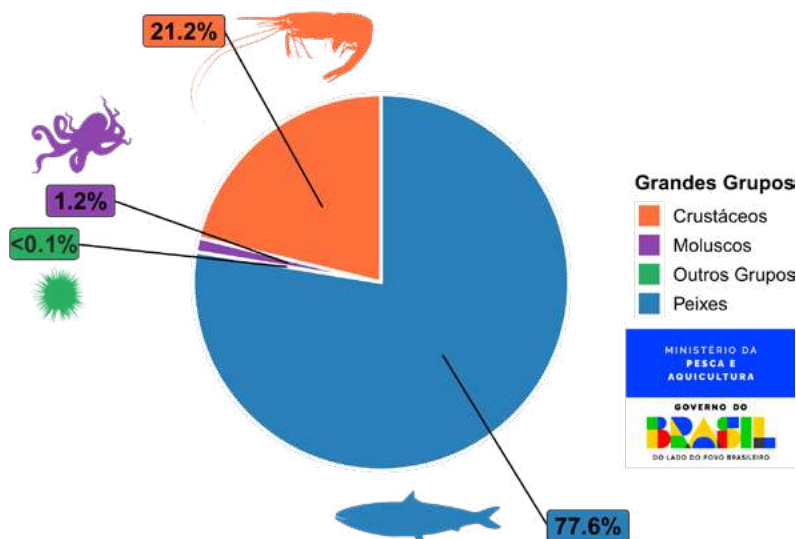


Figura 57. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022

A composição dos desembarques da pesca artesanal na região (Figura 58) foi liderada pela corvina, com uma produção acumulada de 782,89 mil toneladas de 1950 a 2022, representando 27,13% do desembarque total da região, com média anual de 10,72 mil toneladas. Na segunda posição, a tainha registrou 338,81 mil toneladas (11,73%), com produção média de 4,64 mil t/ano.

A lista das cinco principais espécies que correspondem a 60,54% da produção artesanal no Sul do Brasil, foi completada pelo camarão sete-barbas com 244,18 mil t (8,46% e média de 3,34 mil t/ano), pelo camarão rosa com 223,40 mil t (7,74% e média de 3,06 mil t/ano) e pelo bagre com 158,12 mil t (5,48% e média de 2,17 mil t/ano).

Principais Espécies - Sul

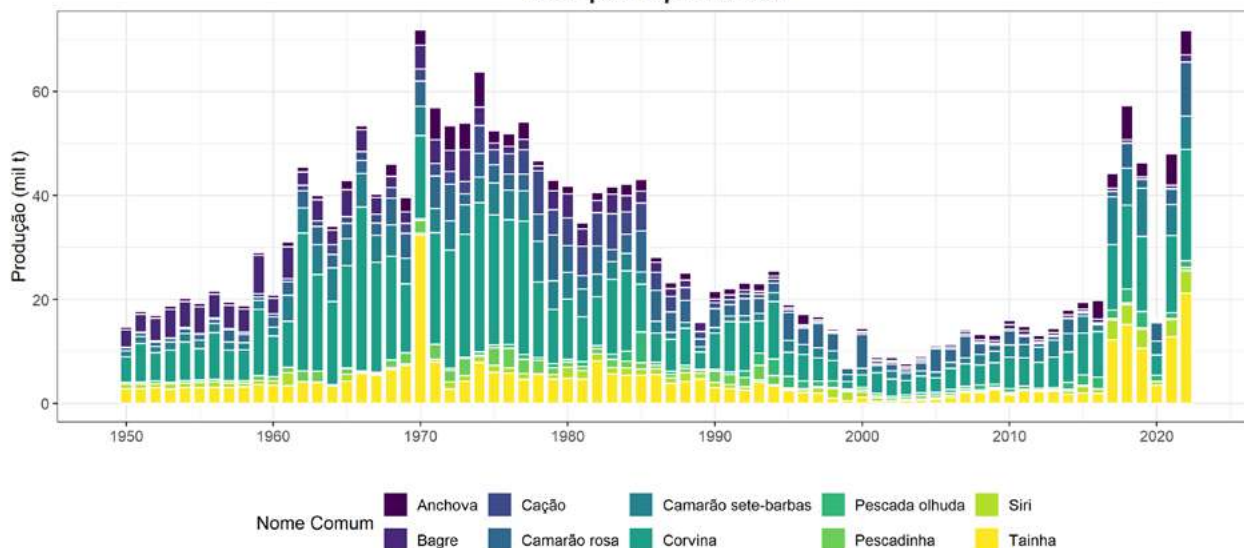


Figura 58. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.



A produção artesanal no Paraná foi formada por 49,6% de peixes, 45,2% de crustáceos e 5,2% de moluscos (Figura 59).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Paraná

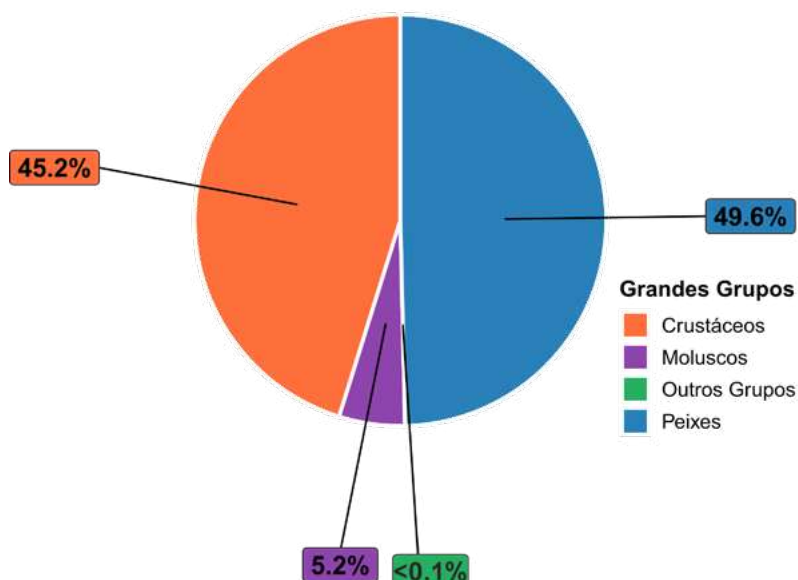


Figura 59. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022.

O camarão sete-barbas (0,75 mil t/ano) foi a principal espécie registrada para a pesca artesanal do estado do Paraná para o período de 1950-2022 (Figura 60, Tabela 27). Embora bem abaixo, destacaram-se dentre os principais recursos desembarcados, o camarão branco (0,18 mil t/ano), bagre branco (0,15 mil t/ano), sardinha boca-torta (0,10 mil t/ano) e a ostra (0,08 mil t/ano). Estes cinco recursos pesqueiros corresponderam historicamente a 56,14% da produção artesanal do estado.

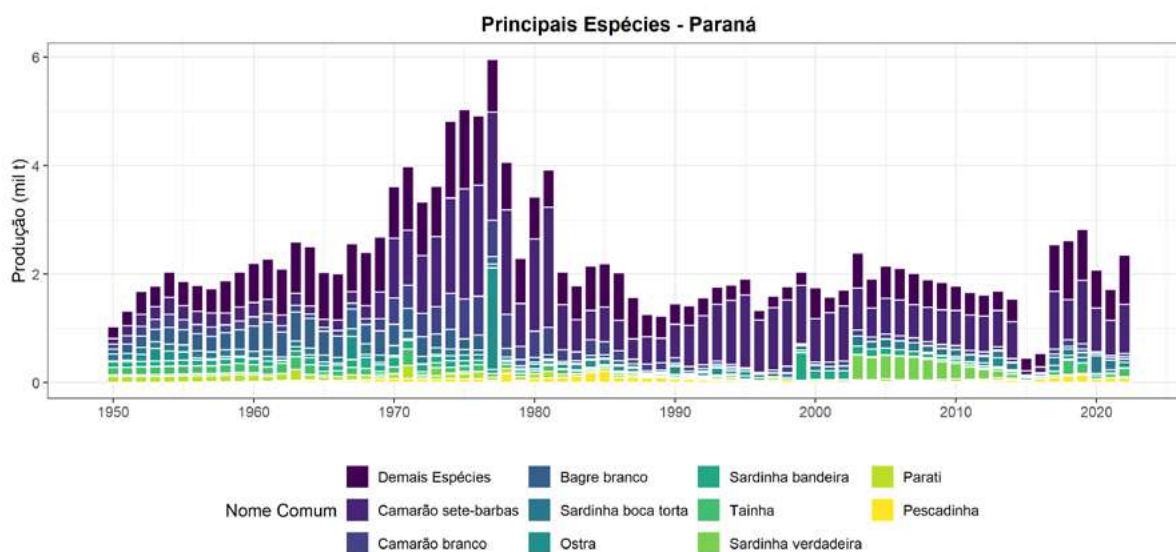


Figura 60. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 27. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	4,39	8,96	10,91	6,79	2,88	5,13	7,62
Camarão sete-barbas	2,29	2,38	15,02	8,41	10,26	7,24	8,81
Camarão branco	1,70	1,25	5,51	2,43	0,58	0,82	0,81
Bagre branco	2,55	4,52	2,66	0,60	0,26	0,06	0,46
Sardinha boca torta	1,28	1,24	1,08	0,20	0,47	1,30	1,54
Ostra	0,86	0,89	2,32	0,78	0,52	0,04	0,79
Sardinha bandeira	1,06	1,18	1,10	0,21	0,81	1,26	0,24
Tainha	1,47	1,36	1,10	0,50	0,19	0,15	1,06
Sardinha verdadeira	0,36	0,18	0,25	<0,01	0,02	2,95	0,92
Parati	1,15	1,03	1,02	0,54	0,23	0,20	0,31
Pescadinha	0,07	0,34	0,67	1,13	0,42	0,20	0,84




Rio Grande do Sul

Os peixes totalizaram 86,3% da produção artesanal no Rio Grande do Sul, seguido dos crustáceos (12,8%) e moluscos (0,9%) (Figura 61).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca artesanal no Rio Grande do Sul

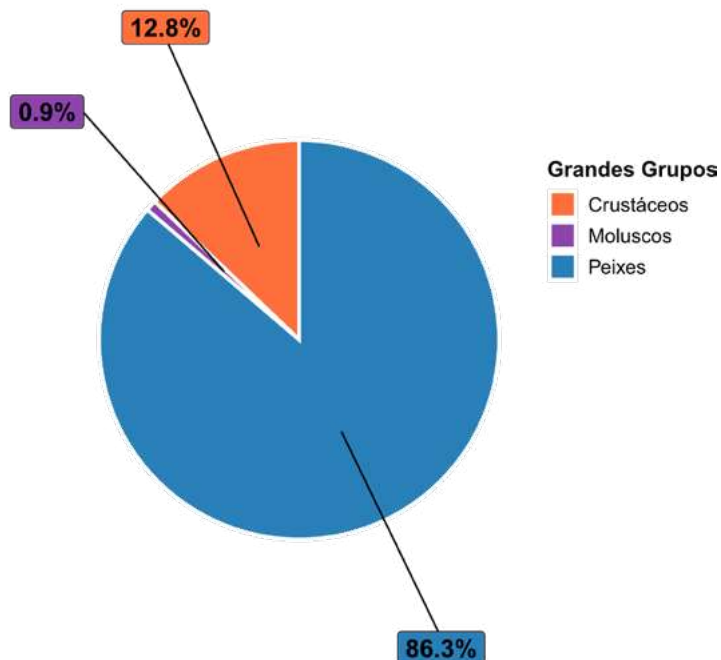


Figura 61. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados pela pesca artesanal do Rio Grande do Sul, a corvina (8,08 mil t/ano), a tainha (2,37 mil t/ano) e o camarão rosa (2,25 mil t/ano) foram as mais representativas entre 1950 e 2022, correspondendo a 61,43% do total desembarcado (Figura 62, Tabela 28). Adicionalmente, ambos os recursos apresentaram aumentos na última década (2010-2022), sobretudo para corvina e tainha. Enquanto isso, o bagre apresentou uma redução significativa ao longo da série temporal.

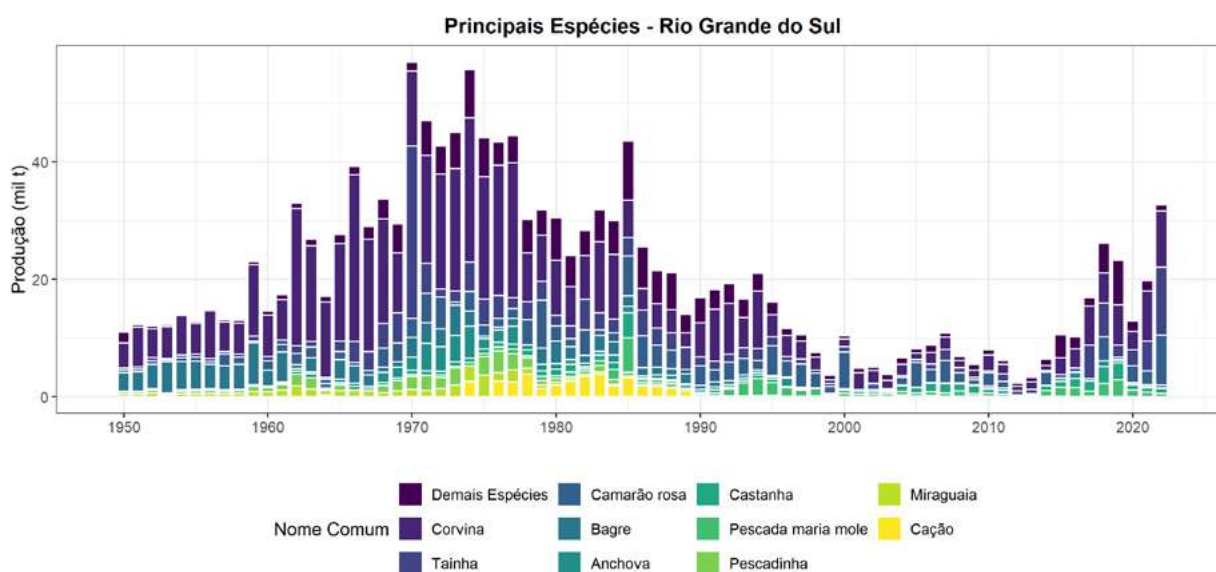


Figura 62. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 28. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	5,27	18,03	52,00	60,27	23,22	8,45	28,74
Corvina	64,03	158,47	178,02	67,31	51,44	17,36	53,12
Tainha	4,70	21,96	59,15	31,41	12,38	6,20	37,24
Camarão rosa	7,19	16,47	35,01	30,66	28,41	21,54	24,80
Bagre	45,05	21,58	22,73	19,64	3,86	0,65	1,94
Anchova	0,67	6,12	29,90	7,10	4,33	0,92	3,99
Castanha	1,63	4,23	7,97	10,70	3,14	9,41	14,71
Pescada maria mole	-	0,19	4,70	11,68	13,23	5,25	13,34
Pescadinha	4,68	9,54	21,81	5,91	0,41	0,92	0,37
Miraguaia	5,33	10,76	16,91	2,54	1,03	0,28	0,31
Cação	-	0,34	13,07	23,11	0,14	-	-




Santa Catarina

A produção artesanal em Santa Catarina registrou maior presença de peixes (70,6%), seguido dos crustáceos (28,3%) e moluscos (1,1%) (Figura 63).

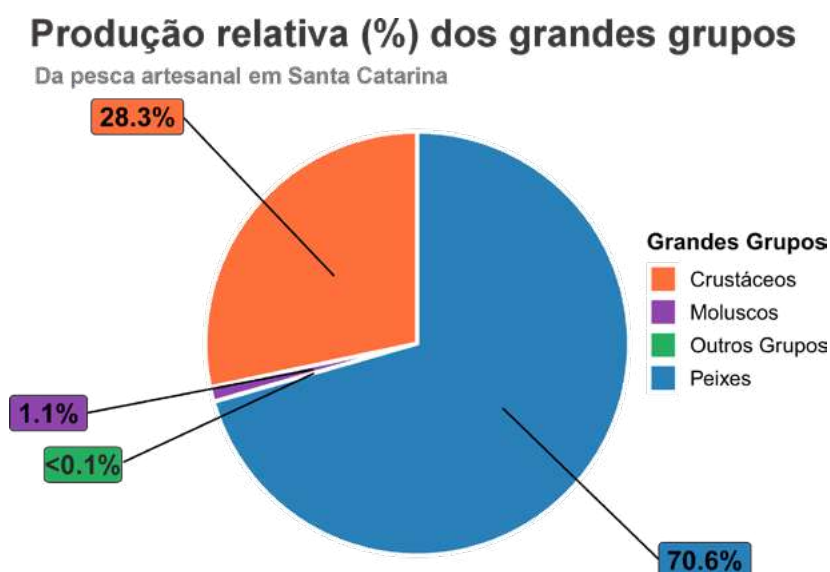


Figura 63. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022.

A corvina (2,60 mil t/ano), o camarão sete-barbas (2,60 mil t/ano), a tainha (1,91 mil t/ano) e anchova (0,89 mil t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca artesanal do estado de Santa Catarina, representando 48,07% entre 1950 e 2022 (Figura 64, Tabela 29). Ademais, aumentos para esses recursos foram observados entre 2010-2022. Cabe salientar, que a grande redução observada no ano de 2020 foi um reflexo do período da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2.

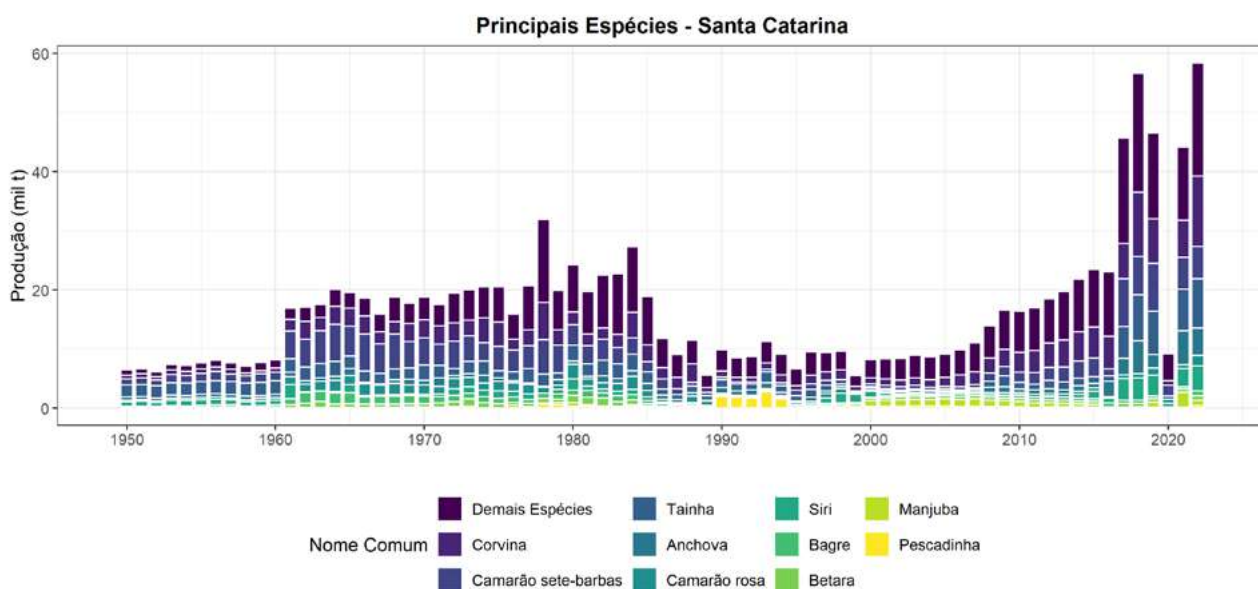
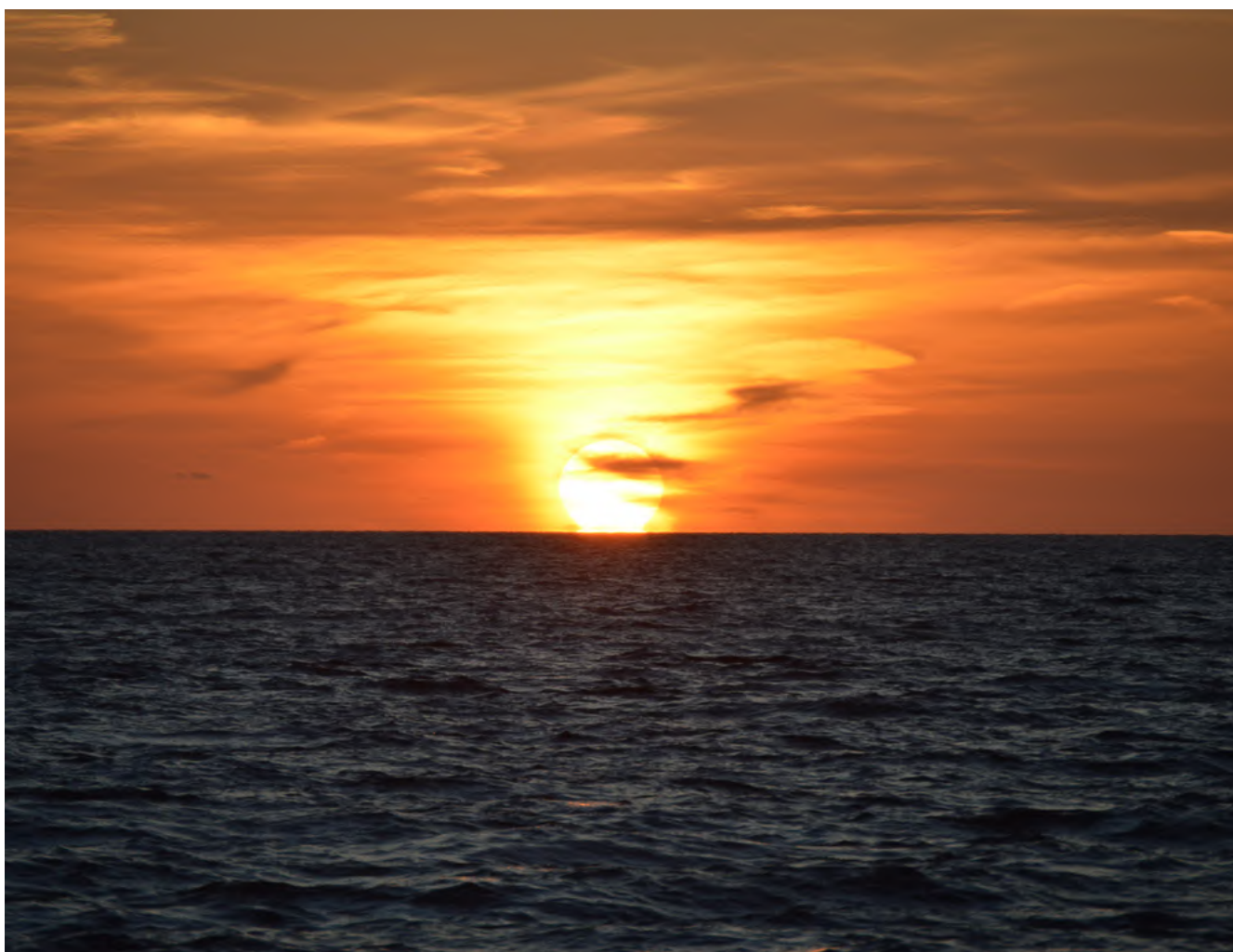


Figura 64. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 29. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	10,29	27,09	61,30	68,57	32,68	43,20	147,79
Corvina	6,76	24,14	33,49	23,03	11,09	16,70	74,71
Camarão sete-barbas	12,66	49,23	42,47	21,41	5,70	7,17	51,14
Tainha	21,37	21,41	18,75	18,34	10,17	4,80	44,38
Anchova	5,45	6,37	6,96	7,01	6,13	4,48	28,33
Camarão rosa	3,20	15,24	13,66	11,79	3,13	2,99	8,75
Siri	8,22	5,85	7,98	6,13	4,50	1,71	22,08
Bagre	2,52	13,92	9,63	6,42	0,94	3,01	6,24
Betara	1,83	6,20	7,41	6,52	2,18	4,88	6,39
Manjuba	-	-	1,41	1,77	1,14	11,15	8,66
Pescadinha	0,05	1,02	2,30	2,44	10,77	3,26	2,20



Capítulo 5: Análise – Recursos Marinhos provenientes da Produção Industrial

Nacional

A pesca industrial marinha representou mais de 50% da produção pesqueira nacional, acumulando uma produção total de 17,17 milhões de toneladas entre os anos de 1950 e 2022 (Figura 65, Tabela 30), com média anual de desembarque de 235,22 mil toneladas. Tais números, reforçam a importância dessa cadeia produtiva da pesca para o país.

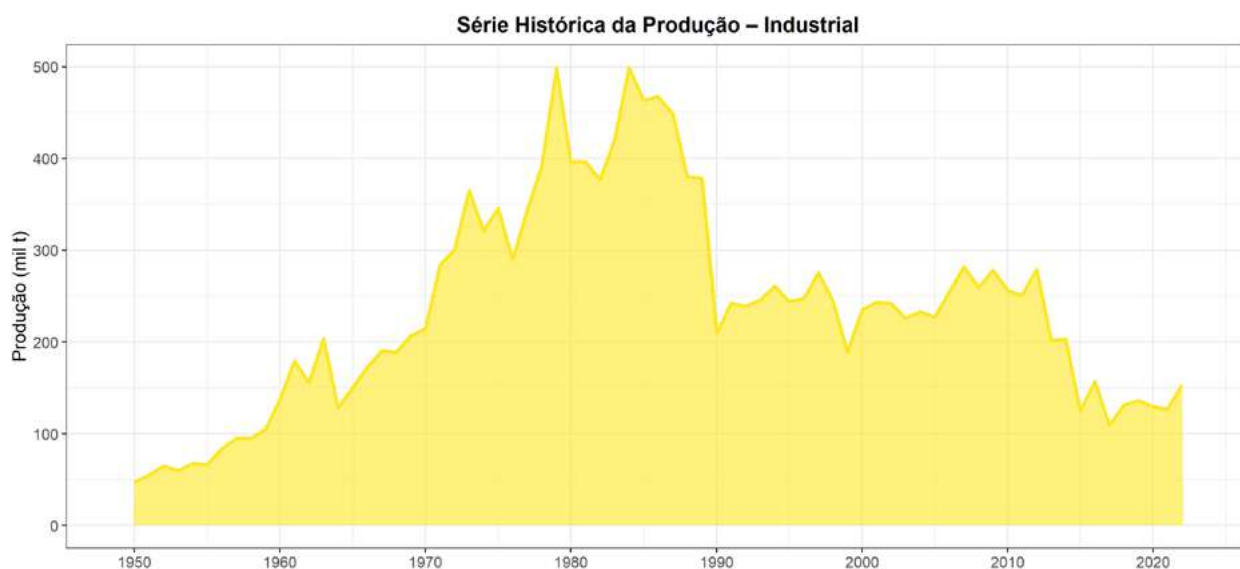


Figura 65. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) entre os anos de 1950 e 2022.



Tabela 30. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) entre os anos de 1950 e 2022.

Ano	Produção (mil t)		
1950	47,39	1986	467,37
1951	55,05	1987	448,52
1952	64,89	1988	380,33
1953	59,90	1989	378,37
1954	67,57	1990	209,89
1955	66,33	1991	242,15
1956	83,66	1992	239,01
1957	94,65	1993	245,82
1958	94,70	1994	260,74
1959	105,04	1995	243,79
1960	137,58	1996	247,91
1961	179,17	1997	275,50
1962	155,62	1998	244,53
1963	203,79	1999	188,82
1964	128,27	2000	235,22
1965	150,32	2001	243,17
1966	172,34	2002	241,68
1967	190,20	2003	226,03
1968	188,80	2004	233,09
1969	206,73	2005	227,22
1970	214,34	2006	254,68
1971	283,88	2007	281,79
1972	300,33	2008	259,29
1973	364,91	2009	278,38
1974	321,43	2010	256,04
1975	345,79	2011	251,06
1976	289,44	2012	279,02
1977	344,11	2013	202,18
1978	392,08	2014	202,65
1979	498,66	2015	124,83
1980	396,34	2016	157,13
1981	396,14	2017	108,88
1982	376,82	2018	131,46
1983	420,27	2019	136,21
1984	499,24	2020	129,49
1985	463,43	2021	126,84
		2022	153,49

Participação industrial no desembarque marinho de 1950-2022

Por unidades da federação

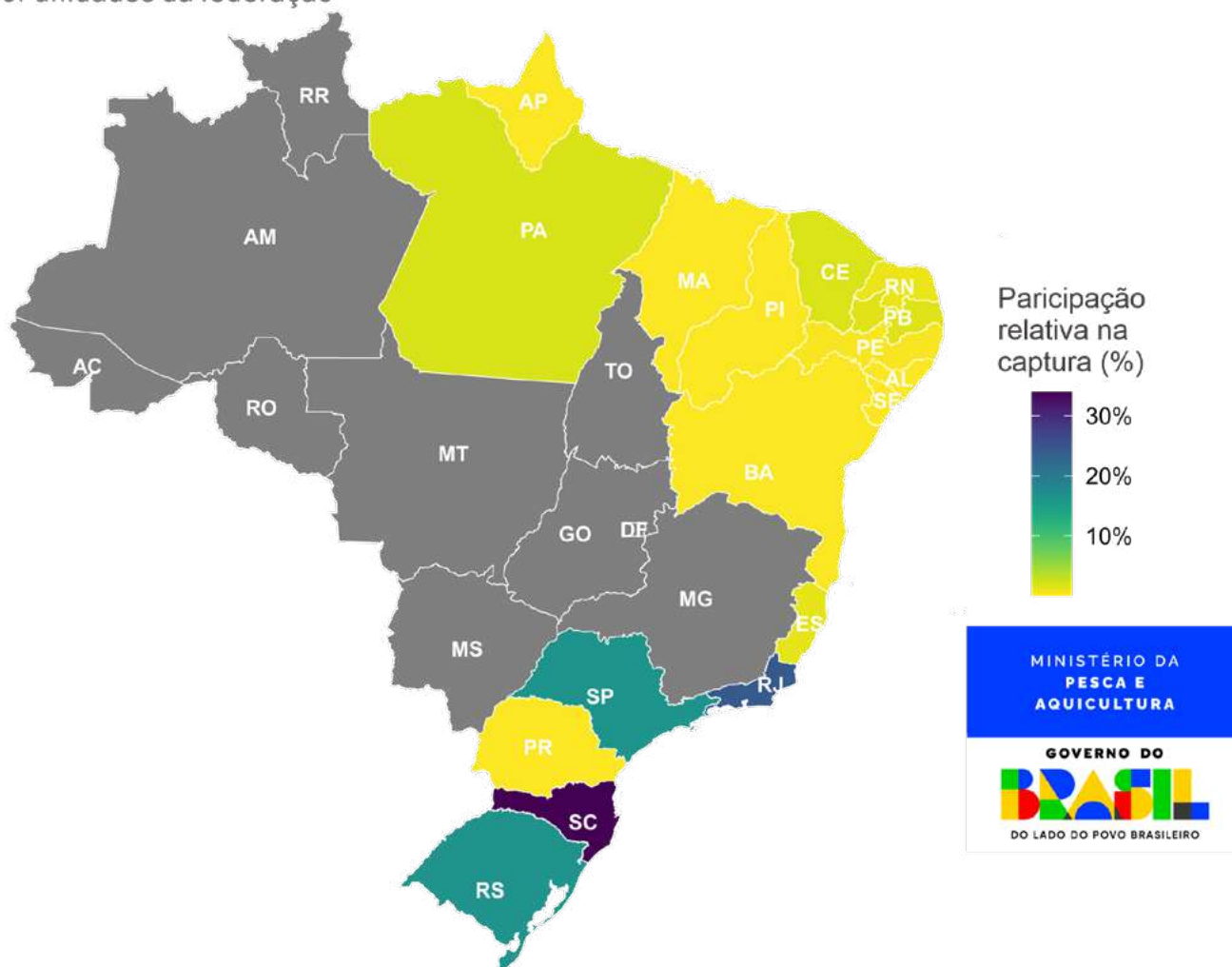


Figura 66. Participação da produção pesqueira marinha industrial por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

A produção industrial apresentou uma forte concentração na região Sul e Sudeste (Figura 66). O Estado de Santa Catarina liderou a participação nacional industrial com 33,93% da produção total, seguido pelo Rio de Janeiro com 24,46%. O Rio Grande do Sul (16,55%), São Paulo (16,43%), e o Pará (1,95%) completam a lista dos cinco estados com maior representatividade na produção industrial histórica brasileira.

Peixes

Entre os anos de 1950 e 2022, o segmento Industrial registrou um desembarque acumulado de 15,59 milhões de toneladas de peixes (Figura 67), mantendo assim, média anual de desembarque de 213,56 mil toneladas. Dez espécies concentram cerca de 68,39% de toda a produção de peixes industriais.



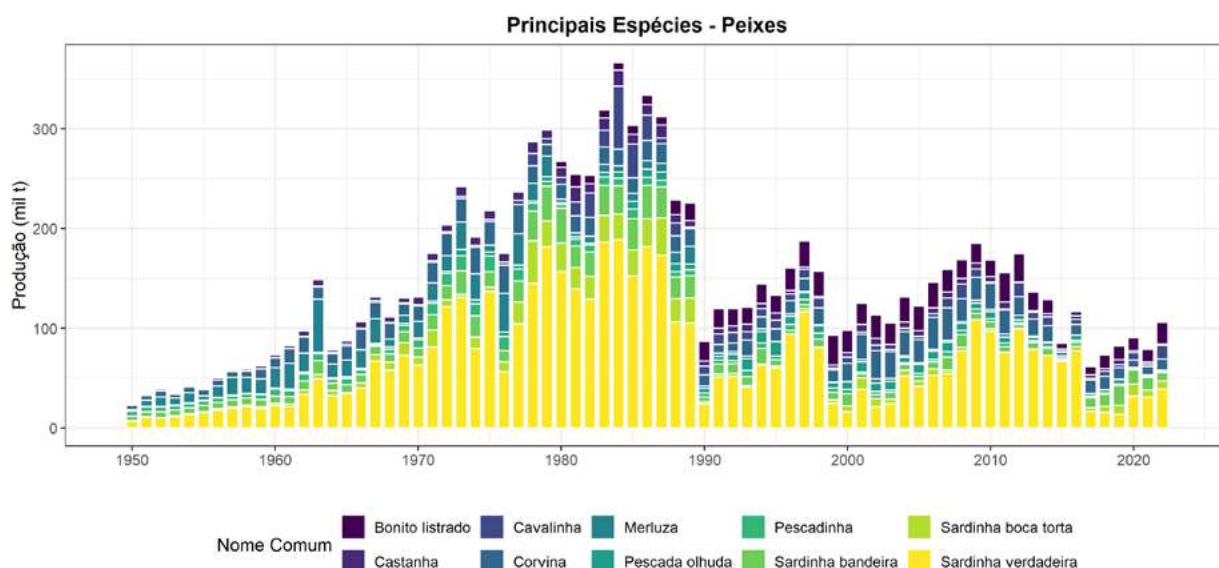


Figura 67. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de peixes, entre os anos de 1950-2022.

Dos dez (10) principais recursos pesqueiros, cinco (5) representam 54,39% do total (Figura 67, Tabela 31). A sardinha verdadeira liderou o ranking do setor industrial, com 5,00 milhões de toneladas acumuladas entre 1950-2022, média de 68,62 mil t/ano e 32,14% da produção total do setor. Em segundo lugar, a corvina apresentou um acumulado de 1,15 milhão de toneladas (7,42% de

participação), com produção média de 15,84 mil t/ano.

Além destes, a sardinha bandeira, registrou 894 mil toneladas (5,74%), média de 12,25 mil t/ano, seguido pelo bonito listrado, com 751 mil toneladas (4,82%) e média de 13,19 mil t/ano, e a merluza fecha a lista das cinco principais espécies com um volume total de 664 mil toneladas (4,26%) e média anual de 9,09 mil toneladas.

Tabela 31. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Sardinha verdadeira	146,84	431,44	1.101,14	1.518,84	607,89	487,88	715,54
Corvina	58,77	142,25	218,06	174,84	125,72	255,63	181,13
Sardinha bandeira	61,34	88,79	196,45	279,31	78,97	77,06	112,99
Bonito listrado	-	1,22	6,99	102,41	214,88	224,24	202,23
Merluza	98,56	207,69	220,19	82,62	18,14	22,6	14,47
Sardinha boca torta	10,36	52,24	150,28	265,47	19,24	54,61	53,97
Cavalinha	0,72	9,51	36,77	204,3	81,94	59,09	70,88
Castanha	16,12	43,82	86,57	111,52	48,49	60,63	40,12
Pescadinha	43,9	56,17	113,65	69,15	47,59	32,75	23,83
Pescada olhuda	7,46	15,15	35,89	55,15	80,67	79,52	44,19

Crustáceos

Os crustáceos (Figura 68, Tabela 32) desembarcados pela pesca industrial somam uma produção total de

1,21 milhão de toneladas entre 1950 e 2022. A média anual de produção para este grupo no setor foi de 16,63 mil toneladas. Dez espécies responderam por

99,14% do desembarque total de crustáceos industriais, dos quais cinco (5) representam 89,21%.

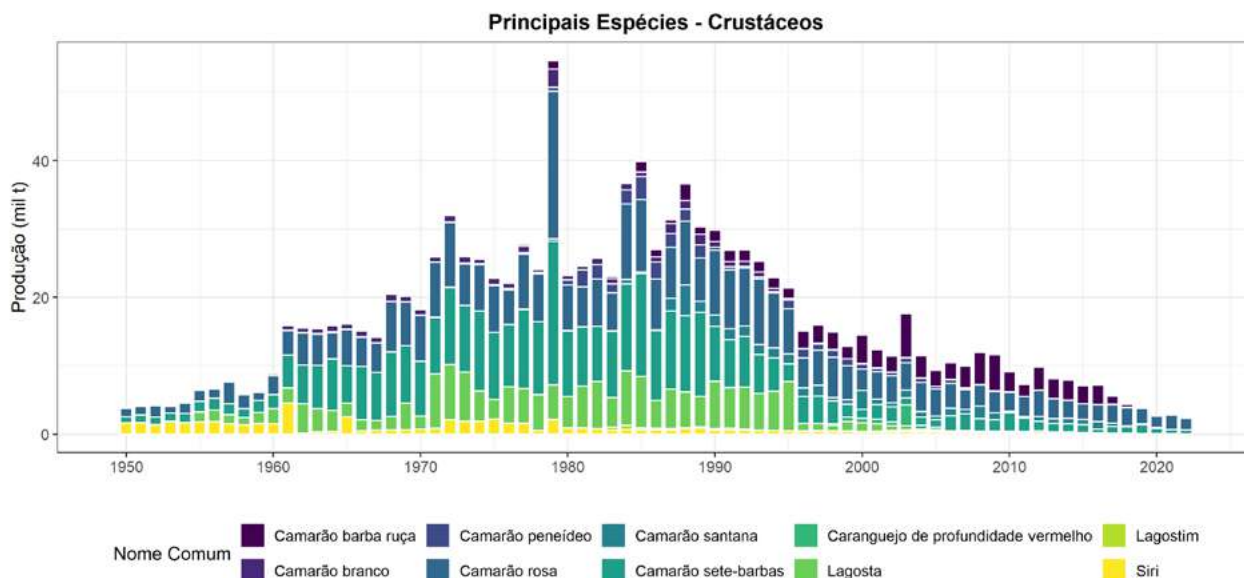


Figura 68. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de crustáceos, entre os anos de 1950-2022.

O camarão sete-barbas foi a espécie mais desembarcada (Figura 68, Tabela 32), com um acumulado de 379,12 mil toneladas de 1950 a 2022, o que representa 31,23% do grupo no setor (média de 5,19 mil t/ano). O camarão rosa ocupou a segunda posição com 365,90 mil toneladas, com 30,14% de participação e média anual de 5,01 mil toneladas.

A lista prosseguiu com a lagosta, que registrou 189,27 mil toneladas (15,59%) e média anual de 2,59 mil t/ano, seguida pelo camarão barba ruça, com produção acumulada de 88,10 mil toneladas (7,25%) e média anual de 1,44. O siri fecha a o top 5 com 60,58 mil toneladas (4,99%) e média de 0,82 mil t/ano (Tabela 32).

Tabela 32. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Camarão sete-barbas	13,49	64,62	111,04	108,84	48,83	17,02	15,27
Camarão rosa	15,97	46,77	85,48	77,32	71,29	36,16	32,91
Lagosta	7,41	26,06	53,01	57,02	41,62	4,14	0,01
Camarão barba ruça	-	0,41	2,72	7,44	19,15	36,89	21,48
Siri	16,21	11,75	15,48	7,6	5,02	2,96	1,56
Camarão santana	-	0,11	0,6	8,93	13,08	11,21	5,28
Camarão peneídeo	0,81	0,9	1,77	20,13	7,17	4,06	-
Camarão branco	1,48	7,33	9,94	9,46	4,15	0,47	0,51
Caranguejo de profundidade vermelho	-	-	-	-	0,81	6,01	<0,01
Lagostim	-	<0,01	0,16	1,9	0,92	1,75	1,52



Moluscos

A produção de Moluscos da pesca industrial (Figura 69, Tabela 33) somou um total de 96,97 mil toneladas entre 1956 (primeiro registro para o grupo) e 2022,

resultando na média anual de 1,44 mil toneladas/ano. Somente cinco (5) espécies responderam por 99,67% do desembarque total de moluscos.

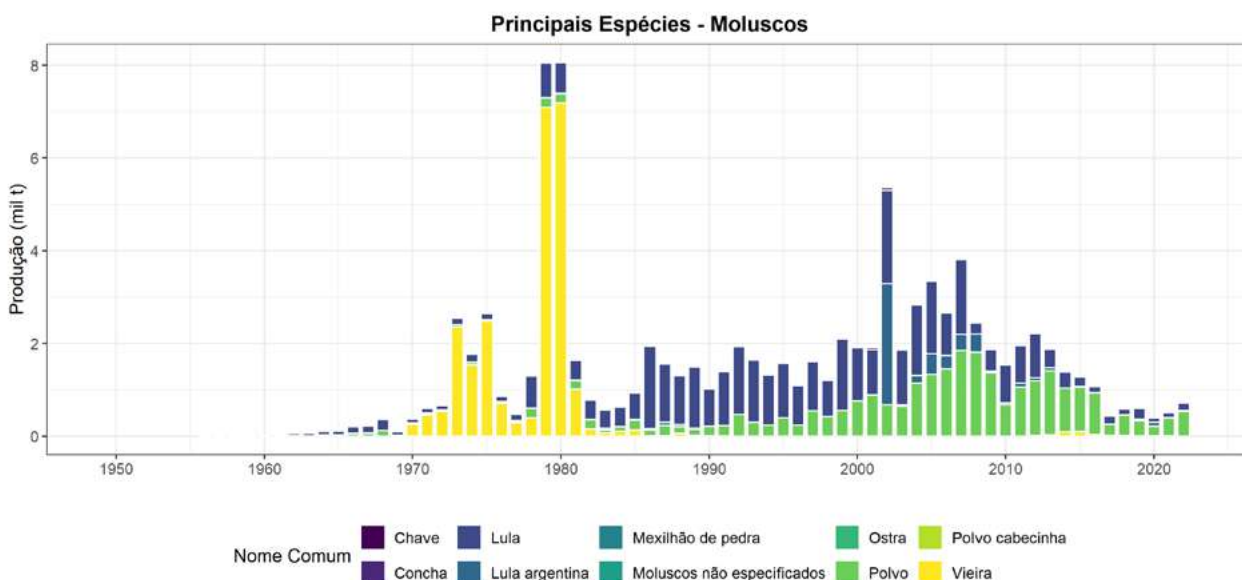


Figura 69. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de moluscos, entre os anos de 1956 (primeiro registro para o grupo)-2022.

A lula foi a espécie mais desembarcada pela pesca industrial (Tabela 33), com um acumulado de 39,10 mil toneladas, o que representou 40,32% da produção do grupo (média de 0,58 mil t/ano). O polvo ocupou a segunda posição com 27,38 mil toneladas, com 28,24% de participação e média anual de 0,40 mil toneladas.

Completam a lista das 5 principais espécies, a vieira, que registrou 25,18 mil toneladas (25,97%), lula argentina, com 4,79 mil toneladas (4,94%) e mexilhão de pedra, que apresentou uma produção acumulada de 192 toneladas (0,19%) e média anual de 7,12 toneladas.

Tabela 33. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para as dez (10) das principais espécie de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Lula	0,02	0,92	2,4	8,29	11,29	11,63	4,56
Polvo	0,01	0,38	0,67	1,59	3,59	11,93	9,22
Vieira	-	-	16,11	8,76	0,02	0,01	0,29
Lula argentina	-	-	-	-	-	4,33	0,46
Mexilhão de pedra	-	-	<0,01	0,19	<0,01	<0,01	-
Moluscos não especificados	-	0,01	0,08	0,04	-	-	-
Chave	-	-	-	-	-	0,09	<0,01
Ostra	-	-	-	0,03	-	-	-
Polvo cabecinha	-	-	-	-	-	-	0,03
Concha	-	-	-	-	0,01	0,01	<0,01

Regiões e Unidades da Federação

Região Norte

A Região Norte (Figura 70) apresentou 348,96 mil toneladas acumuladas entre os anos de 1950 e 2022, resultando na média anual de produção de 4,78 mil toneladas/ano. O setor industrial foi caracterizado

pela forte concentração geográfica no estado do Pará, responsável por quase todo desembarque industrial da região (Figura 71).

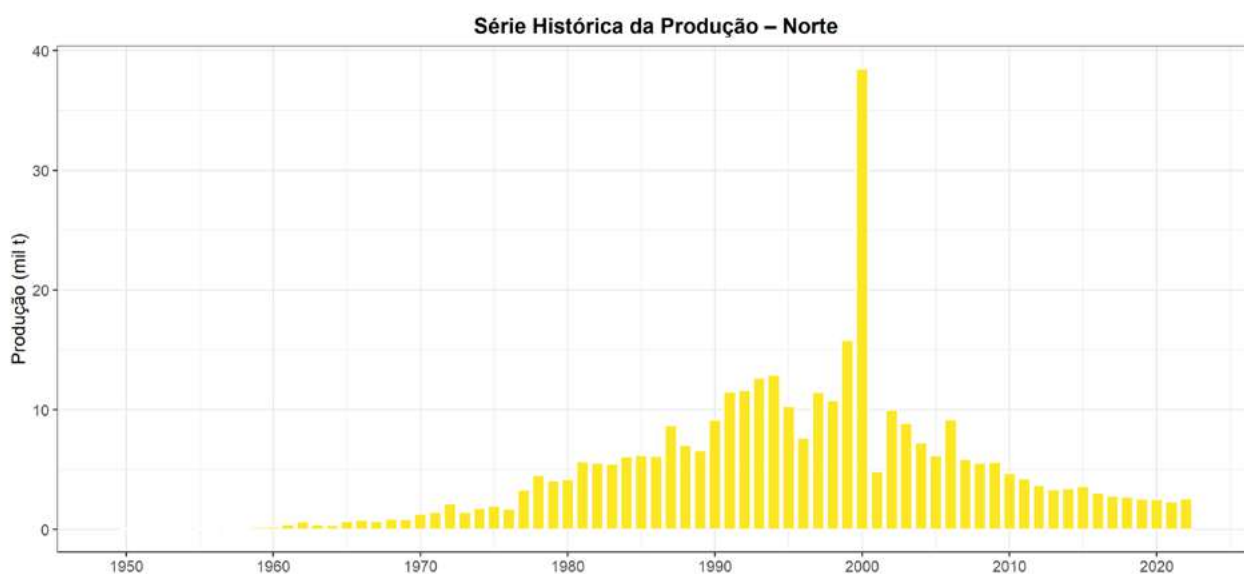


Figura 70. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Norte do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha.

Participação industrial no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Norte por unidades da federação

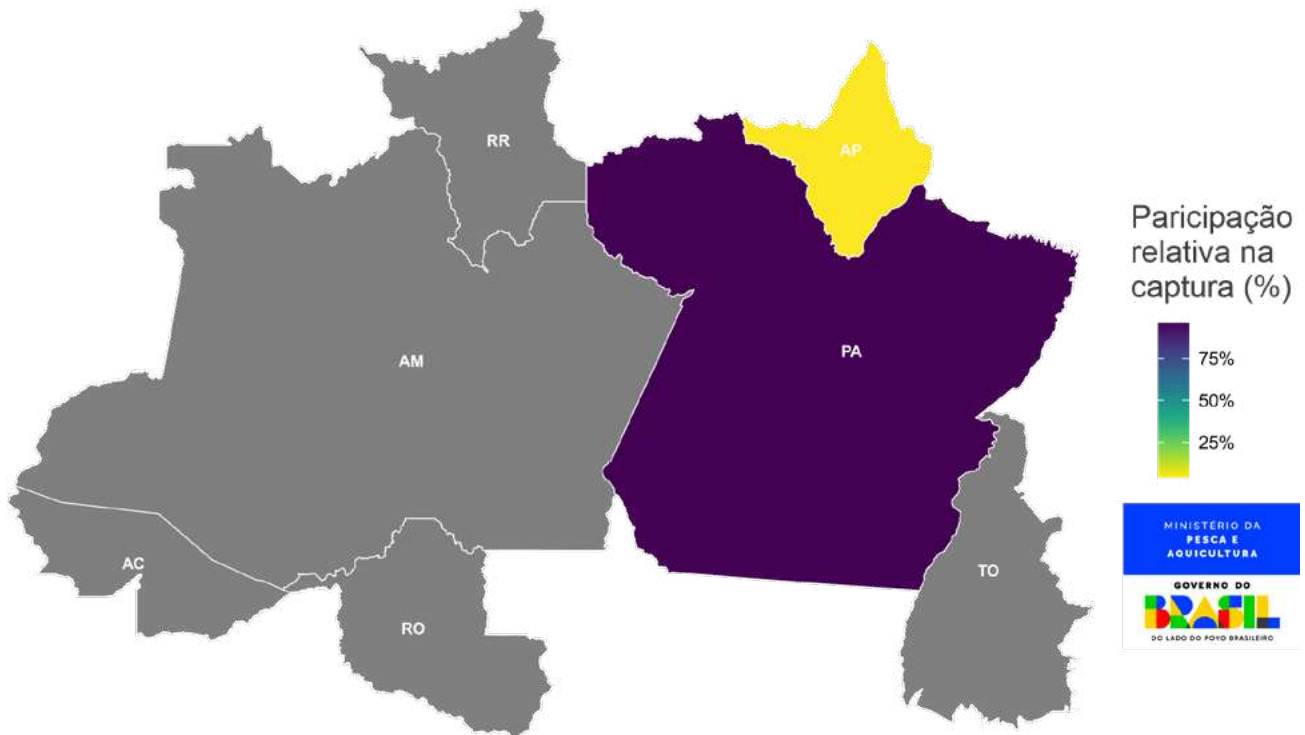


Figura 71. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Norte por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas (Figura 72), o grupo dos peixes foi o principal componente da pesca industrial na região, com uma participação de 53,18% do volume total,

seguidos pelos crustáceos com 46,82%. O grupo dos moluscos apresentou uma participação marginal, inferior a 0,01% do desembarque acumulado no período.

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial nas unidades da federação da região Norte

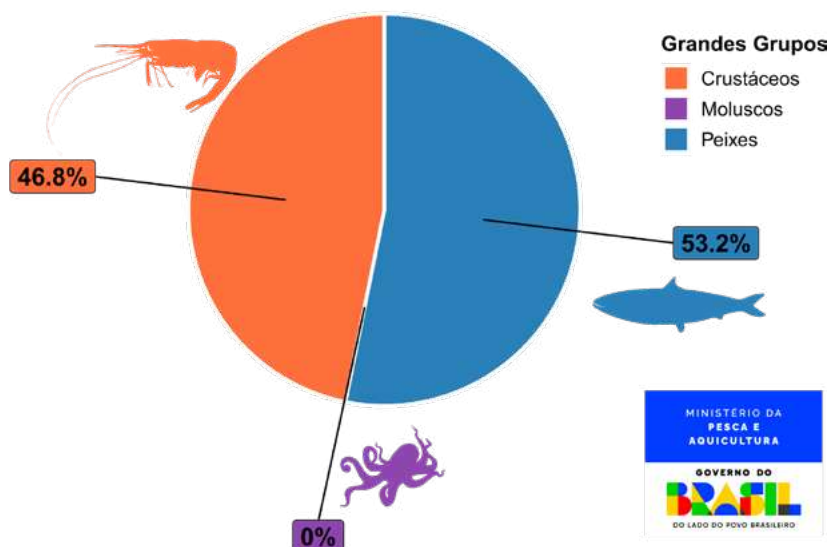


Figura 72. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

O camarão rosa foi o principal recurso pesqueiro desembarcado pelas pescarias industriais na região (Figura 73), com produção acumulada de 159,49 mil toneladas de 1950 a 2022, média anual de 2,18 mil toneladas/ano, correspondendo a 45,70% do volume total. Em seguida, o pargo verdadeiro registrou 50,67 mil toneladas (14,52%), com uma produção média de 1,07 mil t/ano.

A lista prosseguiu com a pescada amarela, que somou 33,70 mil toneladas (9,66%), seguida pelo bagre gurijuba, com 19,57 mil toneladas (5,61%) (Figura 73). O ranking é completado pela pescadinha, que apresentou uma produção acumulada de 15,77 mil toneladas (4,52%) e média anual de 216,04 toneladas.

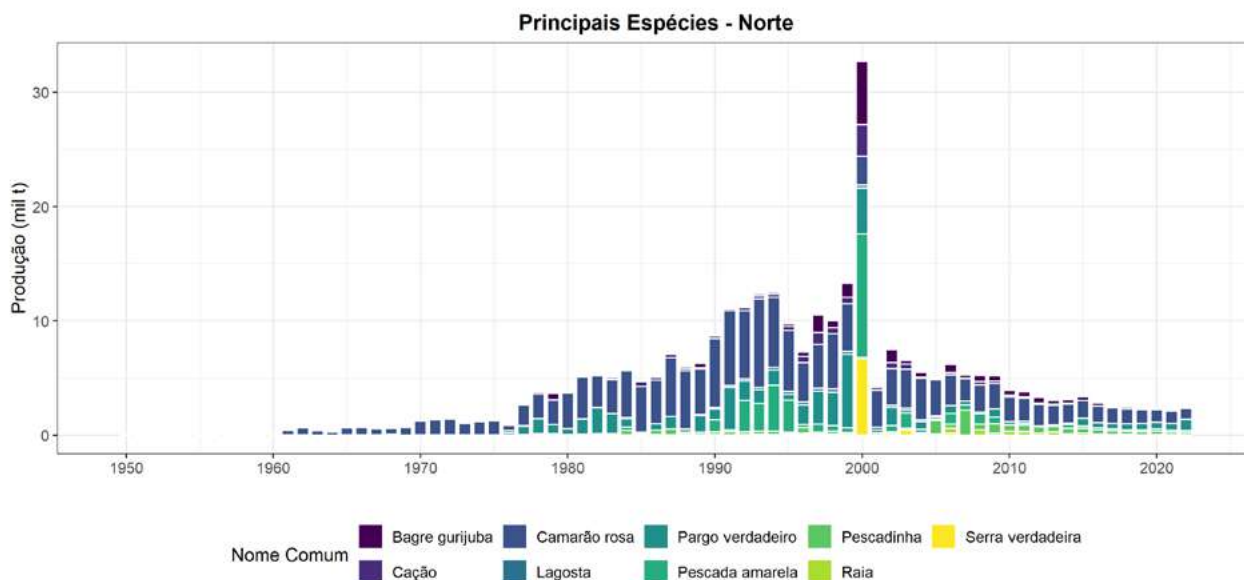


Figura 73. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.



 **Amapá**

Os crustáceos (63,9%) foram o principal grupo desembarcado pela frota industrial no Estado do Amapá para o período de 1950-2022, seguido pelos peixes com 36,1% (Figura 74).

Produção relativa (%) dos grandes grupos
Da pesca industrial no Amapá

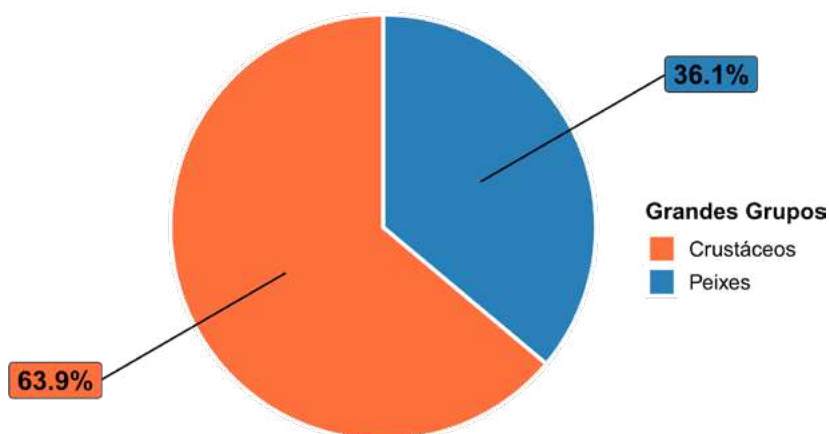


Figura 74. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022.

O camarão rosa (189,19 t/ano), a gurijuba (83,88 t/ano) e a pescada amarela (86,62 t/ano), foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial no Amapá, representando 83,40% entre 1976 e 2022 (Figura 75, Tabela 34).

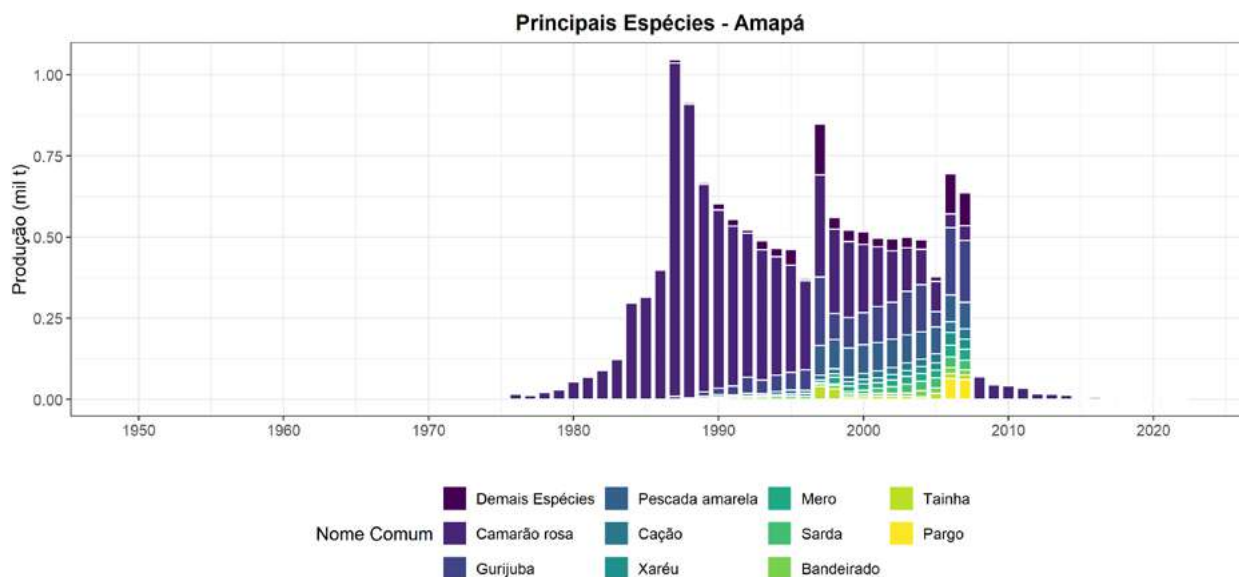


Figura 75. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Amapá, entre os anos de 1976 e 2022.

Tabela 34. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Amapá, entre os anos de 1976 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	-	-	0,02	0,38	0,41	-
Camarão rosa	-	-	0,08	3,91	3,67	1,09	0,15
Gurijuba	-	-	-	0,02	0,69	1,05	-
Pescada amarela	-	-	-	-	0,27	0,68	-
Cação	-	-	-	0,01	0,10	0,20	-
Xaréu	-	-	-	<0,01	0,07	0,18	-
Mero	-	-	-	-	0,04	0,20	-
Sarda	-	-	-	-	0,01	0,20	-
Bandeirado	-	-	-	<0,01	0,08	0,11	-
Tainha	-	-	-	-	0,08	0,09	-
Pargo	-	-	-	-	-	0,12	-





A produção industrial no Pará foi composta por 53,9% de peixes e 46,1% de crustáceos, com uma participação residual de moluscos (Figura 76).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Pará

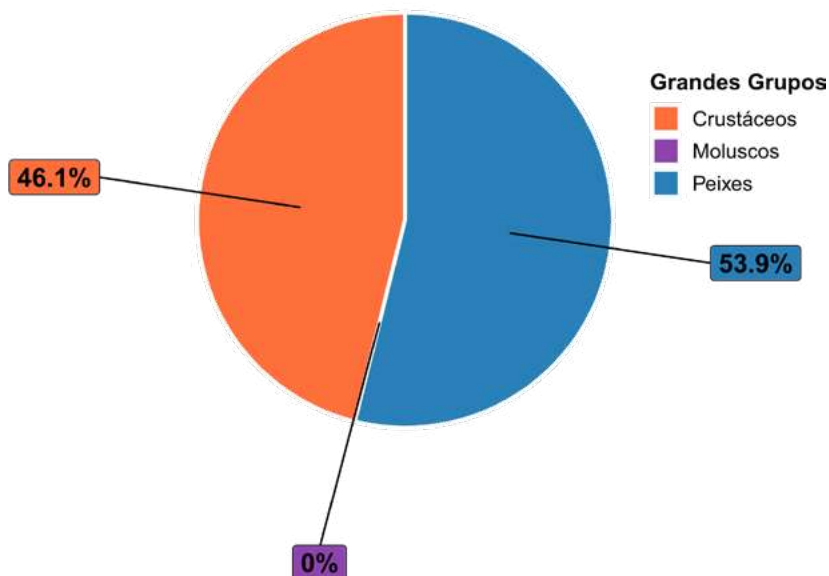


Figura 76. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Pará, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial entre 1950 e 2022, destacaram-se o camarão rosa (2,06 mil t/ano), o pargo (1,07 mil t/ano) e a pescada amarela (0,45 mil t/ano), que juntos representaram 69,81% do total desembarcado para o período (Figura 77, Figura 77). Embora, os desembarques de ambos os recursos pesqueiros tenham decrescido nas duas últimas décadas 2000-2022.

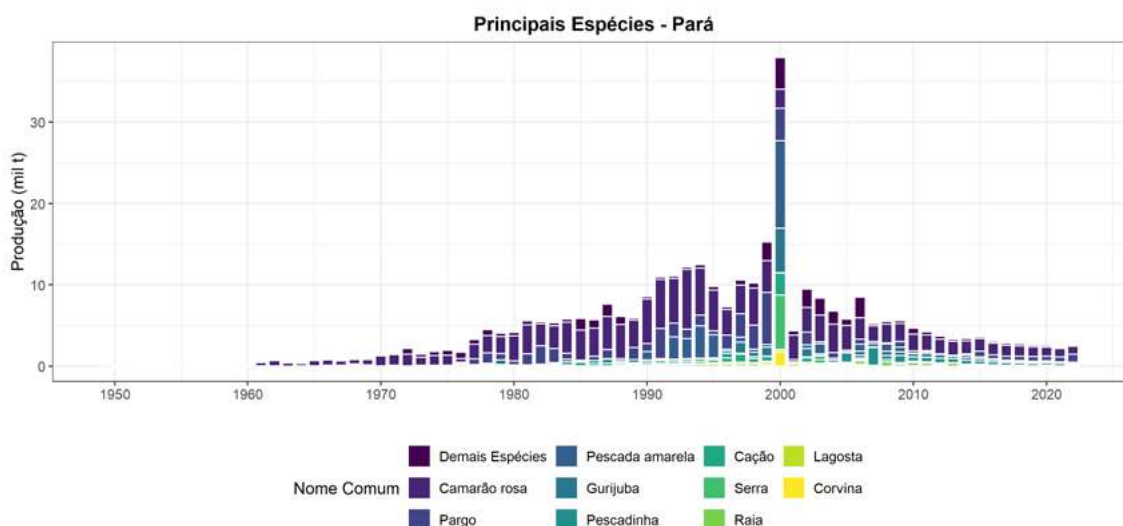


Figura 77. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Pará, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 35. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	0,07	0,29	4,74	7,23	5,89	14,65	3,57
Camarão rosa	0,36	4,77	13,77	34,77	50,39	27,35	19,19
Pargo	-	-	2,99	10,00	23,33	8,71	5,52
Pescada amarela	0,01	0,03	0,07	0,44	14,81	15,42	1,97
Gurijuba	0,12	0,15	0,85	0,86	4,02	8,71	3,10
Pescadinha	0,48	0,23	0,46	2,03	2,24	5,30	5,01
Cação	-	0,10	0,20	1,41	4,06	4,51	0,76
Serra	-	-	<0,01	0,14	0,78	7,77	-
Raia	-	-	0,03	0,25	0,38	1,33	1,92
Lagosta	-	-	0,26	0,28	2,19	1,15	-
Corvina	0,03	0,30	0,17	0,07	0,31	2,50	0,26



Região Nordeste

A produção industrial na Região Nordeste (Figura 78) registrou produção acumulada de 915,56 mil toneladas entre 1950 e 2022, e média de desembarque de 12,54 mil toneladas por ano.

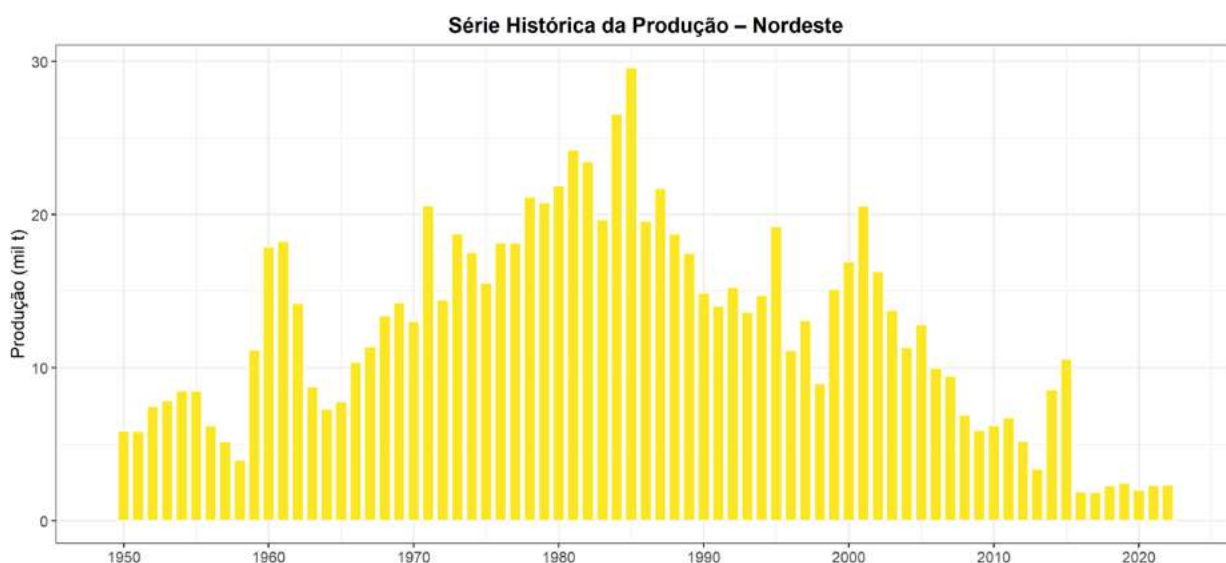


Figura 78. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Nordeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha.

Na região Nordeste, o estado do Ceará liderou historicamente a produção com 34,76% da produção total (318,22 mil t) (Figura 79), seguido do Rio Grande do Norte com 19,38% (177,46 mil t), enquanto os demais estados (MA, PI, PE, AL, SE e BA) somam, juntos, os 15,22% restantes.

Cabe destacar também, que a produção desembarcada no estado da Paraíba para o período de 1950-2022 representou 30,64% (280,51 mil t). No entanto, esse percentual ao estado se deveu sobretudo a uma volumosa pesca de baleia que ocorreu até meados da década de 1990, tendo poucos registros de pescarias industriais após esse período (Figura 81).

Participação industrial no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Nordeste por unidades da federação

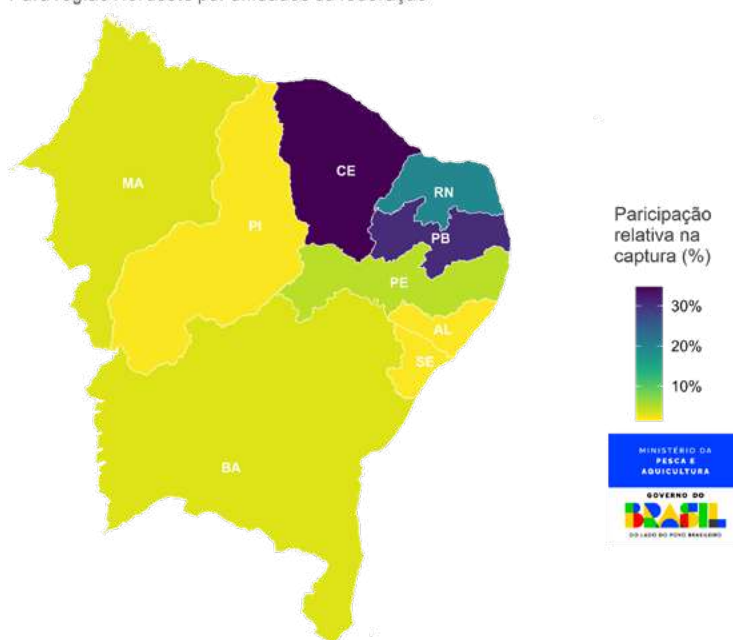


Figura 79. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

Quanto à composição da produção por categorias taxonômicas (Figura 80), o grupo dos peixes foi o principal componente, com uma participação de 48,37% da produção acumulada. Os crustáceos ocuparam a segunda posição com 27,21%, seguidos pelos outros grupos com 24,4%. Os moluscos registraram uma participação residual de 0,02%.

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial nas unidades da federação da região Nordeste

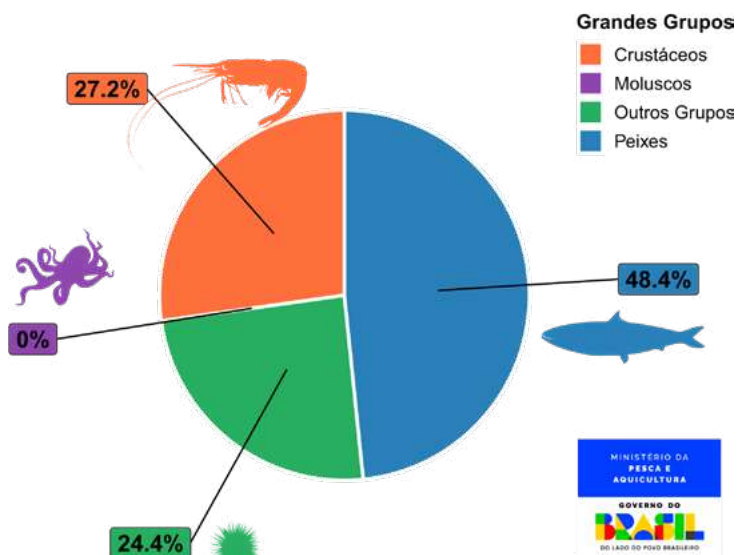


Figura 80. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

A lagosta registrou uma produção acumulada de 182,53 mil toneladas na região (Figura 81) para o período de 1950 a 2022, sendo em volume o principal recurso pesqueiro da pesca industrial nordestina, com uma participação de 19,93% e média anual de 3,14 mil toneladas. Na segunda posição, o pargo verdadeiro apresentou uma produção acumulada de 105,87 mil toneladas (11,56%), com média de 2,30 mil t/ano.

A lista das cinco principais espécies contém ainda, a albacora laje, que somou 48,95 mil toneladas (5,34%), seguida pela albacora bandolim, com 38,21 mil toneladas (4,17%), e pelo espadarte, que apresentou uma produção acumulada de 35,44 mil toneladas (3,87%) e média anual de 1,31 mil toneladas (Figura 81).

Para a lagosta e o pargo verdadeiro, observa-se uma redução nos volumes desembarcados pelo setor industrial a partir dos anos 2000. Inversamente, ao que ocorre com a expansão das pescarias industriais de espécies migratórias, nesse caso da albacora laje e albacora bandolim (Figura 81).

Por fim, é necessário ressaltar que o recurso pesqueiro baleia apresentou um volume acumulado expressivo de 223,39 mil toneladas ao longo do período analisado. No entanto, como destacado anteriormente, este número refere-se estritamente a um ciclo histórico de exploração que foi integralmente descontinuado no Brasil no início dos anos 1990.



Foto: www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/noticias/portaria-do-mpa-redefine-cotas-de-captura-da-albacora-bandolim-em-2025

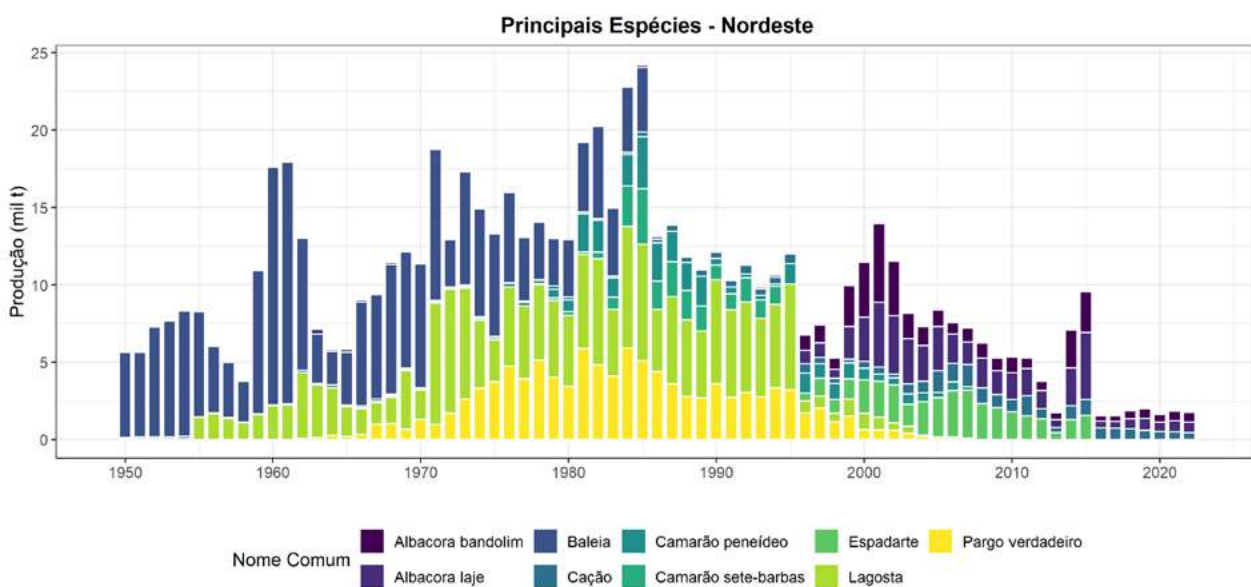
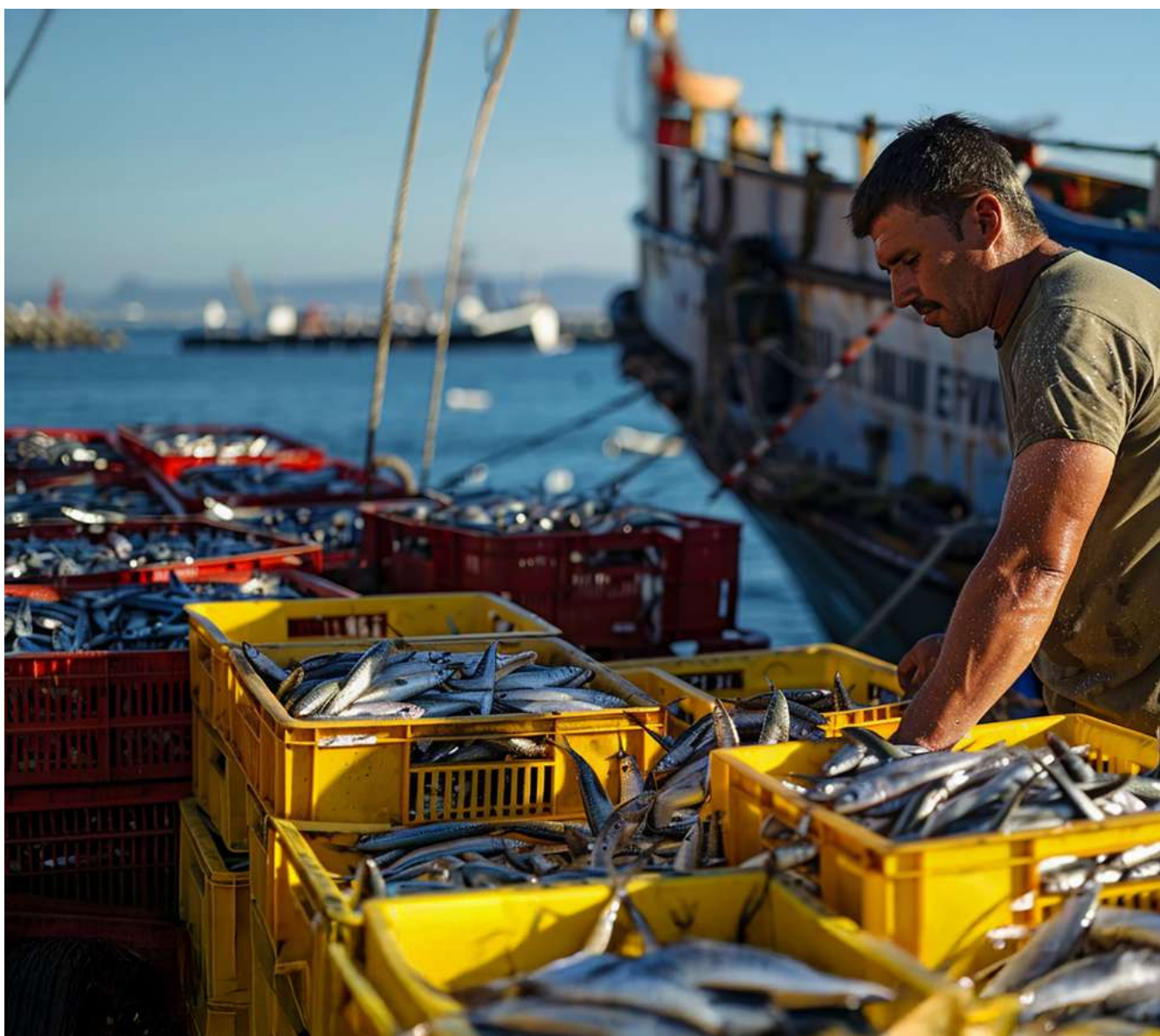


Figura 81. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.



Alagoas

Os crustáceos representaram 94,1% da composição total da pesca industrial em Alagoas, seguido pelos peixes com 5,9% (Figura 82).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em Alagoas

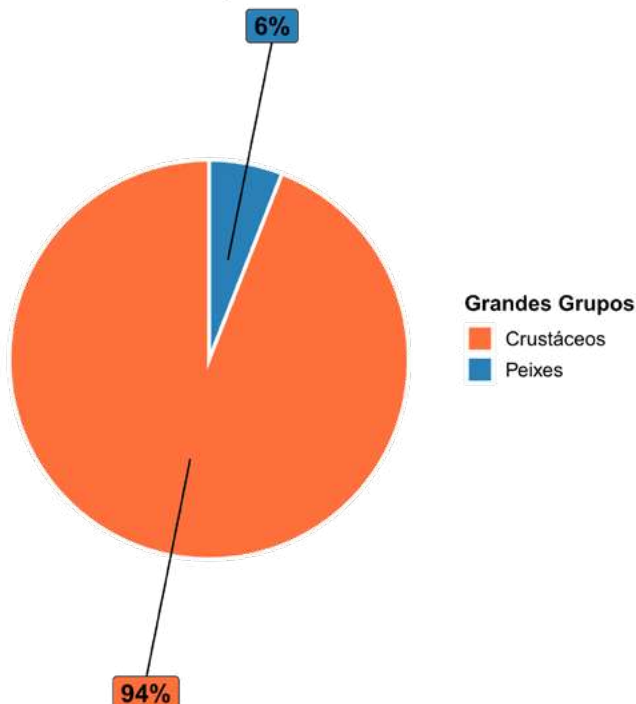


Figura 82. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados, destacaram-se o camarão sete-barbas (654,47 t/ano), seguido pelo camarão branco (41,93 t/ano). Estes foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial do Estado do Alagoas, representando 94,05% para a série histórica. Cabe destacar, que esses recursos foram utilizados pelas pescarias industriais num recorte de tempo restrito de 25 anos, entre 1975 e 1995 (Figura 83, Tabela 36).

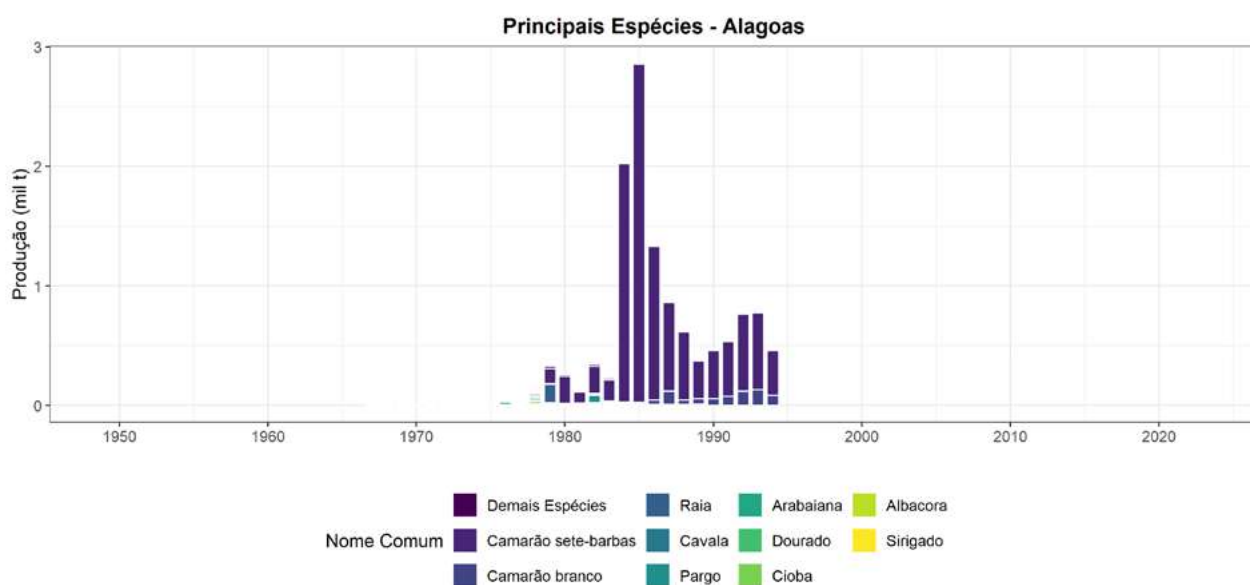


Figura 83. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 36. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	<0,01	0,05	0,09	-	-	-
Camarão sete-barbas	-	-	0,13	8,47	2,52	-	-
Camarão branco	-	-	<0,01	0,24	0,47	-	-
Raia	-	-	0,17	0,01	-	-	-
Cavala	-	0,01	0,04	0,05	-	-	-
Pargo	-	-	<0,01	0,07	-	-	-
Arabaiana	-	-	0,02	0,04	-	-	-
Dourado	-	-	0,05	0,02	-	-	-
Cioba	-	-	0,03	0,03	-	-	-
Albacora	-	<0,01	0,02	0,03	-	-	-
Sirigado	-	-	0,01	0,01	-	-	-



 Bahia

A produção da pesca industrial no estado da Bahia foi composta majoritariamente por peixes (66,8%) e crustáceos (33,2%) (Figura 84).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial na Bahia

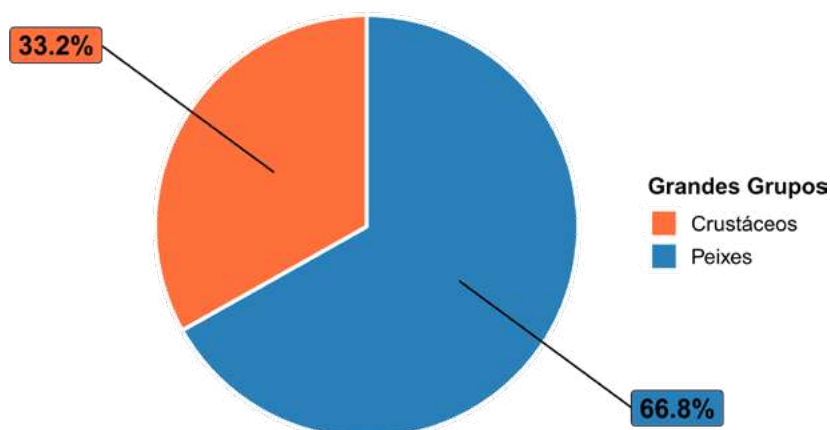


Figura 84. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022.

O siri (76,62 t/ano), a guaiúba (111,06 t/ano), a cioba (79,03 t/ano), a lagosta (426,20 t/ano), o camarão branco (50,29 t/ano), o camarão sete-barbas (48,27 t/ano) e o badejo (20,04 t/ano) foram alguns dos principais recursos desembarcados pela pesca industrial do Estado da Bahia, representando 45,97% entre 1950 e 2022 (Figura 85, Tabela 37).

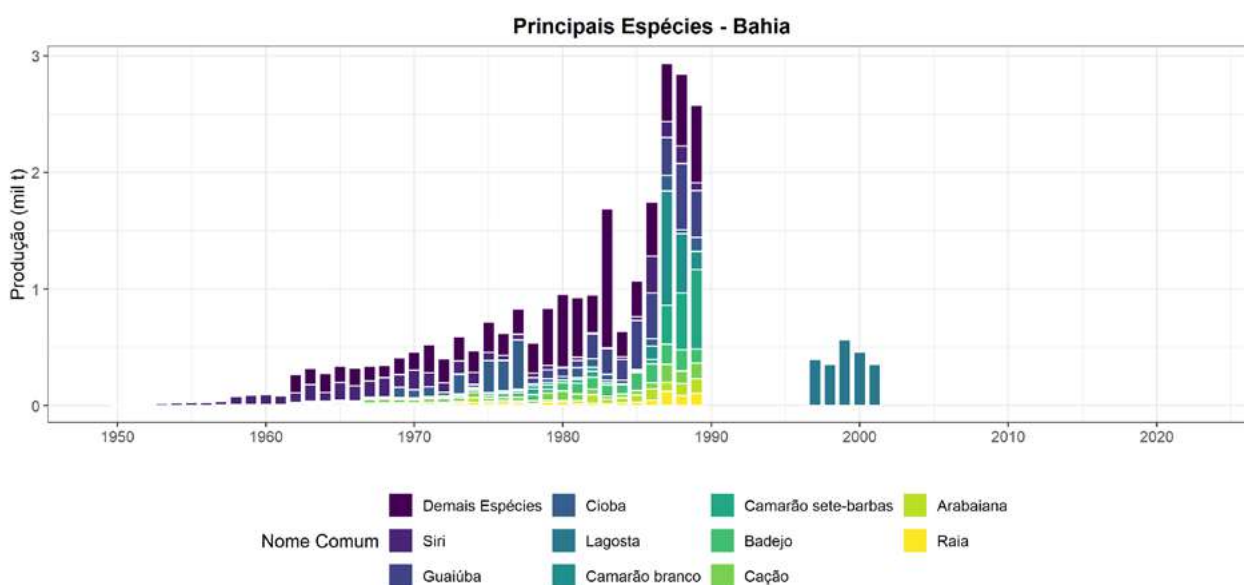


Figura 85. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 37. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	1,12	2,41	5,44	-	-	-
Siri	0,30	1,17	0,81	0,78	-	-	-
Guaiúba	-	<0,01	0,15	2,84	-	-	-
Cioba	-	0,12	1,37	0,64	-	-	-
Lagosta	-	-	-	-	1,32	0,82	-
Camarão branco	0,01	0,05	0,11	1,85	-	-	-
Camarão sete-barbas	0,01	0,06	0,18	1,68	-	-	-
Badejo	-	<0,01	0,24	1,22	-	-	-
Cação	-	0,10	0,34	0,73	-	-	-
Arabaiana	-	0,10	0,18	0,65	-	-	-
Raia	-	0,07	0,17	0,50	-	-	-





Ceará

O Ceará liderou a produção industrial da região foi dividida de forma equilibrada entre peixes (50,9%) e crustáceos (49,1%) (Figura 86).

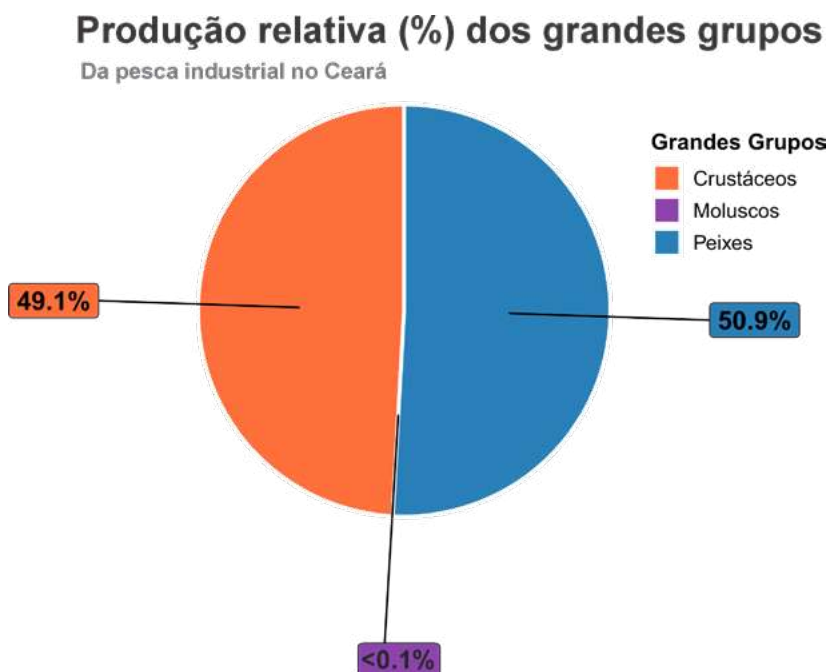


Figura 86. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022.

Os principais recursos desembarcados historicamente pelas pescarias indústrias do Estado do Ceará entre 1950 e 2022 foram a lagosta vermelha (1,76 mil t/ano), pargo (2,22 mil t/ano) e lagosta verde (0,68 mil t/ano), representando 69,56% do total desembarcado para o período (Figura 87, Tabela 38). Ademais, observou-se ao longo do tempo uma diminuição da contribuição das pescarias industriais, principalmente depois de 1995 (Figura 87, Tabela 38).

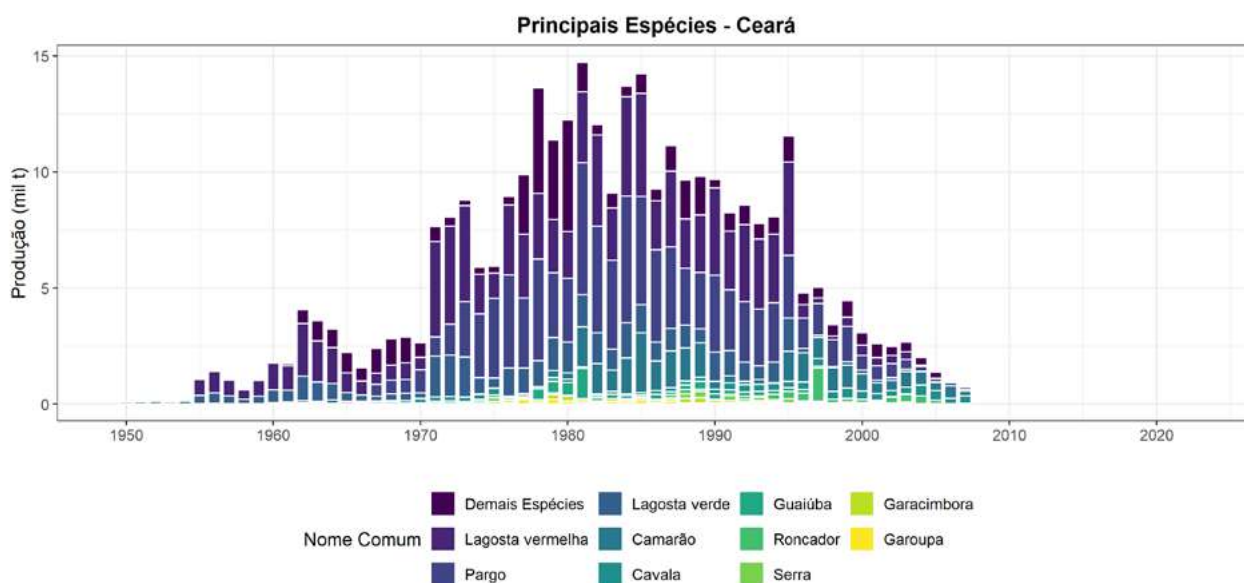


Figura 87. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 38. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	<0,01	7,20	13,42	13,44	6,75	2,68	-
Lagosta vermelha	3,36	11,10	26,67	29,93	20,97	1,61	-
Pargo	-	1,69	25,90	39,34	21,53	2,83	-
Lagosta verde	1,65	5,09	11,50	11,07	6,56	0,55	-
Camarão	0,63	0,49	0,47	14,10	6,50	4,00	-
Cavala	<0,01	0,65	1,69	1,20	3,18	2,58	-
Guaiúba	-	0,01	1,43	3,25	1,32	0,12	-
Roncador	-	-	0,07	0,76	2,86	1,25	-
Serra	-	0,12	0,51	0,61	0,91	0,21	-
Garacimbora	-	-	0,59	1,23	0,44	0,03	-
Garoupa	-	-	0,54	0,95	0,56	0,10	-



 Maranhão

A produção da pesca industrial no Maranhão foi composta quase integralmente por peixes (93,0%), com os crustáceos representando 7,0% do total (Figura 88).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Maranhão

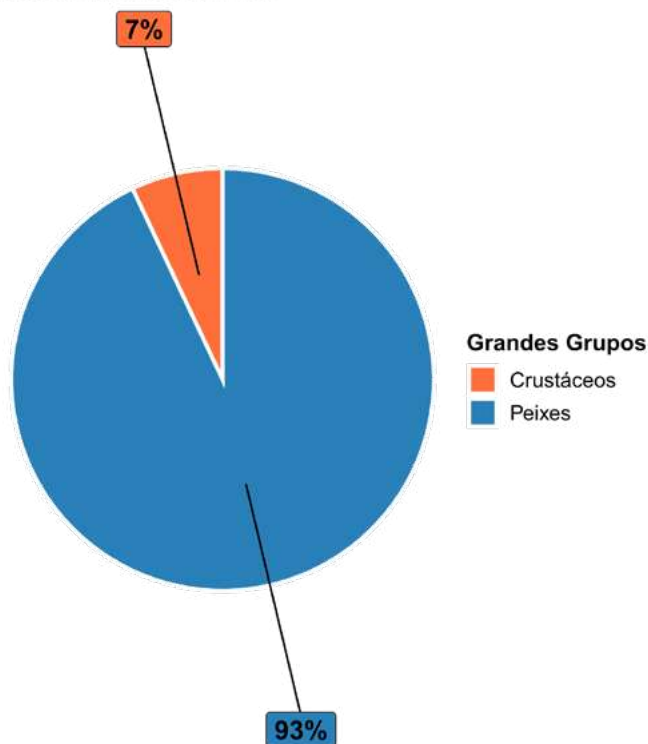


Figura 88. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022.

Os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial do Maranhão foram o pargo (0,22 mil t/ano), serra (0,20 mil t/ano) e a pescada (0,08 mil t/ano) representando 48,46% entre 1950 e 2022 (Figura 88, Tabela 39).

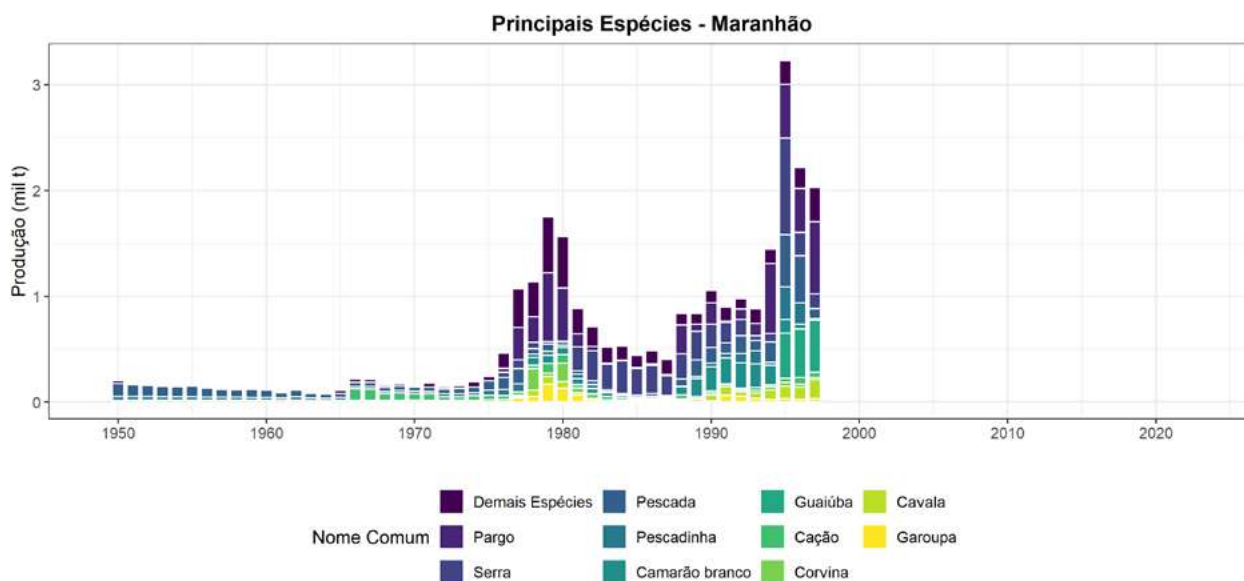


Figura 89. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 39. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	0,03	0,13	1,56	1,80	1,37	-	-
Pargo	-	-	1,24	1,06	2,69	-	-
Serra	-	-	0,22	2,28	1,97	-	-
Pescada	0,94	0,46	0,69	0,41	1,74	-	-
Pescadinha	0,32	0,23	0,39	0,19	0,84	-	-
Camarão branco	-	-	0,15	0,49	1,30	-	-
Guaiúba	-	-	-	-	1,38	-	-
Cação	-	0,36	0,47	0,26	0,24	-	-
Corvina	0,17	0,17	0,37	0,33	0,20	-	-
Cavala	-	-	0,14	0,14	0,73	-	-
Garoupa	-	-	0,27	0,27	0,28	-	-



 Paraíba

A Paraíba registrou uma produção acumulada de 280,51 mil toneladas entre 1950 e 2022, com 19,1% de peixes, 1,3% de crustáceos e 79,6% de outros grupos (Figura 90). É necessário ressaltar que o histórico produtivo do estado foi marcado por um ciclo de pescarias indústrias de baleias que ocorreu entre 1950 e 1985, o qual foi responsável por 223 mil toneladas dessa produção histórica. Ressalta-se que a proibição oficial da pesca de baleias no Brasil foi estabelecida pela Lei nº 7.643, de 1987, contudo, anteriormente, em 1985, o Governo Federal já havia suspenso a pesca de cetáceos pelo prazo de cinco anos, por meio do Decreto nº 92.185, de 20 de dezembro de 1985, medida que se mostra compatível com a série temporal disponível, a qual indica 1985 como o último ano de registro de desembarque de baleias.

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial na Paraíba

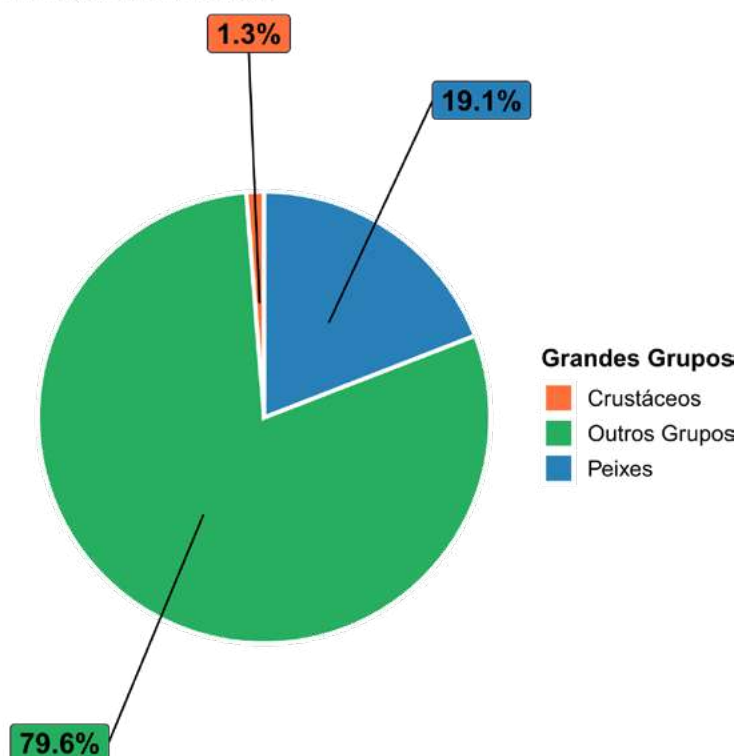


Figura 90. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022.

As Baleias como reportado anteriormente foram o principal alvo das pescarias no estado até 1985. Posteriormente, houve uma busca da pesca industrial por grandes pelágicos migradores, como a albacora bandolim (1,25 mil t/ano), o espadarte (0,99 mil t/ano) e o albacora laje (0,98 mil t/ano) (Figura 91, Tabela 40). Estes foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial na Paraíba entre 1950 e 2022.

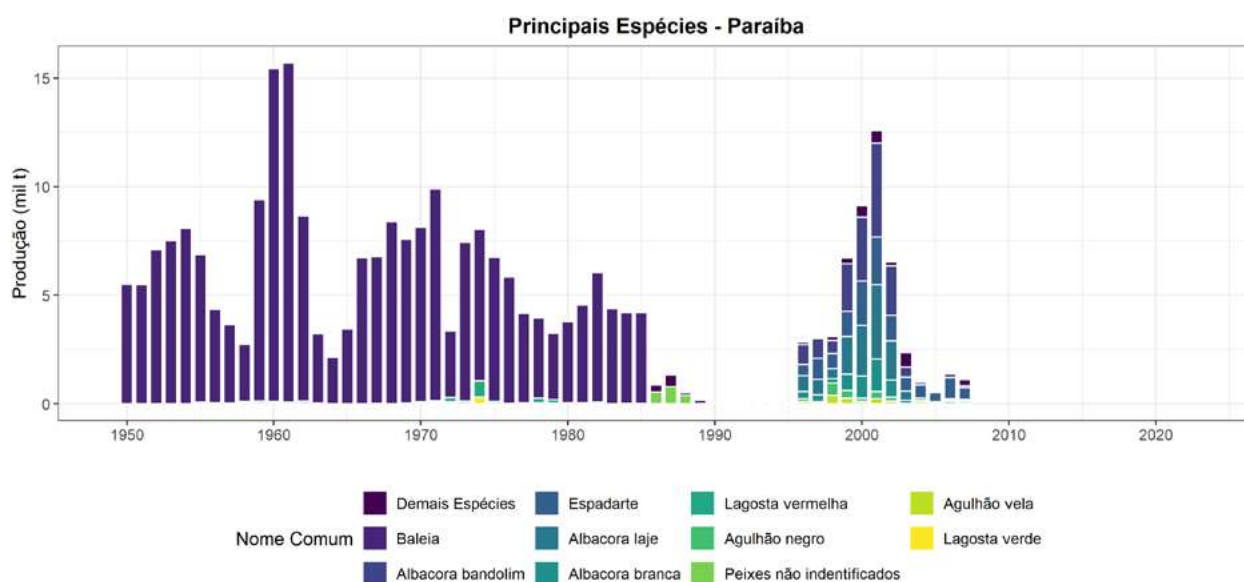


Figura 91. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 40. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	-	0,02	1,29	0,65	2,43	-
Baleia	60,30	77,67	58,45	26,96	-	-	-
Albacora bandolim	-	-	-	-	4,60	10,41	-
Espadarte	-	-	-	-	3,35	8,60	-
Albacora laje	-	-	-	-	3,64	8,23	-
Albacora branca	-	-	-	-	1,60	3,62	-
Lagosta vermelha	0,29	0,29	1,66	0,18	0,04	-	-
Agulhão negro	-	-	-	-	1,10	0,90	-
Peixes não identificados	-	-	-	1,75	-	-	-
Agulhão vela	-	-	-	-	0,80	0,63	-
Lagosta verde	0,12	0,14	0,71	0,06	0,01	-	-

 Pernambuco

A produção da pesca industrial em Pernambuco acumulou 43,50 mil toneladas entre 1950 e 2022, sendo composta principalmente por peixes (64,1%) e crustáceos (35,9%) (Figura 92).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em Pernambuco

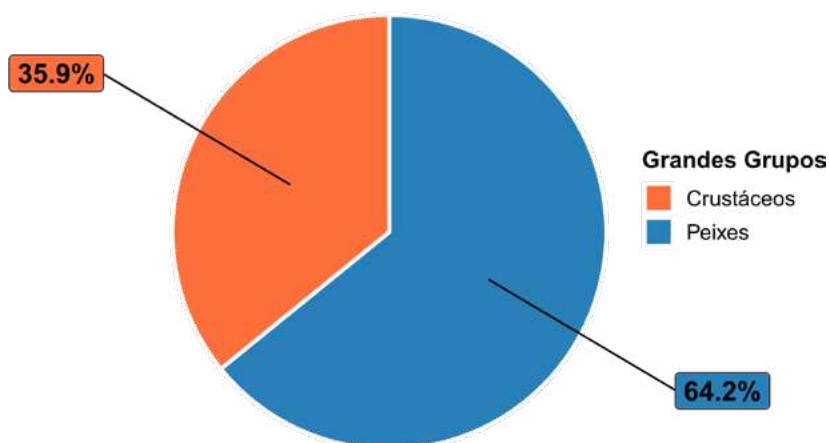


Figura 92. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022.

A lagosta vermelha (262,75 t/ano), albacora laje (149,65 t/ano) e o cação (100,17 t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial de Pernambuco, representando 57,03% entre 1950 e 2022. Além destes, outros recursos pesqueiros oceânicos, tais como a cavala empinge (58,30 t/ano), o espadarte (54,47 t/ano) e a albacora branca (13,33 t/ano) foram e se mantêm atualmente com grande relevância para o estado (Figura 93, Tabela 41). Por fim, ressalta-se a contribuição histórica importante para as pescarias industriais entre 1980 e 1989 do pargo, não havendo mais ocorrência após esse período.

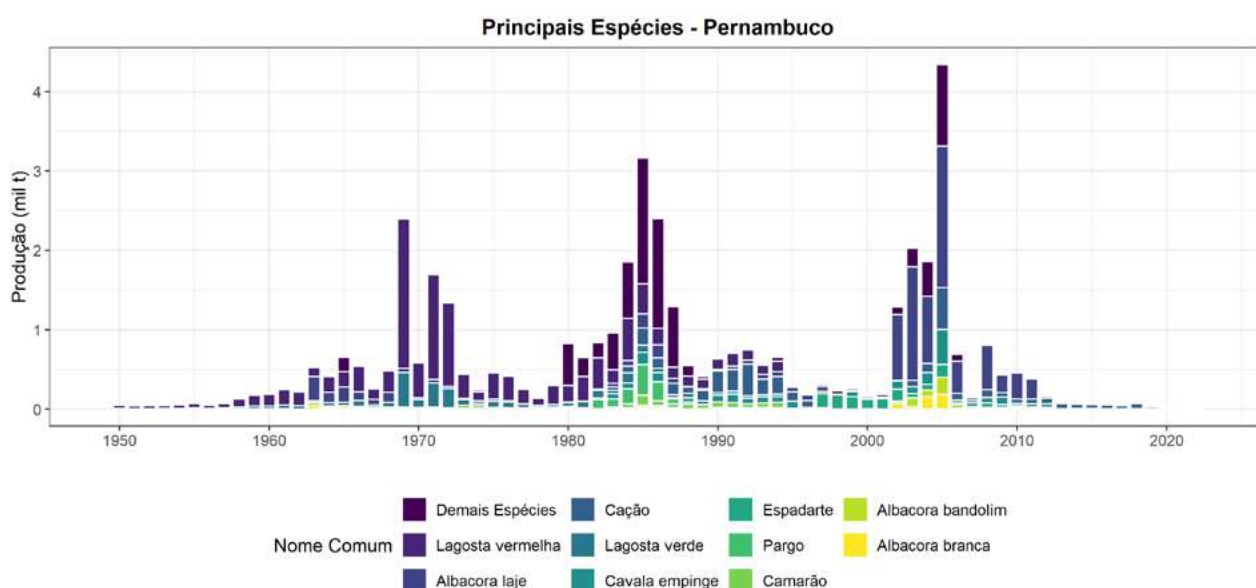


Figura 93. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 41. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	0,20	0,06	6,02	0,15	1,96	0,02
Lagosta vermelha	0,57	3,63	4,37	2,59	0,66	-	-
Albacora laje	-	0,98	0,20	0,58	0,44	6,14	0,64
Cação	-	-	-	0,83	1,60	1,00	0,57
Lagosta verde	0,13	0,84	1,01	0,67	0,16	-	-
Cavala empinge	-	-	-	0,50	0,58	1,01	0,13
Espadarte	-	-	-	-	0,52	0,84	0,06
Pargo	-	-	-	1,12	-	-	-
Camarão	0,02	0,06	0,13	0,44	0,32	-	-
Albacora bandolim	-	0,12	0,08	0,08	0,08	0,54	0,05
Albacora branca	-	0,11	0,04	0,09	0,04	0,48	0,04




Piauí

O estado do Piauí registrou uma produção Acumulada de 14,11 mil toneladas (1950-2022), com 54,0% de peixes e 46,0% crustáceos (Figura 94).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Piauí

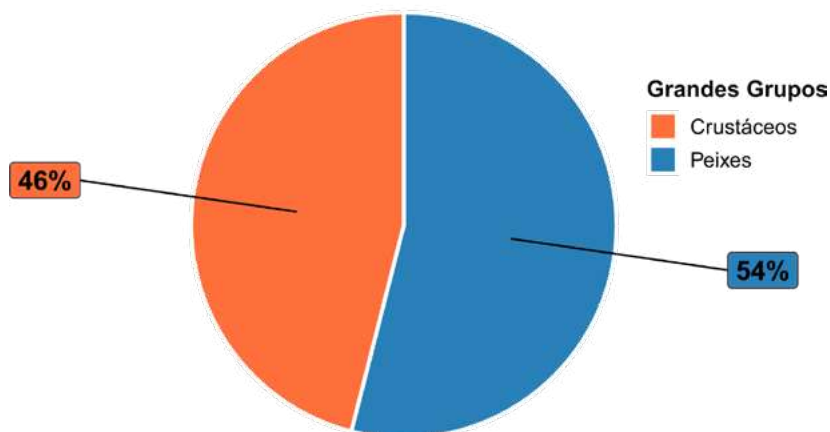


Figura 94. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os recursos historicamente desembarcados pela pesca industrial do Piauí, destacaram-se o camarão (155,32 t/ano), a pescada (64,95 t/ano) e o pargo (52,39 t/ano), representando 85,08% entre 1950 e 2022 (Figura 95, Tabela 42).

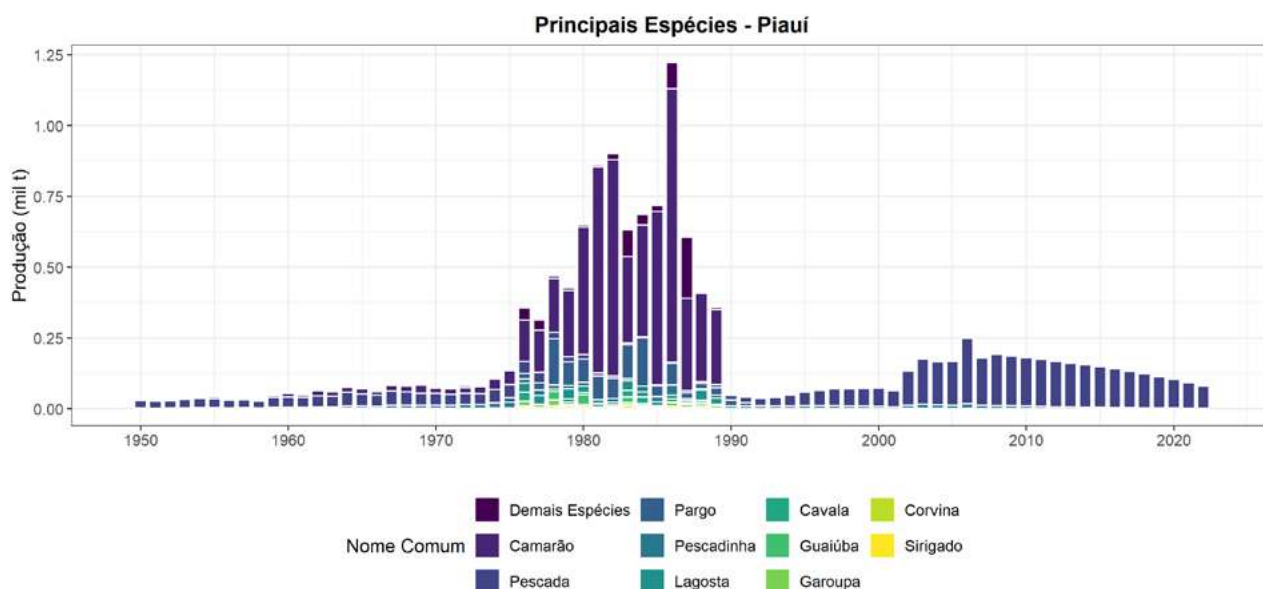


Figura 95. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 42. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	<0,01	0,11	0,51	<0,01	-	-
Camarão	0,03	0,17	0,89	5,12	-	-	-
Pescada	0,29	0,42	0,37	0,08	0,42	1,46	1,71
Pargo	-	-	0,31	0,71	0,03		
Pescadinha	0,03	0,08	0,15	0,14	0,09	0,11	0,06
Lagosta	-	-	0,10	0,18	-	-	-
Cavala	-	-	0,05	0,10	-	-	-
Guaiúba	-	-	0,04	0,09	-	-	-
Garoupa	-	-	0,05	0,06	-	-	-
Corvina	0,01	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01	<0,01
Sirigado	-	-	0,03	0,05	-	-	-



Rio Grande do Norte

Os peixes corresponderam a 81,1% das 177,46 mil toneladas acumuladas entre 1950-2022 pela pesca industrial do Rio Grande do Norte, seguido pelos crustáceos (18,8%) e moluscos (0,1%) (Figura 96).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Rio Grande do Norte

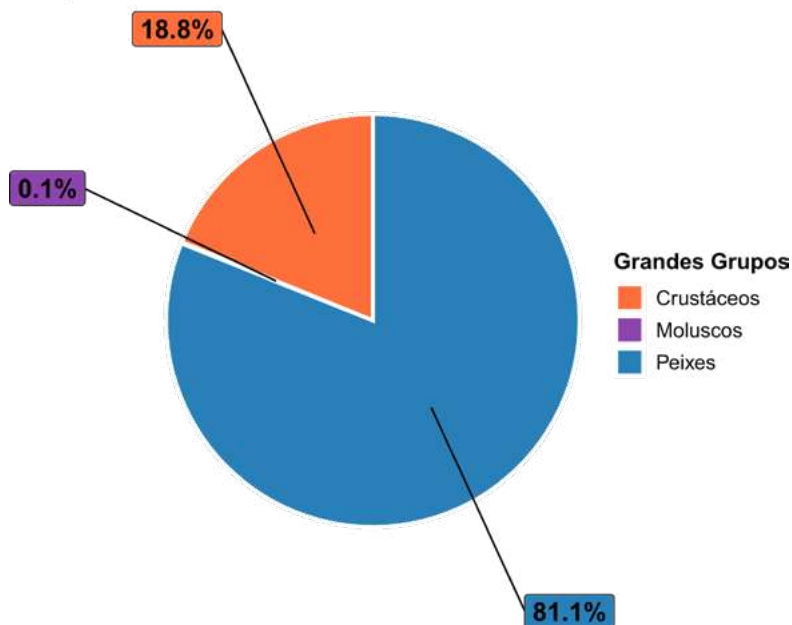


Figura 96. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022.

O Rio Grande do Norte mantém a maior frota industrial do Nordeste, sobretudo nas últimas duas décadas 2000 a 2022, principalmente em virtude das pescarias de atuns e afins. Nesse sentido, a albacora laje (460,73 t/ano), a albacora bandolim (364,75 t/ano) e o espadarte (1.577,52 t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial no estado (Figura 97, Tabela 43). Embora sem registro de pescarias industriais entre 2000-2022, a lagosta vermelha (529,47 t/ano) teve relevantes produções até 1999 (Figura 97, Tabela 43). Estas quatro (4) espécies representaram 53,05% da produção da pesca industrial entre 1950 e 2022.

Principais Espécies - Rio Grande do Norte

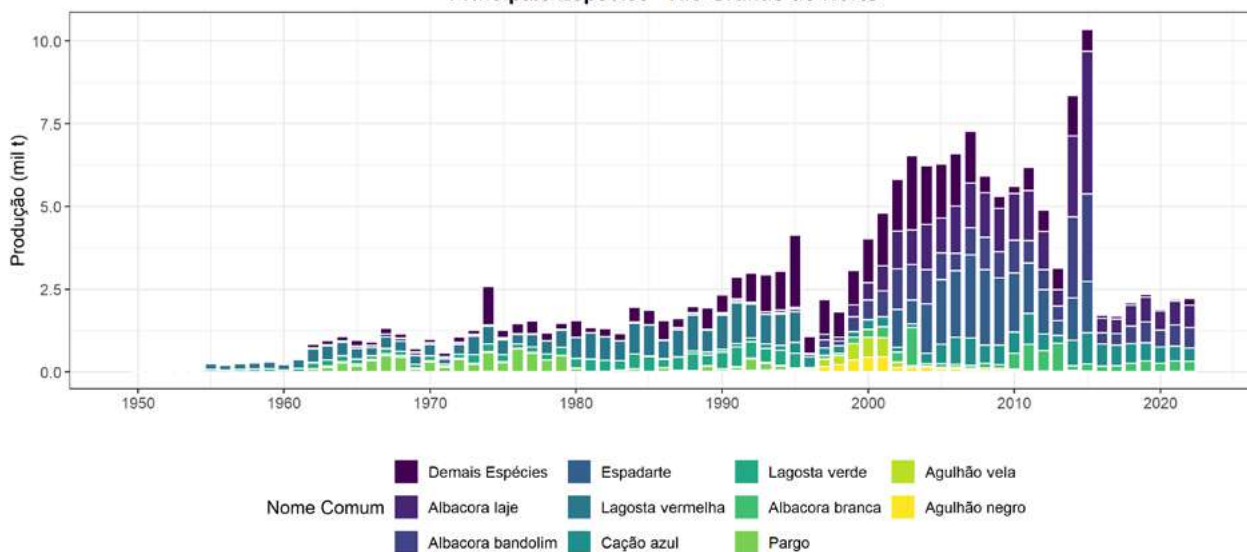


Figura 97. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 43. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	0,13	1,08	3,02	3,69	9,91	14,17	4,78
Albacora laje	-	0,03	0,08	0,08	1,03	11,33	15,55
Albacora bandolim	-	0,47	0,35	0,22	1,17	8,63	11,40
Espadarte	-	-	-	-	-	14,14	7,95
Lagosta vermelha	0,91	3,18	3,90	7,67	6,04	-	-
Cação azul	-	0,02	0,01	0,22	1,83	4,54	7,82
Lagosta verde	0,37	1,35	1,78	3,65	2,94	-	-
Albacora branca	-	0,34	0,20	0,12	0,52	2,64	4,92
Pargo	-	2,01	4,02	0,55	0,85	-	-
Agulhão vela	-	0,01	0,02	0,03	1,19	1,69	0,19
Agulhão negro	-	0,01	0,01	0,02	0,94	1,65	0,08



 **Sergipe**

A produção da pesca industrial em Sergipe para o período analisado de 1950 a 2022, totalizou 13,36 mil toneladas acumuladas, sendo composta por 81,6% de crustáceos e 18,4% de peixes (Figura 98).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em Sergipe

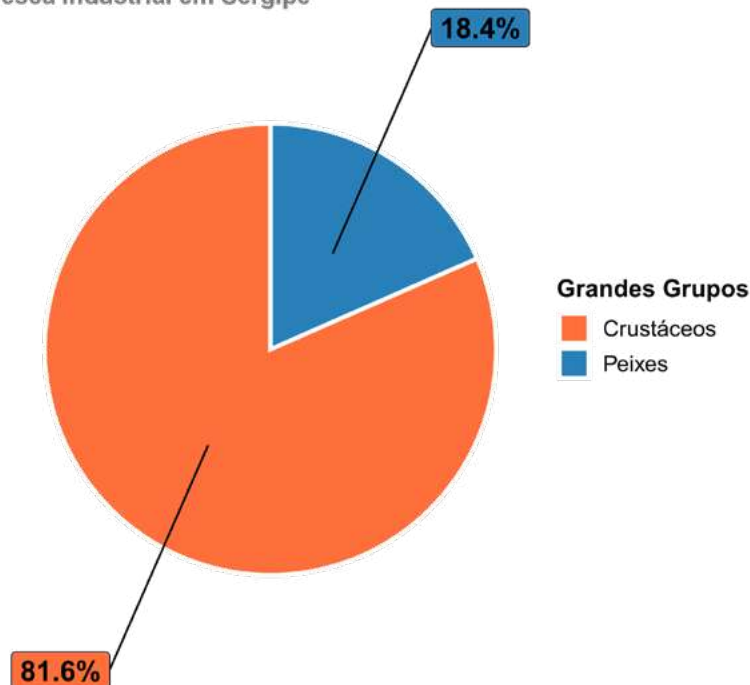


Figura 98. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022.

O camarão sete-barbas (621,54 t/ano) e o camarão rosa (148,14 t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial do Sergipe, representando 80,66% no período analisado, concentrando-se entre os anos de 1980 e 2000 (Figura 99, Tabela 44).

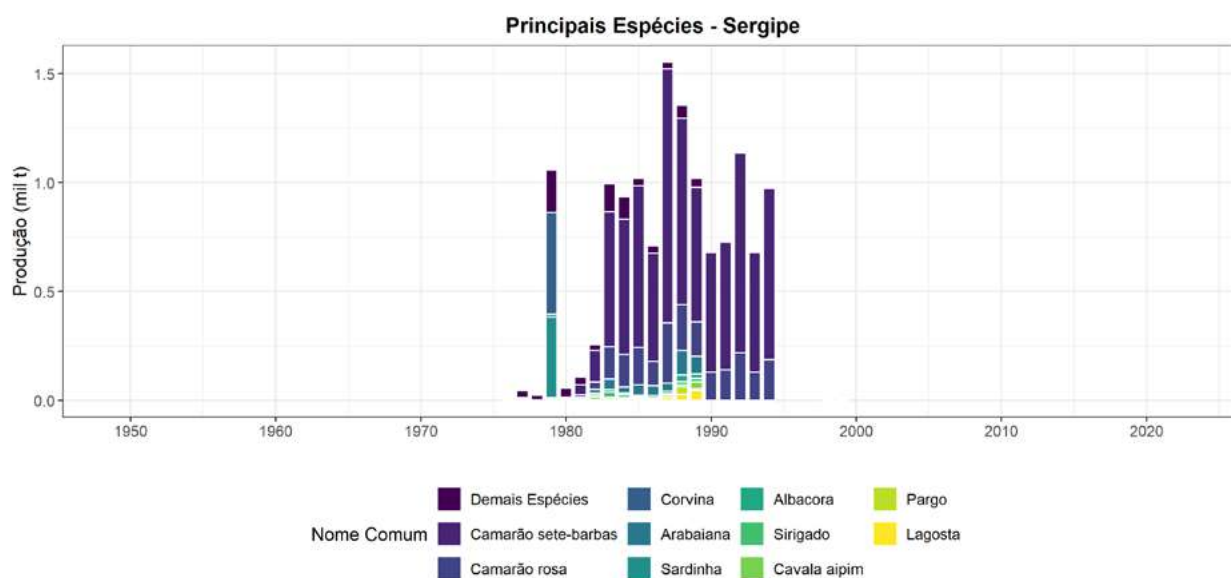


Figura 99. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 44. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	-	0,26	0,54	0,02	-	-
Camarão sete-barbas	-	-	-	5,31	3,39	-	-
Camarão rosa	-	-	-	1,27	0,81	-	-
Corvina	-	-	0,47	<0,01	-	-	-
Arabaiana	-	-	0,01	0,42	-	-	-
Sardinha	-	-	0,37	-	-	-	-
Albacora	-	-	0,01	0,11	-	-	-
Sirigado	-	-	0,01	0,10	-	-	-
Cavala aipim	-	-	0,01	0,08	-	-	-
Pargo	-	-	<0,01	0,09	-	-	-
Lagosta	-	-	-	0,09	-	-	-



Região Sudeste

A produção industrial acumulada na região Sudeste foi de 7,22 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, e média de desembarque de 99,01 mil toneladas por ano (Figura 100).

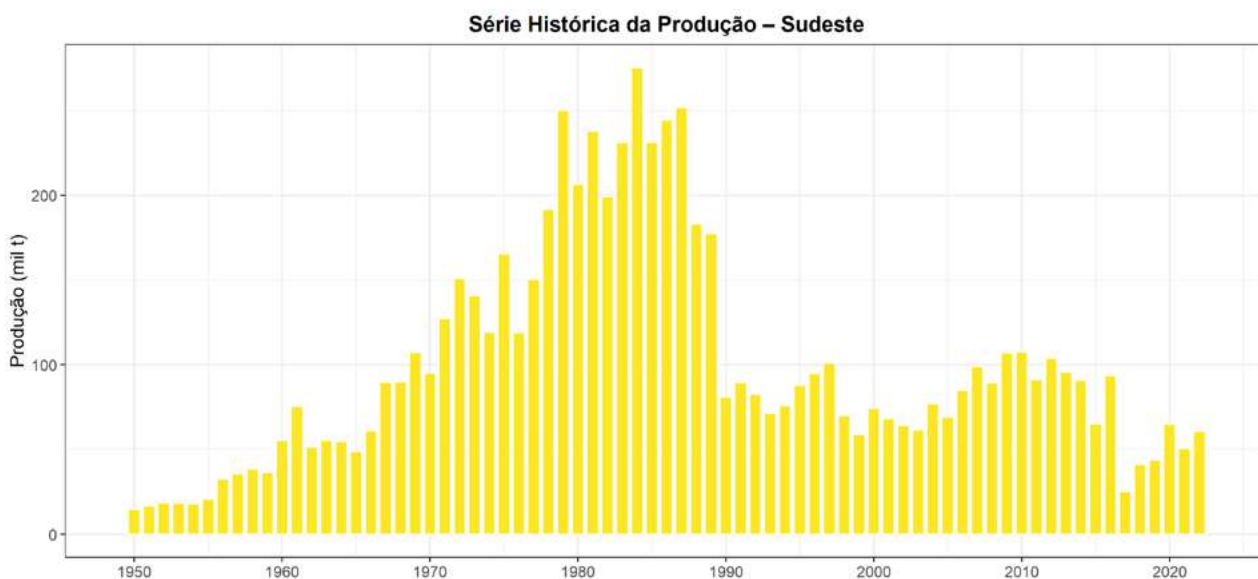


Figura 100. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Sudeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha.

O Rio de Janeiro liderou a produção da pesca industrial na região para o período analisado, com 42,67% (4,20 milhões de t) do total acumulado, seguido por São Paulo, 28,67% (2,82 milhões de t) e o Espírito Santo com 2,14% (211,00 mil t) (Figura 101).

Participação industrial no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Sudeste por unidades da federação

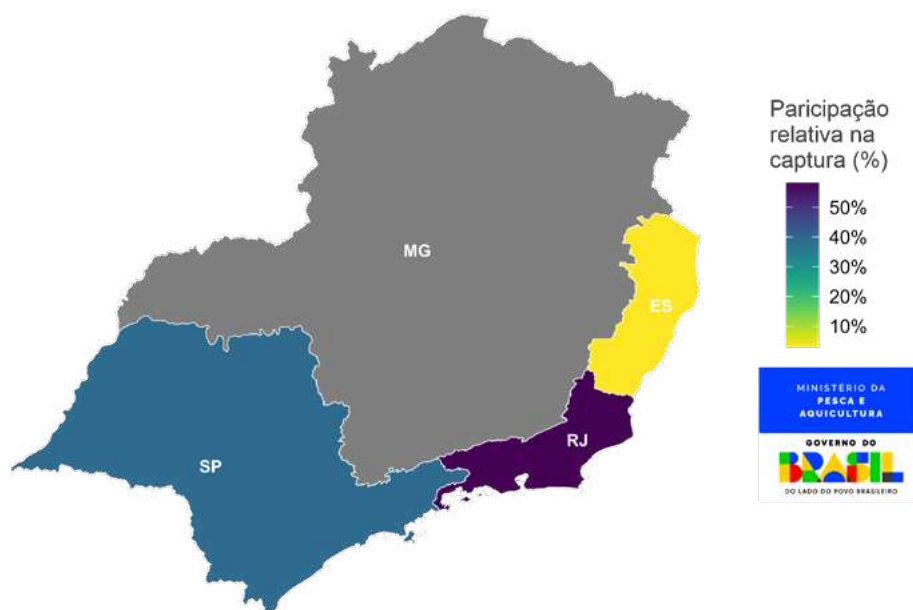


Figura 101. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

Os peixes foram os principais componentes da pesca industrial na região Sudeste, com 94,14% da produção acumulada para o período de 1950 a 2022, seguidos dos crustáceos (4,52%) e os moluscos (0,63%) (Figura 102).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial nas unidades da federação da região Sudeste

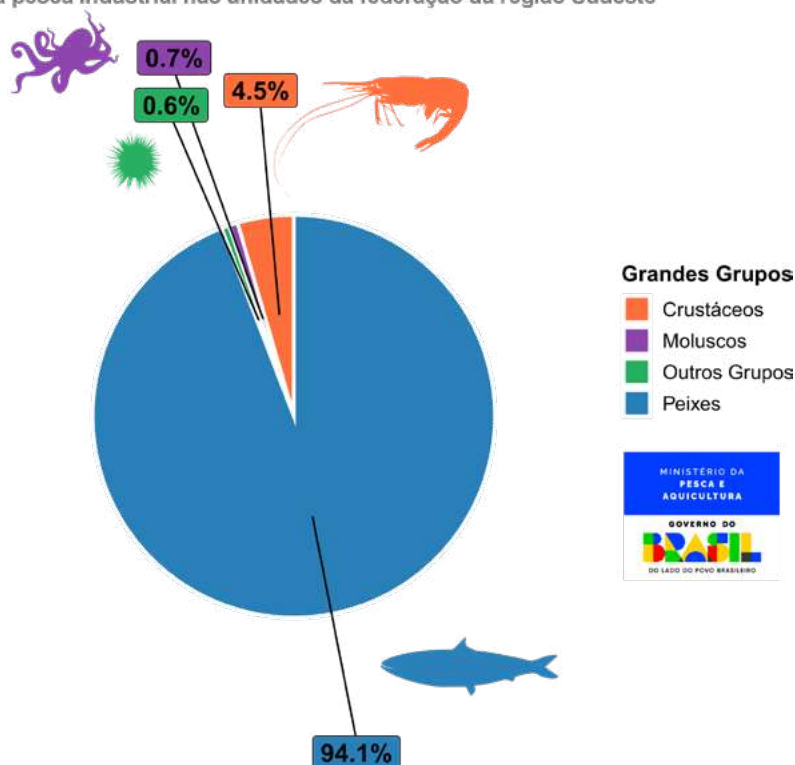


Figura 102. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

Os pequenos pelágicos foram os principais recursos pesqueiros alvo da pesca industrial na região Sudeste do Brasil entre 1950-2022. A sardinha verdadeira foi a principal espécie desembarcada com 2,95 milhões de toneladas acumuladas para o período analisado, representando 40,86% da produção total, com média anual de 40,48 mil toneladas (Figura 103). Em seguida, a sardinha boca torta registrou 606,16 mil toneladas (8,38%), com média de 8,30 mil t/ano. A lista das cinco principais espécies foi completada pela cavalinha (294,12 mil t), corvina (265,78 mil t) e sardinha bandeira (257,48 mil t) (Figura 103).

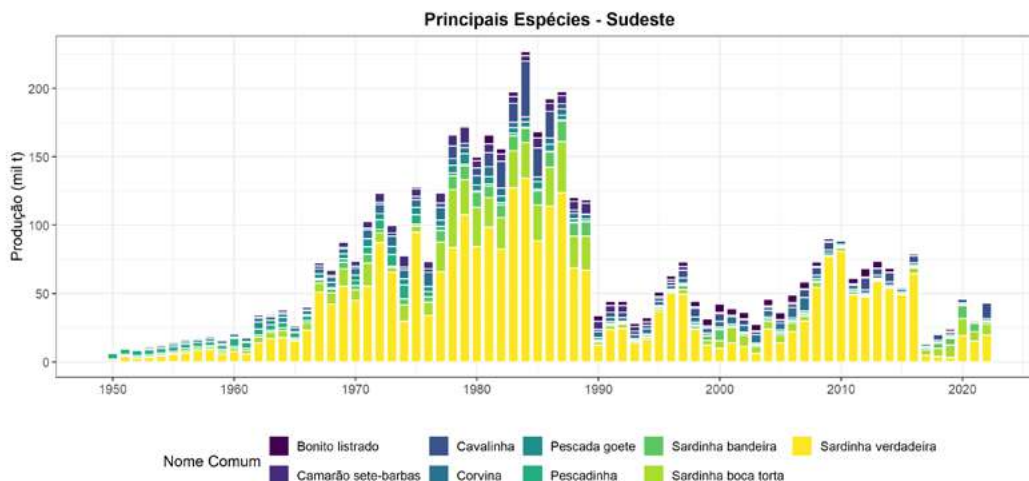


Figura 103. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

 Espírito Santo

A produção industrial no Espírito Santo registrou um desembarque acumulado de 211,00 mil toneladas entre 1950-2022, com média anual de 2,89 mil toneladas. O volume foi composto por 83,9% de peixes e 16,1% de crustáceos (Figura 104).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Espírito Santo

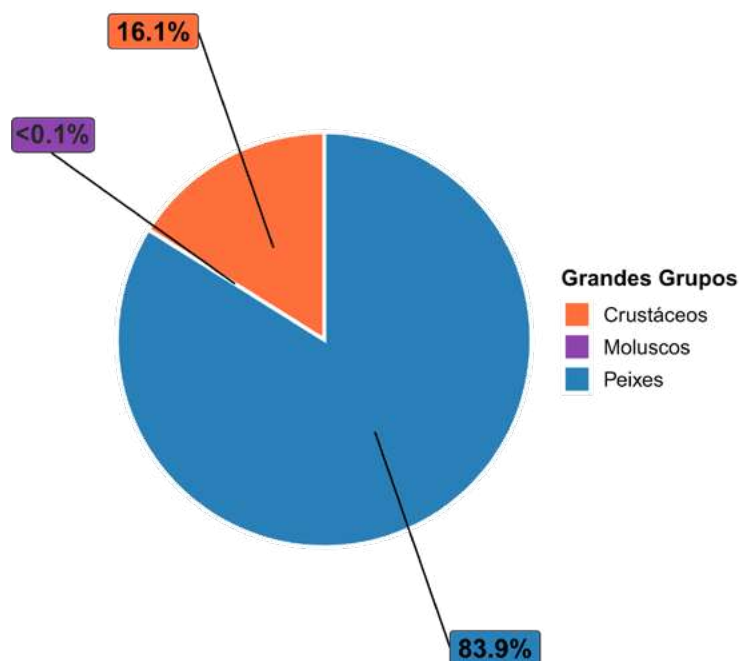


Figura 104. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados, o camarão sete-barbas (0,40 mil t/ano), a albacora laje (0,47 mil t/ano), o peroá (0,24 mil t/ano), a cioba (0,39 mil t/ano) e o xixarro (0,31 mil t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial do Espírito Santo, representando 48,06% entre 1950 e 2022 (Figura 105, Tabela 45).

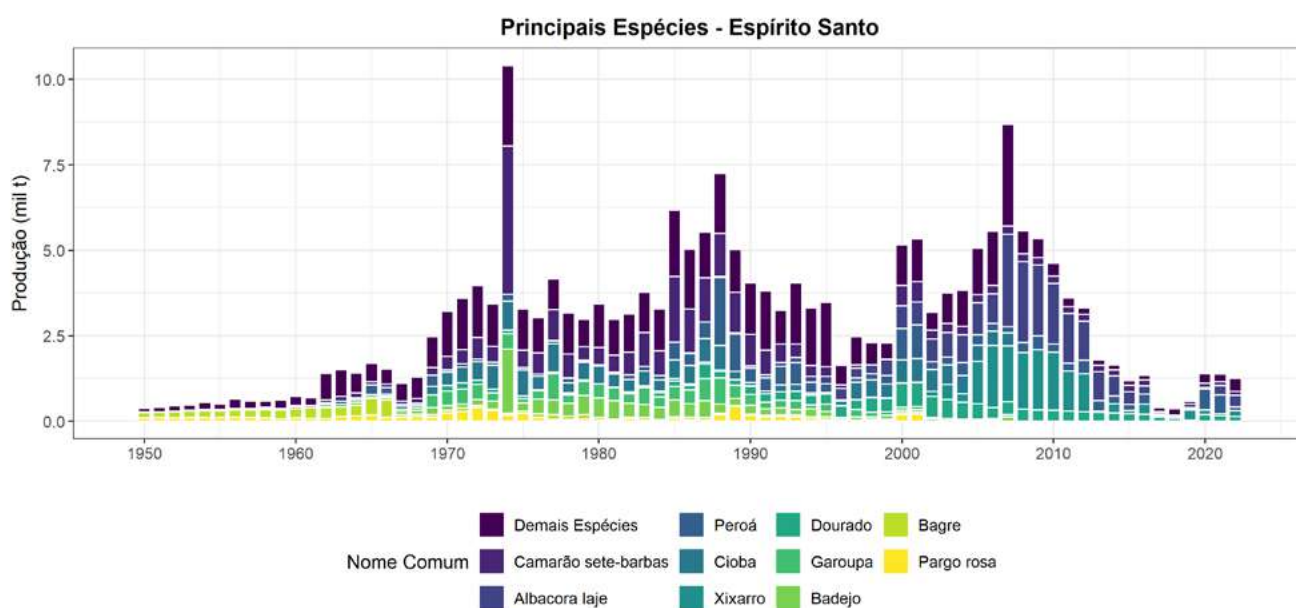


Figura 105. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 45. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	1,85	5,67	13,07	13,87	12,13	12,08	2,70
Camarão sete-barbas	0,13	1,12	9,40	10,33	3,39	3,11	1,88
Albacora laje	-	-	0,03	0,10	2,15	12,48	7,16
Peroá	0,20	1,15	0,93	4,90	3,18	4,16	3,19
Cioba	-	0,48	5,74	4,77	2,21	4,39	-
Xixarro	-	-	0,04	0,29	0,07	8,97	5,45
Dourado	-	-	0,88	1,28	3,02	4,88	2,53
Garoupa	-	0,85	3,82	4,46	1,81	0,48	-
Badejo	-	0,63	4,57	4,15	1,54	0,44	-
Bagre	2,03	2,68	0,89	0,54	0,40	0,10	-
Pargo rosa	1,00	1,24	1,89	0,92	0,79	0,41	-



Rio de Janeiro

A produção da pesca industrial de 1950 a 2022 para o Rio de Janeiro foi de 4,20 milhões de toneladas acumuladas (57,53 mil t/ano), sendo majoritariamente formada por 97,04% de peixes, 1,52% de crustáceos, 1,08% de outros grupos e 0,3% de moluscos (0,3%) (Figura 106).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Rio de Janeiro

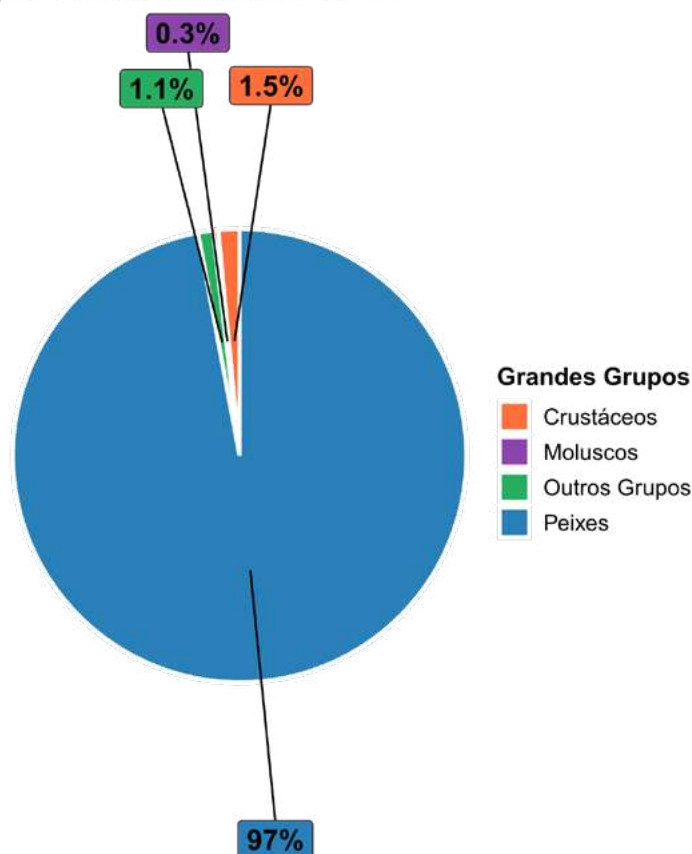


Figura 106. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022.

A sardinha verdadeira (26,44 mil t/ano) foi o principal recurso pesqueiro desembarcado pela pesca industrial no Rio de Janeiro entre 1950 e 2022, seguido das sardinha boca-torta (8,30 mil t/ano) e sardinha laje (3,51 mil t/ano) que em conjunto representaram 63,98% da produção total (Figura 107, Tabela 46).

Adicionalmente, foi observado aumento da produção desembarcada para essas espécies entre as duas últimas décadas, enquanto para outros recursos importantes, tais como bonito listrado e corvina houve redução para o período analisado no estado (Figura 107, Tabela 46).

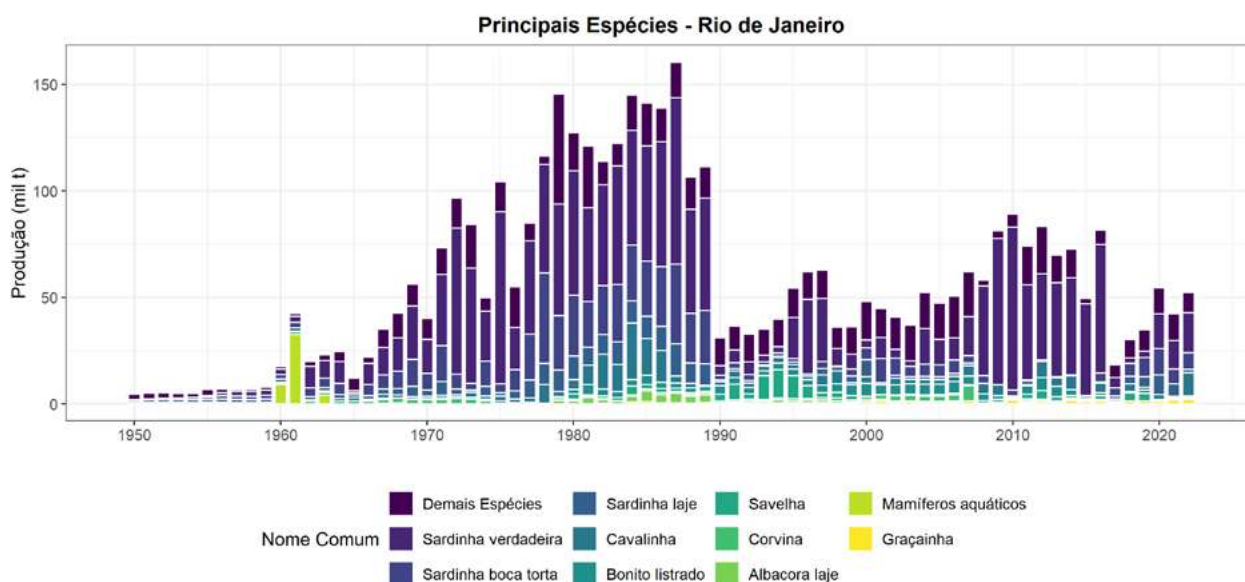


Figura 107. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 46. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	19,77	51,72	160,29	167,63	125,79	144,95	141,29
Sardinha verdadeira	9,05	98,46	442,88	551,39	121,10	187,91	413,86
Sardinha boca torta	10,36	52,24	150,28	265,47	19,24	54,61	53,97
Sardinha laje	13,52	21,58	51,57	106,69	14,62	17,32	30,95
Cavalinha	0,72	9,46	24,12	106,98	27,78	30,09	43,77
Bonito listrado	-	1,19	6,02	30,49	33,64	44,43	23,49
Savelha	-	-	1,14	17,34	61,68	6,23	21,51
Corvina	6,41	14,39	11,18	6,51	9,24	23,44	4,58
Albacora laje	-	-	1,51	30,94	9,72	4,68	3,27
Mamíferos aquáticos	-	45,54	-	-	-	-	-
Graçainha	-	1,06	0,67	4,06	3,85	8,59	16,07


São Paulo

Os peixes corresponderam a 90,58% dos 2,82 milhões de toneladas acumuladas entre 1950 e 2022 para pesca industrial em São Paulo, seguido por 8,11% de crustáceos (Figura 108).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em São Paulo

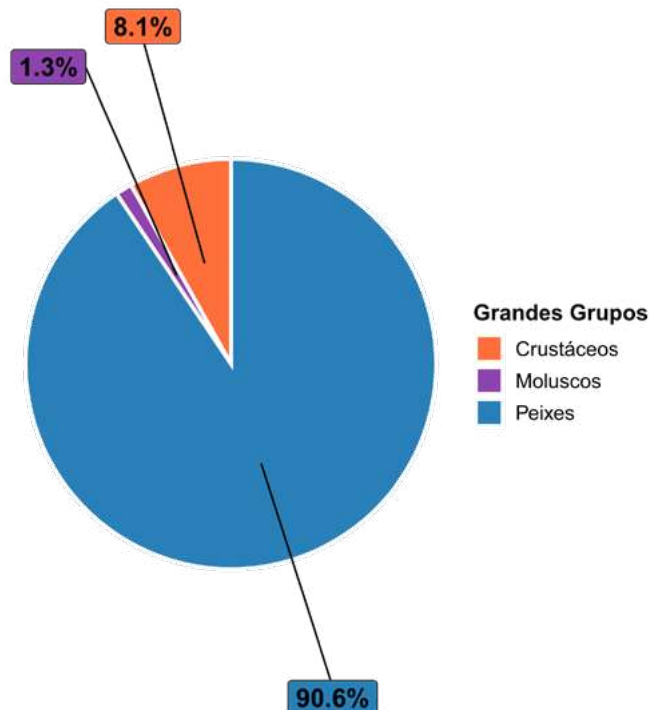


Figura 108. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022.

A sardinha verdadeira (15,48 mil t/ano) foi a principal espécie desembarcada pela pesca industrial em São Paulo entre 1950-2022, com picos de produção entre 1980 e 1990 (Figura 109, Tabela 47). Adicionalmente, foram destaque a corvina (2,59 mil t/ano), a pescada goete (2,15 mil t/ano), camarão sete-barbas (1,93 mil t/ano) e a pescadinha (1,75 mil t/ano), que em conjunto representaram 41,49% da produção no estado. Para todos estes recursos, houve reduções ao longo da série histórica, sobretudo a partir de 1990.

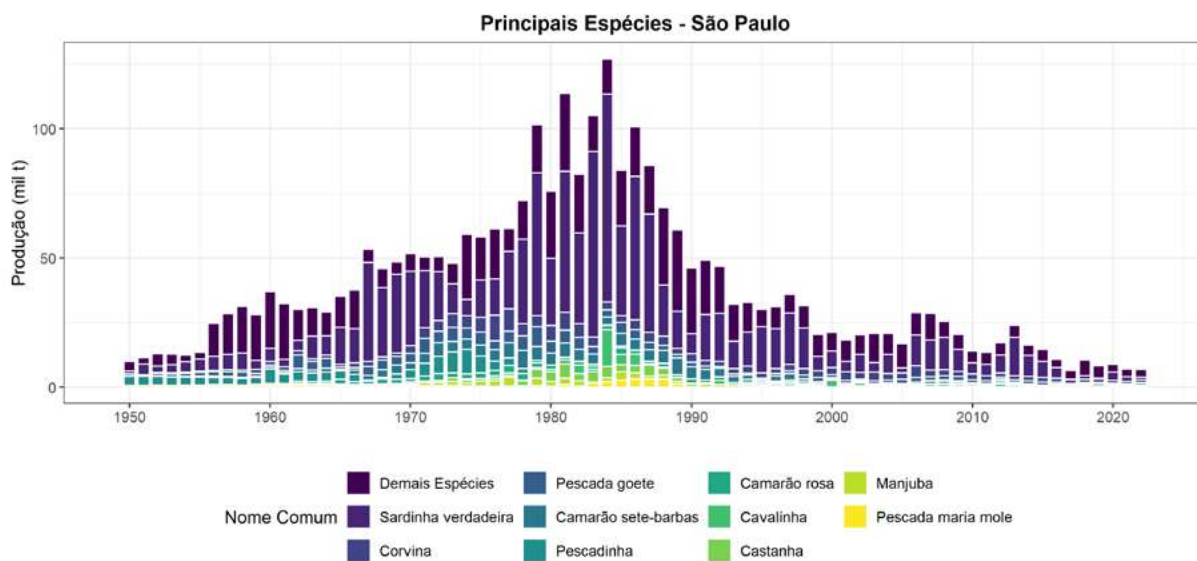


Figura 109. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 47. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	84,66	120,24	129,92	227,10	129,85	83,34	53,97
Sardinha verdadeira	40,92	150,95	226,08	437,98	142,62	74,64	56,72
Corvina	5,46	14,16	54,12	41,17	23,69	28,44	19,56
Pescada goete	12,89	26,47	50,28	34,22	11,42	13,01	8,79
Camarão sete-barbas	2,86	15,62	46,57	46,49	22,37	4,35	2,69
Pescadinha	30,24	28,99	48,60	2,44	4,32	5,61	7,81
Camarão rosa	1,88	11,52	20,92	14,27	8,36	2,32	3,29
Cavalinha	-	0,06	5,16	30,28	4,97	5,98	4,76
Castanha	-	1,88	10,93	34,08	0,46	0,64	0,58
Manjuba	-	3,93	16,05	17,72	7,39	1,70	0,09
Pescada maria mole	6,85	6,20	5,75	19,10	0,83	1,78	0,43



Região Sul

A Região Sul (Figura 110) registrou uma produção acumulada de 8,67 milhões de toneladas entre 1950 e 2022, com média de desembarque de 118,83 mil toneladas por ano.

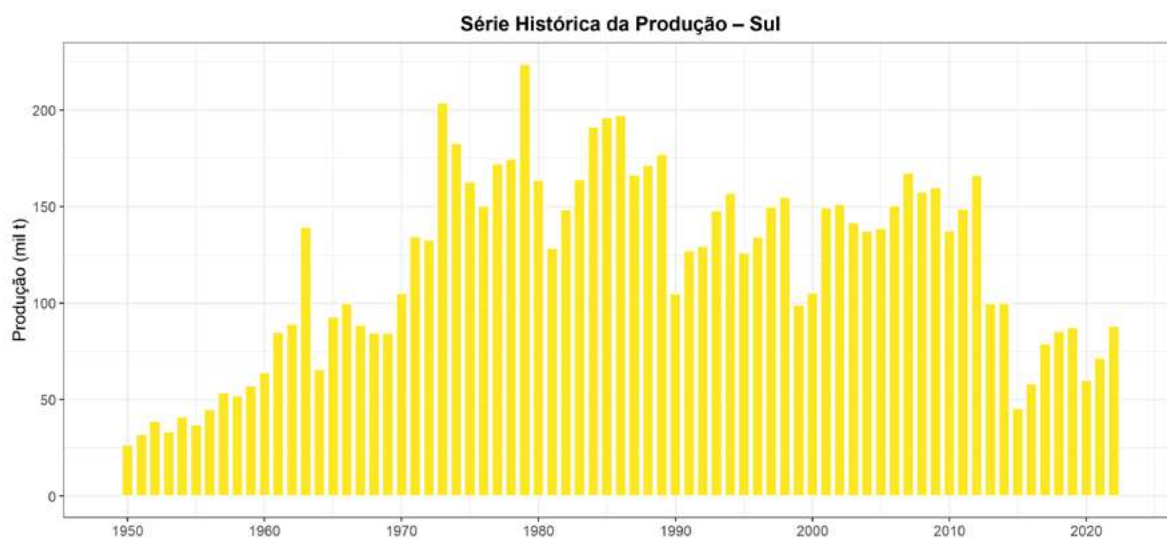


Figura 110. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Sul do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha

Santa Catarina foi responsável por 67,17% da produção da pesca industrial (5,83 milhões de t) entre 1950 e 2022, seguido do Rio Grande do Sul com 32,76% (2,84 milhões de t) e o Paraná com 0,06% (5,55 mil t) (Figura 111).

Participação industrial no desembarque marinho de 1950-2022

Para região Sul por unidades da federação

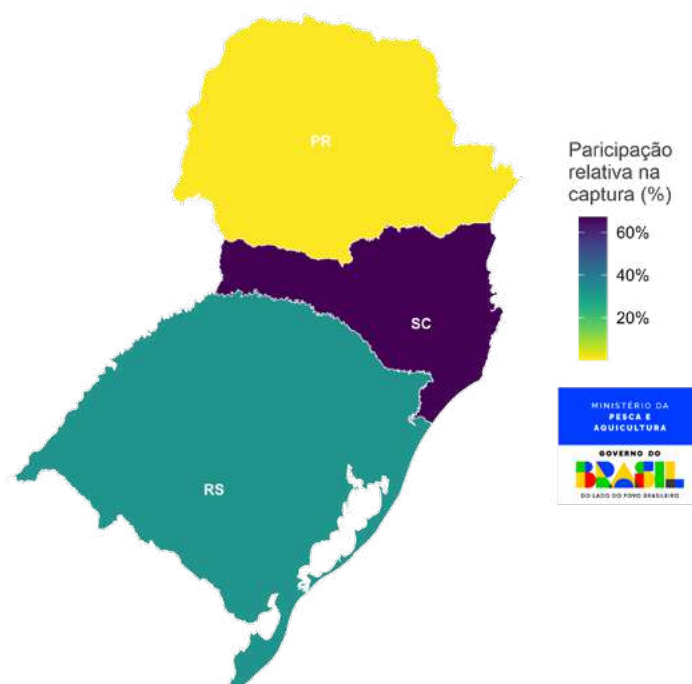


Figura 111. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Sul por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022.

O grupo dos peixes foram o principal componente da pesca industrial do Sul, com uma participação de 93,99% da produção acumulada no período, seguido dos crustáceos com 5,47%, moluscos com 0,52%, e outros grupos com participação de 0,02%. (Figura 112).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial nas unidades da federação da região Sul

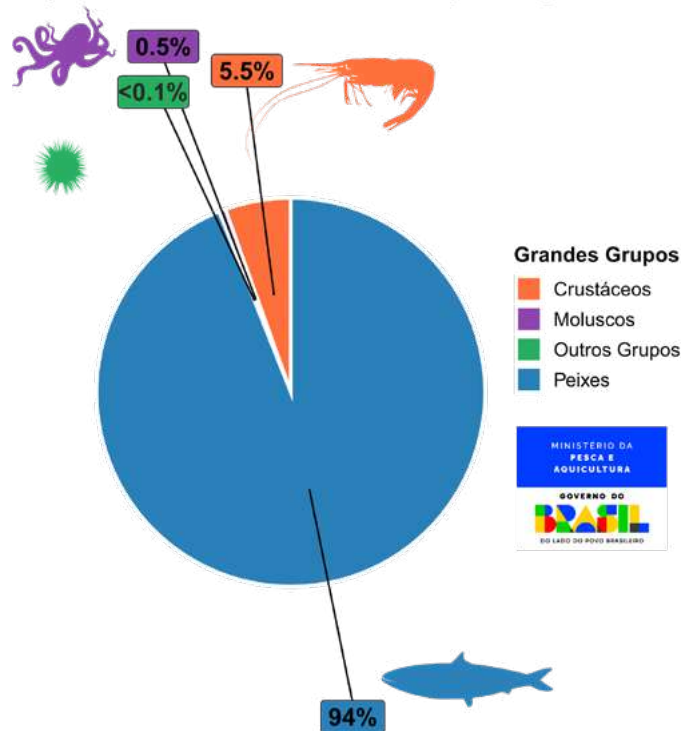


Figura 112. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.

Embora com uma pequena redução na última década, a pesca industrial da região sul tem mantido um nível elevado de desembarque ao longo da série temporal (1950-2022) (Figura 113). Tal fato se deve principalmente as cinco principais espécies que correspondem mais da metade da produção histórica.

A sardinha verdadeira, liderou o ranking com uma produção acumulada de 2,05 milhões de toneladas, o que representou 23,69% e uma média anual de 28,15 mil toneladas (Figura 113). A corvina foi a segunda espécie mais relevante para o período, registrando 884,94 mil toneladas (10,20% de participação) e média de 12,12 mil t/ano. A lista das cinco principais espécies foi completada pela merluza (649,77 mil t), pela sardinha bandeira (634,37 mil t) e pelo bonito listrado (604,94 mil t) (Figura 113).

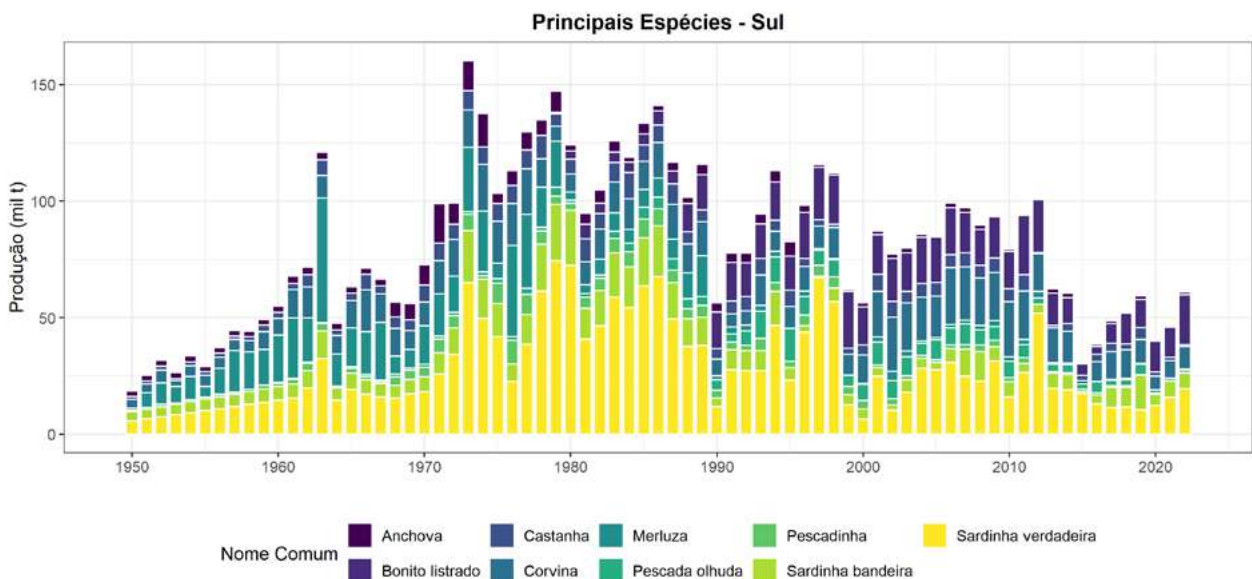


Figura 113. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022.


Paraná

Os crustáceos corresponderam a 97,01% das 5,55 mil de toneladas acumuladas entre 1950 e 2022 para pesca industrial do Paraná, seguido pelos peixes (2,97%) e moluscos (0,02%) (Figura 114).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial no Paraná

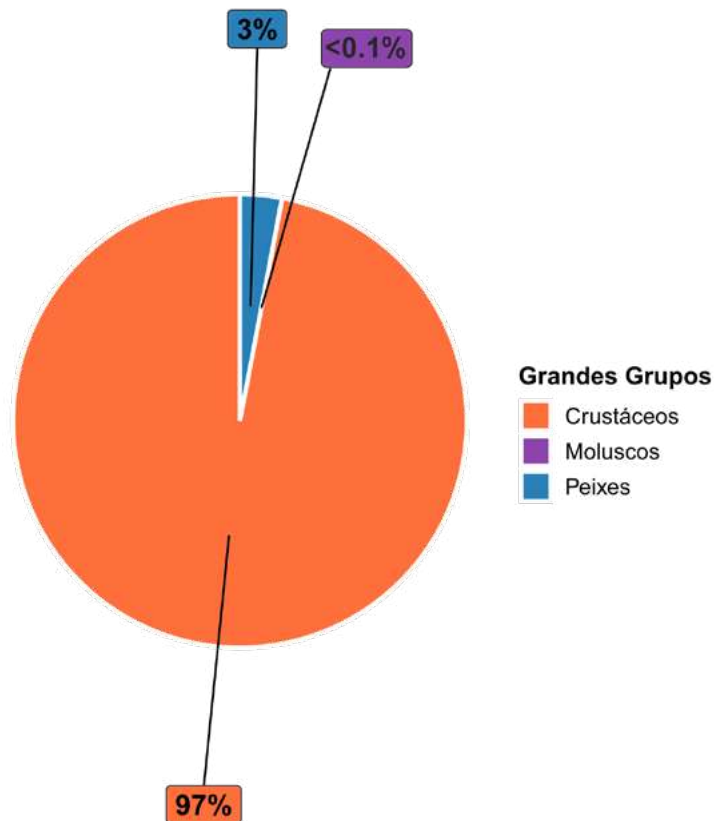


Figura 114. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022.

Os registros da pesca industrial no Paraná ocorreram a partir da década de 1980, e tem os camarões como os principais recursos alvo, tais como o camarão sete-barbas (109,56 t/ano), o camarão branco (9,80 t/ano) e o camarão vermelho (11,05 t/ano) (Figura 115, Tabela 48). Em conjunto representaram 95,33% da produção industrial no estado.



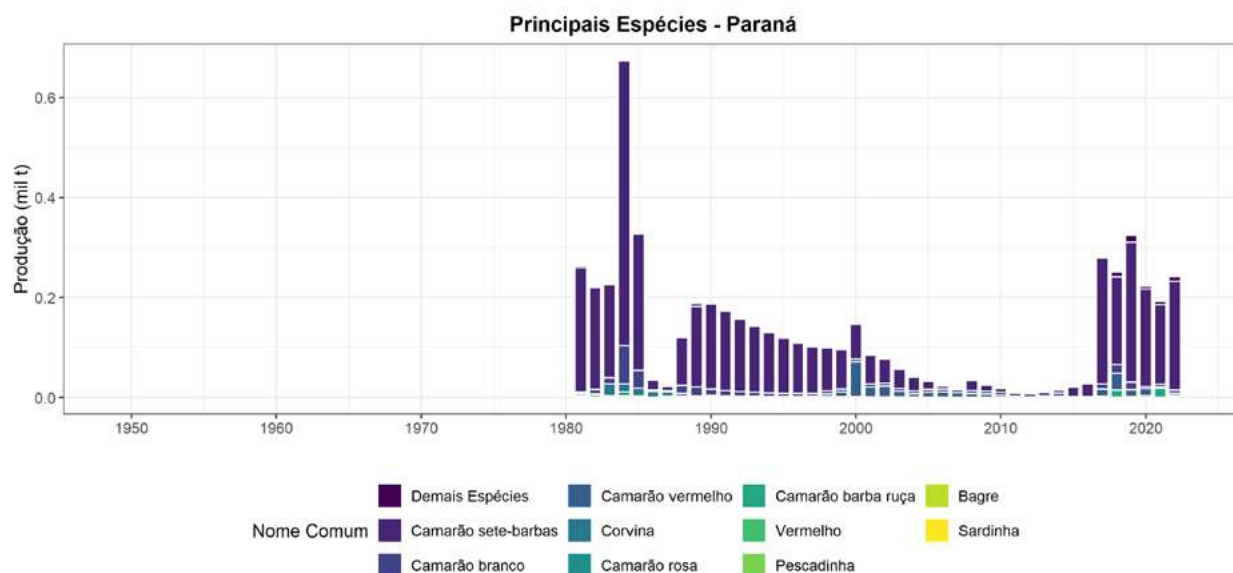


Figura 115. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 48. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	-	-	-	0,01	<0,01	-	0,05
Camarão sete-barbas	-	-	-	1,77	1,20	0,30	1,34
Camarão branco	-	-	-	0,17	0,08	0,06	0,09
Camarão vermelho	-	-	-	-	0,02	0,17	0,10
Corvina	-	-	-	0,08	<0,01	-	<0,01
Camarão rosa	-	-	-	0,02	0,02	0,01	<0,01
Camarão barba ruça	-	-	-	-	-	-	0,04
Vermelho	-	-	-	0,01	-	-	-
Pescadinha	-	-	-	<0,01	-	-	<0,01
Bagre	-	-	-	<0,01	-	-	-
Sardinha	-	-	-	<0,01	-	-	<0,01


Rio Grande do Sul

A produção industrial acumulada no Rio Grande do Sul entre 1950 e 2022 foi de 2,84 milhões de toneladas, sendo composta majoritariamente por peixes (96,5%), seguido dos crustáceos (3,3%) e moluscos (0,2%) (Figura 116).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em Rio Grande do Sul

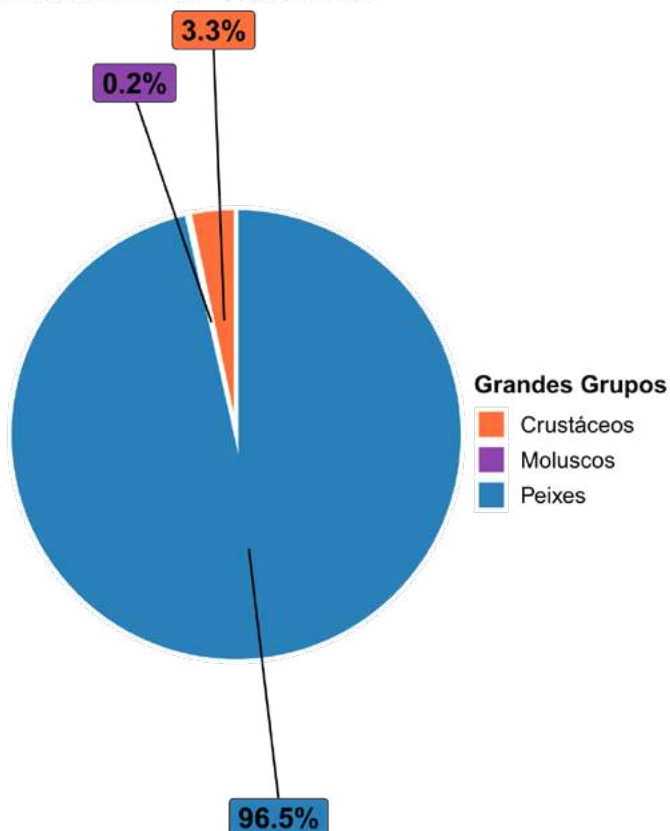


Figura 116. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022.

Entre os principais recursos desembarcados historicamente pela pesca industrial do Rio Grande do Sul, destacaram-se a merluza (8,39 mil t/ano), a corvina (6,73 mil t/ano) e a castanha (4,81 mil t/ano), 51,19% da produção entre 1950 e 2022 (Figura 117, Tabela 49).

Para estes recursos pesqueiros foram observadas reduções na última década 2010-2022, principalmente para a merluza. Em contrapartida, observou-se aumentos da contribuição do bonito listrado (2,59 mil t/ano), sobretudo a partir de 1990.

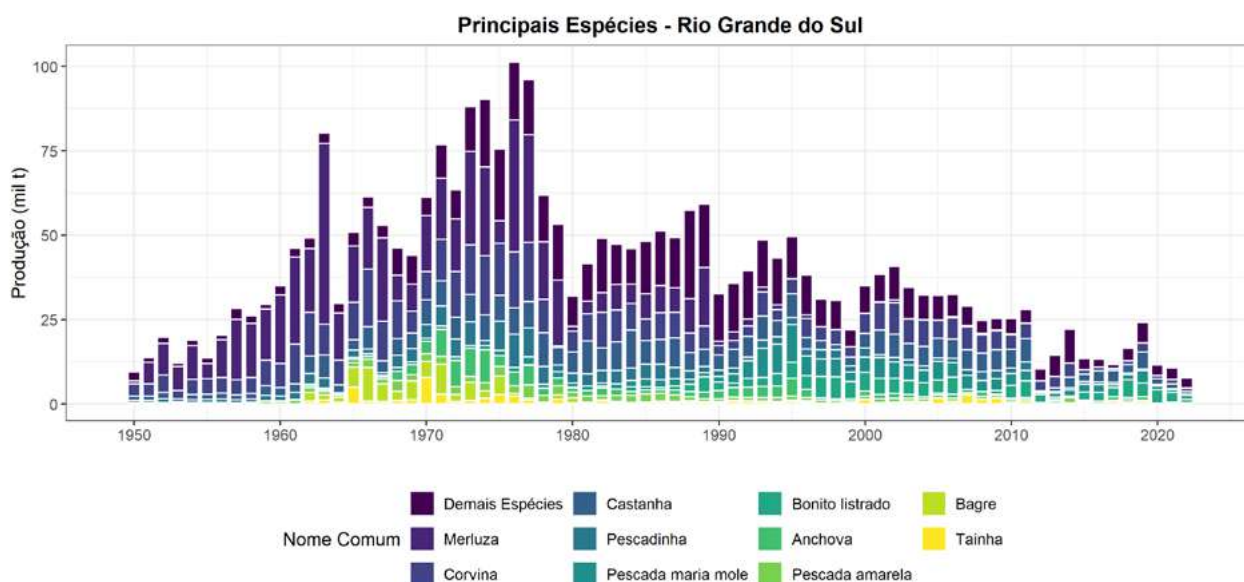


Figura 117. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 49. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico.

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	18,10	42,13	142,73	150,59	116,93	69,77	54,38
Merluza	98,56	207,69	218,18	74,56	9,89	2,67	0,88
Corvina	45,38	105,99	126,35	76,52	40,36	67,87	29,13
Castanha	16,12	41,94	75,51	76,08	45,37	58,24	37,72
Pescadinha	8,88	22,00	58,18	34,58	20,79	16,45	9,22
Pescada maria mole	0,19	5,03	13,17	16,42	57,04	44,84	22,90
Bonito listrado	-	-	0,17	11,82	39,67	33,19	37,12
Anchova	-	9,41	55,14	15,09	24,44	10,33	6,00
Pescada amarela	4,56	15,22	24,84	17,35	9,68	8,55	6,56
Bagre	-	35,19	31,56	3,54	2,15	1,33	0,69
Tainha	-	11,30	22,17	5,00	4,88	11,33	4,57


Santa Catarina

Os peixes representaram 92,9% da produção da pesca industrial de Santa Catarina, seguido por crustáceos (6,4%) e moluscos (0,7%) (Figura 118).

Produção relativa (%) dos grandes grupos

Da pesca industrial em Santa Catarina

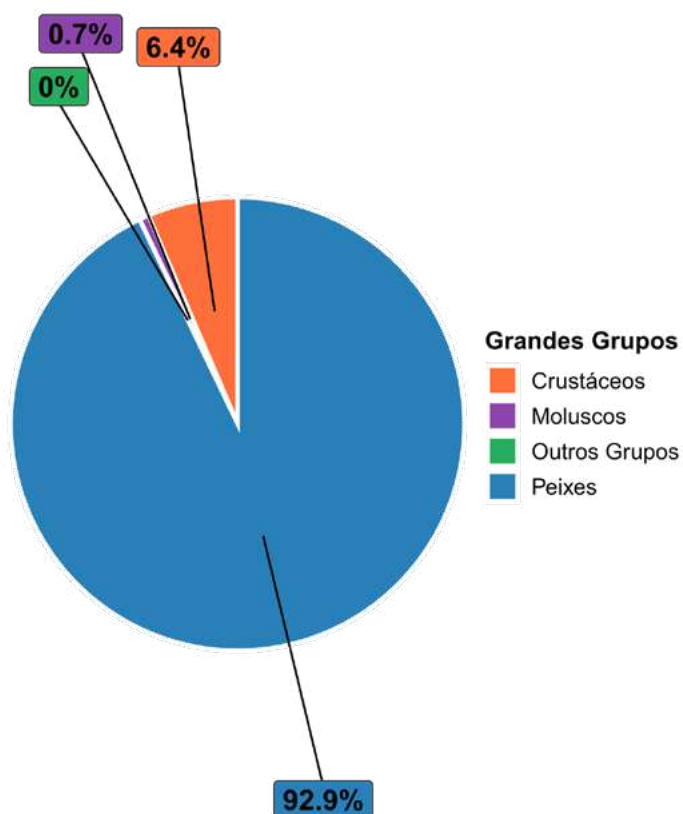


Figura 118. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022.

Santa Catarina foi e continua sendo o principal polo da pesca industrial do Brasil, sobretudo a partir da década de 1990. Embora com algumas variações na produção ao longo da série histórica, a sardinha verdadeira (28,15 mil t/ano), a sardinha bandeira (8,69 mil t/ano) e o bonito listrado (10,27 mil t/ano) foram os principais recursos pesqueiros desembarcados pela pesca industrial no estado, representando 54,44% entre 1950 e 2022 (Figura 119, Tabela 50).



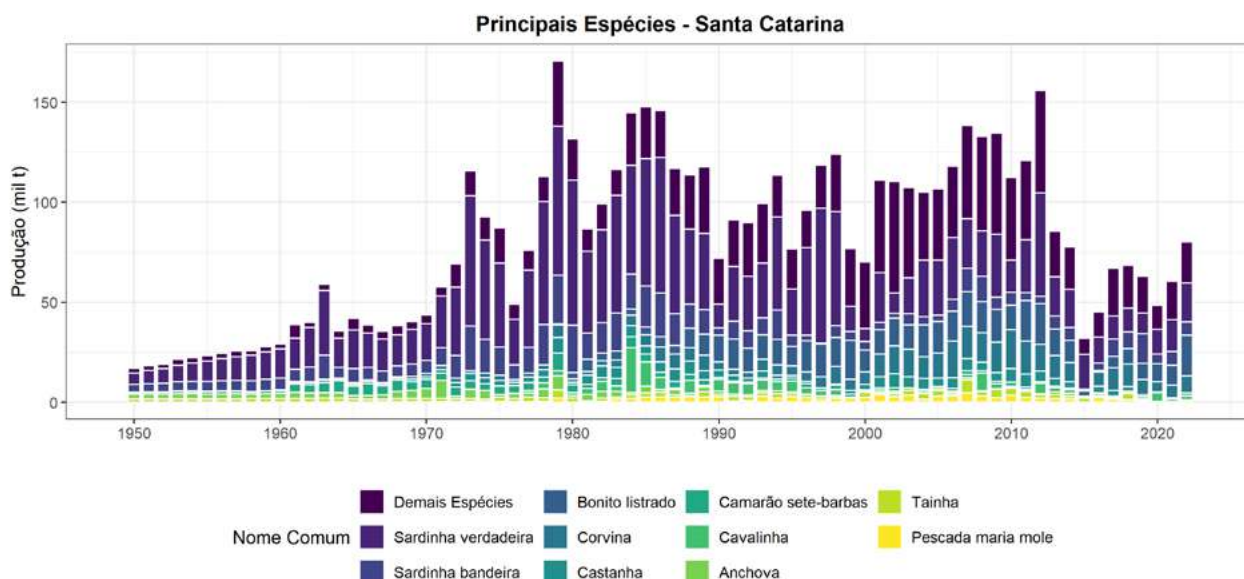


Figura 119. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022.

Tabela 50. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico

Nome Comum	Produção (mil t)						
	1950–1959	1960–1969	1970–1979	1980–1989	1990–1999	2000–2009	2010–2022
Demais Espécies	24,92	41,32	125,04	218,05	241,74	429,68	311,61
Sardinha verdadeira	96,87	182,03	432,17	529,13	344,17	225,33	244,97
Sardinha bandeira	47,82	67,21	144,51	170,44	63,45	59,21	81,74
Bonito listrado	-	-	0,64	54,73	140,69	145,33	141,58
Corvina	1,31	6,69	24,02	49,70	51,24	132,70	127,59
Castanha	1,44	9,09	30,68	49,62	18,97	50,84	37,22
Camarão sete-barbas	10,48	45,71	44,18	32,49	13,10	9,14	7,58
Cavalinha	-	-	7,21	60,87	40,83	18,87	20,81
Anchova	24,25	27,45	41,59	22,66	8,97	5,71	6,05
Tainha	17,56	16,99	19,48	15,54	14,89	26,79	18,45
Pescada maria mole	0,20	1,38	5,07	17,59	20,00	30,57	19,13

Anexos

Tabela 51. Fontes de dados utilizado na fase 2 da reconstrução de 1950-2015 e publicada por Freire et al., 2021 e reutilizada no presente documento.

Citação	Referência
Antero Silva (1990)	Antero Silva, J.N. (1990). Perfil pesqueiro da frota artesanal do Rio Grande do Sul de 1945 a 1989. IBAMA/CEPERG, Rio Grande: 51 p.
Araújo et al. (2016)	Araújo, A.R.R., Barbosa, J.M., Santos, J.P., Carvalho, B.L.F., Garciov-Filho, E.B., Deda, M.S., Silva, C.O., Chammas, M.A. (2016). Boletim estatístico da pesca nos litorais de Sergipe e extremo norte da Bahia - 2014. São Cristóvão: Editora UFS. 82 p.
Araújo et al. (in prep.)	-
Banco Nacional de Dados da Pesca de Atuns e Afins	-
Boletim Estatpesca Ceará (1991-1994)	-
Braga (1962)	-
Braga et al. (1966)	-
Castello (undated)	Castello, J.P. (undated). Síntese sobre distribuição, abundância, potencial pesqueiro e biologia do bonito listrado (<i>Katsuwonus pelamis</i>). Avaliação do potencial sustentável de recursos vivos na Zona
Econômica Exclusiva - MMA - REVIZEE: 13 p.	6,56
CEPENE (1995a)	CEPENE (1995a). Estatística da pesca - 1990. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 89 p.
CEPENE (1995b)	CEPENE (1995b). Estatística da pesca - 1991. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 90 p.
CEPENE (1995c)	CEPENE (1995c). Estatística da pesca - 1992. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 90 p.
CEPENE (1995d)	CEPENE (1995d). Estatística da pesca - 1993. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 89 p.
CEPENE (1995e)	CEPENE (1995e). Estatística da pesca - 1994. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 89 p.
CEPENE (1997a)	CEPENE (1997a). Estatística da pesca - 1995. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA, março de 1997: 110 p.
CEPENE (1997b)	CEPENE (1997b). Estatística da pesca - 1995. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA, maio de 1997.
CEPENE (1997c)	CEPENE (1997c). Estatística da pesca - 1996. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 120 p.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
CEPENE (1998)	CEPENE (1998). Estatística da pesca - 1997. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 84 p.
CEPENE (1999)	CEPENE (1999). Estatística da pesca - 1998. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 84 p.
CEPENE (2000)	CEPENE (2000). Estatística da pesca - 1999. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 104 p.
CEPENE (2001a)	CEPENE (2001a). Estatística da pesca - 2000. Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA: 104 p.
CEPENE (2002)	CEPENE (2002). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil - 2001. Tamandaré, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste: 140 p.
CEPENE (2003)	CEPENE (2003). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil - 2002. Tamandaré, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste: 209 p.
CEPENE (2004)	CEPENE (2004). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil - 2003. Tamandaré, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste: 191 p.
CEPENE (2005)	CEPENE (2005). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil - 2004. Tamandaré, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste: 152 p.
CEPENE (2007)	CEPENE (2007). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil - 2005. Tamandaré, Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste: 79 p.
CEPENE (2008)	-
Cergole & Dias Neto (2011)	-
CTA (2014)	-
Data from the bulletin for Ceará (1991-1994)	-
D'Incao et al. (2002)	-
FIPERJ	-
FIPERJ (2013)	-
FIPERJ, Monitoramento da Pesca Industrial no Rio de Janeiro - Capacitação Pesquisa e Gestão, FIPERJ/MPA/UFRJ, dados não publicados.	-
FIPERJ/MPA	-
FIPERJ/MPA/UFRJ	-

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated)	FIPERJ/MPA/UFRJ (undated). Monitoramento da pesca industrial no Rio de Janeiro - Capacitação Pesquisa e Gestão (Dados não publicados).
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated); FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated); Petrobrás (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated);	-
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated)	-
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
FIPERJ/MPA/UFRJ (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
FIPERJ/MPA/UFRJ;	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated)	FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated). Produção industrial de pescado de Cabo Frio (em kg) dos anos de 2008 e 2009. FIPERJ, Coordenadoria de Pesca Marítma/Prefeitura Municipal de Cabo Frio, Coordenadoria de Indústria e Comércio-Diretoria de Aquicultura e Pesca.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated); FIPERJ/MPA/UFRJ (undated); Petrobrás (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated); Petrobrás (undated)	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio; Petrobrás (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated)	-
FIPERJ/Prefeitura Municipal de Cabo Frio; Petrobrás (undated); PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
Fundação PROZEE	-
Fundação PROZEE (2006)	Fundação PROZEE (2006). Monitoramento da atividade pesqueira no litoral do Brasil. Relatório técnico final, CONVÊNIO SEAP/PROZEE/IBAMA: 109/2004, Brasília. 328 p.
Haimovici et al. (2013)	-
IBAMA (1994)	IBAMA (1994). Lagosta, caranguejo-uçá e camarão do nordeste. Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 190p.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
IBAMA (2003)	IBAMA (2003). Estatística da pesca - 2001. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 97 p.
IBAMA (2004a)	IBAMA (2004a). Estatística da pesca - 2002. Grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, Pernambuco, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 97 p.
IBAMA (2004b)	IBAMA (2004b). Estatística da pesca - 2003. Grandes regiões e unidades da federação. Brasília - DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 98 p.
IBAMA (2005)	IBAMA (2005). Estatística da pesca - 2004. Grandes regiões e unidades da federação. Brasília - DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 98 p.
IBAMA (2007a)	IBAMA (2007a). Estatística da pesca - 2005. Grandes regiões e unidades da federação. Brasília - DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 108 p.
IBAMA (2007b)	IBAMA (2007b). Estatística da pesca - 2007. Grandes regiões e unidades da federação. Brasília - DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 113 p.
IBAMA (2008)	IBAMA (2008). Estatística da pesca - 2006. Grandes regiões e unidades da federação. Brasília - DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: 180 p.
IBAMA/CEPERG (1998)	-
IBAMA/CEPERG (1999)	-
IBAMA/CEPERG (2000)	-
IBAMA/CEPERG (2001)	-
IBAMA/CEPERG (2002)	-
IBAMA/CEPERG (2003)	-
IBAMA/CEPERG (2004)	-
IBAMA/CEPERG (2005a)	-
IBAMA/CEPERG (2005b)	-
IBAMA/CEPERG (2006)	-
IBAMA/CEPERG (2007)	-
IBAMA/CEPERG (2008)	-
IBAMA/CEPERG (2009)	-
IBAMA/CEPERG (2011a)	-

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
IBAMA/CEPERG (2011b)	-
IBAMA/CEPERG (2012)	-
IBGE (1959)	IBGE (1959). Anuário Estatístico do Brasil - 1959. Anu. estat. Brasil, Rio de Janeiro, XX. 495 p.
IBGE (1961)	IBGE (1961). Anuário Estatístico do Brasil - 1961. Anu. estat. Brasil, Rio de Janeiro, XXII. 480 p.
IBGE (1962)	-
IBGE (1966)	-
IBGE (1967)	IBGE (1967). Anuário Estatístico do Brasil - 1967. Anu. estat. Brasil, Rio de Janeiro, 28. 780 p.
IBGE (1983a)	IBGE (1983a). Brasil. Grandes regiões. Unidades da Federação. 1980. Estat. Pesca 1(1), 1 71.
IBGE (1983b,c)	IBGE (1983b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1981 (1o. semestre). Estat. Pesca 2(1): 70 p.; IBGE (1983c). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1981 (2o. semestre). Estat. Pesca 2(2): 70 p.
IBGE (1983d,1984a)	IBGE (1983d). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1982 (1o. semestre). Estat. Pesca 3(1): 72 p.; IBGE (1984a). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1982 (2o. semestre). Estat. Pesca 3(2): 74 p.
IBGE (1984b,1985a)	IBGE (1984b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1983 (1o. semestre). Estat. Pesca 4(1): 86 p.; IBGE (1985a). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1983 (2o. semestre). Estat. Pesca 4(2): 62 p.
IBGE (1985b,c)	IBGE (1985b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1984 (1o. semestre). Estat. Pesca 5(1): 60 p.; IBGE (1985c). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1984 (2o. semestre). Estat. Pesca 5(2): 60 p.
IBGE (1986,1987a)	IBGE (1986). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1985 (1o. semestre). Estat. Pesca 6(1): 70 p.; IBGE (1987a). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1985 (2o. semestre). Est. Pesca 6(2): 70 p.
IBGE (1987b,1988a)	IBGE (1987b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1986 (1o. semestre). Estat. Pesca 7(1): 80 p.; IBGE (1988a). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1986 (2o. semestre). Estat. Pesca 7(2): 82 p.
IBGE (1988b,c)	IBGE (1988b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1987 (1o. semestre). Estat. Pesca 8(1): 82 p.; IBGE (1988c). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1987 (2o. semestre). Estat. Pesca 8(2): 84 p.
IBGE (1989a,b)	IBGE (1989a). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1988 (1o. semestre). Estat. Pesca 9(1): 87 p.; IBGE (1989b). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1988 (2o. semestre). Estat. Pesca 9(2): 86 p.
IBGE (1990,1991)	IBGE (1990). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1989 (1o. semestre). Estat. Pesca 10(1): 70 p.; IBGE (1991). Brasil. Grandes regiões e unidades da federação. 1989 (2o. semestre). Estat. Pesca 10(2): 58 p.
Instituto de Biologia Marinha (1970)	Instituto de Biologia Marinha (1970). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1969. Natal, Rio Grande do Norte. N.1: 48 p.
Instituto de Biologia Marinha (1971)	Instituto de Biologia Marinha (1971). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1970. Natal, Rio Grande do Norte. N.2: 31 p.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
Instituto de Biologia Marinha (1972)	Instituto de Biologia Marinha (1972). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1971. Natal, Rio Grande do Norte. N.3.
Instituto de Biologia Marinha (1973)	Instituto de Biologia Marinha (1973). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1972. Natal, Rio Grande do Norte. N.4.
Instituto de Biologia Marinha (1974)	-
Instituto de Biologia Marinha (1975)	-
Instituto de Biologia Marinha (1976)	-
Jablonski (1997)	Jablonski, S. (1997). A produção pesqueira em Angra dos Reis. Informe Técnico. FIPERJ, Rio de Janeiro (Relatório não publicado).
LABIOMAR (1976)	LABIOMAR (1976). Estatística de pesca do estado de Alagoas. Informações preliminares. 1975. Publicação No. 3. Maceió, Alagoas: 62 p.
MA/EE (1971)	MA/EE (1971). Pesca - 1970. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Escritório de Estatística: 19 p.
MA/ETEA (1968)	MA/ETEA (1968). Pesca - 1967. Produção extrativa. Publicação no. 5. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Equipe Técnica de Estatística Agropecuária: 34 p.
MA/ETEA (1969)	MA/ETEA (1969). Pesca - 1968. Produção extrativa. Publicação no. 19. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Equipe Técnica de Estatística Agropecuária: 34 p.
MA/ETEA (1971)	MA/ETEA (1971). Pesca - 1969. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Equipe Técnica de Estatística Agropecuária: 20 p.
MA/SEP (1964)	MA/SEP (1964). Pesca - 1962. Estrutura e produção. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Estatística da Produção: 45 p.
MA/SEP (1965a)	MA/SEP (1965a). Pesca - 1963. Estrutura e produção. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Estatística da Produção: 37 p.
MA/SEP (1965b)	MA/SEP (1965b). Pesca - 1964. Estrutura e produção. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Estatística da Produção: 46 p.
MA/SEP (1967)	MA/SEP (1967). Pesca - 1966. Estrutura e produção. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Estatística da Produção: 34 p.
Muniz (2005)	Muniz, T.S. (2005). Do surgimento da indústria da pesca da lagosta no Brasil à condição do pescador artesanal na História do tempo presente(1955-2000).
Uma narrativa sócio-histórico marítima. Master thesis, Universidade Federal do Ceará, History. 132 p.	
Nomura (1965)	Nomura, H. (1965). Alagoas tem sururu. Revista Nacional da pesca. VI: p.12.
None	-
Paiva (1961)	Paiva, M.P. (1961). Recursos básicos da pesca marítima no nordeste brasileiro. Bol. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará (3): 1-10.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
Pereira Barros (1967)	Pereira-Barros, J.B. (1967). Pesca e produtividade do sururu. Bol. Est. Pesca 7(1): 41-58.
Perez (2002)	-
PETROBRAS	-
Petrobrás (undated)	-
Petrobrás (undated); PMAP/ Instituto de Pesca de São Paulo (undated)	-
Petrobrás (undated); PMAP/ Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
Petrobrás (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
Pezzuto & Borzone (2004)	Pezzuto, P.R. & Borzone, C.A. (2004). The collapse of the scallop <i>Euvola ziczac</i> (Linnaeus, 1758) (Bivalvia: Pectinidae) fishery in Brazil: changes in distribution and relative abundance after 23 years of exploitation. Brazilian Journal of Oceanography, 52(3/4):225-236.
PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo	-
PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated)	-
PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo (undated); Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
PMDP (unpublished data)	-
PMDP/UFRN (unpublished data)	-

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
Ponte & Feitosa (2019)	Ponte, I.A.R. & Feitosa, C.V. (2019). Evaluation of an unreported and unregulated sea cucumber fishery in eastern Brazil. <i>Ocean and Coastal Management</i> , 167: 1-8.
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis	-
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated)	-
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (undated); Petrobrás (undated)	-
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis; FIPERJ/MPA/UFRJ	-
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis; PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo	-
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis; PMAP/Instituto de Pesca de São Paulo; FIPERJ/MPA/UFRJ	-
Propesq/Instituto de Pesca (2013)	-
São Paulo Fisheries Monitoring Program (http://www.propesq.pesca.sp.gov.br)	-
Several local sources	-
Soares & Hostim-Silva (2013)	-
Soares & Hostim-Silva (2013) and CTA (2013)	-
SUDENE/UFRN (1975)	SUDENE/UFRN (1975). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1974. Natal, Rio Grande do Norte. N.6: 76 p.
SUDENE/UFRN (1976)	SUDENE/UFRN (1976). Boletim informativo da produção pesqueira do estado do Rio Grande do Norte - 1975. Natal, Rio Grande do Norte. N.7: 92 p.
SUDEPE (1977)	-
SUDEPE (1980a)	SUDEPE (1980a). Estatística da pesca. Produção - 1978. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE: 84 p.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
SUDEPE (1980b)	SUDEPE (1980b). Estatística da pesca. Produção - 1979. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE: 141 p.
SUDEPE/IBGE (1973)	SUDEPE/IBGE (1973). Estatística da pesca. Produção - 1971. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 21 p.
SUDEPE/IBGE (1975)	SUDEPE/IBGE (1975). Estatística da pesca. Produção - 1972. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 19 p.
SUDEPE/IBGE (1976a)	SUDEPE/IBGE (1976a). Estatística da pesca. Produção - 1973. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 22 p.
SUDEPE/IBGE (1976b)	SUDEPE/IBGE (1976b). Estatística da pesca. Produção - 1974. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 22 p.
SUDEPE/IBGE (1977)	SUDEPE/IBGE (1977). Estatística da pesca. Produção - 1975. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 22 p.
SUDEPE/IBGE (1979a)	SUDEPE/IBGE (1979a). Estatística da pesca. Produção - 1976. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 105 p.
SUDEPE/IBGE (1979b)	SUDEPE/IBGE (1979b). Estatística da pesca. Produção - 1977. Brasília, Ministério da Agricultura/SUDEPE/IBGE: 121 p.
SUPES (1996)	-
SUPES-CE (1996)	-
Thomé-Souza et al. (2012)	-
Thomé-Souza et al. (2013)	-
Thomé-Souza et al. (2014a)	-
Thomé-Souza et al. (2014b)	-
UFRN (unpublished data)	-
UNIVALI/CCTMar (2001)	UNIVALI/CCTMar (2001). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2000: ações prioritárias ao desenvolvimento da pesca e aqüicultura no sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Superior de Ciências Tecnológicas, da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 61 p.
UNIVALI/CCTMar (2002)	UNIVALI/CCTMar (2002). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2001: ações prioritárias ao desenvolvimento da pesca e aqüicultura no sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Superior de Ciências Tecnológicas, da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 89 p.
UNIVALI/CCTMar (2003)	UNIVALI/CCTMar (2003). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2002: ações prioritárias ao desenvolvimento da pesca no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Superior de Ciências Tecnológicas, da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 93 p.
UNIVALI/CCTMar (2004)	UNIVALI/CCTMar (2004). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2003: ações prioritárias ao desenvolvimento da pesca no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 80 p.
UNIVALI/CCTMar (2005)	UNIVALI/CCTMar (2005). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2004: programa de apoio técnico e científico ao desenvolvimento da pesca no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 64 p.

Tabela 51. Continuação...

Citação	Referência
UNIVALI/CCTMar (2006)	UNIVALI/CTTMar (2006). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2005 e panorama 2001/2005: programa de apoio técnico e científico ao desenvolvimento da pesca no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 80 p.
UNIVALI/CCTMar (2007)	UNIVALI/CTTMar (2007). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2006. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC: 80 p.
UNIVALI/CCTMar (2008)	UNIVALI/CTTMar (2008). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2007: programa de monitoramento e avaliação da atividade pesqueira industrial no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas, Itajaí, SC: 71 p.
UNIVALI/CCTMar (2009)	UNIVALI/CTTMar (2009). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2008: programa de monitoramento e avaliação da atividade pesqueira industrial no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas, Itajaí, SC: 73 p.
UNIVALI/CCTMar (2010)	UNIVALI/CTTMar (2010). Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2009 e panorama 2000 – 2009: programa de monitoramento e avaliação da atividade pesqueira industrial no sudeste e sul do Brasil. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas, Itajaí, SC: 97 p.
UNIVALI/CCTMar (2011)	-
UNIVALI/CCTMar (20113a)	-
UNIVALI/CCTMar (20113b)	-
UNIVALI/CCTMar (2013a)	-
UNIVALI/CCTMar (2013b)	-
Valentini et al. (1991a)	Valentini et al. (1991a). Análise da pesca do camarão-rosa (<i>Penaeus brasiliensis</i> e <i>Penaeus paulensis</i>) nas regiões sudeste e sul do Brasil. <i>Atlântica</i> , 13(1): 143-157.
Valentini et al. (1991b)	Valentini et al. (1991b). Análise da pesca do camarão-sete-barbas (<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>) nas regiões sudeste e sul do Brasil. <i>Atlântica</i> , 13(1): 171-177.

Tabela 52. Novas fontes de dados incorporadas no processo de reconstrução da estatística pesqueira marinha de 1950 a 2022 apresentada no presente documento.

Região	Anos	Tipo	Executores	Notas
SSE	2014-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Instituto de Pesca (SP)	http://pescasp.fundepag.br/dadosresultados.html
SSE	2016-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Instituto de Pesca (SP) Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa do Agronegócio - FUNDEPAG (PR)	http://pescapr.fundepag.br/sistema.html?id=5d540f2daa429f007f469354
SSE	2021-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Instituto de Pesca (SP) Universidade Federal do Espírito Santo (ES) Fundação Espírito-Santense de Tecnologia (FEST) Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa do Agronegócio - FUNDEPAG	http://propesq-es.fundepag.br/usuarioexterno/
SSE	2021-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Instituto de Pesca (SP) Universidade Federal do Espírito Santo (ES) Fundação Espírito-Santense de Tecnologia (FEST) Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa do Agronegócio - FUNDEPAG	http://propesq-es.fundepag.br/usuarioexterno/
SSE	2014-2022	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)	http://pmap-sc.acad.univali.br/dadosresultados.html
SSE	2012-2018	Termo de Execução Descentralizada - TED	Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	" https://imef.furg.br/links-interes-santes?view=article&id=961:projeto-estatistica-pesqueira&catid=2 Estatística da Pesca Artesanal e Industrial da Região Sul do Rio Grande do Sul TED MPA-FURG No. 00350.001799/2010-61"

Tabela 52. Continuação..

Região	Anos	Tipo	Executores	Notas
SSE	2015-2022	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Fundação Instituto de Pesca do Rio de Janeiro (FIPERJ) Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa do Agronegócio - FUNDEPAG	http://pescarj.fundepag.br/dadosresultados.html
NNO	2019-2022	Consultoria	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	PELD APA Costa dos Corais Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, apoio do CNPq, FAPEAL, CAPES, MCTI, e parceria da Colônia Z-21 Paripueira e FEPEAL
NNO	2018-2019	Consultoria	RARE	-
NNO	2018-2019	Consultoria	RARE	-
NNO	2018-2019	Consultoria	RARE	-
NNO	2013-2014	Projeto de Pesquisa	Projeto independente	Projeto de Pesquisa individual realizado pela Dr ^a . Erica Jimenez
SSE	2018-2023	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Subsídios científicos para o plano de gestão da pesca de Tubarão Azul no Rio Grande do Sul
NNO	2016-2019	Dados de condicionante ambiental	Econservation	"Programa de Monitoramento do Banco Camaroneiro da Suzano Celulosa e executado pela Econservation"
SSE	2019-2022	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Projeto SLLF (Ecopesca/UFF, Cardume, Biopesca/UFRRJ)
SSE	2013-2022	Dados de condicionante ambiental	Portos do Paraná - Logística inteligente	Governo do estado do Paraná
SSE	2021-2022	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Projeto de Pesquisa individual realizado na Baía Guanabara - Responsável - Professor Dr. Marcelo Vianna
SSE	2020	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Projeto de Pesquisa individual realizado na Lagoa de Saquarema - Responsável - Professor Dr. Marcelo Vianna
SSE	2017-2019	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Programa MONITORA - Dados referentes ao Farol de São Tomé
SSE	2017-2019	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Programa MONITORA

Tabela 52. Continuação..

Região	Anos	Tipo	Executores	Notas
SSE	2019-2022	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	https://www.ufrgs.br/ceclimar/projetomopert/
SSE	2017-2022	Dados de condicionante ambiental	Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)	Dados referentes a Instrução Normativa Conjunta MMA/SEAP nº 03, de 9 de fevereiro de 2004, que regulamenta a pesca no estuário da Lagoa dos Patos
SSE	2020-2021	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Dados referentes
NNO	2014-2022	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Projeto de Pesquisa individual realizado em Piaçabuçu e Maceio - Responsável - Professor Dr. Igor da Mata
NNO	2012-2022	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Universidade Federal de Sergipe Mineral consultoria	Universidade federal de sergipe foi executora até 2014
NNO	2012-2022	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Universidade Federal de Sergipe Mineral consultoria	Universidade federal de sergipe foi executora até 2015
NNO	2012-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Ambipar consultoria ambiental	-
NNO	2012-2023	Dados de condicionante para exploração de Petróleo e Gás - Público/Privada	Ambipar consultoria ambiental	-
NNO	2021-2023	Projeto de pesquisa	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Projeto de Pesquisa individual realizado em Baía Formosa - Responsável - Professor Dr. Ronaldo Angelini
NNO	2014-2019	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Programa MONITORA - referente a região do Salgado Paraense
NNO	2015-2019	Monitoramento Municipal	Prefeitura Municipal de Baía Formosa	-
NNO	2019-2022	Mapa de bordo	Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)	Mapas de bordo referentes as pescarias do Pargo Verdadeiro

Tabela 52. Continuação..

Região	Anos	Tipo	Executores	Notas
NNO	2019-2022	Mapa de bordo	Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)	Mapas de bordo referentes as pescarias do Pargo Verdadeiro
NNO	2019-2022	Mapa de bordo	Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)	Mapas de bordo referentes as pescarias do Pargo Verdadeiro
NNO	2015-2022	Dados de condicionante ambiental	Veracel celulose	Dados referentes a Santa Cruz Cabrália e Belmonte - BA
NNO	2014-2019	Projeto de pesquisa	Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDpar)	-
SSE	2019-2022	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Lagoas em Maricá - Projeto SLLF (Ecopesca/UFF, Cardume, Biopesca/UFRRJ)
SSE	2023	Projeto de Pesquisa	Projeto Acompesca	Projeto Acompesca (Associação de Pescadores Artesanais do Rio São Francisco & Cardume)
SSE	2023	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Cabo Frio - Projeto USSL (Cardume, Colônia Z-4, ECOPESCA/UFF, BioPesca/UFRRJ)
SSE	2023	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	São Pedro da Aldeia - Projeto USSL (Cardume, ASPAPRAB, ECOPESCA/UFF, BioPesca/UFRRJ)
SSE	2023	Projeto de Pesquisa	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Saquarema - Projeto USSL (Cardume, ECOPESCA/UFF, BioPesca/UFRRJ)
NNO	2018-2023	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Resex Canavieiras, Cassurubá e Corumbau - BA
NNO	2013, 2014, 2015, 2022	Monitoramento em Ucs	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	Fernando de Noronha
NNO	2021-2023	Dados de condicionante ambiental	Projeto Budiões	Alguns municípios do sul da Bahia
NNO	2021-2023	Dados de condicionante ambiental	Projeto Budiões	Alguns municípios do Norte do Espírito Santo

Tabela 53. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de PEIXES desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/ táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência.

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Abrótea	<i>Urophycis</i> spp.	Abrótea	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X
Abrótea de profundidade	<i>Urophycis mystacea</i>	Abrótea de profundidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	X
Abrótea verdadeira	<i>Urophycis brasiliensis</i>	Abrótea verdadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Água fria	<i>Hemicaranx amblyrhynchus</i>	Água fria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Agulha	Hemiramphidae	Agulhinha	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agulha-branca	Belonidae	Petimbuaba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Strongylura marina</i>	Petimbuaba do Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Agulha branca	<i>Hyporhamphus unifasciatus</i>	Agulhinha branca	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agulhão	Istiophoridae	Agulhão	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	X	-	-
Agulhão-bandeira	Belonidae	Petimbuaba	-	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Agulhão-branco	<i>Strongylura marina</i>	Petimbuaba do Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Agulhão Belonidae	Belonidae	Petimbuaba	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agulhão azul	<i>Makaira nigricans</i>	Agulhão negro	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Agulhão bandeira	<i>Istiophorus platypterus</i>	Agulhão vela	-	X	-	X	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agulhão branco	<i>Kajikia albida</i>	Agulhão branco	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X	X	X	X
Agulhão negro	<i>Makaira nigricans</i>	Agulhão negro	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X
Agulhão vela	<i>Istiophorus platypterus</i>	Agulhão vela	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Agulhão verde	<i>Tetrapturus pfluegeri</i>	Agulhão verde	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Albacora	<i>Thunnus</i> spp.	Albacora	-	X	-	X	X	-	X	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X
Albacora azul	<i>Thunnus thynnus</i>	Albacora azul do Atlântico	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Albacora bandolim	<i>Thunnus obesus</i>	Albacora bandolim	-	X	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X	-	X	X
Albacora branca	<i>Thunnus alalunga</i>	Albacora branca	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X
Albacora laje	<i>Thunnus albacares</i>	Albacora laje	X	X	-	-	-	X	X	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X
Albacorinha	<i>Thunnus atlanticus</i>	Albacorinha	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X	X
Alfonsinho	<i>Beryx splendens</i>	Alfonsinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Amoré	Gobiidae	Amoré	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Amoréia	<i>Guavina guavina</i>	Guavina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Gymnothorax</i> spp.	Moreia	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Anchoita	<i>Engraulis anchoita</i>	Anchoita	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Anchova	<i>Pomatomus saltatrix</i>	Enchova	X	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Anchoвета	<i>Engraulis anchoita</i>	Anchoita	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Antimora azul	<i>Antimora rostrata</i>	Antimora azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Arabaiana	<i>Seriola spp.</i>	Arabaiana	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Aracanguira	<i>Alectis ciliaris</i>	Aracanguira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Trachinotus goodei</i>	Pampo galhudo	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Arenque	Engraulidae	Arenque	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Lycengraulis grossidens</i>	Manjubão	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Ariacó	<i>Lutjanus synagris</i>	Ariacó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Atum azul	<i>Thunnus thynnus</i>	Albacora azul do Atlântico	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-
Atum borboleta	<i>Gasterochisma melampus</i>	Atum borboleta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Atum legítimo	<i>Thunnus thynnus</i>	Albacora azul do Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Avoador	<i>Dactylopterus volitans</i>	Coio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Bacalhau	<i>Eques punctatus</i>	Bilro pintado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Badejo	<i>Mycteroperca spp.</i>	Badejo	-	-	-	X	X	-	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X	-
Badejo amarelo	<i>Mycteroperca interstitialis</i>	Badejo amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-
Badejo da areia	<i>Mycteroperca microlepis</i>	Badejo de areia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Badejo ferro	<i>Mycteroperca venenosa</i>	Badejo ferro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Badejo mira	<i>Mycteroperca acutirostris</i>	Badejo mira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-
Badejo quadrado	<i>Mycteroperca bonaci</i>	Sirigado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Badejo sabão	<i>Rypticus spp.</i>	Peixe sabão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Badejo tigre	<i>Mycteroperca tigris</i>	Badejo tigre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Bagre	Ariidae	Bagre	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X
Bagre amarelo	<i>Cathorops spixii</i>	Bagre uricica gonguito	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	X	X	-	-
Bagre ariacú	<i>Sciades proops</i>	Bagre uritinga	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bagre bandeira	<i>Bagre spp.</i>	Bagre fita	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-
Bagre branco	<i>Genidens barbatus</i>	Bagre branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	-
Bagre cabeça chata	<i>Sciades proops</i>	Bagre uritinga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Bagre fita	<i>Bagre filamentosus</i>	Bagre fita fidalgo	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Bagre bagre</i>	Bagre fita veleiro	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Bagre guriaçu	<i>Sciades proops</i>	Bagre uritinga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Bagre rabo seco	<i>Paragenidens grandoculis</i>	Bagre rabo seco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Bagre urutu	<i>Genidens genidens</i>	Bagre guriaçu	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Baiaçu	Tetraodontiformes	Baiaçu	-	X	X	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Lagocephalus</i> spp.	Baiaçu garajuga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X
	<i>Sphoeroides</i> spp.	Baiaçu pintado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Baiaçu ara	<i>Lagocephalus laevigatus</i>	Baiaçu garajuba amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Baiaçu de espinho	Diodontidae	Baiaçu espinhoso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Baiaçu pintado	<i>Sphoeroides</i> spp.	Baiaçu pintado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Bandeirado	<i>Bagre</i> spp.	Bagre fita	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Barbeiro	<i>Acanthurus</i> spp.	Cirurgião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-
Barbudo	<i>Polydactylus</i> spp.	Barbudo	-	-	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Polydactylus virginicus</i>	Barbudo amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Polymixia lowei</i>	Ferrinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Barracuda	<i>Sphyaena barracuda</i>	Barracuda	-	-	-	-	X	-	-	X	X	-	X	X	X	-	-	X	-
Batata	<i>Lopholatilus villarii</i>	Peixe batata de lama	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
Batata da lama	<i>Lopholatilus villarii</i>	Peixe batata de lama	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Batata da pedra	<i>Caulolatilus</i> spp.	Batata da pedra	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Caulolatilus chrysops</i>	Batata da pedra olho dourado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	-
Baúna	<i>Lutjanus apodus</i>	Baúna	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Beijupirá	<i>Rachycentron canadum</i>	Bijupirá	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Betara	<i>Menticirrhus</i> spp.	Papa-terra	-	-	-	X	X	X	-	X	-	-	X	X	X	X	-	X	X
	<i>Menticirrhus martinicensis</i>	Papa-terra preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
Betara preta	<i>Menticirrhus martinicensis</i>	Papa-terra preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Bicuda	<i>Sphyaena</i> spp.	Bicuda	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-
Bicudinha	<i>Sphyaena guachancho</i>	Bicuda branca	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Biquara	<i>Haemulon plumierii</i>	Biquara	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Boca de velho	<i>Haemulon plumierii</i>	Biquara	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Boca mole	<i>Larimus breviceps</i>	Boca mole	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Boca negra	<i>Lutjanus buccanella</i>	Vermelho boca negra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Boca torta	<i>Larimus breviceps</i>	Boca mole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Bom nome	<i>Malacanthus plumieri</i>	Pirá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Bonito	<i>Scombridae</i>	Bonito	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Auxis thazard</i>	Bonito cachorro rei	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Katsuwonus pelamis</i>	Bonito listrado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
	<i>Euthynnus alletteratus</i>	Bonito pintado	X	-	X	X	X	-	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-
Bonito cachorra	<i>Auxis spp.</i>	Bonito cachorro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Bonito cachorro	<i>Auxis spp.</i>	Bonito cachorro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Bonito listrado	<i>Katsuwonus pelamis</i>	Bonito listrado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X	X
Bonito pintado	<i>Euthynnus alletteratus</i>	Bonito pintado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Bonito serrinha	<i>Sarda sarda</i>	Bonito serrinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Bragalhão	<i>Sciades couma</i>	Bagre catinga	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Budião	<i>Bodianus spp.</i>	Budião	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Scaridae</i>	Escarídeo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Labridae</i>	Labrídeo	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Sparisoma spp.</i>	Peixe papagaio	-	-	-	-	X	-	X	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Budião amarelo	<i>Bodianus rufus</i>	Budião amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	
Budião azul	<i>Scarus trispinosus</i>	Peixe papagaio azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
Budião banana	<i>Scarus zelindae</i>	Peixe papagaio banana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Budião batata	<i>Sparisoma spp.</i>	Peixe papagaio	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Sparisoma radians</i>	Peixe papagaio dentuço	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Budião brasileiro	<i>Halichoeres brasiliensis</i>	Budião verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
Budião ferrugem	<i>Sparisoma axillare</i>	Peixe papagaio ferrugem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Budião verde	<i>Sparisoma amplum</i>	Peixe papagaio verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Budião vermelho	<i>Sparisoma frondosum</i>	Peixe papagaio sinaleiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-	
Cabeçudo	<i>Stellifer spp.</i>	Cangoá	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Cabra	<i>Prionotus spp.</i>	Cabrinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	
Cabrinha	<i>Prionotus spp.</i>	Cabrinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X	
	<i>Prionotus punctatus</i>	Cabrinha nadadeira azul	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Cacunda	<i>Sciaenidae</i>	Cienideo	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Calafate	<i>Notarius grandicassis</i>	Bagre urutu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	
Cambeba	<i>Notarius grandicassis</i>	Bagre urutu	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Cambriaçu	<i>Centropomus parallelus</i>	Camurim peva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Cambuba	<i>Haemulon</i> spp.	Cocoroça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Haemulon parra</i>	Cocoroça mestiça	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cambéua	<i>Notarius grandicassis</i>	Bagre urutu	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camurim	<i>Centropomus</i> spp.	Camurim	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camurim açu	<i>Centropomus undecimalis</i>	Camurim açu	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camurupim	<i>Megalops atlanticus</i>	Camurupim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-
Cangatã	<i>Notarius quadriscutis</i>	Bagre cangatã	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cangoá	<i>Stellifer</i> spp.	Cangoá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	X	-
Canguira	<i>Notarius phrygiatus</i>	Bagre canguira	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Trachinotus</i> spp.	Pampo	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Canguito	<i>Orthopristis rubra</i>	Cocoroça jurumirim	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cangulo	Tetraodontiformes	Baiacu	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Balistes</i> spp.	Cangulo	-	-	X	X	X	X	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Balistes capriscus</i>	Cangulo verdadeiro	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Aluterus monoceros</i>	Peruá cação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Canhanha	<i>Archosargus rhomboidalis</i>	Sargo amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	
Cantante	<i>Priacanthus arenatus</i>	Olho de cão	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Capado	<i>Balistes</i> spp.	Cangulo	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Caramuru	<i>Gymnothorax</i> spp.	Moreia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Gymnothorax funebris</i>	Moreia verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Caranha	<i>Lutjanus cyanopterus</i>	Caranha de fundo	-	X	-	-	X	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	-
	<i>Lutjanus alexandrei</i>	Carapitanga	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Caraoca	Actinopterygii	Caraoca	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carapau	<i>Decapterus</i> spp.	Carapau	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Decapterus tabl</i>	Carapau de cauda	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Caranx</i> spp.	Xaréu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	-
	<i>Caranx crysos</i>	Xaréu cavaco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Carapau de cauda	<i>Decapterus tabl</i>	Carapau de cauda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	
Carapeba	<i>Diapterus</i> spp.	Carapeba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Eugerres brasílianus</i>	Carapeba listrada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	Gerreidae	Gerreideo	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	X	X	-	X	X	-
Carapicu	<i>Eucinostomus</i> spp.	Carapicu	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																	
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP	
Carapicu açu	<i>Eucinostomus gula</i>	Carapicu branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Carapitanga	<i>Lutjanus alexandrei</i>	Carapitanga	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Carapitinga	<i>Diapterus rhombeus</i>	Carapeba de dois espinhos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Eugerres brasiliensis</i>	Carapeba listrada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Caratinga	<i>Eugerres brasiliensis</i>	Carapeba listrada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	Gerreidae	Gerreídeo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Caraúna	<i>Acanthurus</i> spp.	Cirurgião	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Cephalopholis fulva</i>	Piraúna	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carrapato	Actinopterygii	Carrapato	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Cará	<i>Bairdiella goeldi</i>	Miruaia	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Genyatremus luteus</i>	Peixe pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Castanha	<i>Umbrina</i> spp.	Castanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X
	<i>Umbrina canosai</i>	Castanha argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-
	<i>Umbrina coroides</i>	Castanha riscada	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Castanha riscada	<i>Umbrina coroides</i>	Castanha riscada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Catuá	<i>Cephalopholis fulva</i>	Piraúna	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Cavala	<i>Acanthocybium solandri</i>	Cavala aipim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Scomberomorus cavalla</i>	Cavala branca	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cavala aipim	<i>Acanthocybium solandri</i>	Cavala aipim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	X	-	-
Cavala empinge	<i>Acanthocybium solandri</i>	Cavala aipim	-	X	X	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Cavalinha	<i>Scomber colias</i>	Cavalinha muzundu	-	-	X	X	X	X	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cavalinha do norte	<i>Thyrstitops lepidopoides</i>	Lanceta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Cavalo marinho	<i>Hippocampus</i> spp.	Cavalo marinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Cação	Selachii	Tubarão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	X	-	X	X
Cação anequim	<i>Isurus</i> spp.	Tubarão anequim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Isurus oxyrinchus</i>	Tubarão anequim nadadeira curta	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X
Cação anjo	<i>Squatina</i> spp.	Tubarão anjo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X
Cação azeiteiro	<i>Carcharhinus porosus</i>	Tubarão azeiteiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Cação azul	<i>Prionace glauca</i>	Tubarão azul	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X	X
Cação bagre	<i>Squalus</i> spp.	Tubarão bagre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X
Cação barriga d'água	<i>Carcharhinus plumbeus</i>	Tubarão barriga d'água	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																	
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP	
Cação bico doce	<i>Galeorhinus galeus</i>	Tubarão bico doce	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	X
Cação bruxa	<i>Notorynchus cepedianus</i>	Tubarão bruxa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Cação cabeça chata	<i>Carcharhinus</i> spp.	Tubarão baía	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	X	X	-	
	<i>Carcharhinus leucas</i>	Tubarão cabeça chata	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Cação canejo	<i>Mustelus</i> spp.	Tubarão canejo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	-	
Cação cavala	<i>Isurus oxyrinchus</i>	Tubarão anequim nadadeira curta	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Cação espada	<i>Mitsukurina owstoni</i>	Tubarão espada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	
Cação fidalgo	<i>Carcharhinus obscurus</i>	Tubarão fidalgo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	
Cação frango	<i>Rhizoprionodon</i> spp.	Tubarão frango	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-	
Cação galha branca	<i>Carcharhinus longimanus</i>	Tubarão galha branca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	
Cação galha preta	<i>Carcharhinus</i> spp.	Tubarão baía	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	
	<i>Carcharhinus limbatus</i>	Tubarão galha preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Cação galha preta dos recifes	<i>Carcharhinus perezi</i>	Tubarão galha preta dos recifes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Cação galhudo	<i>Carcharhinus plumbeus</i>	Tubarão barriga d'água	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Cação gato	<i>Mustelus schmitti</i>	Tubarão canejo de focinho curto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
	<i>Scyliorhinus</i> spp.	Tubarão gato	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	
Cação limão	<i>Negaprion brevirostris</i>	Tubarão limão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Cação lixa	<i>Ginglymostoma cirratum</i>	Tubarão lixa	-	-	X	-	-	X	X	X	-	X	-	X	X	-	-	-	-	
Cação lombo preto	<i>Carcharhinus falciformis</i>	Tubarão lombo preto	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	
Cação machote	<i>Carcharhinus</i> spp.	Tubarão baía	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	
Cação mangona	<i>Carcharias taurus</i>	Tubarão mangona	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	
Cação martelo	<i>Sphyrna</i> spp.	Tubarão martelo	-	X	X	X	-	X	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	
Cação martelo liso	<i>Sphyrna zygaena</i>	Tubarão martelo liso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Cação mestiço	<i>Isurus paucus</i>	Tubarão anequim mestiço	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Cação moka	<i>Lamna nasus</i>	Tubarão moka	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	
Cação mole mole	<i>Carcharhinus porosus</i>	Tubarão azeiteiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Cação noturno	<i>Carcharhinus signatus</i>	Tubarão noturno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Cação rabo seco	<i>Rhizoprionodon</i> spp.	Tubarão frango	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Cação raposa	<i>Alopias</i> spp.	Tubarão raposa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-
	<i>Alopias superciliosus</i>	Tubarão raposa do olho grande	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Alopias vulpinus</i>	Tubarão raposa do olho pequeno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Cação tigre	<i>Galeocerdo cuvier</i>	Tubarão tigre	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	X	X	X	X	X	-
Cação vaca	<i>Hexanchus griseus</i>	Tubarão de seis gueltras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Chancarona	<i>Lobotes surinamensis</i>	Prejereba	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cherne	<i>Hyporthodus</i> spp.	Cherne	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-	-
	<i>Polyprion americanus</i>	Cherne poveiro verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X
	<i>Hyporthodus niveatus</i>	Cherne verdadeiro	-	-	-	X	X	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Cherne amarelo	<i>Hyporthodus flavolimbatus</i>	Cherne amarelo	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-
Cherne listrado	<i>Hyporthodus mystacinus</i>	Cherne listrado	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Cherne negro	<i>Hyporthodus nigrinus</i>	Cherne negro	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Cherne poveiro	<i>Polyprion americanus</i>	Cherne poveiro verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	-
Cherne verdadeiro	<i>Hyporthodus niveatus</i>	Cherne verdadeiro	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	-
	<i>Ocyurus chrysurus</i>	Guaiúba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Cirurgião	<i>Acanthurus</i> spp.	Cirurgião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Cocoroca	Haemulidae	Hemulídeo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X
Cocoroca boca larga	<i>Haemulon</i> spp.	Cocoroca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Coió	<i>Dactylopterus volitans</i>	Coió	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-
Congro	<i>Conger</i> spp.	Congro	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Conger orbignianus</i>	Congro preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-
Congro negro	<i>Conger orbignianus</i>	Congro preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Congro preto	<i>Conger orbignianus</i>	Congro preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Congro rosa	<i>Genypterus brasiliensis</i>	Congro rosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X
Corongo	<i>Cynoponticus savanna</i>	Corongo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Corvina	<i>Micropogonias furnieri</i>	Corvina	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Coró branco	<i>Haemulopsis covianeformis</i>	Coró branco	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Curimã	<i>Mugil curema</i>	Curimã	X	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-
Curubá	<i>Actinopterygii</i>	Curubá	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curuca	<i>Menticirrhus</i> spp.	Papa-terra	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Dentão	<i>Lutjanus jocu</i>	Dentão	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-	-	-
Dorminhoco	<i>Lobotes surinamensis</i>	Prejereba	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Dourado	<i>Coryphaena hippurus</i>	Dourado verdadeiro	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Enxada	<i>Chaetodipterus faber</i>	Enxada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Enxova	<i>Pomatomus saltatrix</i>	Enxova	-	-	X	X	X	X	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-
Escolar	<i>Lepidocybium flavobrunneum</i>	Escolar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Espada	<i>Trichiurus lepturus</i>	Peixe-espada	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espadarte	<i>Xiphias gladius</i>	Espadarte	X	X	-	X	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X	-	-	X
Famangaio	Hemiramphidae	Agulhinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Ferreiro	<i>Caranx lugubris</i>	Xaréu preto	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Ferrinho	<i>Polymixia lowei</i>	Ferrinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Fofa	<i>Ctenosciaena gracilicirhus</i>	Fofa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Fogueira	<i>Myripristis jacobus</i>	Fogueira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Frade	<i>Pomacanthus</i> spp.	Paru	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Galo com penacho	<i>Selene vomer</i>	Peixe galo com penacho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Galo de profundidade	<i>Zenopsis conchifer</i>	Peixe galo de profundidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-
Galo do alto	<i>Alectis ciliaris</i>	Aracanguira	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Galo sem penacho	<i>Selene setapinnis</i>	Peixe galo sem penacho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Garabebéu	<i>Trachinotus falcatus</i>	Pampo garabebéu	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Garacimbora	<i>Caranx latus</i>	Xaréu olhudo	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Garajuba	<i>Caranx bartholomaei</i>	Xaréu amarelo	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Caranx crysos</i>	Xaréu cavaco	-	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Garapau	<i>Decapterus</i> spp.	Carapau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Decapterus macarellus</i>	Carapau de reis	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Selar crumenophthalmus</i>	Chicharro olho grande	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Garaximbora	<i>Caranx latus</i>	Xaréu olhudo	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Garaçapé	<i>Alphestes afer</i>	Pirapiranga	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Garoupa	<i>Hyporthodus</i> spp.	Cherne	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	<i>Epinephelus</i> spp.	Garoupa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-
Garoupa de São Tomé	<i>Epinephelus morio</i>	Garoupa vermelha	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-
Garoupa pintada	<i>Epinephelus adscensionis</i>	Garoupa gato	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-
Garoupa senhor de engenho	<i>Acanthistius brasilianus</i>	Senhor de engenho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Garoupa verdadeira	<i>Epinephelus marginatus</i>	Garoupa verdadeira	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Gato	<i>Epinephelus adscensionis</i>	Garoupa gato	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Goete	<i>Cynoscion jamaicensis</i>	Pescada goete	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Gordinho	<i>Peprilus</i> spp.	Gordinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	
	<i>Peprilus crenulatus</i>	Gordinho pataca	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
Gostosa	<i>Dermatolepis inermis</i>	Piranema pintada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Graçainha	<i>Caranx crysos</i>	Xaréu cavaco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
Guacioba	Actinopterygii	Guacioba	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-	X	-	X	-	-	-	
Guaibira	<i>Oligoplites</i> spp.	Tibiro	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Guaivira	<i>Oligoplites</i> spp.	Tibiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	
Guaíuba	<i>Ocyurus chrysurus</i>	Guaíuba	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	-	-	
Guarajuba	<i>Caranx crysos</i>	Xaréu cavaco	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Guaçapé	<i>Alphestes afer</i>	Pirapiranga	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
Gurijuba	<i>Sciades parkeri</i>	Bagre gurijuba	X	X	X	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-	-	
Jacundá	<i>Diplectrum</i> spp.	Michole	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Jaguareçá	<i>Holocentrus adscensionis</i>	Jaguareçá açu	-	-	X	-	-	X	-	X	-	-	-	X	X	X	-	-	
Jurupiranga	<i>Notarius</i> spp.	Bagre jurupiranga	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Lagarto	<i>Synodus foetens</i>	Peixe lagarto papo branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	
Lanceta	<i>Acanthurus</i> spp.	Cirurgião	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Thyrstitops lepidopoides</i>	Lanceta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	
Linguado	Pleuronectiformes	Linguado	-	X	-	-	-	X	-	X	X	X	-	-	-	X	-	-	
	Paralichthyidae	Paralictiideo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X	
Linguado branco	<i>Paralichthys patagonicus</i>	Linguado da areia branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
Linguado da areia	<i>Paralichthys</i> spp.	Linguado da areia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
	Paralichthyidae	Paralictiideo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
	<i>Syacium</i> spp.	Solha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Linguado verdadeiro	<i>Paralichthys orbignyanus</i>	Linguado da areia verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	
Lírio	<i>Schedophilus velaini</i>	Lírio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	
Mangangá	<i>Scorpaena</i> spp.	Niquim	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	X	-	X	
	<i>Scorpaena plumieri</i>	Niquim axila roxa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	
Mangangá com espinho	<i>Scorpaena</i> spp.	Niquim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Mangangá liso	<i>Porichthys porosissimus</i>	Mangangá liso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Manjuba	Engraulidae	Arenque	-	-	-	X	X	X	X	-	X	-	X	X	X	X	-	X	X
	<i>Lycengraulis grossidens</i>	Manjubão	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Cetengraulis edentulus</i>	Xangó	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Manjuba branca	<i>Anchoa tricolor</i>	Manjuba branca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	
Manjuba chata	<i>Anchoa</i> spp.	Manjuba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
	<i>Anchoa januaria</i>	Manjuba chata	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Manjuba iguape	<i>Anchoiella lepidentostole</i>	Pilombeta de iguape	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Manjubão	<i>Lycengraulis grossidens</i>	Manjubão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	
Maria-luiza	<i>Paralonchurus brasiliensis</i>	Maria-luiza	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	
Marimbá	<i>Diplodus argenteus</i>	Marimbá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	
Mariquita	<i>Holocentrus adscensionis</i>	Jaguareçá açu	-	-	-	-	X	-	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-	
	<i>Etelis oculatus</i>	Pargo mariquita	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Meca	<i>Xiphias gladius</i>	Espadarte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	X	X	
Mercador	<i>Anisotremus virginicus</i>	Salema	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Merlo	<i>Etelis oculatus</i>	Pargo mariquita	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
Merluza	<i>Merluccius hubbsi</i>	Merluza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	
Merluza de cola	<i>Macruronus novaezelandiae</i>	Merluza de cola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	
Merluza negra	<i>Dissostichus eginoides</i>	Merluza negra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Mero	<i>Epinephelus itajara</i>	Mero	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Michole	<i>Diplectrum</i> spp.	Michole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	
	<i>Diplectrum radiale</i>	Michole aipim	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	
Milongo do mar	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Amoré de areia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
	<i>Lepophidium breviparbe</i>	Milongo do mar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Miracéu	<i>Astroscopus</i> spp.	Miracéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	
	<i>Astroscopus sexspinosus</i>	Miracéu de espinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
Miraguaia	<i>Pogonias courbina</i>	Miraguaia lisa	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	X	X	X	
	<i>Pogonias cromis</i>	Miraguaia listrada	-	X	-	-	X	X	-	X	-	X	-	-	X	-	-	-	
Mirim	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Amoré de areia	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Miroró	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Amoré de areia	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Myrichthys</i> spp.	Miroró	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Mirucaia	<i>Bairdiella goeldi</i>	Mirucaia	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	
Moreia	<i>Gymnothorax</i> spp.	Moreia	-	X	-	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	-	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Moreira	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Amoré de areia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Morongo	<i>Gobioides broussonnetii</i>	Amoré cundunda	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Murucaia	<i>Bairdiella goeldi</i>	Mirucaia	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Muçum	<i>Ophichthus</i> spp.	Muçum	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Namorado	<i>Pseudoperca numida</i>	Namorado verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X
	<i>Lopholatilus villarii</i>	Peixe batata de lama	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Niquim	<i>Scorpaena plumieri</i>	Niquim axila roxa	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Thalassophryne nattereri</i>	Peixe sapo de lama	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Olhete	<i>Seriola</i> spp.	Arabaiana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
	<i>Seriola lalandi</i>	Arabaiana olhete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Elagatis bipinnulata</i>	Olhete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Olho de boi	<i>Seriola</i> spp.	Arabaiana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-
	<i>Seriola dumerili</i>	Arabaiana olho de boi	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Cookeolus japonicus</i>	Olho de boi	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Priacanthus arenatus</i>	Olho de cão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Olho de cão	<i>Priacanthus arenatus</i>	Olho de cão	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Olho de vidro	<i>Lutjanus vivanus</i>	Vermelho olho amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-
Olhudo	<i>Selar crumenophthalmus</i>	Chicharro olho grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Caranx latus</i>	Xaréu olhudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Olhão	<i>Selar crumenophthalmus</i>	Chicharro olho grande	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros esparídeos	Sparidae	Esparídeo	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros peixes	Actinopterygii	Outros peixes	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Ova de tainha	<i>Mugil</i> spp.	Ova de tainha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Oveva	<i>Larimus breviceps</i>	Boca mole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-
Pacamão	Batrachoididae	Pacamão	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Amphichthys cryptocentrus</i>	Pacamão bocon	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Batrachoides surina-mensis</i>	Pacamão preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Pai-joão	<i>Pareques acuminatus</i>	Pai-joão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Palombeta	<i>Chloroscombrus chrysurus</i>	Palombeta	-	-	X	X	X	X	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X
Pampo	<i>Trachinotus</i> spp.	Pampo	-	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X
	<i>Trachinotus carolinus</i>	Pampo cabeça mole	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																	
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP	
Pampo amarelo	<i>Trachinotus carolinus</i>	Pampo cabeça mole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Pampo galhudo	<i>Trachinotus goodei</i>	Pampo galhudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Pampo malhado	<i>Trachinotus falcatus</i>	Pampo garabebéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Trachinotus marginatus</i>	Pampo real	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Pampo real	<i>Trachinotus marginatus</i>	Pampo real	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Papa figo	<i>Stromateus brasiliensis</i>	Papafigo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X
Papa moscas	<i>Nemadactylus bergi</i>	Papa moscas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Papagaio	<i>Bodianus rufus</i>	Budião amarelo	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Scaridae	Escarideo	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Papaterra	<i>Menticirrhus</i> spp.	Papa-terra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Papuda	Actinopterygii	Papuda	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Paramirim	<i>Seriola rivoliana</i>	Arabaiana bacamarte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Pararé	<i>Genidens genidens</i>	Bagre guriaçu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Parati	<i>Mugil curema</i>	Curimã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X
	<i>Mugil liza</i>	Parati	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Parati barbudo	<i>Polydactylus</i> spp.	Barbudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	-	-
Parati olho de fogo	<i>Mugil brevisrostris</i>	Parati olho de fogo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Paratipioca	Actinopterygii	Paratipioca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Pargo	<i>Pagrus pagrus</i>	Pargo rosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Lutjanus purpureus</i>	Pargo verdadeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Lutjanus vivanus</i>	Vermelho olho amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Pargo farofa	<i>Calamus mu</i>	Peixe pena brasileiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Pargo piranga	<i>Rhomboplites aurorubens</i>	Realito	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pargo rosa	<i>Pagrus pagrus</i>	Pargo rosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X	X
Paru	<i>Chaetodipterus faber</i>	Enxada	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X	-
Pataca	<i>Peprilus crenulatus</i>	Gordinho pataca	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peixe agulha	Hemiramphidae	Agulhinha	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
	Belonidae	Petimbuaba	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X	X
Peixe batata	<i>Lopholatilus villarii</i>	Peixe batata de lama	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Peixe cofre	Ostraciidae	Peixe cofre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Peixe espada	<i>Trichiurus lepturus</i>	Peixe-espada	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Peixe galo	<i>Selene</i> spp.	Peixe galo	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	X	X	X
Peixe galo com penacho	<i>Selene vomer</i>	Peixe galo com penacho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	-	-
Peixe galo sem penacho	<i>Selene setapinnis</i>	Peixe galo sem penacho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	-	-
Peixe lua	Molidae	Peixe lua	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
	<i>Masturus lanceolatus</i>	Peixe lua da cauda pontuda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Lampris</i> spp.	Peixe sol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Peixe morcego	<i>Ogcocephalus</i> spp.	Peixe morcego	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Peixe pedra	<i>Genyatremus luteus</i>	Peixe pedra	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-
Peixe pena	<i>Calamus</i> spp.	Peixe pena	-	X	-	-	X	X	X	X	X	-	X	-	-	X	X	X	-
	<i>Calamus pennatula</i>	Peixe pena amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Calamus calamus</i>	Peixe pena olhão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Peixe piloto	<i>Naucrates ductor</i>	Peixe piloto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Peixe porco	<i>Balistes</i> spp.	Cangulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Balistes capriscus</i>	Cangulo verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Peixe prego	Gempylidae	Peixe prego	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Ruvettus pretiosus</i>	Peixe prego oleoso	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	X	-	-	X	X
Peixe rato	<i>Lepidocybium flavobrunneum</i>	Escolar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Peixe rei	<i>Elagatis bipinnulata</i>	Olhete	-	X	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
	Atherinopsidae	Peixe rei	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
	<i>Atherinella brasiliensis</i>	Peixe rei brasileiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Peixe santo	<i>Paranthias furcifer</i>	Peixe santo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Peixe sapo	<i>Lophius gastrophysus</i>	Peixe sapo de profundidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X
Peixe serra	<i>Pristis</i> spp.	Raia serra	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peixe sol	<i>Lampris</i> spp.	Peixe sol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Peixe voador	Exocoetidae	Voador	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	X	-	-	X	X	-	-
Peixes não identificados	Actinopterygii	Peixes não identificados	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Peludinho	<i>Stephanolepis hispida</i>	Porquinho cabeça chata	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Peroá	<i>Balistes</i> spp.	Cangulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X	-
Peroá bandeira	<i>Aluterus scriptus</i>	Peruá bandeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Peroá branca	<i>Balistes capricus</i>	Cangulo verdadeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Peroá cação	<i>Aluterus monoceros</i>	Peruá cação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-
Peroá coco	<i>Canthidermis sufflamen</i>	Cangulo coco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Peroá preta	<i>Balistes vetula</i>	Cangulo rei	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	-
Pescada	Sciaenidae	Cienideo	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Cynoscion</i> spp.	Pescada	-	-	-	X	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescada amarela	<i>Cynoscion acoupa</i>	Pescada amarela	X	X	X	-	X	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X
Pescada banana	<i>Nebris microps</i>	Pescada banana	-	X	X	-	X	X	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X
Pescada bicuda	<i>Sphyaena</i> spp.	Bicuda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Cynoscion microlepidotus</i>	Pescada bicuda	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-
Pescada branca	<i>Cynoscion leiarchus</i>	Pescada branca	-	X	X	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	-
Pescada cabeça dura	<i>Stellifer punctatissimus</i>	Cangoá cabeça dura	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Pescada cambuçu	<i>Cynoscion virescens</i>	Pescada cambuçu	X	X	X	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	-
Pescada cascuda	<i>Ctenosciaena gracilicirrus</i>	Fofa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Pescada faneca	<i>Isopisthus parvipinnis</i>	Tortinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	
Pescada goete	<i>Cynoscion jamaicensis</i>	Pescada goete	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X
Pescada jurupara	<i>Cynoscion steindachneri</i>	Pescada jurupará	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescada maria mole	<i>Cynoscion guatucupa</i>	Pescada olhuda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X
Pescada olhuda	<i>Cynoscion</i> spp.	Pescada	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Cynoscion guatucupa</i>	Pescada olhuda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Pescada ticupá	<i>Cynoscion acoupa</i>	Pescada amarela	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescadinha	<i>Macrodon</i> spp.	Pescadinha real	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-
	<i>Macrodon ancylodon</i>	Pescadinha real do norte	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-	-	-
	<i>Macrodon atricauda</i>	Pescadinha real do sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Pilombeta	Engraulidae	Arenque	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Anchoviella</i> spp.	Pilombeta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Pirajica	<i>Kyphosus</i> spp.	Pirajica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Pirambu	<i>Anisotremus surinamensis</i>	Pirambu	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Piranema	<i>Priacanthus arenatus</i>	Olho de cão	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pirapiranzo	Actinopterygii	Pirapiranzo	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Piraúna	<i>Cephalopholis fulva</i>	Piraúna	-	-	-	-	X	X	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-
Pirucaia	<i>Odontoscion dentex</i>	Pirucaia	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pirá	<i>Malacanthus plumieri</i>	Pirá	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Pitangola	<i>Seriola fasciata</i>	Arabaiana listrada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Pititinga	<i>Lile piquitinga</i>	Piquitinga	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pituiú	<i>Mugil liza</i>	Parati	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porco peludo	<i>Stephanolepis hispida</i>	Porquinho cabeça chata	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Prejereba	<i>Lobotes surinamensis</i>	Prejereba	-	X	X	-	-	X	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X
Pufa	<i>Melichthys niger</i>	Cangulo preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Quimera	<i>Callorhynchus callorhynchus</i>	Quimera nariz de arado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Rabo de fogo	<i>Hemiramphus brasiliensis</i>	Agulhinha preta	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Raia	Batoidea	Raia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	X	X
Raia araguaguá	<i>Pristis pectinata</i>	Raia serra araguaguá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Raia bico fino	<i>Hypanus guttatus</i>	Raia manteiga bico fino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Raia bicuda	<i>Dipturus</i> spp.	Raia bicuda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Raia borboleta	<i>Gymnura altavela</i>	Raia borboleta espinhosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Raia emplastro	<i>Arhynchobatidae</i>	Raia emplastro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X
Raia emplastro com carimbo	<i>Atlantoraja cyclophora</i>	Raia emplastro com carimbo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Raia emplastro sem carimbo	<i>Atlantoraja platana</i>	Raia emplastro sem carimbo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Raia ferreira	<i>Bathyraja schroederi</i>	Raia ferreira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Raia jamanta	<i>Mobula</i> spp.	Raia jamanta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Mobula hypostoma</i>	Raia jamanta mirim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Raia manteiga	Dasyatidae	Raia manteiga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-
	<i>Hypanus americanus</i>	Raia manteiga do sul	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Hypanus marianae</i>	Raia manteiga mariquita	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Raia pintada	<i>Aetobatus narinari</i>	Raia chita	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Atlantoraja castelnaui</i>	Raia emplastro pintada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-
Raia preta	<i>Pteroplatytrygon violacea</i>	Raia roxa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Raia sapo	<i>Myliobatis</i> spp.	Raia sapo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Raia ticonha	<i>Rhinoptera</i> spp.	Raia ticonha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																	
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP	
Raia viola	<i>Pseudobatos</i> spp.	Raia viola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	
	<i>Pseudobatos percellens</i>	Raia viola do norte	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Raia viola de focinho curto	<i>Zapteryx brevirostris</i>	Raia viola focinho curto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Realito	<i>Rhomboplites aurorubens</i>	Realito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-	-	
Robalo	<i>Centropomus</i> spp.	Camurim	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	-	-	X	X	X	
Robalo flecha	<i>Centropomus undecimalis</i>	Camurim açu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	-	
Robalo peva	<i>Centropomus parallelus</i>	Camurim peva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	
Roncador	<i>Conodon nobilis</i>	Roncador	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Rêmora	Echeneidae	Rêmora	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	
Saberé	<i>Chaetodipterus faber</i>	Enxada	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Pomacanthus paru</i>	Paru frade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
Sabão	<i>Uraspis secunda</i>	Boca de algodão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	-	
Saguá	<i>Genyatremus luteus</i>	Peixe pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	
Salema	<i>Anisotremus virginicus</i>	Salema	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X	X	
	<i>Archosargus rhomboidalis</i>	Sargo amarelo	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Sambuio	<i>Archosargus</i> spp.	Sargo	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Archosargus rhomboidalis</i>	Sargo amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Samenduara	Actinopterygii	Samenduara	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Sapuruna	<i>Haemulon</i> spp.	Cocoroca	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Haemulon aurolineatum</i>	Cocoroca dourada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	
	<i>Haemulon melanurum</i>	Cocoroca preta	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Saramiguara	<i>Trachinotus falcatus</i>	Pampo garabebéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	
Saramonete	Mullidae	Saramonete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
	<i>Pseudupeneus maculatus</i>	Saramonete pintado	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	-	X	-	-	
Sarda	<i>Sarda sarda</i>	Bonito serrinha	X	X	X	X	X	-	-	X	-	-	X	X	X	-	-	X	-	
	<i>Pellona</i> spp.	Pellona	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Sardinha	Clupeidae	Sardinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	
	<i>Opisthonema oglinum</i>	Sardinha bandeira	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	
	Clupeiformes	Sardinha e manjuba	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Sardinha bandeira	<i>Opisthonema oglinum</i>	Sardinha bandeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	-	
Sardinha boca torta	<i>Cetengraulis edentulus</i>	Xangó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																		
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP		
Sardinha cascuda	<i>Harengula jaguana</i>	Sardinha cascuda	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X
Sardinha laje	<i>Opisthonema oglinum</i>	Sardinha bandeira	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
Sardinha mole	<i>Pellona harroweri</i>	Pellona mole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	-	-	-
Sardinha verdadeira	<i>Sardinella brasiliensis</i>	Sardinha verdadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-
Sardinha vermelha	<i>Anchoa spinifer</i>	Manjuba vermelha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Sardião	<i>Pellona</i> spp.	Pellona	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sargentinho	<i>Abudefduf saxatilis</i>	Sargentinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Sargo	<i>Anisotremus surinamensis</i>	Pirambu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Archosargus rhomboidalis</i>	Sargo amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Archosargus probatocephalus</i>	Sargo de dente	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sargo de beijo	<i>Anisotremus surinamensis</i>	Pirambu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	-	-
Sargo de dente	<i>Archosargus probatocephalus</i>	Sargo de dente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sarrão	<i>Helicolenus</i> spp.	Sarrão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-
	<i>Helicolenus dactylopterus</i>	Sarrão de barriga preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Savelha	<i>Brevoortia pectinata</i>	Savelha argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
	<i>Brevoortia aurea</i>	Savelha brasileira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	X
Saúna	<i>Mugil curema</i>	Curimã	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serra	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>	Serra verdadeira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Serra pininga	<i>Scomberomorus regalis</i>	Serra pininga	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sirigado	<i>Mycteroperca bonaci</i>	Sirigado	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Sirioba	<i>Lutjanus analis</i>	Cioba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Solteira	<i>Parona signata</i>	Peixe tábua	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X	X
	<i>Oligoplites</i> spp.	Tibiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Sororoca	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>	Serra verdadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	-
Tacariúna	<i>Sciades passany</i>	Bagre tacariúna	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tainha	<i>Mugil liza</i>	Parati	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Mugil</i> spp.	Tainha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Tamatarana	<i>Mugil curvidens</i>	Tamatarana	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tapa	Achiridae	Tapa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Tapa pomba	Actinopterygii	Tapa pomba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Tapioca	Actinopterygii	Tapioca	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Tarariúna	<i>Sciades passany</i>	Bagre tacariúna	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tarpão	<i>Megalops atlanticus</i>	Camurupim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Ticupá	<i>Pomadasys ramosus</i>	Ticopá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Timbiro	<i>Oligoplites</i> spp.	Tibiro	X	X	X	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Tinga	<i>Diapterus rhombeus</i>	Carapeba de dois espinhos	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Tira vira	<i>Percophis brasiliensis</i>	Tira vira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X	
Tortinha	<i>Isopisthus parvipinnis</i>	Tortinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X	-
Trilha	Mullidae	Saramonete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
	<i>Mullus argentinae</i>	Saramonete argentino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
	<i>Upeneus parvus</i>	Trilha pequena	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Trombeta	<i>Fistularia</i> spp.	Corneta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
	<i>Fistularia tabacaria</i>	Corneta azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
	<i>Aulostomus maculatus</i>	Trombeta pintada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
Trombeta vermelha	<i>Fistularia petimba</i>	Corneta vermelha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Tubarão azul	<i>Prionace glauca</i>	Tubarão azul	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Tubarão cachorro	<i>Pseudocarcharias kamoharai</i>	Tubarão crocodilo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Tubarão flamengo	<i>Carcharhinus acronotus</i>	Tubarão flamengo	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Tubarão galha preta	<i>Carcharhinus limbatus</i>	Tubarão galha preta	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Tubarão rabo seco	<i>Rhizoprionodon porosus</i>	Tubarão frango de praia	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	
Ubarana	<i>Elops saurus</i>	Tijubarana	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Ubarana rato	<i>Albula vulpes</i>	Ubarana açu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	
Ubaroba	Actinopterygii	Ubaroba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	
Uricica	<i>Cathorops</i> spp.	Bagre uricica	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Uritinga	<i>Sciades proops</i>	Bagre uritinga	X	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	
Vento leste	<i>Pseudocaranx dentex</i>	Garapoá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	
Vermelho	Lutjanidae	Vermelho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	
Vermelho henrique	<i>Lutjanus synagris</i>	Ariocó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	
Vermelho olho amarelo	<i>Lutjanus vivanus</i>	Vermelho olho amarelo	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Vermelho olho de vidro	<i>Heteropriacanthus cruentatus</i>	Olho de vidro	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Vivoca	<i>Diapterus</i> spp.	Carapeba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
Viúva	<i>Oligoplites palometa</i>	Tibiro amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	

Tabela 53. Continuação..

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Voador	<i>Dactylopterus volitans</i>	Coió	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
	Exocoetidae	Voador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Xangó	<i>Cetengraulis edentulus</i>	Xangó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
Xarelete	<i>Caranx</i> spp.	Xaréu	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Caranx crysos</i>	Xaréu cavaco	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
	<i>Caranx latus</i>	Xaréu olhudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Xarelete azul	<i>Caranx ruber</i>	Xaréu azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X	X	-
Xaréu	<i>Caranx hippos</i>	Xaréu verdadeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Xaréu amarelo	<i>Caranx bartholomaei</i>	Xaréu amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Xaréu branco	<i>Alectis ciliaris</i>	Aracanguira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-
Xaréu preto	<i>Caranx lugubris</i>	Xaréu preto	-	X	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-
Xira	<i>Haemulon</i> spp.	Cocoroca	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Xixarro	Carangidae	Carangideo	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 54. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de CRUSTÁCEOS desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/ táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência.

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Aratu	<i>Goniopsis cruentata</i>	Aratu	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Camarão	Penaeidae	Camarão peneídeo	-	-	-	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camarão alizado	<i>Aristeus antillensis</i>	Camarão listrado	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camarão barba ruça	<i>Artemesia longinaris</i>	Camarão barba ruça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X
Camarão branco	<i>Penaeus schmitti</i>	Camarão branco	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Camarão carabineiro	<i>Aristaeopsis edwardsiana</i>	Camarão carabineiro	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-
Camarão cinza	<i>Penaeus vannamei</i>	Camarão cinza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Camarão cristalino	<i>Plesionika edwardsii</i>	Camarão cristalino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-
Camarão da pedra	<i>Sicyonia</i> spp.	Camarão de pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Camarão estuarino	<i>Penaeus</i> spp.	Camarão estuarino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Camarão ferrinho	<i>Artemesia longinaris</i>	Camarão barba ruça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Camarão listrado	<i>Aristeus antillensis</i>	Camarão listrado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-
Camarão moruno	<i>Aristaeomorpha foliacea</i>	Camarão moruno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-
Camarão parapenaeus	<i>Parapenaeus americanus</i>	Camarão parapenaeus	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Camarão rosa	<i>Penaeus</i> spp.	Camarão rosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Penaeus subtilis</i>	Camarão rosa setentrional	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Camarão santana	<i>Pleoticus muelleri</i>	Camarão santana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	X	X
Camarão sete barbas	<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>	Camarão sete-barbas	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Camarão vermelho	<i>Pleoticus muelleri</i>	Camarão santana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
Caranguejo	Brachyura	Caranguejo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Caranguejo-de-profundidade	<i>Ucides cordatus</i>	Caranguejo-uçá	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Caranguejo de profundidade	<i>Chaceon</i> spp.	Caranguejo de profundidade	-	X	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Caranguejo ermitão	Paguroidea	Caranguejo ermitão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Caranguejo guaiaí	<i>Menippe nodifrons</i>	Caranguejo guaiaí	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-
Caranguejo industrial	Brachyura	Caranguejo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Caranguejo-pedra-vermelha	<i>Chaceon</i> spp.	Caranguejo de profundidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Caranguejo murray	<i>Lithodes murrayi</i>	Caranguejo murrayi	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Caranguejo pedra vermelha	<i>Paralomis aculeata</i>	Caranguejo pedra vermelha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Caranguejo real	<i>Chaceon</i> spp.	Caranguejo de profundidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
	<i>Chaceon ramosae</i>	Caranguejo de profundidade real	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Caranguejo santola	<i>Mithrax hispidus</i>	Caranguejo santola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	
Caranguejo uçá	<i>Ucides cordatus</i>	Caranguejo-uçá	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-
Caranguejo vermelho	<i>Chaceon notialis</i>	Caranguejo de profundidade vermelho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Chama maré	<i>Uca</i> spp.	Chama maré	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Corrupto	<i>Callinectes major</i>	Corrupto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	
Guaiamum	<i>Cardisoma guanhumi</i>	Guaiamum	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X	X	-	-	-
Lagosta	<i>Panulirus</i> spp.	Lagosta	X	X	X	X	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	-	-
Lagosta cabo verde	<i>Panulirus laevicauda</i>	Lagosta verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Lagosta sapateira	<i>Scyllarides</i> spp.	Lagosta sapateira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X
	<i>Scyllarides brasiliensis</i>	Lagosta sapateira brasileira	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Scyllarides deceptor</i>	Lagosta sapateira encapuzada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Lagosta verde	<i>Panulirus laevicauda</i>	Lagosta verde	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lagosta vermelha	<i>Panulirus argus</i>	Lagosta vermelha	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Lagostim	<i>Metanephrops rubellus</i>	Lagostim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-
Siri	Portunidae	Siri	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-
	<i>Callinectes</i> spp.	Siri azul	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X	-
	<i>Callinectes danae</i>	Siri espadinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Siri azul	<i>Callinectes</i> spp.	Siri azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-
Siri candeia	<i>Achelous spinimanus</i>	Siri candeia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Siri chita	<i>Arenaeus cribrarius</i>	Siri chita	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Siri do mangue	<i>Callinectes exasperatus</i>	Siri do mangue	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Siri espadinha	<i>Callinectes danae</i>	Siri espadinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Siri fedido	<i>Callinectes bocourti</i>	Siri fedido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Siri patola	<i>Carpilius</i> spp.	Caranguejo guajá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Callinectes sapidus</i>	Siri patola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Siri vermelho	<i>Cronius ruber</i>	Siri vermelho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Tamburutaca	Stomatopoda	Tamburutaca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X

Tabela 55. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de MOLUSCOS desembarcado por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/ táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência.

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Almeja	<i>Phacoides pectinatus</i>	Lambreta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Argonauta	<i>Argonauta nodosus</i>	Argonauta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Berbigão	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-
Búzio	<i>Stramonita</i> spp.	Búzio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
	<i>Stramonita haemastoma</i>	Búzio boca vermelha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Búzio da areia	<i>Olivancillaria</i> spp.	Búzio da areia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Calamar	<i>Illex argentinus</i>	Lula argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Calamar argentino	<i>Illex argentinus</i>	Lula argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Caramujo	Gastropoda	Caramujo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	<i>Zidona dufresnii</i>	Chave	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-
Caramujo de mar	<i>Pugilina tupiniquim</i>	Caramujo tupiniquim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
Chave	<i>Zidona dufresnii</i>	Chave	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Concha	Volutidae	Concha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Lambreta	<i>Phacoides pectinatus</i>	Lambreta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
Lula	Decapodiformes	Lula	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X
	<i>Doryteuthis</i> spp.	Lula costeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-
Lula argentina	<i>Illex argentinus</i>	Lula argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Lula branca	<i>Lolliguncula brevis</i>	Lula branca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Lula oceânica	<i>Thysanoteuthis rhombus</i>	Lula romboidal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Lula vermelha	<i>Ommastrephes bartramii</i>	Lula vermelha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Marisco	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marisco branco	<i>Amarilladesma mactroides</i>	Marisco branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Maçunim	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Mexilhão	<i>Perna perna</i>	Mexilhão de pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-
Mexilhão de mangue	<i>Mytella</i> spp.	Sururu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	
Mexilhão de pedra	<i>Perna perna</i>	Mexilhão de pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-
Miolo de caracol	Volutidae	Miolo de caracol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Moluscos	Bivalvia	Bivalve	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Moluscos não especificados	Mollusca	Moluscos não especificados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP
Moçambique	<i>Donax hanleyanus</i>	Moçambique	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Ostra	<i>Crassostrea</i> spp.	Ostra	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	-	X	-	X	X	-
	<i>Crassostrea rhizophorae</i>	Ostra de mangue	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	
	<i>Crassostrea gasar</i>	Ostra preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Outros moluscos	Mollusca	Outros moluscos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Polvo	Octopodoidea	Polvo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X	
	<i>Octopus americanus</i>	Polvo americano	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	
	<i>Octopus</i> spp.	Polvo octopus	-	X	-	-	X	X	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-
Polvo cabecinha	<i>Eledone massyae</i>	Polvo cabecinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	
Pregoai	<i>Strombus</i> spp.	Pregoai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	
Sarnambi	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Sururu	<i>Mytella</i> spp.	Sururu	-	X	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	
Sururu de croa	<i>Mytella guyanensis</i>	Sururu de croa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
Sururu de mangue	<i>Mytella strigata</i>	Sururu de mangue	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
Taioba	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	Maçunim	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Unha de velho	<i>Tagelus plebeius</i>	Unha de velho	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Vieira	Pectinidae	Vieira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
	<i>Euvola ziczac</i>	Vieira zigue-zague	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-
Vongole	<i>Tivela mactroides</i>	Vôngole	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	

Tabela 56. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de OUTROS GRUPOS desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/ táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência.

Nome Comum Local	Táxon	Nome Nacional Padronizado	Unidades da Federação																	
			AL	AP	BA	CE	ES	MA	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RS	SC	SE	SP	
Baleia	Mysticeti	Baleia	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Cetáceo	Mammalia	Cetáceo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Mamíferos aquáticos	Mammalia	Mamífero aquático	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-
Minhoca de praia	<i>Australonuphis casamiquelorum</i>	Minhoca de praia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
Ouriço	<i>Echinometra lucunter</i>	Ouriço de pedra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Ouriço do mar	Echinoidea	Ouriço do mar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Pepino do mar	<i>Holothuria grisea</i>	Pepino-do-mar	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tartaruga	Chelonioidea	Tartaruga marinha	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	-

Lista de figuras

Figura 1. Estrutura Organizacional do Ministério da Pesca e Aquicultura	6
Figura 2. Resumo gráfico das etapas do processo de reconstrução	13
Figura 3. Histórico da produção da pesca marinha artesanal e industrial (mil t) do Brasil entre 1950 e 2022 ...	15
Figura 4. Participação relativa das unidades da federação no desembarque marinho entre os anos de 1950 e 2022	17
Figura 5. Resumo da produção da pesca marinha nacional (mil t) dos grandes grupos de pescado	18
Figura 6. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) por grandes grupos de pescado, entre os anos de 1950 e 2022	18
Figura 7. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022	21
Figura 8. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022	22
Figura 9. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) para os principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022	23
Figura 10. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) entre os anos de 1950 e 2022	25
Figura 11. Participação da produção pesqueira marinha artesanal por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	27
Figura 12. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de peixes, entre os anos de 1950-2022	28
Figura 13. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950-2022	29
Figura 14. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950-2022	30
Figura 15. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Norte do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	31
Figura 16. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Norte por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	32
Figura 17. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	33
Figura 18. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	34
Figura 19. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022	35
Figura 20. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022	35
Figura 21. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Pará, entre os anos de 1950 e 2022	37
Figura 22. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022	37
Figura 23. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Nordeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	28
Figura 24. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	39
Figura 25. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	39

Figura 26. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	40
Figura 27. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022	41
Figura 28. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022	41
Figura 29. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022	43
Figura 30. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022	43
Figura 31. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022	45
Figura 32. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022	45
Figura 33. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022	47
Figura 34. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022	47
Figura 35. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022	49
Figura 36. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022	49
Figura 37. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022	51
Figura 38. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022	51
Figura 39. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022	53
Figura 40. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022	53
Figura 41. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022	55
Figura 42. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022	55
Figura 43. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022	57
Figura 44. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022	57
Figura 45. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Sudeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	59
Figura 46. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Sudeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	59
Figura 47. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	60
Figura 48. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	60
Figura 49. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022	61

Figura 50. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022	61
Figura 51. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022	63
Figura 52. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022	63
Figura 53. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022	65
Figura 54. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022	65
Figura 55. Histórico da produção pesqueira artesanal (mil t) da região Sul do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	67
Figura 56. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Sudeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	67
Figura 57. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	68
Figura 58. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	68
Figura 59. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022	69
Figura 60. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022	69
Figura 61. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022	71
Figura 62. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022	71
Figura 63. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022	73
Figura 64. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para as principais espécies em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022	73
Figura 65. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) entre os anos de 1950 e 2022	75
Figura 66. Participação da produção pesqueira marinha industrial por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	77
Figura 67. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de peixes, entre os anos de 1950-2022	78
Figura 68. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de crustáceos, entre os anos de 1950-2022	79
Figura 69. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies de moluscos, entre os anos de 1956 (primeiro registro para o grupo)-2022	80
Figura 70. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Norte do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	81
Figura 71. Participação da produção pesqueira marinha artesanal para região Norte por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	82
Figura 72. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	82
Figura 73. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies da região Norte do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	83



Figura 74. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022	84
Figura 75. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Amapá, entre os anos de 1976 e 2022	84
Figura 76. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Pará, entre os anos de 1950 e 2022	86
Figura 77. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Pará, entre os anos de 1950 e 2022	86
Figura 78. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Nordeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	87
Figura 79. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	88
Figura 80. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	88
Figura 81. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Nordeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	89
Figura 82. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022	90
Figura 83. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022	90
Figura 84. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022	92
Figura 85. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022	92
Figura 86. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022	94
Figura 87. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para as principais espécies no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022	94
Figura 88. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022	96
Figura 89. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022	96
Figura 90. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022	98
Figura 91. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022	99
Figura 92. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022	100
Figura 93. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022	100
Figura 94. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha artesanal no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022	102
Figura 95. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022	102
Figura 96. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022	104
Figura 97. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022	104

Figura 98. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022	106
Figura 99. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022	106
Figura 100. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Sudeste do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	108
Figura 101. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Nordeste por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	108
Figura 102. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	109
Figura 103. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Sudeste do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	109
Figura 104. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022	110
Figura 105. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022	110
Figura 106. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022	112
Figura 107. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022	113
Figura 108. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022	114
Figura 109. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022	114
Figura 110. Histórico da produção pesqueira industrial (mil t) da região Sul do Brasil entre 1950 e 2022 para a pesca marinha	116
Figura 111. Participação da produção pesqueira marinha industrial para região Sul por unidades da federação, entre os anos de 1950 e 2022	116
Figura 112. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial da região Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	117
Figura 113. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Sul do Brasil, entre os anos de 1950 e 2022	117
Figura 114. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022	118
Figura 115. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) para os principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022	119
Figura 116. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022	120
Figura 117. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022	121
Figura 118. Proporção da produção dos grandes grupos de pescado da pesca marinha industrial em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022	122
Figura 119. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) para os principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022	123

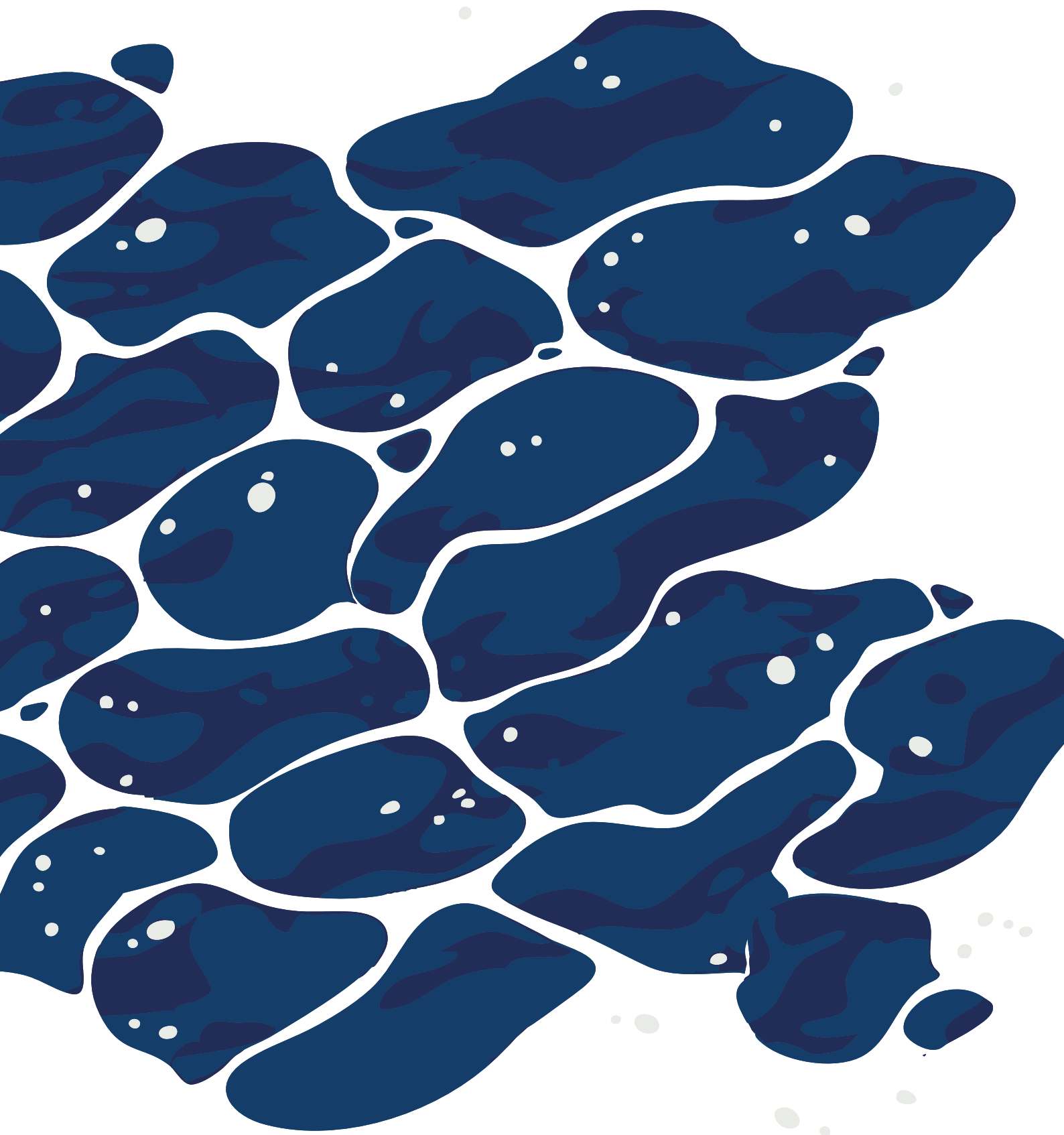
Lista de tabelas

Tabela 1. Equipe da UFS responsável pela reconstrução da estatística pesqueira marinha entre os anos de 1950 e 2022	10
Tabela 2. Grupos de recursos desembarcados analisados dentro de cada estado	10
Tabela 3. Especialistas locais consultados para reconstrução da estatística pesqueira marinha entre os anos de 1950 e 2022	11
Tabela 4. Histórico da produção pesqueira marinha setorial brasileira (mil t) entre os anos de 1950 e 2022 ...	16
Tabela 5. Histórico da produção pesqueira marinha (mil t) por grandes grupos de pescado, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	19
Tabela 6. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico	22
Tabela 7. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico	23
Tabela 8. Produção pesqueira marinha (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinada espécie para aquele ano específico	24
Tabela 9. Histórico da produção pesqueira marinha artesanal (mil t) entre os anos de 1950 e 2022	26
Tabela 10. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022	28
Tabela 11. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	29
Tabela 12. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	31
Tabela 13. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos no Amapá, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	36
Tabela 14. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	38
Tabela 15. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) dos principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022	42
Tabela 16. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022	44
Tabela 17. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	46
Tabela 18. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022	48
Tabela 19. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	50

Tabela 20. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	52
Tabela 21. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	54
Tabela 22. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	56
Tabela 23. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	58
Tabela 24. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	62
Tabela 25. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	64
Tabela 26. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	66
Tabela 27. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022.....	70
Tabela 28. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	72
Tabela 29. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	74
Tabela 30. Histórico da produção pesqueira marinha industrial (mil t) entre os anos de 1950 e 2022	76
Tabela 31. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos de peixes, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado espécie para aquele ano específico	78
Tabela 32. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de crustáceos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	79
Tabela 33. Produção pesqueira marinha artesanal (mil t) acumulada por década para os dez (10) das principais espécie de moluscos, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	81
Tabela 34. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Amapá, entre os anos de 1976 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	85
Tabela 35. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Pará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	87
Tabela 36. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Alagoas, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	91
Tabela 37. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Bahia, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	93

Tabela 38. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Ceará, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	95
Tabela 39. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Maranhão, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	97
Tabela 40. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos na Paraíba, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	99
Tabela 41. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Pernambuco, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	101
Tabela 42. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Piauí, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	103
Tabela 43. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	105
Tabela 44. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Sergipe, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	07
Tabela 45. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Espírito Santo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	111
Tabela 46. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	113
Tabela 47. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em São Paulo, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	115
Tabela 48. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Paraná, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	119
Tabela 49. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	121
Tabela 50. Produção pesqueira marinha industrial (mil t) acumulada por década para os dez (10) principais recursos em Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 2022. O símbolo "-" representa que não houve produção de determinado grupo para aquele ano específico	123
Tabela 51. Fontes de dados utilizado na fase 2 da reconstrução de 1950-2015 e publicada por Freire et al., 2021 e reutilizada no presente documento	124
Tabela 52. Novas fontes de dados incorporadas no processo de reconstrução da estatística pesqueira marinha de 1950 a 2022 apresentada no presente documento	135
Tabela 53. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de PEIXES desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência	139
Tabela 54. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de CRUSTÁCEOS desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência	159
Tabela 55. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de MOLUSCOS desembarcado por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência	161

Tabela 56. Lista de ocorrência de nomes comuns e táxons de OUTROS GRUPOS desembarcados por unidade da federação da pesca extrativa marinha do Brasil. O símbolo "X" representa a ocorrência daquele nome comum/táxon naquela unidade da federação e o "-" ausência 163



Referências Bibliográficas

Brockwel, P. J.; & Davis, R. A. (2002) Introduction to time series and forecasting. Second Edition, Springer-Verlag New York, Inc.

Chen, T.; Zhong, L.; Zhou, N.; & Hoppe, D. (2021) Catch weight prediction for multi-species fishing using artificial neural networks. 20th IEEE International Conference on Machine Learning and Applications (ICMLA), Pasadena, CA, USA, 2021, pp. 1545-1552.

Draper, N. R.; & Smith, H. (1998) Applied regression analysis. 3. ed. New York: Wiley.

Freire, K. M. F. (2003) A database of landing data on Brazilian marine fisheries from 1980 to 2000. Fisheries Centre Research Reports 11, 181-189.

Freire, K. M. F.; & Oliveira, T. L. S. (2007) Reconstructing catches of marine commercial fisheries for Brazil. Fisheries Centre Research Reports 15, 61-68.

Freire, K. M. F.; Almeida, Z. S.; Amador, J. R. E. T.; Aragão, J. A.; Araújo, A. R. R.; Ávila-da-Silva, A. O.; Bentes, B.; Carneiro, M. H.; Chiquieri, J.; Fernandes, C. A. F.; Figueiredo, M. B.; Hostim-Silva, M.; Jimenez, É. A.; Keunecke, K. A.; Lopes, P. F. M.; Mendonça, J. T.; Musiello-Fernandes, J.; Olavo, G.; Primitivo, C.; Rotundo, M. M.; Santana, R. F.; Sant'Ana, R.; Scheidt, G.; Silva, L. M. A.; Trindade-Santos, I.; Velasco, G.; & Vianna, M. (2021). Reconstruction of marine commercial landings for the Brazilian industrial and artisanal fisheries from 1950 to 2015. *Frontiers in Marine Science* 8, 659110.

Freire, K. M. F.; Aragão, J. A. N.; Araújo, A. R. R.; Ávila-da-Silva, A. O.; Bispo, M. C. S.; Velasco, G.; Carneiro, M. H.; Gonçalves, F. D. S.; Keunecke, K. A.; Mendonça, J. T.; Moro, P. S.; Motta, F. S.; Olavo, G.; Pezzuto, P. R.; Santana, R. F.; Santos, R. A.; Trindade-Santos, I.; Vasconcelos, J. A.; Vianna, M.; & Divovich, E. (2014) Revisiting catch data off Brazilian marine waters (1950-2010). Fisheries Centre Working Paper #2014-23 University of British Columbia, Vancouver (Canada). 41 p.

Freire, K. M. F.; Aragão, J. A. N.; Araújo, A. R. R.; Ávila-da-Silva, A. O.; Bispo, M. C. S.; Velasco, G.; et al. (2015) Reconstruction of catch statistics for Brazilian marine waters (1950-2010). Fisheries Centre Research Reports 23, 3-30.

Froese, R.; Winker, H.; Coro, G.; Palomares, M. L.; Tsikliras, A. C.; Dimarchopoulou, D.; Touloumis, K.; Demirel, N.; Vianna, G. M. S.; Scarcella, G.; Schijns, R.; Liang, C.; & Pauly, D. (2023) New developments in the analysis of catch time series as the basis for fish stock assessments: The CMSY++ method. *Acta Ichthyologica et Piscatoria* 53, 173-189.

Page, L. M.; Bemis, K. E.; Dowling, T. E.; Espinosa-Pérez, H. S.; Findley, L. T.; Gilbert, C. R.; Hartel, K. E.; Lea, R. N.; Mandrak, N. E.; Neighbors, M. A.; Schmitter-Soto, J. J.; & Walker Jr., H. J. (2023) Common and scientific names of fishes from the United States, Canada, and Mexico. Special Publication 37. Bethesda, Florida, American Fisheries Society.

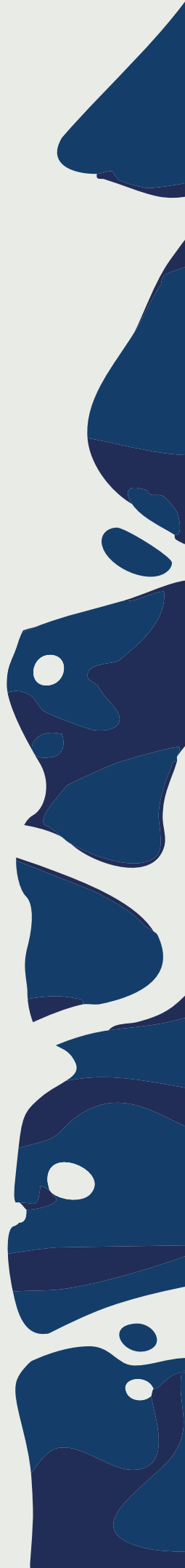


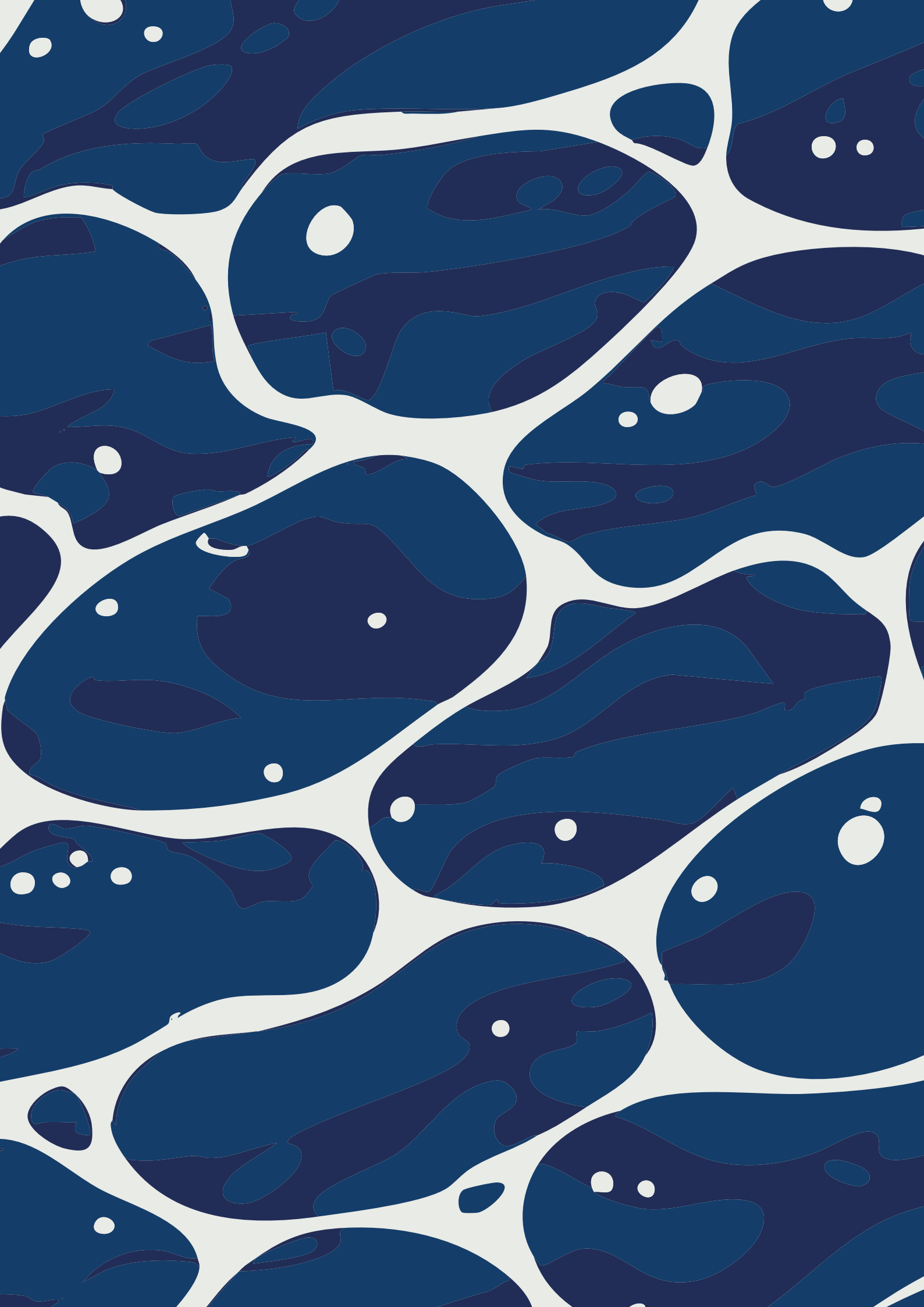
**MINISTÉRIO DA
PESCA E
AQUICULTURA**

GOVERNO DO



DO LADO DO POVO BRASILEIRO





MINISTÉRIO DA
PESCA E
AQUICULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO